

PHILIP REEVE

MÁQUINAS INFERNAS



MORTAL ENGINES
LIVRO 3

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

PHILIP REEVE

MÁQUINAS
INFERNAIS
LIVRO 3



Infernal Devices

Text © Philip Reeve, 2001

Cover Illustration © David Wyatt, 2009

Cover Reproduced by permission of Scholastic Ltd.

Copyright © 2012 by Novo Século Editora Ltda.

Produção Editorial: Equipe Novo Século

Editoração Eletrônica: Fama Editora

Composição de Capa: Adriano de Souza

Tradução: Eduardo Barcelona Alves

Preparação de texto: Monica Kratzer

Revisão de Texto :Daniela Santos / Mateus Duque Erthal

Diagramação para ebook: Claudio Tito Braghini Junior

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
(Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Reeve, Philip

Infernal devices : livro 3 / Philip Reeve ; [tradução Eduardo Barcelona Alves]. — Barueri,
SP : Novo Século Editora, 2012.

Título original: Infernal devices.

1. Ficção científica inglesa I. Título.

12- CDD-823.914

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção científica : Literatura inglesa 823.914

2012

Proibida a reprodução total ou parcial.

Os infratores serão processados na forma da lei.

Direitos exclusivos para a língua portuguesa cedidos à

Novo Século Editora Ltda.

Alameda Araguaia, 2190 – 11º andar

Barueri – SP – CEP 06455-000

Tel. (11) 23218050

www.novoseculo.com.br

atendimento@novoseculo.com.br

ISBN: 978-85-7679-695-4

Para Sarah
como sempre.

Para minhas editoras, Kirsten Stansfield
e Holly Skeet,
com meus agradecimentos.

E para
Sam Reeve, Tom Skeet e
Edward Stansfield,
um dia.

As linhas de *Os Quatro Quartetos* de *Collected Poems*
por T.S. Eliot foram impressos com a permissão de
Faber and Faber Ltda.



1

O adormecido acorda



A princípio não houve nada. Então veio uma faísca; um chiado que agitou teias desgastadas de sonho e lembrança. E, então, com um crepitar, um rugido, uma carga branca azulada de eletricidade ondulava através dele, explodindo dentro das passagens secas de seu cérebro como uma onda se derramando para dentro de uma caverna no mar. Seu corpo se esticou de tal maneira que, por um instante, ele se equilibrou apenas nos calcanhares e na parte de trás do seu crânio blindado. Ele gritou, e acordou para uma chuva de estática e uma sensação de queda.

Ele se lembrou de ter morrido. Ele se lembrou do rosto cicatrizado de uma garota olhando para ele deitado na grama molhada. Ela era alguém importante, alguém com quem ele se preocupava mais do que qualquer Caçador deveria se preocupar com qualquer coisa, e houve algo que ele quisera lhe contar, mas não conseguiu. Agora havia apenas a vaga imagem de seu rosto arruinado.

Qual era o nome dela? Sua boca se lembrava.

— H...

— Está vivo! — disse a voz.

— HES...

— De novo, por favor. Rápido.

— Carregando...

— HESTER...

— Afastem-se!

E então outra carga de eletricidade levou embora até mesmo aqueles últimos fios de memória, e ele soube apenas que era o Caçador Shrike. Um de seus olhos começou a funcionar novamente. Ele viu formas vagas se movendo através de uma nevasca de interferência, e observou enquanto elas lentamente se solidificavam em formas humanas, iluminadas pelas lamparinas contra um céu cheio de nuvens apressadas e iluminadas pelo luar. Chovia continuamente. Nascidos uma única vez, usando óculos, uniformes e capas de plástico, estavam se reunindo ao redor de sua cova aberta. Alguns carregavam lamparinas de quartzo-iodo; outros cuidavam de máquinas com fileiras de válvulas cintilantes e mostradores reluzentes. Cabos de máquinas seguiam para dentro de seu corpo. Ele sentiu que seu crânio de aço havia sido removido e que o topo de sua cabeça estava aberto, expondo o cérebro de Caçador aninhado ali dentro.

— Sr. Shrike? Você pode me ouvir?

Uma mulher muito jovem o olhava. Ele tinha uma lembrança fraca e tentadora da garota, e se perguntou se poderia ser ela. Mas não; houve algo quebrado no rosto de seus sonhos, e este rosto era perfeito; um rosto oriental com malares altos e pele pálida, os olhos escuros emoldurados por óculos pretos e pesados. Seu cabelo curto havia sido tingido de verde. Embaixo de sua capa transparente ela usava um uniforme preto, com crânios alados bordados com fios pratas no colarinho alto e preto.

Ela colocou uma mão no metal corroído de seu peito e disse:

— Não tenha medo, Sr. Shrike. Sei que isso deve ser confuso para você. Você esteve morto por mais de dezoito anos.

— MORTO — ele disse.

A jovem sorriu. Seus dentes eram brancos e tortos, um pouco grandes demais para sua boca pequena. — Talvez “adormecido” seja uma palavra melhor. Velhos Caçadores não morrem realmente, Sr. Shrike...

Houve um estrondo, muito cadenciado para ser trovão. Pulsações de luz laranja chamejaram nas nuvens, fazendo que os desfiladeiros que se erguiam acima do local de descanso de Shrike virassem silhuetas. Alguns soldados olharam nervosos para cima. Um deles disse:

— *Snout-guns*. Elas passaram pelos fortes no pântano. Seus subúrbios anfíbios estarão aqui em uma hora.

A mulher lançou um olhar por sobre o ombro e disse:

— Obrigada, Capitão — então voltou sua atenção para Shrike novamente, suas mãos trabalhavam rapidamente dentro de seu crânio. — Você foi danificado seriamente e foi desligado, mas nós iremos consertá-lo. Eu sou a Dra. Oenone Zero, do Corpo de Ressurreição.

— NÃO ME LEMBRO DE NADA — shrike lhe disse.

— Sua memória foi danificada — ela respondeu —, não posso recuperá-la. Sinto muito.

Raiva e pânico surgiram dentro dele. Ele sentia que aquela mulher havia roubado algo dele, apesar de não saber mais o que havia sido. Ele tentou soltar as garras, mas não conseguia se mexer. Ele deveria ter ficado de olho, deitado ali na terra úmida.

— Não se preocupe — a Dra. Zero disse —, seu passado não é importante. Você irá trabalhar para o Tempestade Verde agora. Em breve terá novas lembranças.

No céu atrás de seu rosto sorridente algo começou a explodir em silenciosos borrões de luz vermelha e amarela. Um dos soldados gritou:

— Eles estão chegando! A divisão do General Naga está atacando com *Tumblers*, mas isso não os irá segurar por muito tempo...

A Dra. Zero assentiu e saiu da cova, limpando a lama com as mãos. — Temos que tirar o Sr. Shrike daqui imediatamente — ela olhou para Shrike novamente, sorrindo. — Não se preocupe, Sr.

Shrike. Um dirigível está esperando por nós. Iremos levá-lo para a Oficina de Caçadores central em Batmunkh Tsaka. Logo deveremos fazer com que esteja funcionando novamente...

Ela se afastou para deixar duas figuras corpulentas passarem. Eles eram Caçadores; suas armaduras estavam marcadas com um símbolo em forma de raio verde que Shrike não reconheceu. Eles tinham rostos de aço vazios como pás, sem expressões, exceto por estreitas fendas para os olhos, que brilhavam verdes enquanto tiravam Shrike da terra e o deitavam numa maca. Os homens com as máquinas corriam ao lado, enquanto os silenciosos Caçadores o carregavam por uma trilha na direção de uma hospedaria para aviadores fortificada onde dirigível após dirigível alçava voo para o céu úmido. A Dra. Zero corria à frente, gritando:

— Rápido! Rápido! Tomem cuidado! Ele é uma antiguidade.

O caminho ficou mais íngreme e Shrike entendeu a razão para a pressa da Dra. e a inquietação de seus homens. Através dos desfiladeiros, ele vislumbrou um grande corpo de água cintilando sob os lampejos constantes de disparos. Sobre a água, e do outro lado dela, numa terra plana e escura, formas gigantes se moviam. À luz dos dirigíveis resplandecentes que pontilhavam o céu acima dele, e do brilho pálido que caía lentamente dos sinalizadores, ele conseguia ver suas esteiras blindadas, suas grandes mandíbulas e camadas e camadas de fortes, revestidos de ferro e casa matas.

Cidades Tracionadas. Um exército delas, triturando seu caminho por meio dos pântanos. A visão delas agitou fracas lembranças dentro de Shrike. Ele se lembrava de cidades como aquelas. Pelo menos, se lembrava da ideia delas. Se ele já estivera a bordo de uma, e o que ele havia feito lá, ele não sabia.

À medida que seus salvadores o levavam correndo na direção do dirigível que os esperava, ele viu, por apenas um instante, o rosto violado olhar para ele cheio de confiança, esperando por algo que ele havia lhe prometido.

Mas quem era ela, e o que seu rosto estava fazendo em sua mente, ele já não sabia.

2

Em Anchorage-in-Vineland



Muitos meses depois, e a meio mundo de distância, Wren Natsworthy se deitava na cama e observava uma faixa de luar mover-se lentamente através do teto de seu quarto. Passava da meia-noite, e ela não conseguia ouvir nada, exceto os sons de seu próprio corpo e estalos suaves e irregulares, conforme a casa antiga se assentava. Ela duvidava que existisse algum outro lugar no mundo tão quieto quanto o lugar em que morava: Anchorage-in-Vineland, uma cidade do gelo abandonada, enterrada na costa rochosa ao sul de uma ilha desconhecida, num lago perdido, num canto esquecido do Continente Morto.

Por mais quieto que ali fosse, ela não conseguia dormir. Virou-se para o lado e tentou ficar confortável, os lençóis quentes se enrolavam em sua volta. Ela tivera outra briga com sua Mãe na hora do jantar. Havia sido uma daquelas brigas que começava com uma sementinha de divergência (sobre Wren querer sair com Tildy Smew e os filhos de Sastrugi ao invés de lavar a louça), e virou rapidamente uma terrível batalha, com lágrimas e acusações, com antigos rancores sendo resgatados e lançados pela casa como granadas, enquanto seu pobre Pai ficava nas laterais dizendo impotente, “Wren, se acalme” e “Hester, por favor!”.

Wren havia perdido no final, é claro. Ela havia lavado a louça, e fora pisando o mais forte possível até sua cama. Desde então, seu cérebro estivera trabalhando duro, pensando em comentários ofensivos que ela gostaria de ter feito antes. Sua Mãe não sabia

como era ter quinze anos. Sua Mãe era tão feia que, provavelmente, nunca teve nenhum amigo quando era uma garota, e certamente nenhum amigo como Nate Sastrugi, de quem todas as garotas em Anchorage gostavam, e que havia dito ao Tildy que realmente gostava dela. Provavelmente, nenhum garoto *jamaís* gostou de sua Mãe, exceto seu Pai, é claro — e o que seu Pai via nela era um dos “Grandes Mistérios Não Resolvidos de Vineland”, na opinião de Wren.

Ela se virou novamente e tentou parar de pensar nisso. Então, desistiu e se arrastou para fora da cama. Talvez uma caminhada limpasse sua mente. E se seus pais acordassem e descobrissem que ela havia saído, e se ficassem preocupados se ela havia se afogado ou fugido? Bem, isso iria ensinar sua Mãe a não tratá-la como uma criança, não é? Ela vestiu suas roupas, suas meias e botas, e atravessou silenciosamente a casa.

Sua Mãe e seu Pai haviam escolhido esta casa para eles dezesseis anos atrás, quando Anchorage havia acabado de se rastejar para a terra firme e Wren não era nada a não ser um anel de carne flutuando no ventre da Mãe. Era história de família; uma história para hora de dormir, que Wren se lembrava de quando era pequena. Freya Rasmussen havia dito à sua Mãe e ao seu Pai que eles podiam escolher uma das casas vazias no nível superior. Eles haviam escolhido esta, uma *villa* de um comerciante numa rua chamada Dog Star Court, que dava para o porto aéreo. Uma boa casa, aconchegante e bem construída, com chão de ladrilho, enormes dutos de aquecimentos de cerâmica e paredes com painéis de madeira e bronze. Ao longo dos anos, sua Mãe e seu Pai a haviam enchido com mobília que encontraram nas outras casas vazias em volta deles, e a decoraram com quadros e tapeçarias, com madeira levada até a costa e com algumas antiguidades que seu Pai escavara em suas expedições nas Colinas Mortas.

Wren andou silenciosamente pelo corredor para pegar o casaco no cabideiro ao lado da porta da frente, e sequer dispensou um olhar ou pensamento para as gravuras nas paredes ou para as preciosas peças de antigos processadores de comida e telefones no display de vidro. Ela havia crescido com todas aquelas coisas, e elas a entediavam. Durante aquele último ano, toda a casa havia começado a ficar pequena demais, como se Wren tivesse ficado maior que ela. Os cheiros familiares de pó, de lustra-móvel e dos livros de seu Pai eram reconfortantes, mas de alguma maneira eram também sufocantes. Ela tinha quinze anos de idade e sua vida a apertava como um sapato que não servia direito.

Ela fechou a porta o mais rápido que pôde, e correu ao longo da Dog Star Court. A bruma estava suspensa como fumaça sobre as Colinas Mortas, e a respiração de Wren saía como bruma também. Era apenas setembro, mas ela já conseguia sentir o cheiro do inverno no ar noturno.

A lua estava baixa, mas as estrelas estavam brilhando e acima a aurora cintilava. No coração da cidade, os pináculos enferrujados do Palácio de Inverno se erguiam pretos contra o céu brilhante, coberto de hera. O Palácio de Inverno havia sido o lar dos governantes de Anchorage no passado, mas a única pessoa que vivia ali agora era a Senhorita Freya, que foi a última margravina da cidade e agora era uma professora. Em todos os dias da semana no inverno, desde seu quinto aniversário, Wren havia estado na sala de aula do andar térreo do palácio para ouvir a Senhorita Freya explicar geografia, logaritmos, Darwinismo Municipal e muitas outras coisas que, provavelmente, nunca serviriam de nada para ela. Isso a havia deixado entediada naquela época, mas agora que tinha quinze anos e era muito velha para ir à escola, ela sentia muita falta das aulas. Wren nunca sentaria na sua antiga e querida sala de aula novamente, a não ser que fizesse o que a Senhorita Freya havia pedido e voltasse para ajudar a ensinar as crianças mais jovens.

A Senhorita Freya havia feito aquela oferta semanas atrás, e ela precisaria de uma resposta logo, pois, quando as colheitas começam, as crianças de Anchorage voltam para suas aulas. Contudo, Wren não sabia se queria ou não ser a assistente da Senhorita Freya. Ela sequer queria pensar a respeito. Não esta noite.

No final da Dog Star Court, um lanço de escadas levava ao distrito dos motores através das placas do convés. Conforme Wren descia as escadas, um cheiro que lembrava o verão chegou até ela. Ouviu flocos de ferrugem sendo deslocados por suas botas, caindo entre as pilhas de feno que estavam logo abaixo. No passado, aquela parte da cidade estaria cheia de vida e barulho à medida que os motores de Anchorage a mandavam deslizando sobre o gelo no topo do mundo em busca de negócios. Mas as viagens da cidade haviam acabado antes de Wren nascer, e o distrito dos motores havia virado depósitos de feno e raízes, e acomodações para o gado durante o inverno. Fracas faixas de luar, atravessando as clarabóias e buracos nas placas de convés acima de sua cabeça, mostravam os fardos estocados entre os tanques de combustível vazios.

Quando Wren era mais jovem, esses níveis abandonados haviam sido seu *playground*, e ela ainda gostava de andar ali quando se sentia triste ou entediada, imaginando como teria sido divertido viver a bordo de uma cidade que se movia. Os adultos estavam sempre falando sobre os antigos dias ruins, e como havia sido assustador viver no perigo constante de ser engolido por alguma cidade maior e mais veloz, mas Wren teria adorado ver as enormes Cidades Tracionadas, ou voar de uma à outra a bordo de um dirigível, como sua Mãe e seu Pai haviam feito antes de ela nascer. Seu Pai guardava uma foto em sua mesa que os mostrava em pé num ancoradouro a bordo de uma cidade chamada San Juan De Los Motores, na frente de seu pequeno e adorável dirigível

vermelho *Jenny Haniver*, mas eles nunca falavam das aventuras que devem ter tido. Tudo que ela sabia era que eles haviam aterrissado em Anchorage, onde o patife Professor Pennyroyal lhes roubara o dirigível, e depois disso eles haviam fixado residência, felizes em desempenhar seus papéis na vida aconchegante e sonolenta de Vineland.

Para minha sorte, pensou Wren, inalando o cheiro quente e florido dos fardos de feno. Ela teria gostado de ser a filha de um comerciante dos ares. Parecia um estilo de vida glamoroso, e muito mais interessante do que a vida que ela tinha, presa naquela ilha solitária, entre pessoas cuja ideia de animação era uma corrida de barcos a remo ou uma boa colheita de maçãs.

Uma porta se fechou em algum lugar na escuridão à frente, fazendo que Wren desse um pulo. Ela havia se acostumado tanto com a quietude e com sua própria companhia que a ideia de mais alguém andando por ali era quase assustadora. Então ela se lembrou de onde estava. Submersa em seus pensamentos, ela havia andando até o coração do distrito, onde Caul, o engenheiro de Anchorage, morava sozinho num velho barracão abandonado entre dois suportes de nível. Ele era o único habitante dos níveis inferiores de Anchorage, já que ninguém mais escolheria viver ali embaixo entre a ferrugem e as sombras quando havia lindas mansões vazias sob a luz do sol acima. Contudo, Caul era um excêntrico. Ele não gostava da luz solar, por ter sido criado no buraco de ladrões, o submarino de Grimsby, e também não gostava de companhia. Numa época ele era amigo do Sr. Scabious, o antigo engenheiro da cidade, mas desde que o velho morrera, ele havia ficado sozinho ali nas profundezas.

Então por que ele estaria zanzando pelo distrito dos motores àquela hora? Intrigada, Wren subiu uma escada até uma das passarelas acima, de onde ela tinha uma boa visão, através dos antigos poços dos motores, até o barracão de Caul. Ele estava

parado do lado de fora da porta, com uma lamparina elétrica na mão, e a ergueu para que pudesse analisar um pedaço de papel que segurava em sua outra mão. Depois de um instante, ele guardou o papel no bolso e começou a andar na direção da orla da cidade.

Wren desceu a escada e começou a seguir a luz. Ela se sentia muito animada. Quando era mais jovem, passava do seu jeito pelo pequeno estoque de livros infantis na biblioteca da margravina, suas histórias favoritas haviam sido aquelas sobre corajosas estudantes-detetives que estavam sempre impedindo contrabandistas e desmascarando redes de espionagem Antitracionistas. Ela sempre se lastimara por não ter nenhum criminoso para ser detectado em Vineland. Mas Caul não havia sido um ladrão antes? Talvez ele estivesse voltando a suas antigas maneiras!

Apesar de que, é claro, não fazia sentido roubar nada em Anchorage, onde todos pegavam o que quisessem de centenas de lojas e casas abandonadas. Enquanto escolhia seu caminho por entre as pilhas de máquinas meio desmontadas atrás do barracão de Caul, ela tentava pensar numa explicação mais plausível para seu passeio noturno. Talvez ele não conseguisse dormir, como ela. Talvez ele estivesse preocupado com alguma coisa. Tildy, o amigo de Wren, havia lhe contado que, muitos anos atrás, quando Anchorage acabara de chegar a Vineland, Caul havia se apaixonado pela Senhorita Freya, e a Senhorita Freya também havia se apaixonado por Caul, mas nada saía daquilo, porque Caul agia estranhamente naquela época. Talvez ele andasse pelas ruas do distrito dos motores todas as noites, ansiando pelo amor perdido? Ou talvez ele estivesse apaixonado por outra pessoa, e estivesse indo encontrá-la ao luar na orla da cidade?

Satisfeita pela ideia de que teria algo realmente picante para contar ao Tildy pela manhã, Wren acelerou o passo.

Contudo, quando alcançou a orla da cidade, Caul não parou, apenas desceu um lanço de escadas que levava para a terra desprotegida e subiu uma colina, varrendo à sua frente com a luz da lanterna. Wren esperou um instante, depois o seguiu, pulando para dentro da urze e se arrastando atrás dele por uma trilha, que levava à casa de pedra da turbina da antiga usina hidroelétrica do Sr. Scabious, que zumbia. Caul também não parou ali, mas seguiu em frente, escalando por entre pomares de maçãs e através das altas pastagens, para dentro da floresta.

No topo da ilha, onde os pinheiros enchiam o ar com o cheiro de resina e rochas despontavam da relva fina como a coluna de um dragão, Caul parou, desligou sua lamparina e olhou em volta. A quinze metros atrás dele, Wren se agachou entre sombras que se cruzavam. Um vento fraco soprou seu cabelo, e, acima, as árvores mexeram suas pequenas mãos contra o céu.

Caul olhou para a cidade adormecida abaixo, aninhada na curva da costa sul da ilha. Depois deu as costas a ela, ergueu sua lamparina e a ligou e desligou, três vezes. *Ele ficou louco*, pensou Wren, e então, *Não — ele está enviando um sinal para alguém, assim como o diretor malvado em Milly Crisp e o Mistério do Décimo Segundo Nível!*

E com certeza, lá embaixo entre as baías rochosas e vazias da costa norte, outra luz piscou em resposta.

Caul seguiu em frente, e Wren começou a segui-lo novamente, descendo pelo íngreme flanco norte da ilha, longe da visão da cidade. Talvez ele e a Senhorita Freya tivessem reatado e estivessem com muito medo das fofocas para deixar que alguém descobrisse? Era um pensamento romântico, e fez Wren sorrir enquanto seguia Caul pelo último trecho de precipícios, através de um grupo de bétulas que dava para uma praia entre dois promontórios.

A Senhorita Freya não o estava esperando. Mas alguém estava. Um homem estava de pé na margem da água, observando, enquanto Caul seguia na sua direção descendo pelos seixos. Mesmo à distância, na luz fraca da aurora, Wren conseguiu perceber que ele era alguém que ela nunca vira antes.

A princípio ela não conseguiu acreditar. *Não havia* estranhos em Vineland. As únicas pessoas ali eram aquelas que chegaram a bordo de Anchorage, ou que nasceram ali desde então, e Wren conhecia todos. Mas o homem na margem era um estranho e, quando falou, era uma voz que ela nunca ouvira.

— Caul, meu velho camarada de bordo! É bom vê-lo novamente.

— Gargle — disse Caul, soando inquieto e não apertando a mão que o estranho estendia para ele.

Eles disseram mais algumas coisas, mas Wren estava ocupada demais se perguntando sobre o recém-chegado para ouvir. Quem poderia ser? Como havia chegado ali? O que queria?

Quando a resposta a atingiu, foi uma que ela não gostou. *Garotos Perdidos*. Era assim que eles haviam sido chamados, a gangue de que Caul havia feito parte, que havia roubado Anchorage em seus dias de rodagem pelo gelo com suas estranhas máquinas aracnídeas. Caul os havia deixado para vir com a Senhorita Freya e o Sr. Scabious. Ou teria mesmo? Teria ele estado em contato secretamente com os Garotos Perdidos todos esses anos, esperando até a cidade estar estabelecida e próspera antes de ele os chamar e roubá-la novamente?

Porém, o estranho na praia não era um garoto. Era um adulto, com cabelos longos e pretos. Ele usava botas, como um pirata num livro de histórias, e um casaco que chegava até seus joelhos. Ele jogou a barra do casaco para trás e enfiou os dedões em seu cinto, e Wren viu uma arma num coldre ao seu lado.

Ela sabia que estava numa situação difícil. Queria correr para casa e contar a sua Mãe e ao seu Pai sobre o perigo. Mas os dois

homens haviam andado para perto dela, e, se corresse, ela seria vista. Ela se contorceu mais para dentro dos arbustos atrás da praia, tomando cuidado para sincronizar cada movimento com o barulho das pequenas ondas que se quebravam nos seixos.

O homem chamado Gargle estava falando, parecendo fazer alguma piada, mas Caul o interrompeu subitamente. — Por que você veio até aqui, Gargle? Achei que nunca mais veria os Garotos Perdidos. Foi um choque quando encontrei sua mensagem embaixo da minha porta. Quanto tempo você está se esgueirando por Anchorage?

— Desde ontem — disse Gargle —, apenas paramos para dar um “oi”, e ver como você está, de modo amigável.

— Então por que não se mostrar? Por que não vir e conversar comigo durante o dia? Por que deixar mensagens e me arrastar para cá no meio da noite?

— Sinceramente, Caul, eu gostaria. Eu tinha planejado ancorar meu caramujo no atracadouro, tudo às claras, mas enviei algumas câmeras-caranguejo primeiro, é claro, apenas para me certificar. Ainda bem que fiz isso, não é? O que aconteceu, Caul? Achei que você seria um homem importante neste lugar! Olhe para você; macacão cheio de óleo, cabelo desgrenhado e barba sem fazer por uma semana, ao que parece. O visual Vagabundo Maluco está popular em Anchorage nesta temporada? Achei que você iria se casar com a margravina deles, aquela Freya não-lembro-o-nome.

— Rasmussen — disse Caul tristemente. Ele se virou para longe do outro homem. — Eu também pensei isso. Não deu certo, Gargle. É complicado. Não é como você acha que vai ser quando apenas observa através das câmeras-caranguejo. Nunca realmente me encaixei aqui.

— Achei que os Secos iriam te receber de braços abertos — disse Gargle, parecendo chocado —, depois de ter trazido o mapa e tudo o mais.

Caul deu de ombros. — Eles foram bastante gentis. Eu simplesmente não me encaixo. Não sei como conversar com eles, e conversar é uma coisa importante para os Secos. Quando o Sr. Scabious estava vivo, tudo bem. Nós trabalhávamos juntos, e não precisávamos conversar, tínhamos o trabalho ao invés das palavras. Mas agora que ele se foi... E você, afinal? E o Tio? Como está o Tio?

— Como se você se importasse!

— Eu me importo. Penso nele com frequência. Ele está...?

— O velho ainda está lá, Caul — disse Gargle.

— Da última vez que falei com você, você tinha planos para se livrar dele, tomar conta...

— E eu tomei conta — disse Gargle, com um sorriso que Wren viu como uma mancha branca no escuro. — O Tio já não é mais esperto como costumava ser. Ele nunca se recuperou completamente daquele serviço na Pousada do Velhaco. Tantos de seus garotos foram perdidos, e tudo culpa dele. Aquilo quase acabou com ele. Depende de mim para quase tudo hoje em dia. Os garotos me respeitam.

— Aposto que sim — disse Caul, e havia algum significado em suas palavras que Wren não conseguiu entender, como se eles estivessem terminando uma conversa que haviam começado tempos atrás, antes de ela nascer.

— Você disse que precisa da minha ajuda — disse Caul.

— Só pensei em perguntar — disse Gargle —, pelos velhos tempos.

— Qual é o plano?

— Não tenho nenhum plano, exatamente — Gargle pareceu magoado. — Caul, eu não vim até aqui numa missão de pilhagem. Não quero roubar seus amiguinhos Secos. Só estou atrás de uma coisa, uma coisinha só, uma coisinha em particular de que ninguém vai sentir falta. Eu olhei com as câmeras-caranguejo, mandei meu

melhor arrombador, mas não conseguimos vê-la. Então eu pensei, “O que nós precisamos é de um homem lá dentro”. E aqui está você. Eu disse à minha tripulação: “nós podemos confiar em Caul”.

— Bem, você está enganado — disse Caul. Sua voz tremia. — Eu posso não me encaixar aqui, mas também não sou um Garoto Perdido. Não mais. Não vou ajudá-lo a roubar Freya. Quero que você vá embora. Não vou contar a ninguém que você esteve aqui, mas vou ficar de olhos e orelhas abertas. Se eu ouvir uma câmara-caranguejo bisbilhotando por aí, ou ver que alguma coisa desapareceu, vou contar tudo aos Secos. Vou me certificar que eles estarão esperando por você na próxima vez que se esgueirar por Anchorage.

Ele se virou e andou pela praia, passando pelos arbustos a pouco menos de um metro do lugar onde Wren estava escondida. Ela o ouviu cair e xingar conforme subia a colina, e então os ruídos de seu avanço foram ficando cada vez mais fracos enquanto subia. — Caul! — Gargle chamou, mas não muito alto, um tipo de grito sussurrante, com mágoa e decepção. — Caul! — então ele desistiu e ficou parado e pensativo, passando uma mão pelos cabelos.

Wren começou a se mexer, com muito cuidado e muito silenciosamente, se preparando para o momento em que ele se virasse de costas e ela pudesse rastejar de volta por entre as árvores. Mas Gargle não se virou. Ao invés disso, ele levantou a cabeça e olhou diretamente para seu esconderijo.

— Meus olhos e ouvidos são mais afiados do que o do velho Caul, minha amiga. Pode sair agora.

3

O Caramujo *Autolycus*



Wren se levantou, virou-se e começou a correr, em movimento cheio de pânico, mas, antes de dar três passos, um segundo estranho saiu da escuridão à sua esquerda e a agarrou, girando-a e jogando-a no chão.

— Caul! — ela começou a gritar, mas uma mão fria tapou sua boca. Seu captor olhou-a: outro rosto pálido, meio escondido por uma cortina de cabelos pretos. O homem da praia veio correndo. Uma lamparina foi acesa, uma faixa de luz azulada e fina que fez com que Wren piscasse.

— Com gentileza — disse o homem chamado Gargle —, com gentileza agora. É uma mulher. Uma jovem mulher. Achei que deveria ser. Ele afastou a lamparina para que Wren pudesse vê-lo. Ela havia esperado alguém da idade de Caul, mas Gargle era mais novo. Ele estava sorrindo. — Qual é seu nome, minha jovem?

— Wr-Wren — Wren conseguiu gaguejar —, Wr-Wren N-N-N-N-Natsworthy. E quando Gargle conseguiu entender aqueles Ns extras, seu sorriso se ampliou e se tornou mais caloroso.

— Natsworthy? Não é a filha de Tom Natsworthy?

— Você conhece meu Pai? — perguntou Wren. Em sua confusão, ela se perguntou se seu pai estivera ali para reuniões secretas com os Garotos Perdidos nas enseadas da Costa Norte, mas é claro que Gargle estava falando dos velhos tempos, antes de ela nascer.

— Eu me lembro bem dele — disse Gargle —, foi nosso hóspede por um tempinho a bordo do *Verme Parafuso*. Ele é um bom homem. Sua mãe deve ser sua garota, aquela com a cicatriz no rosto, certo? Como era seu nome? Sim, Hester Shaw. Sempre achei que isso demonstrava o quanto Tom Natsworthy era bom, capaz de amar alguém como ela. Aparência não importa para ele. Ele olha mais profundamente. Isso é raro entre os Secos.

— O que você vai fazer com ela, Gar? — perguntou o estranho que havia agarrado Wren, numa voz estranha e suave. — Ela é comida de peixe?

— Vamos levá-la a bordo — disse Gargle —, gostaria de conhecer melhor a filha de Tom Natsworthy.

Wren, que estivera se acalmando, entrou em pânico novamente. — Eu tenho de voltar para casa! — ela berrou, tentando se desvencilhar, mas Gargle passou seu braço pelo dela.

— Suba a bordo por um instante — ele disse, sorrindo agradavelmente —, eu gostaria de conversar. Explicar por que estou espreitando no seu lago como um ladrão. Bem, eu *sou* um ladrão, é claro, mas acho que você deve ouvir meu lado da história antes de tomar sua decisão.

— Que decisão? — perguntou Wren.

— A decisão se vai contar ou não aos seus pais e seus amigos sobre o que você viu esta noite.

Wren pensou confiar nele, mas não tinha certeza. Ela nunca havia tido de pensar se devia confiar nas pessoas antes. Confundida pelo sorriso de Gargle, olhou além dele até a praia. A água entre os promontórios estava azul brilhante. A princípio, ela achou que era apenas a imagem da lamparina em seus olhos, mas, então, o azul se tornou mais brilhante, e ainda mais brilhante, e ela viu que era luz, brilhando através da água vindo debaixo. Algo enorme rompeu a superfície a aproximadamente dez metros mar adentro.

Atrás do barracão de Caul no distrito dos motores, o caramujo que o havia trazido até Anchorage estava enferrujando. Era chamado de *Verme Parafuso*, e Wren e seus amigos haviam frequentemente brincado de esconde-esconde entre suas pernas tortas quando eram crianças. Ela sempre achou que era uma coisa engraçada, com seus grandes pés achatados e suas janelas frontais feito olhos chocados. Ela nunca havia imaginado como um caramujo se movia suavemente, como seu casco curvo parecia lustroso, com o luar deslizando por ele com a água conforme avançava para a praia.

Aquele caramujo era menor do que o *Verme Parafuso*, e seu corpo era mais achatado, mais parecido com um carrapato do que com uma aranha. Wren achou que ele era pintado com padrões de camuflagem denteada, mas era difícil ter certeza ao luar. Através das janelas bojudas, ela conseguiu ver um garoto pequeno trabalhando com os controles, seu rosto distorcido pela água que escorria pelo vidro. Ele parou a máquina na orla da água e uma rampa desceu da barriga do caramujo com o sibilar de hidráulicos e chiados contra os seixos.

— O caramujo *Autolycus* — disse Gargle, gesticulando para Wren ir a bordo. — Orgulho da frota dos Garotos Perdidos. Suba a bordo, por favor. Por favor. Prometo que não iremos submergir até colocarmos você de volta em terra firme.

— E se mais Secos vierem? — perguntou o outro Garoto Perdido, que não era um garoto, Wren percebeu, mas sim uma garota, bonita e solene. — E se Caul soar o alarme?

— Caul nos deu sua palavra — disse Gargle —, isso é o bastante para mim.

A garota olhou para Wren, sem se convencer. O justilho curto e preto que ela usava estava aberto e havia uma arma presa em seu cinto. *Eu não tenho escolha*, pensou Wren. *Tenho de confiar em Gargle*. E, uma vez decidida, foi fácil andar pela rampa e entrar na

barriga fria e azul do caramujo. Afinal de contas, se Gargle quisesse matá-la, ele poderia ter feito isso facilmente na praia.

Ela foi levada para dentro do que ela achava ser a cabine particular de Gargle, onde tapeçarias escondiam as enfadonhas paredes de aço, e havia livros e bugigangas espalhadas. Um incenso ardia, disfarçando o cheiro de bolor e metal do caramujo com outro cheiro que fez Wren pensar em pessoas sofisticadas e lugares distantes. Ela se sentou numa cadeira enquanto Gargle se acomodava no beliche. A garota esperava na porta da cabine, ainda olhando atentamente. O garotinho que Wren havia visto através da janela estava em pé atrás dela, observando Wren com olhos esbugalhados e surpresos, até que Gargle disse:

— Volte para seu posto, Fishcake.

— Mas...

— Agora!

O garoto saiu correndo. Gargle deu um sorriso torto. — Desculpe por isso. O Fishcake é um novato, dez anos e recém saído do Burglarium. Ele nunca viu um Seco antes, exceto nas telas das câmeras-caranguejo. E você é uma bem bonita, também.

Wren corou e olhou para o chão, onde suas botas estavam molhando os ricos tapetes de Istambul de Gargle com água lamacenta. O “Burglarium” era onde os Garotos Perdidos eram treinados, ela se lembrou. Eles eram sequestrados dos convés subterrâneos das cidades-balsa quando eram jovens demais para saber o que estava acontecendo, e eram levados para a cidade naufragada de Grimsby, onde eram treinados em todas as artes do roubo. E “câmeras-caranguejo” eram as câmeras-robôs usadas para espionar suas vítimas. A Senhorita Freya mandara seus alunos fazerem um trabalho inteiro sobre os Garotos Perdidos. Naquela época, Wren havia achado que era uma coisa inútil ensinar isso a eles.

Gargle se virou para a garota na porta. — Remora, nossa convidada parece estar com frio. Vá buscar um pouco de chocolate quente, sim?

— Não sabia que havia Garotas Perdidas — disse Wren, quando a garota havia saído.

— Muita coisa mudou em Grimsby desde que Caul esteve lá pela última vez — Gargle respondeu. — Cá entre nós, Wren, eu praticamente governo o lugar todo sozinho agora. Consegui me livrar de muitos dos garotos brancos e briguentos que cercavam o Tio, e eu o convenci a trazer garotas também. Não estava nos fazendo bem viver sem garotas. Elas são uma influência civilizada.

Wren olhou para a porta. Ela podia ver a garota chamada Remora batendo panelas em algum tipo de cozinha. Ela não parecia a Wren uma influência civilizada. — Então ela é sua esposa? — ela perguntou. E, então, sem querer ser muito formal: — Ou sua namorada, ou algo do tipo?

Na cozinha, Remora ergueu o olhar bruscamente. Gargle disse:

— Mora? Não! O negócio é o seguinte, algumas das garotas acabaram por se tornar melhores ladrões do que os garotos. Remora é uma das nossas melhores invasoras. Assim como o jovem Fishcake é um ótimo mecânico, apesar de sua tenra idade. Eu queria apenas os melhores comigo nesta missão. Entende, Wren? Há uma coisa em Anchorage da qual eu preciso muito. Eu a vi anos atrás, quando estive aqui com Caul a bordo do *Verme Parafuso*, mas não a roubei naquela época porque não achei que fosse servir para alguma coisa.

— O que é? — perguntou Wren.

Gargle não respondeu de imediato, mas esperou, estudando seu rosto, como se quisesse ter certeza de que poderia confiar nela em relação ao que estava prestes a contar. Wren gostou daquilo. Ele não a estava tratando como uma criança, do jeito que a maioria das

peessoas ainda faziam. “Uma jovem mulher”, ele a havia dito, e era assim como ele a estava tratando.

— Odeio isso — ele disse afinal, inclinando-se para ela, olhando atentamente em seus olhos. — Você tem de acreditar em mim. Odeio chegar em segredo desse jeito. Eu preferiria ser mais aberto; manobrar o *Autolycus* para seu porto e dizer, “Aqui estamos, seus amigos de Grimsby, viemos pedir sua ajuda”. Se Caul houvesse prosperado aqui, do jeito que esperava que ele fizesse, isso teria sido possível. Mas do jeito que as coisas estão, quem confiaria em nós? Nós somos os Garotos Perdidos. Ladrões. Eles nunca acreditariam que tudo que queremos de vocês é um livro, um único livro da biblioteca da margravina.

Remora voltou para a cabine e entregou a Wren uma caneca de lata, cheia de chocolate quente delicioso. — Obrigada — disse Wren, feliz pela distração, porque ela não queria que Gargle visse como ela estava chocada pelo o que ele acabara de dizer. A biblioteca da Senhorita Freya era um dos lugares favoritos de Wren; uma caverna do tesouro cheia de centenas e mais centenas de antigos livros maravilhosos. Ela estivera no andar superior do Palácio de Inverno, mas ninguém morava mais naquele andar agora e a Senhorita Freya havia dito que era um desperdício aquecê-lo apenas por causa dos livros. Então a biblioteca havia sido mudada para baixo...

— É por isso que você não consegue encontrar o que quer — ela disse, subitamente —, os livros foram todos remanejados desde a última vez que você esteve aqui!

Gargle assentiu, sorrindo para ela com admiração. — Exatamente — ele disse —, levaria semanas para nossas câmeras-caranguejo encontrarem o livro certo, e não temos semanas para perder. Então, eu estava me perguntando, Senhorita Natsworthy: você nos ajudaria?

Wren havia acabado de tomar um gole do chocolate. O suprimento de chocolate de Anchorage havia acabado anos atrás, e ela havia esquecido seu gosto, mas quando Gargle pediu sua ajuda, ela quase engasgou. — Eu? — disse atrapalhada. — Não sou uma ladra...

— Eu nunca pediria que se tornasse uma — disse Gargle —, mas seu pai é um homem inteligente. Amigo da margravina, pelo que me lembro. Aposto que você poderia descobrir com ele onde poderia estar o livro que queremos. Apenas encontre-o e me diga, e eu enviarei Remora para fazer o resto. Ele é conhecido como o *Livro de Lata*.

Wren estivera prestes a recusar, mas o fato de ela nunca ter ouvido falar daquele livro a fez hesitar. Ela estivera esperando que ele pedisse um dos tesouros de Anchorage; o grande e iluminado *Decretos dos Deuses do Gelo*, ou a *Historia Anchoragia* de Wormwold. Ela disse:

— Por que diabos alguém iria querer um livro sobre lata?

Gargle riu, como se ela tivesse feito uma piada da qual ele gostou. — Não é *sobre* lata — ele disse —, é do que ele é feito. Folhas de metal.

Wren negou com a cabeça. Ela nunca vira nada como aquilo. — Por que você o quer? — perguntou.

— Porque nós somos ladrões e descobrimos que ele é valioso — disse Gargle.

— Deve ser mesmo! Para vir até aqui...

— Há pessoas que colecionam tais coisas; livros antigos e coisas do tipo. Nós podemos trocá-lo por coisas de que precisamos — Gargle hesitou, ainda olhando para ela, e então disse seriamente: — Por favor, Wren, apenas pergunte ao seu pai. Ele sempre estava com o nariz em museus e bibliotecas quando o conheci. Ele pode saber onde está o *Livro de Lata*.

Wren pensou a respeito enquanto tomava o resto do chocolate. Se ele estivesse pedindo a ela os *Decretos* iluminados, ou algum outro tesouro clássico, ela teria dito não imediatamente. Mas um livro feito de metal, um de que ela sequer ouvira falar... Não deveria ser muito importante, certo? Provavelmente ninguém sentiria sua falta. E Gargle parecia querê-lo muito.

— Vou perguntar — ela disse em dúvida.

— Obrigado! — Gargle segurou suas mãos. As mãos dele eram quentes e seus olhos eram bem adoráveis. Wren pensou como seria legal contar ao Tildy que ela passara a madrugada tomando chocolate na cabine de um destemido pirata submarino, e então se lembrou de que ela nunca poderia contar a alguém sobre Gargle e o *Autolycus*. Isso fez a coisa parecer mais legal ainda, de certa maneira. Ela nunca teve seu próprio segredo.

— Vou te encontrar nas árvores no topo da colina por volta das seis amanhã — Gargle disse —, está bem assim? Você consegue dar uma fugida?

— É hora da janta. Perceberiam minha ausência. Minha Mãe...

— Meio-dia, então. Meio-dia, ou um pouco depois.

— Tudo bem...

— E por enquanto... Gostaria que Remora a levasse para casa?

— Eu acho o caminho — disse Wren —, eu geralmente ando por aí no escuro.

— Iremos te transformar numa Garota Perdida em breve — disse Gargle, e riu para mostrar que estava apenas brincando. Ele se levantou, ela se levantou também. Eles passaram pelos corredores do caramujo na direção da rampa de saída, o novato Fishcake os espiava da cabine de controle. Do lado de fora, a noite estava fria, a lua brilhava e a água banhava a margem como se nada tivesse acontecido. Wren acenou, deu tchau e acenou novamente. Então, subiu rapidamente a praia e andou pelas árvores.

Gargle a observou até que ela estivesse fora de visão. A garota chamada Remora se aproximou e ficou ao seu lado. Colocou sua mão sobre a dele. — Você confia nela? — perguntou.

— Não sei. Talvez. Vale a pena tentar. Não temos tempo para ficar por aqui e procurar pela coisa nós mesmos, e não conseguimos fazer muito com as câmeras-caranguejo nessa pocilga. Esses Secos se lembram de nós. Eles vão somar dois mais dois se começarem a ouvir o tamborilar de pequenos pés magnéticos dentro de seus dutos de ar. Mas não se preocupe... Direi ao Fishcake para colocar umas duas câmeras para vigiar a casa da Wren, então saberemos se ela nos dedurar.

— E se ela fizer isso?

— Então mataremos a todos — disse Gargle —, e eu deixarei que você mesmo mate Wren, com sua faquinha linda. Ele a beijou, e se viraram, voltando para dentro do caramujo.

Wren, sem saber nada disso, voltou para casa com uma desordem vertiginosa dentro da cabeça, um pouco de culpa, um pouco de prazer, sentindo-se como se houvesse crescido mais nas últimas horas do que em todos seus quinze anos.

4

A Lenda do Livro de Lata



O dia seguinte nasceu claro. O céu acima do lago estava azul-violeta, a água, transparente como vidro, e cada uma das ilhas de Vineland pairavam elegantes e silenciosas sobre seus próprios reflexos. Wren, exausta devido a suas aventuras noturnas, dormiu até tarde, mas do lado de fora de janela, Anchorage estava acordando. Fumaça de lenha saía das chaminés das 30 casas habitadas da cidade, e os pescadores desejavam bom-dia uns aos outros, conforme desciam as escadas que davam para a praia de ancoragem.

No lado norte do lago, uma montanha malhada se erguia, muito mais alta do que as Colinas Mortas ao sul. Suas encostas mais baixas estavam verdes com moitas e pinheiros e campinas íngremes onde cresciam flores silvestres. Em uma dessas campinas, um grupo de veados pastava. Havia muitos veados nas florestas na margem verde, e alguns poucos nadaram pelo lago para estabelecer um lar nas ilhas mais selvagens. As pessoas passavam muito de seu tempo discutindo como eles haviam chegado até lá; se eles haviam sobrevivido desde a queda do antigo Império Americano, se vieram da região congelada ao norte, ou se chegaram até lá vindo de algum lugar mais verde bem a oeste. Mas tudo com que Hester Natsworthy se importava, enquanto puxava a corda de seu arco ao abrigo das árvores, contra o vento, era quanta carne havia neles.

O arco emitiu um som rápido e suave. O grupo de veados deu pulos no ar e desceu correndo, compelido na direção do topo da colina, para dentro do abrigo das moitas. Exceto a maior corça, que caiu morta com a flecha de Hester em seu coração, suas pernas finas chutando e chutando. Hester subiu a colina e soltou a flecha, limpando a ponta num punhado de grama antes de recolocá-la na aljava em suas costas. O sangue era muito brilhante sob a luz do sol. Ela enfiou o dedo no ferimento e passou um pouco do sangue em sua testa, murmurando uma oração à Deusa da Caça para que o fantasma da corça não voltasse para incomodá-la. Depois, jogou a carcaça sobre o ombro e começou a descer a colina de volta ao seu barco.

Seus companheiros de Vineland raramente caçavam veados. Eles diziam que era porque os peixes e pássaros do lago eram carne suficiente, mas Hester suspeitava que era porque a linda pelagem e os olhos grandes e escuros dos veados comoviam seus corações e estragavam suas miras. O coração de Hester não era mole, e caçar era o que ela fazia de melhor. Ela gostava da quietude e da solidão que encontrava nas florestas de manhã, e, às vezes, gostava de estar longe de Wren.

Melancolicamente, Hester se lembrou da garotinha risonha que Wren havia sido, brincando de jogar água na margem do lago ou se aconchegando no seu colo enquanto cantava para ela. Wren olhava amavelmente para ela, e corria seus dedos gordinhos sobre a antiga cicatriz que dividia o rosto de Hester ao meio. Hester pensava, então, que ali afinal havia alguém que podia amá-la pelo o que ela era, sem se importar com sua aparência. Apesar de Tom sempre dizer que não se importava, Hester nunca havia afastado o medo de que ele queria, bem no fundo, alguém mais bonita que ela.

Mas Wren havia crescido, e houvera um dia, quando ela tinha oito ou nove anos, em que ela começou a ver Hester da mesma maneira que os outros a viam. Ela não tinha que dizer nada; Hester

conhecia aquele olhar cheio de pena e vergonha muito bem, e ela podia sentir o embaraço de Wren quando elas saiam juntas e encontravam seus amigos. Sua filha tinha vergonha dela.

— É só uma fase — disse Tom, quando ela reclamou com ele sobre isso. Tom adorava Wren, e à Hester parecia que ele sempre ficava do lado da filha. — Logo ela vai superar isso. Você sabe como são as crianças.

Mas Hester não sabia como eram as crianças. Sua própria infância havia acabado quando ela era muito nova, quando sua mãe e o homem que ela pensara ser seu pai foram assassinados pelo seu pai verdadeiro, Thaddeus Valentine. Ela não sabia como era ser uma garota normal. Conforme Wren crescia e se tornava mais teimosa, e o nariz comprido e curvo do avô se precipitava de seu rosto como uma faca enfiada através de um retrato, Hester achava cada vez mais difícil ser paciente com ela. Uma ou duas vezes, cheia de culpa, ela se havia pegado desejando que Wren nunca tivesse nascido, e que fosse apenas ela e Tom novamente, do jeito que havia sido nos velhos tempos, nas Estradas do Pássaro.



Quando Wren finalmente acordou, o sol estava a pino. Pela sua janela aberta vieram os gritos dos pescadores na praia de ancoragem, os risos das crianças, o baque contínuo de um machado enquanto seu Pai cortava madeira no quintal lá fora. Ainda havia um fraco gosto de chocolate em sua boca. Ela ficou deitada por alguns instantes desfrutando a ideia de que nenhuma das pessoas que ela conseguia ouvir, nem ninguém em toda Vineland, sabia das coisas que ela sabia. Depois, se arrastou para fora da cama e correu para o banheiro para se lavar. Seu reflexo a espiava no espelho manchado acima da pia; um rosto comprido, estreito e inteligente. Ela odiava seu nariz bicudo e as pintas espalhadas em volta de sua boca pequena demais, mas ela gostava de seus olhos;

olhos grandes e separados, as íris de um cinza profundo. *Olhos de marinheiro*, seu Pai uma vez os chamara assim, e, mesmo que Wren não soubesse exatamente o que ele quis dizer, ela gostava de como soava. Ela prendeu o cabelo cor de cobre e se lembrou de Gargle a chamando de bonita. Ela nunca havia se considerado bonita antes, mas agora via que ele estava certo.

Desceu as escadas correndo e encontrou a cozinha vazia, as camisas de sua Mãe penduradas, brancas, no varal do lado de fora da cozinha. Sua Mãe era estranhamente vaidosa quando se tratava de suas roupas. Ela se vestia como um homem, com roupas que ela havia pegado das lojas abandonadas na Boreal Arcade, e fazia questão de manter as coisas lavadas e passadas e longe das traças, como se vestir roupas boas fizesse que as pessoas esquecessem a horrível ruína cicatrizada que era seu rosto. Era só mais um exemplo de como ela era triste, pensou Wren, servindo-se de um copo de leite da jarra na câmara frigorífica, espalhando mel num dos bolos de aveia do dia anterior. Estava tudo muito bem, mas tornava a vida de Wren difícil ter uma mãe que tinha uma aparência tão estranha. O pai de Tildy, o velho Sr. Smew, tinha apenas 90 centímetros de altura, mas ele era um homem de Anchorage das cabeças aos pés, então ninguém realmente notava mais sua altura. Sua Mãe era diferente. Ela era hostil, e, por isso, as pessoas não se esqueciam de que ela era horrível. Além disso, era uma forasteira, e isso, às vezes, fazia Wren se sentir como uma forasteira também.

Talvez fosse por isso que ela se sentiu tão atraída pelos Garotos Perdidos. Talvez Gargle vira essa qualidade de forasteira nela e fosse isso o que havia conquistado sua confiança.

Ela saiu para o quintal, comendo o bolo de aveia, com cuidado para não derrubar mel nas camisas de sua mãe. Seu Pai estava colocando pequenas toras uma a uma no bloco para cortar lenha, e as cortava ao meio com o machado. Ele estava com seu velho chapéu de palha, porque seu cabelo castanho não cobria mais o

topo de sua cabeça completamente, e a parte da careca, às vezes, ficava queimada pelo sol. Ele parou de trabalhar quando viu Wren, e se sentou, colocando uma mão em seu peito. Wren pensou que ele parecia estar feliz por ter uma desculpa para descansar, e se perguntou se sua antiga ferida estava doendo novamente, mas tudo que ele disse foi:

— Então resolveu levantar?

— Não, só estou sonâmbula — ela disse, chutando alguns pedaços de madeira para longe de seu caminho e sentando-se ao seu lado. Ela beijou sua bochecha e descansou a cabeça em seu ombro. Abelhas zumbiam em volta das colmeias no fundo do quintal, e Wren ficou ali, escutando, e se perguntou como abordar o assunto do *Livro de Lata* de Anchorage. Então decidiu perguntar outra coisa.

— Pai — ela disse —, você se lembra dos Garotos Perdidos?

Seu Pai ficou inquieto, como sempre ficava quando ela perguntava alguma coisa sobre os velhos tempos. Ele brincou com o bracelete em seu pulso; o largo bracelete de casamento vermelho-ouro no qual suas iniciais estavam entrelaçadas com as de Hester. — Garotos Perdidos — ele disse —, sim, será pouco provável que eu os esqueça...

— Estava pensando neles — ela disse. — Eram muito malvados?

— Bem, você conhece o Caul — disse seu Pai. — Ele não é malvado, é?

— Ele é um pouco estranho.

— Bem, talvez, mas é um bom homem. Se você estiver com problemas, pode contar com o Caul. É graças a ele que encontramos este lugar, sabia? Se ele não tivesse escapado de Grimsby e trazido o mapa de Snøri Ulvaeusson...

— Oh, eu conheço esta história — disse Wren. — Enfim, não é no Caul em quem eu estava pensando. Estava pensando nos

outros, lá em Grimsby. Eles eram bem malvados, não eram?

Tom negou com a cabeça. — O líder deles, o Tio, era um tipinho sórdido. Ele os obrigava a fazer coisas ruins. Mas eu acho que os Garotos Perdidos eram uma mistura de bom e mau, assim como você pode encontrar em qualquer lugar. Havia um pequeno rapaz chamado Gargle, eu me lembro. Foi ele quem salvou Caul quando o Tio tentou matá-lo, e lhe deu o mapa para trazê-lo para nós.

— Então ele era tão corajoso quanto Caul?

— De certa maneira, sim.

— E você o conheceu? Quantos anos ele tinha?

— Ah, apenas uma criança, eu diria — disse seu pai, relembrando sua breve e assustadora estadia com os Garotos Perdidos. — Nove ou dez anos. Talvez menos.

Wren se sentiu satisfeita. Se Caul tivera nove quando seu Pai o conheceu, ele não deveria ter mais de vinte e cinco agora, o que não era assim *tão* mais velho que ela própria. E ele era uma boa pessoa, que havia ajudado a salvar Anchorage.

— Por que este súbito interesse? — seu pai perguntou.

— Ah, por nada — disse Wren casualmente. Parecia estranho mentir para seu Pai. Ele era a pessoa que ela mais amava no mundo todo. Ele sempre havia tratado Wren como uma amiga, não como uma criança, e ela sempre havia contado tudo para ele antes. Ela, de repente, quis muito lhe contar o que havia acontecido na margem norte e lhe perguntar o que fazer. Mas ela não podia, não é? Não seria justo com Gargle.

Seu Pai ainda a olhava de um jeito intrigado, então ela disse: — Só ficaram na minha cabeça, só isso.

— Por que eles estão Perdidos? — perguntou seu Pai —, ou porque são Garotos?

— Adivinhe — disse Wren. Ela terminou seu bolo de aveia e deu um beijo grudento em sua bochecha. — Vou ver Tildy. Tchau!

Ela saiu pelo portão ao lado do quintal para a Dog Star Court com o sol brilhando em seu cabelo, e Tom ficou parado observando-a até ela virar uma esquina, se sentindo orgulhoso de sua filha alta e bonita, e ainda surpreso, mesmo depois de todos aqueles anos, que ele e Hester haviam feito aquela nova pessoa.

Nas sombras embaixo da pilha de madeiras, uma câmera-caranguejo sem fio focou suas lentes nele. Numa caverna submarina, em uma das menores ilhas, sua imagem flutuava numa tela redonda e azul.

— Ela quase nos entregou! — disse o garoto chamado Fishcake —, ele vai descobrir!

Gargle deu tapinhas em seu ombro. — Não se preocupe. O Natsworthy é tão estúpido quanto os outros. Ele não suspeita de nada.



Wren andou rapidamente na direção da casa de Smew, mas não entrou pelo portão. Ela sabia muito bem que Tildy e sua família estariam em seu pomar naquela manhã, colhendo maçãs. Ela até havia prometido ir e ajudar. Como poderia ter imaginado que encontraria algo mais importante para fazer?

Ela cortou caminho pela Boreal Arcade, olhando seu reflexo nas vitrines empoeiradas das antigas lojas. Correu ao longo do Rasmussen Prospekt e subiu a rampa que levava até o Palácio de Inverno. As grandes portas da frente estavam sempre abertas no verão. Wren entrou correndo e gritou: — Senhorita Freya? — mas a única resposta que teve foram os ecos de sua própria voz voltando para ela dos tetos altos. Ela voltou para fora e seguiu o caminho de cascalho em volta do palácio, e lá estava a Senhorita Freya em seu jardim, colhendo feijões e colocando-os num cesto.

— Wren! — ela disse contente.

— Olá, Senhorita Freya!

— Ah, me chame de Freya, por favor — disse, inclinando-se para colocar o cesto no chão. O único propósito da vida da Senhorita Freya parecia ser persuadir todos a chamá-la simplesmente de “Freya”, mas ela nunca tivera muito sucesso com isso. As pessoas mais velhas se lembravam que ela era a última da Casa de Rasmussen e ainda gostavam de chamá-la de “Margravina” ou “Vossa Resplandecência” ou “Luz dos Campos Congelados”. Os mais jovens a conheciam como professora, então para eles ela sempre seria “Senhorita Freya”.

— Afinal — ela disse, sorrindo para Wren enquanto enxugava o suor em volta de seu rosto com um lenço —, você não é mais uma aluna. Talvez possamos ser colegas em breve. Você pensou em vir me ajudar com os pequeninos, quando a colheita de maçãs estiver terminada?

Wren tentou fingir gostar da ideia, sem realmente prometer que faria. Ela tinha medo de que, se ela concordasse em ajudar a administrar a escola, ela pudesse acabar como a Senhorita Freya, grande, gentil e solteira. Mudando de assunto o mais rápido possível, ela perguntou:

— Posso dar uma olhada na biblioteca?

— É claro! — disse Freya, como Wren sabia que diria. — Você não precisa perguntar! Há algum livro em particular...?

— Só uma coisa que Papai mencionou uma vez. O *Livro de Lata*.

Wren corou quando disse isso, pois ela não estava acostumada a contar mentiras, mas a Senhorita Freya não notou. — Aquela coisa velha? — ela disse. — Ah, aquilo quase não é um livro, Wren. É mais uma raridade. Outra coisa passada de membro para membro da Casa de Rasmussen.

Elas foram juntas até a biblioteca. Não era de se espantar, Wren pensou, que os Garotos Perdidos precisassem de sua ajuda. Aquela sala enorme era atulhada de livros do chão ao teto, arrumada de acordo com algum sistema particular da Senhorita Freya. Antigas

brochuras gastas escritas por Chung-Mai Spofforth e Rifka Boogie ficavam lado a lado dos estojos de madeira contendo antigos pergaminhos e grimórios preciosos. Os estojos tinham os nomes dos livros que guardavam escritos em letras de ouro pequenas, mas muitos estavam gastos ou desbotados para serem lidos, e os Garotos Perdidos provavelmente não eram muito bons leitores de qualquer maneira. Como um pobre ladrão saberia por onde começar?

A Senhorita Freya usou uma série de degraus para alcançar uma das prateleiras de cima. Na verdade, ela era muito cheinha para sair por aí escalando escadas altas, e Wren se sentiu culpada e com medo de que ela pudesse cair, mas a Senhorita Freya sabia exatamente o que estava procurando, e logo estava no chão de novo, corada pelo esforço e segurando um estojo com o escudo da Casa de Rasmussen incrustado com marfim de narval.*-

— Veja — ela disse, abrindo-o com uma chave que tirou de um gancho numa parede próxima.

Dentro, num forro de seda de silicone, estava a coisa que Gargle havia descrito. Era um livro de aproximadamente vinte centímetros de comprimento por quinze de largura, contendo 20 folhas de lata presas por enferrujados fios enrolados. As folhas eram grossas, opacas e marcadas pela ferrugem, dobradas nas bordas para que os leitores não cortassem os dedos no metal denteado. Na folha de cima alguém havia riscado um círculo com uma águia grosseiramente desenhada no interior; havia letras ao redor do círculo e mais embaixo, mas todas muito gastas para que Wren pudesse ler as palavras. As outras folhas haviam envelhecido melhor e longas fileiras de letras, números e símbolos que haviam sido laboriosamente riscadas em suas superfícies ainda eram um pouco legíveis. O que eles significavam, Wren não sabia dizer. O desbotado selo de papel na capa de trás, estampado com o brasão

de Anchorage e as palavras *Ex Libris Rasmussen*, era a única coisa que fazia algum sentido.

— Não é muito impressionante, é? — perguntou a Senhorita Freya —, suponho que seja muito velho, porém. Há uma lenda sobre ele, que o historiador Wormwold cita em seu *Historia Anchoragia*. Tempos atrás, nos tempos terríveis depois da Guerra dos Sessenta Minutos, o povo de Anchorage era formado por refugiados, navegando uma frota de barcos furados através dos mares do norte à procura de uma ilha onde pudessem reconstruir sua cidade. Ao longo do caminho eles encontraram um submarino naufragado. As pragas e tempestades radioativas haviam matado toda sua tripulação, exceto um homem, que estava morrendo. Ele deu um documento à minha ancestral, Dolly Rasmussen, e lhe disse para preservá-lo a todo o custo. Então ela o guardou, e foi passado de mãe para filha da Casa de Rasmussen, até que o papel se desfez. Então uma cópia foi feita, mas devido à escassez de papel naqueles anos, ele foi escrito em velhas latas de comida, marteladas para ficarem lisas. É claro, as pessoas que o copiaram provavelmente não faziam ideia do que tudo aquilo significava mais do que eu ou você. O mero fato de ele ter vindo do mundo perdido antes da guerra foi o suficiente para torná-lo sagrado.

Wren virou as páginas de metal e os fios que os prendiam raspavam e guincharam. Ela tentou imaginar o escriba de antigamente que havia gravado aqueles símbolos tão meticulosamente, trabalhando sob a luz de uma lamparina de gordura de foca na escuridão daquele inverno de séculos atrás, copiando cada coluna trêmula numa tentativa desesperada de salvar alguma coisa daquele mundo que a guerra havia destruído. — Para que ele servia? — ela perguntou —, por que o homem do submarino achava que era tão importante?

— Ninguém sabe, Wren. Talvez ele tenha morrido antes de poder dizer, ou talvez o significado foi simplesmente esquecido. O *Livro de*

Lata é apenas outro dos muitos mistérios que os Antigos nos deixaram. Tudo o que sabemos é que o nome de um antigo deus aparece diversas vezes entre todos aqueles números: *Odin*. Então talvez seja um texto religioso. Ah, e a foto na capa é o selo presidencial do Império Americano.

Wren olhou criticamente para a águia. — Parece mais como algum tipo de pássaro para mim.

A Senhorita Freya riu. Ela estava bonita ali em pé na luz do sol da tarde que entravam pelas janelas da biblioteca; tão grande quanto a própria Deusa da Terra, e Wren a amou, e se sentiu envergonhada por planejar roubá-la. Ela fez mais algumas perguntas sobre o *Livro de Lata*, mas não estava interessada nas respostas. Ela devolveu a coisa assim que pôde, e deixou a Senhorita Freya voltar ao seu jardim, prometendo voltar logo para conversar sobre se tornar uma professora.



O dia estava passando rapidamente, a sombra do Palácio de Inverno varria as enferrujadas placas do convés da cidade enquanto o sol escalava o céu. Logo seria hora de Wren se encontrar com Gargle. Ela começava a se sentir cada vez mais nervosa. Por mais destemido, corajoso e bonito que ele fosse, por mais que ela gostasse da ideia de ajudar os Garotos Perdidos, ela não poderia roubar as pessoas que conhecia. Em breve, o *Livro de Lata* certamente seria dado como perdido, e quando isso acontecesse a Senhorita Freya se lembraria do interesse de Wren e descobriria quem era o responsável.

E o que era o *Livro de Lata*, de qualquer maneira? O que fazia Gargle querê-lo tanto? Wren não era burra. Ela sabia que documentos da era Antiga às vezes continham pistas de coisas que eram realmente perigosas. Seu Pai havia lhe contado uma vez que Londres, a cidade na qual ele fora criado, havia sido destruída

completamente por uma máquina chamada MEDUSA. E se o *Livro de Lata* contivesse instruções para construir algo como aquilo, e se Gargle houvesse descoberto uma maneira de lê-lo?

Ela perambulou até o lado sul de Anchorage e desceu as escadas muito gastas dos pescadores até a praia de ancoragem, onde ela se sentou na sombra de um trator velho e enferrujado e tentou pensar no que fazer. Seu grande segredo, que parecia tão emocionante, estava começando a se parecer com um fardo. Ela gostaria que houvesse alguém com quem pudesse compartilhá-lo. Mas quem? Certamente não com sua Mãe ou seu Pai ou a Senhorita Freya; eles ficariam horrorizados com a ideia dos Garotos Perdidos em Vineland. Tildy provavelmente ficaria em pânico também. Ela se imaginou contando ao Nate Sastrugi, e pedindo a ele que a ajudasse, mas de algum modo, agora que ela conhecera Gargle, Nate Sastrugi não parecia tão bonito; apenas um garoto, um pouco tedioso e lerdo, que não sabia de mais nada a não ser de pesca.

Ela não notou o barco à remo se aproximando na direção da praia até que sua mãe saiu de dentro dele e gritou:

— Wren? O que está fazendo? Venha me ajudar com isso.

“Isso” era um pobre veado, *mortinho da silva* com um buraco em seu peito, e sua Mãe o estava arrastando para fora do barco e se preparava para levá-lo até a Dog Star Court e salgar a carne para o inverno. Wren se levantou e foi em sua direção, depois notou como o sol estava alto. — Não posso! — ela disse.

— O quê?

— Preciso encontrar uma pessoa.

Hester colocou o veado no chão e a encarou. — Quem? Aquele garoto Sastrugi, eu suponho.

Wren estivera tentando não começar outra briga, mas o tom na voz de sua Mãe foi o suficiente para fazê-la perder a cabeça. — Bem, por que não? — ela perguntou. — Por que não deveria? Não

preciso ser tão infeliz quanto você todo o tempo. Não sou mais uma criança. Só porque nenhum garoto gostou de você quando você tinha minha idade...

— Quando eu tinha sua idade — sua Mãe disse, numa voz baixa e perigosa —, eu vi coisas que você não acreditaria. Eu sei do que as pessoas são capazes. É por isso que sempre tentamos protegê-la e deixá-la por perto e em segurança, seu pai e eu.

— Ah, estou mesmo segura — disse Wren amargamente. — O que você acha que vai acontecer comigo em Vineland? Nada *já* acontece a *ninguém* aqui. Você sempre faz alusões sobre a terrível vida que teve, e diz que sorte eu tenho, comparado a você, mas aposto que sua antiga vida era mais excitante do que isso! Aposto que meu Pai também acha isso! Eu vi o jeito que ele olha para aquela foto de seu velho dirigível. Ele adorava estar pelo mundo afora, voando por aí, e aposto que ele ainda estaria fazendo isso se não tivesse ficado preso com você.

Sua Mãe a bateu. Foi um tapa forte e súbito, com a palma da mão aberta, e quando Wren jogou a cabeça para trás para escapar do golpe o bracelete de casamento raspou sua bochecha. Wren não era esbofeteada desde que era pequena. Ela sentiu seu rosto queimar, e, quando o tocou, pequenas gotas de sangue vieram junto com seus dedos, do lugar onde o bracelete a havia atingido. Ela tentou falar, mas só conseguiu ofegar.

— Pronto — disse sua Mãe rispidamente. Ela parecia tão chocada quanto Wren. Ela esticou a mão para tocar o rosto de Wren, com gentileza dessa vez, mas Wren virou para longe dela e correu pela praia e para dentro das sombras frias embaixo de Anchorage, correndo por baixo da velha cidade e saindo nos pastos atrás, com a voz de sua mãe em algum lugar gritando furiosamente:

— Wren! Volte! Volte aqui! — ela ficou perto da orla da floresta para que as pessoas nos pomares não a vissem, e correu, e correu, quase sem pensar para onde estava correndo até chegar chorando

e sem fôlego entre os desfiladeiros da ilha. E lá estava Gargle lhe esperando.

5

Notícias do Mar



Ele era todo gentileza e preocupação, fazendo-a sentar numa pedra cheia de musgo, dando-lhe seu lenço para enxugar o rosto, segurando sua mão até que ela ficasse calma o bastante para falar.

— O que foi, Wren? Qual é o problema?

— Nada. Nada mesmo. Minha mãe. Só isso. Eu a odeio.

— Ora, tenho certeza de que isso não é verdade — Gargle se ajoelhou ao seu lado. Ela não achava que ele havia olhado para mais nenhum lugar a não ser seu rosto desde que ela o encontrou, e seus olhos, atrás dos óculos de lentes azuis que ele usava, eram os olhos de um amigo, gentis e preocupados. — Você tem sorte de ter uma mãe — ele disse. — Nós, Garotos Perdidos, fomos simplesmente sequestrados quando éramos pequenos. Nenhum de nós sabe quem são nossos pais ou nossas mães, apesar de sonharmos com eles às vezes, e pensarmos como seria encantador se pudéssemos conhecê-los. Se sua mãe é dura com você, acho que é apenas um sinal de que ela se preocupa com você.

— Você não a conhece — disse Wren, e prendeu a respiração para parar os soluços. Quando terminou ela disse:

— Eu vi o livro.

— O *Livro de Lata*? — Gargle pareceu surpreso, como se estivesse tão preocupado com Wren que houvesse se esquecido da coisa que o levou à Vineland em primeiro lugar. — Obrigado! — ele

disse —, você fez em uma manhã o que poderia ter custado à tripulação de um caramujo uma semana ou mais. Onde ele está?

— Eu não sei — disse Wren —, quer dizer, não sei se deveria contar. A não ser que você me diga o que ele é. A Senhorita Freya me contou tudo sobre sua história, mas... Por que alguém iria querê-lo? Para que ele serve?

Gargle se levantou e se afastou dela, olhando por entre os pinheiros. Wren lhe achou bravo e ficou com medo de tê-lo ofendido, mas, quando ele se virou novamente, ele apenas parecia triste.

— Estamos numa encrenca, Wren — disse. — Você ouviu falar do Professor Pennyroyal?

— É claro — disse Wren —, ele atirou no meu pai. Ele quase levou Anchorage para sua ruína. Ele roubou o dirigível da minha Mãe e do meu Pai e fugiu voando nele...

— Bem, ele escreveu um livro sobre isso — Gargle disse —, é chamado de *Ouro do Predador*, e nele ele fala sobre o que ele chama de “piratas parasitas” que saem debaixo do gelo e roubam cidades. A maior parte é besteira, mas vendeu que nem água entre as cidades em que costumávamos obter nosso sustento; as cidades-balsa e as cidades movidas por pás do Atlântico norte. Todas começaram a instalar alarmes Old-Tech contra ladrões e a verificar suas partes inferiores à procura de parasitas uma vez por dia, o que faz com que acoplar um caramujo seja um tanto quanto difícil.

Wren pensou no Professor Pennyroyal. Ela havia ouvido histórias sobre aquele homem perverso sua vida inteira. Ela havia visto a cicatriz comprida em forma de L no peito de seu Pai onde a Senhora Scabious o havia aberto para tirar a bala. E agora os Garotos Perdidos acabaram como suas vítimas também!

— Mas eu ainda não vejo por que você precisa do *Livro de Lata* — ela disse.

— Tivemos de mandar nossos caramujos cada vez mais para o sul — Gargle explicou —, até o Mar do Meio e o Oceano do Sul, onde as cidades-balsas não se dão ao trabalho de nos vigiar. Pelo menos, não costumavam vigiar. Nesse último verão, começamos a perder caramujos. Três foram para o sul e nunca voltaram. Sem nenhuma palavra, nenhum sinal desesperado, nada. Acho que talvez uma daquelas cidades tenha algum tipo de dispositivo que faz com que possam nos ver chegando, e eles estiveram afundando nossos caramujos, ou os capturando. E se alguém de nosso povo for capturado, torturado, e falar...

— Eles podem sair à procura de Grimsby?

— Exatamente — Gargle olhou pensativo para ela, como se estivesse contente por ter escolhido contar tudo isso para uma garota tão inteligente e perceptiva. Ele segurou suas mãos novamente. — Precisamos de algo que nos deixe à frente dos Secos novamente, Wren. É por isso que eu preciso do *Livro de Lata*.

— Mas é só um monte de números antigos — disse Wren —, ele veio de algum submarino americano antigo...

— Exatamente — disse Gargle. — Aqueles Antigos tinham submarinos mais avançados do que qualquer coisa que possuímos. Embarcações do tamanho de cidades que poderiam cruzar o mundo sem ter que subir para pegar ar uma única vez. Se tivéssemos esse tipo de tecnologia, nunca teríamos de temer os Secos novamente. Poderíamos fazer Grimsby toda se mover, e eles nunca nos encontrariam.

— Então você acha que o *Livro de Lata* é um projeto de um submarino?

— Talvez, não exatamente. Mas pode haver bastante pistas ali para nos ajudar a aprender como eles funcionavam. Por favor, Wren. Diga onde ele está.

Wren balançou a cabeça. — A Senhorita Freya e os outros não são tão assustadores como você pensa — ela prometeu —, venha

até a cidade comigo. Apresente-se. Eu perguntei para meu pai sobre você. Ele disse que você ajudou a salvar Vineland. E você foi prejudicado por Pennyroyal, assim como ele. Acredito que a Senhorita Freya ficará feliz em lhe dar o livro como um presente.

Gargle suspirou. — Eu gostaria disso, Wren. Eu adoraria. Mas tudo isso levaria tempo. Haveria tantas explicações, tanta desconfiança a ser superada. E enquanto estamos aqui, mais caramujos desapareceriam, e seja lá quem os estiver capturando pode já estar se aproximando de Grimsby. Sinto muito, Wren. Temos de fazer isso ao estilo dos Garotos Perdidos. Diga onde está o livro e nós o pegaremos esta noite e partiremos. E quando o tivermos e Grimsby estiver a salvo novamente, talvez então eu volte e me apresente, e haverá paz e amizade entre nossas duas cidades.

Wren se afastou dele e andou depressa por entre as árvores, quase correndo, até um lugar onde ela pudesse olhar por cima dos telhados de Anchorage. Ele não falava sério quanto a voltar, ela tinha certeza disso. Ele havia dito aquilo só para fazê-la se sentir melhor. Uma vez que ele deixasse este lugar, ele nunca voltaria. Por que deveria, quando tinha todo o mundo pelo qual vagar? Um mundo de cidades que flutuavam e voavam e rodavam sob os céus cheios de dirigíveis. É para aquilo que Gargle estaria voltando, enquanto tudo o que ela tinha pela frente era ser a assistente da Senhorita Freya, ficar velha e entediada com Anchorage e um dia, se sua Mãe deixasse, se tornar a Senhora Nate Sastrugi e ter seu próprio grupo de crianças entediadas.

— Wren — ele disse, atrás dela.

— Não — ela disse. Ela se virou para encará-lo, tentando não deixar sua voz tremer demais. — Não, não vou lhe contar onde encontrar o livro. Eu mesmo vou pegá-lo e trazê-lo para você, hoje à noite. E, então, eu irei com você — ela riu e fez um grande gesto com ambos os braços, tentando englobar Anchorage, o lago, as colinas além, todo o Continente Morto. — Eu odeio este lugar. É

pequeno demais para mim. Eu quero ir com você quando partir. Quero ver Grimsby, e o Campo de Caça e as Cidades Tracionadas e as Estradas dos Pássaros. Esse é meu preço. Vou trazer o *Livro de Lata*, se me levar com você quando partir.

6

Estamos construindo um novo mundo



A Dra. Zero levava seu trabalho a sério. Ela frequentemente seguia noite adentro, bem depois das Oficinas de Caçadores estarem quietas e vazias, seus dedos ocupados em remexer dentro da cavidade do peito de Shrike ou em seu cérebro aberto. Enquanto trabalhava, ela conversava com ele, colocando-o em dia com as coisas que ele perdera durante seus anos na cova. Ela contou como uma facção linha dura chamada Tempestade Verde havia tomado o poder nas nações Antitracionistas da antiga Ásia e do Norte, e de sua longa guerra contra as Cidades Tracionadas. Ela contou sobre sua líder imortal, a Caçadora Fang.

— UMA CAÇADORA? — ele perguntou, surpreso. Ele estava se acostumando com os Caçadores do Tempestade Verde; coisas estúpidas e sem rosto que sequer conseguiam se recarregar, que tinham suas baterias penosamente extraídas e recolocadas após alguns dias de ação. Eles eram o tipo de criatura que davam aos mortos-vivos uma má reputação. Ele não conseguia imaginar um deles liderando um exército.

— Ah, a Caçadora Fang não é como os outros — a Dra. Zero lhe garantiu —, ela é bonita e brilhante. Ela tem um cérebro Old-Tech, como o seu, e todos os tipos de adaptações especiais. E foi construída usando o corpo da famosa agente da Liga, Anna Fang. O

Tempestade quer que as pessoas pensem que Anna Fang voltou dos mortos para liderar nossa gloriosa guerra contra os bárbaros.

A ideia de guerra mexeu com instintos no fundo do cérebro de Caçador de Shrike. Ele flexionou suas mãos, mas as lâminas que ele sabia que deveriam estar dentro delas não foram expelidas.

A Dra. Zero disse:

— Eu removi seus dedos-espadas.

— COMO DEVO LUTAR SE ESTOU DESARMADO? — perguntou.

— Sr. Shrike — a Dra. Zero disse —, se quiséssemos apenas outro Caçador-guerreiro, eu mesma poderia ter construído um. Não há falta de corpos para Ressuscitar. Mas você é uma antiguidade, mais complexo do que qualquer coisa que possamos construir. Você não é apenas uma coisa, você é uma pessoa. Ela tocou suas mãos inofensivas. — Foi bom trabalhar num Caçador que não é simplesmente outro soldado.

✧ ✧ ✧

Um dirigível chamado *A Tristeza das Coisas* chegou para levar Shrike a um lugar que eles chamavam de Comando Avançado. Ele ficou ao lado da Dra. Zero na gôndola de observação enquanto voavam para o oeste, sobre as altas montanhas cobertas de neve, depois sobre planícies do Campo de Caça oriental, que era território do Tempestade Verde agora, com destroços de Cidades Tracionadas aqui e ali enferrujando na grama.

— Esta terra foi totalmente capturada nas primeiras semanas da guerra, há aproximadamente catorze anos — disse Dra. Zero, ainda ansiosa em instruir seu paciente. — A princípio, os bárbaros foram completamente tomados de surpresa quando nossas frotas aéreas desceram sobre eles, saindo das montanhas. Nós seguimos para o oeste, arrebanhando cidades aterrorizadas à nossa frente, destruindo qualquer uma que se atrevesse a se virar e lutar. Contudo, lentamente as cidades começaram a se agrupar e a se

defender. Um sindicato de cidades industriais falantes de alemão, chamado *Traktionstadtsgesellschaft*, impediu nosso avanço para o oeste e nos empurrou de volta para o Pântano da Ferrugem, e uma turba de cidades tracionadas eslavas atacou nossos povoados em Khamchatka e Altai Shan. Estamos num impasse desde então. Às vezes, avançamos para o oeste e destruímos mais algumas cidades, às vezes, eles avançam para o leste e devoram alguns de nossos fortes e fazendas.

A paisagem abaixo estava mudando; esburacada e marcada por recentes lutas. Enormes crateras causadas por bombas cintilavam como espelhos costurados num cobertor de lama. Daquela altura, as grandes marcas de esteiras dos subúrbios lutadores do inimigo e as trincheiras e fortificações complexas do Tempestade pareciam quase idênticas.

— Eles dizem que estamos construindo um mundo verde novamente — suspirou a Dra. Zero —, mas tudo o que estamos fazendo é transformando-o em lama...

✧ ✧ ✧

O Comando Avançado acabou por se mostrar uma cidade capturada, um lugar pequeno, de nível quatro, imóvel nas encostas de uma colina no lado norte do Pântano da Ferrugem. Suas esteiras se enrolavam na lama ao seu redor. As rodas e níveis inferiores estavam queimados e arruinados, mas nos níveis superiores luzes brilhavam opacas no crepúsculo que ia se aprofundando. Dirigíveis de guerra iam e vinham dos portos aéreos improvisados, e bandos de aves rodopiavam acima dos telhados destruídos. Shrike ficou surpreso pelo modo inteligente que os bandos se desviavam dos dirigíveis, até que *A Tristeza das Coisas* passou perto de um e ele viu que eles não eram pássaros vivos, mas Caçadores, seus olhos brilhavam como a mesma luz verde estranha que os dele, seus bicos e garras substituídas por lâminas. Abaixo, nas estradas

abertas por escavadeiras através da lama, mais Caçadores marchavam, alguns com forma humana, outros corpulentos, parecidos com caranguejos, cheios de pernas.

— O TEMPESTADE VERDE POSSUI MUITOS CAÇADORES — ele disse.

— O Tempestade Verde precisa de muitos, com tantas batalhas a serem lutadas — respondeu a Dra. Zero.

A Tristeza de Todas as Coisas aterrissou num terreno de pouso abaixo das paredes da prefeitura da cidade. Um homem os esperava ali, um velho pequeno e careca num manto forrado de peles, contraindo o corpo a cada estrondo esporádico de disparos ecoando dos pântanos a oeste. Ele sorriu quando viu Shrike descer da rampa de desembarque do *Tristeza*.

— Shrike! Como é bom vê-lo andando e caçando novamente! Lembra-se de mim? Eu era um dos assistentes da Twixie. Ajudei a te examinar, lá na pobre Londres.

O cérebro de Shrike, que costumava reter imagens dos rostos de dez mil nascidos uma única vez, agora apenas se lembrava da Dra. Zero e dos poucos técnicos das Oficinas de Caçadores. Ele analisou os dentes amarelados do velho, a tatuagem de uma roda vermelha afundada nas rugas entre suas sobrelhas espessas, depois se virou para a Dra. Zero como uma criança procurando sua mãe como garantia.

— Este é o Dr. Popjoy — ela disse suavemente —, fundador do Corpo de Ressurreição e Cirurgião-Mecânico pessoal de nossa líder. Depois, para o velho ela disse:

— Sinto dizer que o Sr. Shrike tem poucas lembranças de sua antiga carreira, Dr. Popjoy. Aquela parte de seu cérebro foi seriamente danificada; eu não pude destrancá-la.

— Uma pena — disse Popjoy distraidamente —, teria sido bom bater um papo sobre os velhos tempos. Ainda que talvez tenha sido melhor. Ele deu a volta em Shrike duas vezes, estendendo a mão

para bater em seu novo corpo brilhante e torcer os cabos que desciam de crânio de aço. — Excelente! — ele riu —, um ótimo trabalho, Treacle! Nem eu mesmo poderia ter feito melhor!

— Procuro apenas agradar a Caçadora Fang — disse a Dra. Zero humildemente.

— Assim como todos nós, Treacle. Venham agora, é melhor subirmos; ela nos espera.

✧ ✧ ✧

Lamparinas queimavam nos longos corredores do prédio. Nascidos uma única vez uniformizados corriam de um lado ao outro gritando ordens, agitando folhas de papel, conversando em voz alta em telefones militares. Muitos deles haviam tingido seus cabelos de verde como um símbolo de sua lealdade ao Tempestade. Eles conversavam em rápidos códigos de guerra que Shrike descobriu que podia entender perfeitamente; coisa da Dra. Zero, sem dúvidas. Conforme seguia Popjoy e a Dra. Zero pelas largas escadas, ele se perguntava quais outros ajustes ela teria feito.

No topo das escadas havia um par de portas de bronze perfuradas por balas. — Corpo de Ressurreição! — disse Popjoy, quando as sentinelas bateram continência. — Entrega para Vossa Excelência.

As portas se abriram. A sala por trás delas era grande e escura. Os novos olhos de Shrike mudaram automaticamente para visão noturna e ele viu que a parede dos fundos havia sido reforçada com placas blindadas. Uma longa abertura parecida com uma janela, como a abertura de uma viseira, permanecia aberta, sem vidro, dando para o oeste. A figura que estava ali em pé não era inteiramente humana.

— Vossa Excelência... — Popjoy disse.

— Espere — uma voz na escuridão; um sussurro dando ordens.

Popjoy esperou. Em silêncio, Shrike detectou o fraco bater dos dentes da Dra. Zero e as batidas nervosas de seu coração.

De repente, um enorme pulso de luz se ergueu nos pântanos ocidentais, enchendo a sala com um brilho laranja que se agitou e avançou quando a primeira grande explosão de fogo destacou-se em meio a lampejos de inúmeras armas e pontos brancos de chamas de fósforo. O Comando Avançado se deslocou um pouco, metal morto estalando sob os pés de Shrike. Depois de mais alguns segundos o som o alcançou, um ribombar e um estrondo distantes, como alguém empurrando a mobília num quarto vazio.

Banhada na luz de sua guerra, a Caçadora Fang se virou da abertura para cumprimentar seus visitantes. Ela vestia um manto longo e cinzento, e seu rosto era a máscara da morte de uma mulher banhada em bronze. Ela disse:

— Nossa artilharia acabou de lançar um bombardeio nas cidades de frente de *Traktionstadtsgesellschaft*. Devo alçar voo em breve para liderar o ataque terrestre.

— Outra gloriosa vitória, tenho certeza, Fang — disse a voz de Popjoy de algum lugar perto dos tornozelos de Shrike, e Shrike percebeu que Popjoy e a Dra. Zero haviam caído de joelhos, pressionando seus rostos contra a madeira lisa do chão.

— Mas não uma vitória final — a voz da Caçadora era um vento invernal soprando através de juncos congelados. — Precisamos de armas mais poderosas, Popjoy.

— E você deve tê-las, Vossa Excelência — Popjoy prometeu —, estou sempre de olho em peças estranhas de Old-Tech que possam servir. Enquanto isso, nós lhe trouxemos uma pequena amostra da estima do Corpo de Caçadores.

Os olhos em forma de amêndoa da Caçadora Fang cintilaram verde quando se focaram em Shrike. — Você é o Caçador Shrike — disse, deslizando para mais perto. — Eu vi imagens suas. Fui informada de que você havia parado de funcionar.

— Ele foi completamente consertado, Excelência — disse Popjoy.

A Caçadora parou a poucos paços de Shrike, estudando-o. — Qual o propósito disso, Popjoy? — ela perguntou.

— Um presente de aniversário, Excelência! — Popjoy se levantou, grunhindo pelo esforço. — Uma pequena surpresa que a Dra. Zero aqui planejou. Tenho certeza de que se lembra de Oenone Zero; filha do velho Hiraku Zero, o ás dos dirigíveis. Ela é um prodígio; já é a melhor cirurgiã-mecânica do corpo, exceto por mim, é claro. Bem, Oenone teve a ideia de escavar o velho Shrike e o consertá-lo para marcar o aniversário de sua gloriosa Ressurreição!

A Caçadora Fang encarou Shrike, sem dizer uma palavra. A Dra. Zero tremia tanto que Shrike podia sentir as vibrações através do chão.

— Não me diga que esqueceu? — chilreou Popjoy —, faz 17 anos desde que eu restaurei sua vida nas instalações da Pousada do Velhaco! Seus grandes dezessete anos, Fang. Muitos retornos felizes!

A Caçadora Fang observava Shrike com seus olhos verdes impassíveis. — O que devo fazer com ele?

A Dra. Zero levantou o olhar pela primeira vez. — Eu pensei... Pensei... Que você p-poderia mantê-lo ao seu lado, Excelência — ela disse —, ele lhe servirá bem. Enquanto você trabalha para limpar o mundo do câncer das cidades móveis, o Sr. Shrike irá lhe p-p-protger.

— É i-i-i-isso — disse Popjoy, zombando de seu gaguejar assustado. — Ele irá lhe p-p-p-protger. Um guarda-costas tão forte quanto você, e com os mesmos sentidos aguçados...

— Duvido que ele seja tão forte quanto eu — disse a nova Caçadora.

— É claro que não! — Popjoy disse apressadamente —, Vossa Excelência não precisa de guarda-costas, Treacle! Do que você está

falando? Ele deu um sorriso afetado para a Caçadora. — Eu só achei que ele pudesse lhe entreter, Fang.

A Caçadora Fang inclinou a cabeça para um lado, ainda considerando Shrike. — Muito bem. A unidade é impressionante. Indique-o à minha equipe.

Uma alta porta se abriu do outro lado da galeria. Um ajudante uniformizado fez uma reverência e anunciou:

— Excelência, seu dirigível está pronto para partir até o fronte.

Sem outra palavra para Popjoy, a Caçadora se virou, e se afastou.

— Excelente! — disse Popjoy, quando ela fora embora. Ele se levantou e acendeu uma lâmpada incandescente, depois deu um tapinha no traseiro da Dra. Zero enquanto ela se levantava, fazendo-a corar. — Bom trabalho, Treacle. A Flor do Fogo ficou satisfeita. As pessoas dizem que não se pode saber o que ela está pensando, mas eu a montei, lembre-se; tenho uma boa ideia do que se passa por trás daquela máscara — secando o suor da sua cabeça careca com um lenço ele olhou para Shrike. — Então o que o grande Shrike acha de nossa gloriosa líder?

— ELA É FORTE — disse Shrike.

Popjoy assentiu. — Ela é forte, mesmo. Meu melhor trabalho. Há algumas máquinas incríveis dentro dela. Peças de cérebros de Caçador mais velhos que o seu. Coisas Old-Tech tão estranhas que nem *eu* sei com certeza como funcionam. Nunca consegui construir outro como ela. Mas talvez um seja suficiente, hein, Shrike?

Shrike se virou para a janela, e para a batalha distante. Réstias de luz subiram para o céu, como se saíssem de alguma fissura na terra. A noite estava cheia de dirigíveis. Ele achou que seria bom servir à Caçadora Fang; bom obedecer alguém tão forte quanto ele e não receber ordens de um nascido uma única vez molenga e destrutível. Seria leal a ela e, talvez, com o tempo, essa lealdade pudesse preencher os espaços vazios em sua mente. Poderia,

assim, se livrar daquela sensação incômoda de que ele havia perdido algo precioso.

Aquele rosto, aquele rosto com a cicatriz.

Ela flutuou em sua mente como uma mariposa, e então sumiu.

Saindo de casa



Era noite, e uma meia lua se erguia das brumas acima das Colinas Mortas. Wren estava deitada, completamente vestida, em sua cama na casa na Dog Star Court, ouvindo as vozes abafadas de seus pais flutuando pela parede de seu quarto. Não demorou muito para se desvanecerem no silêncio. *Dormindo*. Ela esperou, só para ter certeza. O tédio de suas vidas a fazia querer gritar às vezes. Dormindo, à essa hora, numa noite tão adorável e cheia de luar! Mas isso se adequava a seus planos. Ela vestiu as botas, saiu silenciosamente de seu quarto e desceu as escadas, com o *Livro de Lata* de Anchorage pesado em sua mochila sobre seu ombro.

Havia sido tão fácil roubá-lo que sequer pareceu roubo. *Não foi roubo*. Wren ficava se garantindo: a Senhorita Freya não precisa do livro, e mais ninguém em Anchorage se importaria se ele sumisse. Não era mesmo roubo.

Mas mesmo assim, enquanto apoiava o bilhete que havia passado a tarde inteira escrevendo no cesto de pães e se esgueirava para as ruas prateadas pelas estrelas, ela não conseguia evitar se sentir triste por sua vida em Vineland estar acabando daquele jeito.



Quando deixou Gargle, ela havia corrido direto pela colina até o Palácio de Inverno. A Senhorita Freya ainda estava no jardim, conversando com a Senhora Scabious sobre a peça que as crianças mais novas iriam apresentar no Festival da Lua. Wren foi até a

biblioteca e pegou o estojo de madeira que a Senhorita Freya havia lhe mostrado mais cedo. Ela tirou o *Livro de Lata* e trancou o estojo novamente, colocando-o em segurança de volta ao seu lugar na estante. Pela janela aberta ela podia ouvir a Senhorita Freya dizendo: — Por favor, Windolene, me chame de Freya; nos conhecemos há bastante tempo...

Wren deslizou para fora da biblioteca, para fora do palácio e correu para casa com o livro aninhado em segurança dentro de sua jaqueta, tentando não se sentir como uma ladra.



A lua era uma pena soprada pelo vento, capturada num dos pináculos do Palácio de Inverno. Uma lamparina queimava na janela de Freya Rasmussen e enquanto Wren passava correndo, ela pensou, *Adeus, Senhorita Freya*, e se sentiu como se estivesse prestes a chorar.

Em casa fora pior. Toda a tarde ela estivera à beira das lágrimas ao pensar em deixar seu Pai, e começara a pensar que sentiria saudades de sua Mãe. Mas seria apenas por algum tempo. Ela voltaria um dia, uma princesa dos Garotos Perdidos e tudo ficaria bem. Ela havia dado ao seu Pai um abraço especial antes de ir para cama, o que o surpreendeu. Ele, provavelmente, pensou que ela estava chateada com a última briga com sua Mãe.

Ela desceu para o distrito dos motores e andou rapidamente na direção da borda da cidade. Ela havia acabado de sair das sombras do nível superior e estava andando ao longo de uma rua ampla entre dois depósitos abandonados quando Caul bloqueou sua passagem.

Wren agarrou sua mochila e tentou se desviar dele, mas ele se moveu para bloquear sua passagem novamente. Seus olhos cintilavam abatidos pela armadilha de seus cabelos.

— O que você quer? — perguntou Wren, tentando soar brava ao invés de assustada.

— Você não deve ir — disse Caul.

— Por que não? Posso ir se eu quiser. De qualquer maneira, não sei do que você está falando.

— Gargle. Eu a observei a noite passada. Olhei para trás quando cheguei ao topo da colina e vi você sair daquele caramujo. Ele te pediu que o ajudasse? Você concordou?

Wren não respondeu.

— Wren, você não pode confiar em Gargle — Caul lhe disse. — Ele era apenas um garoto quando trabalhamos juntos, mas já era astucioso mesmo naquela época. Ele sabe como manipular as pessoas. Como esconder o que realmente quer. Seja lá o que for que ele te pediu, não faça.

— E como você vai me impedir? — perguntou Wren,

— Vou contar ao Tom e a Hester.

— Por que não contar para a Senhorita Freya também, já que estará fazendo tudo isso? — Wren o provocou. — Tenho certeza de que ela adoraria saber. Mas você não fará isso, não é? Se você fosse contar à minha Mãe e ao meu Pai, teria feito isso assim que me viu saindo do *Autolycus*. Você não trairia sua própria gente.

— *Você não faz ideia* — Caul começou a dizer, mas enquanto ainda estava ocupado procurando pelas palavras certas, ela disparou por ele e correu para longe. Seus passos apressados ressoavam nos degraus de metal no final da rua, e então se silenciaram quando ela pulou do último degrau para a terra. A mochila batia contra o lado do seu corpo e seu coração martelava. Ela olhou para trás para ver se Caul a perseguia, mas ele estava simplesmente parado onde ela o havia deixado, sem se mexer. Ela acenou, depois se virou e começou a correr colina acima.

Hester havia adormecido rapidamente naquela noite, mas alguma coisa incomodou Tom justamente quando começava a pegar no sono. Apenas mais tarde ele iria perceber que havia sido o barulho da porta da rua se fechando.

Ele ficou deitado no escuro ouvindo seu coração bater. Às vezes parecia que ele vacilava, e às vezes havia dor, ou não dor exatamente, mas uma sensação de que algo estava errado dentro dele, onde a bala de Pennyroyal havia rasgado seu corpo há tantos anos. Exercícios sempre pioravam as coisas. Ele não deveria ter cortado aquelas madeiras de manhã. Mas as madeiras precisavam ser cortadas e, se ele não as houvesse cortado, teria de ter explicado a Hester sobre as dores perto de seu coração e ela iria se preocupar. O obrigaria a se consultar com Windolene Scabious, que era a médica de Anchorage, e Windolene iria querer examiná-lo. Ele tinha medo do que ela pudesse descobrir. Era melhor não pensar nisso. Era melhor apenas agradecer aos deuses por aqueles bons anos que tivera com Hester, e com Wren, e se preocupar com o futuro apenas quando ele acontecesse.

Mas seu futuro já estava correndo ao seu encontro, descendo o Rasmussen Prospekt, através da Boreal Acarde, subindo a Dog Star Court; passara pelo portão da frente e subira os degraus; estava batendo com força na sua porta da frente.

— Grande Quirke! — disse Tom, assustado, sentando-se. Ao seu lado, Hester resmungou e se virou, acordando lentamente. Tom jogou as cobertas para o lado e desceu correndo vestindo seu camisolão. Pelos painéis de vidro da porta da frente uma figura borrada se erguia como um fantasma, punhos martelavam a madeira. Uma voz gritava o nome de Tom.

— Caul? — ele disse. — Está aberta.

Aquela não era a primeira vez que Caul acordava Tom com más notícias. Uma vez antes, quando Anchorage estava à deriva no gelo e Hester havia partido a bordo do *Jenny*, ele havia aparecido no

meio da noite para avisar Tom do que estava acontecendo. Ele era apenas um garoto naquela época. Agora, com seus cabelos longos, sua barba e olhos selvagens e esbugalhados, parecia algum profeta maníaco. Ele irrompeu pelo corredor, derrubando a chapeleira e a coleção de antigos telefones celulares de Tom no chão.

— Caul, acalme-se! — disse Tom —, qual é o problema?

— Wren — disse o antigo Garoto Perdido —, é a Wren...

— Wren está no quarto dela — disse Tom, mas subitamente se sentiu inquieto, lembrando-se do abraço estranho de Wren quando dissera boa-noite, e daquele corte em sua bochecha que ela disse que havia sido causado por um espinheiro. Ele havia sentido que algo estava errado. — Wren? — ele gritou para as escadas.

— Ela partiu! — gritou Caul.

— Partiu? Partiu para onde?

Hester estava a meio caminho da escada, vestindo sua camisa. Ela correu de volta para cima, e Tom a ouviu abrir a porta do quarto de Wren com um chute. — Deuses e deusas! — ela gritou, e reapareceu no topo das escadas. — Tom, ele está certo. Ela levou sua mochila e seu casaco...

Tom disse:

— Acredito que ela está com Tildy Smew em algum passeio noturno. Aqui é Vineland. O que pode acontecer com ela?

— Garotos Perdidos — disse Caul. Ele andava para frente e para trás com suas mãos no fundo dos bolsos de seu velho casaco imundo. O cheiro de animal selvagem que emanava dele enchia o corredor. — Você se lembra do Gargle? Ele deixou um bilhete. Queria que eu o ajudasse. A roubar alguma coisa. Não sei o quê. Wren deve ter me seguido e foi pega. Ele a está usando. Ela foi até ele.

Hester foi até a cozinha e voltou com um quadrado de papel.

— Tom, olhe...

Era um bilhete de sua filha.

*Queridos Papai e Mamãe, ela havia escrito,
Decidi deixar Vineland. Alguns Garotos Perdidos estão aqui. Não se preocupem, eles não querem me fazer mal e me levarão com eles. Devo ver as Cidades-Balsas e o Campo de Caça e o mundo todo, e ter aventuras, como vocês tiveram. Sinto não poder dizer adeus, mas vocês teriam tentado me impedir. Tomarei conta de mim e voltarei para casa em breve com várias histórias para contar.*

*Com amor,
Wren
muitos beijos*

Hester caiu de joelhos e remexeu no tapete do corredor. Embaixo dele, engastado no chão, estava o cofre onde o mercador a quem a casa havia pertencido guardava suas coisas valiosas. Tudo o que guardava agora eram caixas de papelão com munição e uma arma. Hester tirou a arma, desembulhando-a de seu invólucro de oleado.

— Onde eles estão, Caul? — ela perguntou.

— Het... — disse Tom.

— Eu deveria ter contado antes — Caul murmurou —, mas é o Gargle. *Gargle*. Ele salvou a minha vida...

— *Onde?*

— Numa enseada na Margem Norte. Onde as árvores descem quase até a água. Por favor, não quero que ninguém se machuque.

— Deveria ter pensado nisso antes — disse Hester, verificando a trava da arma. A maioria das armas que havia pegado dos Perseguidores de Arkangel ela havia jogado pela popa da cidade enquanto ainda estava no mar, mas aquela ela havia guardado, só para garantir. Não era tão bonita quanto as outras; nenhuma cabeça de lobo rosnando na coroa ou desenhos no cano. Era apenas um .38 Schadenfreude pesada e preta; uma ferramenta feia e confiável para matar pessoas. Ela colocou balas nas seis câmaras e fechou, depois colocou a arma no cinto e passou por Tom até a porta,

agarrando seu casaco no cabide. — Acorde os outros — ela lhe disse, e saiu para a noite.



Do topo da ilha, Wren conseguia ver o *Autolycus*, agachado como um caranguejo encahado na enseada onde ela havia visto Gargle pela primeira vez. A luz azul que saía da escotilha aberta do caramujo cintilava sobre a água. Ela começou a descer em sua direção, pela trilha deixada pelas ovelhas, escorrendo na terra solta, tropeçando nas raízes. A respiração gelava no fundo da garganta, enquanto Wren corria pelas árvores e pelos juncos na direção da silhueta em forma de caranguejo-aranha.

Gargle estava em pé no banco de areia, ao pé da rampa que levava para a escotilha aberta. Remora estava com ele, e quando Wren se aproximou ela viu Fishcake descer a rampa para se juntar a eles. — Pronto para partir? — Gargle perguntou ao menino.

— Ao toque de um botão — o garoto respondeu.

Os motores do caramujo estavam em marcha lenta, uma nuvem fina de fumaça de escapamento se erguia das aberturas vedadas em suas costas. Uma câmera-caranguejo brilhava enquanto corria para cima de uma das pernas até seu lar na porta no casco. Outras câmeras estavam descendo a praia rapidamente, parecendo tanto com aranhas que Wren teve vontade de fugir, mas ela disse a si mesma que, se quisesse viajar com os Garotos Perdidos, teria de se acostumar com elas. Então, ela se forçou a andar calmamente entre elas, até os seixos.

— Sou eu — ela chamou suavemente, enquanto Gargle se virava para o som de seus passos. — Estou com o *Livro de Lata*.



Anchorage-in-Vineland estava acordando, indignada e alarmada. Enquanto Hester subia o caminho até a floresta, podia ouvir as portas se batendo na cidade atrás dela, e as pessoas gritando

enquanto se preparavam para ir e fazer sua parte contra os Garotos Perdidos. Alguns dos homens mais novos quase a alcançaram enquanto se aproximava do topo da ilha, mas ela os deixou para trás na descida; eles ficaram no caminho em ziguezague enquanto ela simplesmente desceu em linha reta, atravessando arbustos e deslizando pelos seixos numa agitação de pedras. Ela se sentia animada e feliz que Wren precisasse dela afinal. Seu pai não poderia salvá-la dos Garotos Perdidos. Ninguém mais em Vineland poderia. Apenas Hester tinha a força para lidar com eles, e quando ela houvesse matado a todos, Wren iria voltar à razão. Perceberia o perigo em que estivera e ficaria grata, e ela e Hester iriam ser amigas novamente.

Hester deslizou para dentro de algumas sarças no pé da colina e olhou para trás. Não havia sinal dos outros. Ela sacou a arma e andou na direção da enseada.

✧ ✧ ✧

— Aqui — disse Wren, tirando a mochila pesada de seu ombro e a estendendo para Gargle. — Está aí dentro. Minhas coisas também.

Remora disse:

— É melhor contar a ela, Gar. Está na hora de irmos.

Gargle havia tirado o livro da mochila e o estava folheando, ignorando as duas.

— Eu vou com vocês, lembra? — disse Wren, começando a ficar inquieta, porque aquela não era a recepção que ela havia esperado. — Eu vou com vocês. Esse era o acordo.

Ela podia ouvir uma nota infantil e irritante se esgueirando em sua voz, e soube que não estava se mostrando tão corajosa, adulta e aventureira, quanto como ela queria que Gargle a visse. De repente lhe ocorreu que ela não era nada para ele; nada a não ser uma maneira para conseguir o *Livro de Lata*.

— É esse — disse Gargle a si próprio. Ele jogou a mochila de Wren de volta para ela, depois entregou o livro para Fishcake, que o guardou numa bolsa de couro que estava pendurado ao lado de seu corpo.

— Eu vou com vocês — Wren lembrou Gargle —, eu *vou* com vocês, não vou?

Gargle se aproximou. Havia um tom zombeteiro em sua voz quando falou: — O negócio é o seguinte, Wren, estive pensando nisso, e não temos espaço, no final das contas.

Wren piscou rapidamente, tentando impedir as lágrimas de se derramarem. Jogando sua mochila nos seixos, ela gritou:

— Você prometeu que me levaria com você! — ela podia ver Remora a observando, sussurrando alguma coisa para o pequeno Fishcake que o fez sorrir também. Como deviam considerá-la idiota!

— Quero ver coisas! — ela gritou. — Eu quero fazer coisas! Não quero ficar aqui e me casar com Nate Sastrugi, ser uma professora, e ficar velha e morrer!

Gargle pareceu ficar irritado com todo o barulho que ela estava fazendo. — Wren — ele sibilou.

Instantaneamente, como um eco furioso, outra voz saiu da escuridão e gritou: — Wren!

— Mãe! — arquejou Wren.

— Droga! — murmurou Remora.

Gargle não disse nada, apenas tirou a pistola a gás de seu cinto e atirou na direção da praia. Na luz azul da arma Wren viu sua mãe descendo pelos seixos, sem se encolher quando o tiro chicoteou por ela. Ela segurava sua própria arma com firmeza à sua frente. *Bang*, ela fez, *bang, bang, bang*; sons fracos e monótonos como livros sendo fechados. A primeira bala ricocheteou no *Autolycus* com um estrondo; as duas seguintes passaram sibilando por cima do lago; a quarta acertou Gargle entre os olhos. Alguma coisa grossa e úmida salpicou o rosto e roupas de Wren.

— Gargle! — berrou Fishcake.

Gargle caiu de joelhos, depois caiu pesadamente para frente com seu traseiro no ar e seu rosto nas ondas risonhas.

Fishcake lutou através da água rasa em sua direção, ficando no caminho de Remora enquanto ela sacava sua arma. — Fishcake, suba a bordo! — ela gritou — Volte para Grimsby! — Hester acertou duas balas nela, jogando-a para trás e para dentro do lago.

— Gargle! — Fishcake estava berrando.

Hester estava recarregando sua arma, cartuchos vazios caíam nos seixos em volta de seus pés. Ela gritou:

— Wren, venha aqui! — tremendo de medo, Wren cambaleou contente em sua direção, mas de repente o braço de Fishcake estava em volta de sua cintura, puxando-a para trás. O cano da pistola de Gargle contra seu queixo.

— Largue a arma! — Fishcake gritou —, ou eu vou, eu vou *matá-la*, eu vou *matá-la*!

— Mamãe! — berrou Wren. Ela não conseguia respirar direito. Ela subitamente soube que havia tido todas as aventuras que gostaria. Ela desejava estar a salvo em casa. — Mamãe! Socorro!

Hester avançou. Sua arma estava erguida, mas ela não se atrevia a puxar o gatilho, todos sabiam disso; o risco de acertar Wren era muito grande.

— Solte-na! — ela mandou.

— O quê? Para que você possa atirar em mim? — choramingou Fishcake. Virando Wren para que seu corpo ficasse entre ele e Hester, ele começou a arrastá-la rampa acima. A arma ainda estava pressionada contra o queixo de Wren, empurrando sua cabeça para cima. Ela podia senti-lo tremer, e, apesar de poder facilmente sobrepujá-lo, ela não se atreveu a tentar, com medo de que a arma pudesse disparar. Ele a empurrou através da escotilha para dentro do caramujo e bateu com o cotovelo contra o botão que levantava a rampa. Um ricochete rugiu através do lago quando Hester atirou nas

hidráulicas e errou. — Mamãe! — gritou Wren novamente, e teve um rápido vislumbre de sua mãe gritando alguma coisa em resposta enquanto a escotilha se fechava. Então Fishcake a empurrou pela porta para dentro da bagunça de eletrônicos na cabine de controle. Ela sentiu o caramujo estremecer quando o garoto começou a mexer nos controles com uma mão, a outra ainda apontando a arma para sua cabeça. — Por favor — ela disse. A cabine deu um solavanco. Wren viu luzes na encosta da colina atrás da praia. — Socorro! — ela gritou. Ondas batiam nas janelas da cabine, e ela viu a lua por um instante, trêmula e irreal através da água ascendente. Então ela havia desaparecido e a nota dos motores mudou. *Nós submergimos, nunca vou voltar para casa agora!* Seu estômago se revirou, e ela desmaiou.



Hester correu até a praia, atirando sua arma no caramujo até que seu casco preto ficou perdido num espumar de água branca. Logo não havia nada a fazer, a não ser gritar o nome de Wren repetidas vezes, rouca, inútil. Sua voz solitária era o único som remanescente, enquanto as ondas e ressacas do rasto do *Autolycus* se desvaneciam no silêncio.

Não, não bem silêncio. Lentamente Hester percebeu outros sons: cachorros latindo, gritos. Lamparinas e lanternas balançando na encosta da colina. O Sr. Smew saiu investindo através dos arbustos, agitando um antigo rifle para caçar lobos duas vezes mais alto que ele, gritando:

— Onde eles estão, os demônios aquáticos? Deixem-nos comigo!

Mais pessoas o seguiam. Hester foi encontrá-las, empurrando as mãos que se estendiam para ela.

— Você está bem, Senhora Natsworthy?

— Ouvimos disparos!

— Foram os Garotos Perdidos?

Os corpos no banco de areia se moviam delicadamente conforme as ondas quebravam ao seu redor, arrastando longas manchas vermelhas para dentro do lago. Caul se ajoelhou ao lado deles e disse numa voz suave e confusa: — Gargle. O ar fedia a fumaça de armas e escapamento.

Tom correu, olhando estupidamente ao redor e vendo apenas a mochila de sua filha abandonada nos seixos. — Onde está Wren? — ele perguntou —, Hester, o que aconteceu?

Hester se virou sem responder. Foi Freya Rasmussen, no final, quem foi até ele e segurou suas mãos nas dela.

— Ah, Tom, eles foram embora, e acho que Wren está com eles; acho que levaram Wren.

8

Sequestrada



Papai, o rosto da Mamãe é todo esquisito.

— *Eu sei.*

— *Mas por que ele é todo esquisito?*

— *Porque um homem mau a cortou quando era apenas uma garotinha.*

— *Doeu?*

— *Acho que sim. Acho que doeu muito e por muito tempo. Mas está tudo bem agora.*

— *O homem mau vai voltar?*

— *Não, Wren, ele está morto. Está morto há muito tempo. Não há homens maus em Anchorage-in-Vineland. É por isso que nós vivemos aqui. Estamos a salvo aqui; ninguém sabe nada sobre nós e ninguém vai tentar nos machucar. Nenhuma cidade faminta virá nos devorar. Somos apenas nós, muito seguros; Mamãe, Papai e Wren.*

As vozes de sua infância sussurravam na cabeça de Wren enquanto voltava a si, lentamente. Ela estava deitada no chão de uma minúscula cabine, que tinha uma pia e um vaso de metal. A privada cheirava a produtos químicos. Uma lâmpada brilhava um azul opaco numa gaiola no teto. As paredes vibravam um pouco. Ela podia ouvir as batidas e estalos dos motores do *Autolycus*, e outro ruído, um rangido e sussurro, que ela pensou ser a água pressionando o casco.

Bem, homens maus foram à Anchorage-in-Vineland agora, ela pensou, e fugiram com o que queriam, e eu os ajudei. A única pergunta que sobrou é: o que eles farão comigo?

Seu Pai havia sido levado pelos Garotos Perdidos uma vez. Ainda assim ele havia sobrevivido, e voltado à Anchorage para se casar com sua Mãe. Isso quer dizer que há esperança para Wren, não é? Mas pensar em seu Pai a fazia pensar em sua Mãe, e isso a lembrava do que sua Mãe havia feito. A lembrança a enchia de um horror doentio. Dentro de sua cabeça, como um eco que não queria desaparecer, ela podia ouvir o estalo e o borrito da bala acertando Gargle.

Ela não tinha certeza de quanto tempo estivera deitada ali, tremendo, chorando, chocada demais e triste demais para se mexer. Afinal, o chão duro se tornou tão desconfortável que ela se forçou a levantar. *Controle-se, Wren*, disse a si mesma com firmeza.

A coisa em suas roupas havia secado e ficado marrom e dura, como *goulash*^{**} derramado. Ela deixou a água correr na pia de metal e tentou remover as manchas. Depois, lavou o rosto e o cabelo o melhor possível.

Após um longo tempo, uma chave rangeu na fechadura e a porta se abriu. Fishcake entrou e olhou para ela. A arma ainda estava em sua mão. Seu rosto parecia duro e branco na luz azul, como se ele houvesse sido esculpido em marfim.

— Sinto muito — ela disse.

— Cale a boca — disse Fishcake. Sua voz soava dura também.
— Eu deveria te matar.

— Eu? — Wren torceu o corpo, tentando se fundir com o convés.
— Mas eu não fiz nada! Eu peguei o livro como Gargle pediu...

— E a bruxa da sua mãe o matou! — Fishcake gritou. A arma em sua mão balançou conforme grandes soluços chocalhavam seu corpo. Wren se perguntou se ele iria atirar nela, mas ele não o fez.

Ela se sentia com medo do garoto e da raiva dentro dele e, de alguma maneira, responsável por ele, tudo ao mesmo tempo.

— Sinto muitíssimo — ela disse —, por Remora, também.

Fishcake fungou alto. — Mora era a namorada do Gargle — ele disse. — Todo mundo diz que ele estava apaixonado por ela. Ele não ia realmente te levar com ele. Eu o ouvi conversar com Mora sobre você, dizendo como você era burra... — Ele começou a chorar novamente. — O que os Garotos Perdidos irão fazer sem o Gargle? — ele perguntou. — Está tudo bem para ele; ele e Mora estão no Campo Sombrio juntos. E o resto de nós? E eu?

Ele olhou para Wren novamente. Sob aquela luz do mundo submerso seus olhos pareciam pretos; dois buracos se abrindo para um espaço vazio. — Eu deveria te matar, só para sua Mãe saber como é ter alguém que se ama levado embora. Mas isso me faria tão mau quanto ela, não é?

Ele deu um passo para trás, a porta se fechou, e a chave rangeu na fechadura.

✧ ✧ ✧

— Eu vou atrás dela — disse Tom.

Todos o ignoraram educadamente. Eles achavam que ir atrás de Wren seria impossível, mas todos eram gentis demais para dizer isso. Eles achavam que o choque do que havia acontecido o fazia falar coisas loucas. E ele *estivera* em choque; estarecido quando lhe disseram que ela havia partido. Ele correu para cima e para baixo na praia gritando seu nome para as ondas como se os Garotos Perdidos que a haviam pegado pudessem ouvi-lo e, quem sabe, se compadecer, até que seu coração se torcera e chutara tão dolorosamente dentro dele que ele pensou que morreria bem ali sobre os seixos, sem nunca mais ver Wren novamente.

Mas ele não morreria. Mãos gentis o levaram para um barco e o levaram de volta à Anchorage, onde ele agora se sentava com

Hester, Freya e uma dúzia de outros habitantes de Vineland numa das pequenas salas do Palácio de Inverno.

— É minha culpa, sabe? — ele explicou. — Ela estava me perguntando sobre os Garotos Perdidos hoje de manhã. Eu deveria ter adivinhado que alguma coisa estava acontecendo.

— Não é culpa sua, Tom — disse Smew, olhando para Hester, que se sentava carrancuda e em silêncio ao lado de seu marido. — Se *certas pessoas* não tivessem corrido à nossa frente e começado a *atirar*...

Vários outros habitantes de Vineland murmuravam concordâncias. Eles haviam sempre respeitado Hester, por tê-los salvo dos Perseguidores de Arkangel, mas nunca haviam gostado dela. Todos se lembravam de como ela havia matado Piotr Masgard. Matado quando não havia mais necessidade de matar, golpeado e golpeado seu corpo bem depois de ele ter morrido. Não era de se espantar que os deuses mandassem azar para uma mulher que podia fazer tais coisas. Era uma pena eles terem esperado dezesseis anos para mandá-lo, e que ele tivesse caído sobre seu bom marido e sua adorável filha também.

Hester sabia o que eles estavam pensando. — Eu estava apenas me defendendo — ela disse —, estava defendendo a todos nós. Prometi a Freya uma vez que eu cuidaria dessa pocilga e manteria o mal afastado, e era isso que eu estava fazendo. Vocês querem alguém para culpar, culpem-no.

Ela apontou para Caul, que se sentava desajeitado num canto. Mas ninguém parecia pensar coisas ruins sobre o que Caul havia feito. Seus antigos amigos haviam pedido sua ajuda e ele recusara. Não se poderia esperar que ele os traíssem. Eles eram sua gente.

— O que os Garotos Perdidos estavam fazendo aqui, afinal de contas? — perguntou o Sr. Aaqiuk.

— Garotas Perdidas também — disse Smew, ainda olhando furioso para Hester. — Uma daquelas crianças em que ela atirou era

só uma garota.

— Mas o que os trouxe até Anchorage, depois de tantos anos?

Todos se viraram para olhar Caul. Ele deu de ombros. — Não sei. Não perguntei. Achei que quanto menos soubesse, melhor.

— Ah, deuses e deusas! — disse Freya de repente, e saiu correndo da sala. Quando ela voltou, ela carregava um estojo vazio que uma vez havia guardado o *Livro de Lata* de Anchorage. — Wren me perguntou sobre ele — disse —, era isso o que os Garotos Perdidos vieram pegar.

— Por quê? — perguntou Tom. — Não vale nada, não é?

Freya deu de ombros. — Eu achava que não. Mas aqui está, desaparecido. Eles devem ter pedido a Wren para pegá-lo e...

— Aquela pequena idiota... — Hester começou a dizer.

— Fique quieta, Het — disparou Tom. Ele estava pensando em Wren quando criança, e em como, quando ela ficava assustada com trovões ou pesadelos, ele a abraçava apertado até que estivesse calma novamente. Ele não suportava pensar nela presa a bordo daquele caramujo, sozinha e assustada, sem ninguém para fazer as coisas melhorarem. — Eu vou atrás dela — ele disse novamente.

— Então eu também vou — Hester concordou, pegando sua mão. Eles haviam se separado uma vez antes, quando Hester fora prisioneira na Pousada do Velhaco, e eles haviam prometido que nunca se separariam novamente. Ela disse:

— Nós vamos juntos.

— Mas como? — perguntou Freya.

— Eu vou ajudar.

Caul havia se levantado. Ele circulou a sala com suas costas para a parede, as luzes das lamparinas brilhavam em seus olhos. — É culpa minha — ele disse —, eu achei que, se eu não os ajudasse talvez fossem nos deixar em paz. Não achei que iriam procurar Wren. Esqueci como Gargle pode... podia ser esperto. Ele levou

uma mão à garganta, para a cicatriz vermelha e reluzente que as cordas haviam deixado quando o Tio tentou enforcá-lo. Ele disse:

— Eu me lembro de Wren nascendo. Eu brincava com ela quando era pequena. Eu vou ajudar. O *Verme Parafuso* irá levá-los até Grimsby, se for preciso.

— Aquele seu velho caramujo? — Hester parecia irritada, como se achasse que Caul estava zombando deles.

— Achei que o *Verme Parafuso* quebrara anos atrás — disse Tom —, naquele verão em que você e o Sr. Scabious escavaram a boca do porto...

— Eu o consertei — disse Caul —, o que você acha que eu estive fazendo com meu tempo, lá no distrito? Tirando sujeira do meu umbigo? Estive consertando o *Verme*. Tudo bem, consertando o *Verme* e tirando sujeira do meu umbigo. Ele não está perfeito, mas está em boas condições para o mar. Sem combustível, é claro...

— Acredito que deve haver uma gota sobrando nos antigos tanques do porto aéreo — disse o Sr. Aakiuq —, e podemos recarregar seus acumuladores na usina hidroelétrica.

— Então ele pode estar pronto em poucos dias — Caul disse —, talvez uma semana.

— Wren já estará a quilômetros daqui! — Hester disse.

— Não importa — disse Tom com firmeza. Geralmente era Hester quem falava com firmeza, mas ele tinha certeza absoluta quanto aquilo. Ele *tinha* que trazer Wren de volta. Se Wren estivesse perdida, qual era o objetivo de continuar vivendo? Ele pegou a mão de Hester, convicto de que ela sentia o mesmo. — Nós a encontraremos — ele prometeu —, enfrentamos coisas piores do que os Garotos Perdidos em nossa época. Mesmo se tivermos que ir até Grimsby, nós a encontraremos.

9

A Mensagem



O *Autolycus* seguiu caminho pelo sul e leste, ao longo dos sistemas de rios sinuosos do Continente Morto. Fishcake sabia o caminho de volta até o mar, pois ele havia ajudado Gargle a mapear aqueles canais na viagem de Grimsby. Era bastante fácil retrilhar a rota que havia trazido o *Autolycus* através das Colinas Mortas até Vineland, exceto que no caminho todo Fishcake ficava pensando: *Na última vez que passamos através do lago, Gargle estava aqui,* ou, *Na última vez que cruzamos este banco de areia, Mora fez uma piada...*

Ele tinha de fazer alguma coisa. Mas o que poderia fazer? Ele havia amado Gar, e ele ainda amava Gar, mas Gar partira, e chorar não o traria de volta. O que poderia fazer? Ele tinha de fazer *alguma coisa...*

Antes sempre houvera alguém para lhe dizer o que fazer. Ele nunca havia agido por contra própria, ou feito seus próprios planos, exceto naquele momento desesperado lá em Vineland, quando ele agarrou aquela arma e apontou para Wren para impedir que a Hester atirasse nele. Mas mesmo aquilo não havia funcionado do que jeito que ele queria, pois ele havia acabado com Wren como prisioneira, e ele também não sabia o que deveria fazer com ela.

Na terceira noite depois da luta em Vineland, ele desligou os motores do caramujo e subiu para o teto. As colinas mortas da América se erguiam resolutas contra o céu brilhante. Certamente a deusa da morte, todos os deuses da guerra e os da vingança

cuidavam daquela terra. Fishcake levantou sua voz para que eles o ouvissem. — Eu vou vingá-lo, Gargle! Eu vou vingá-la, Mora! Eu vou encontrar Hester Natsworthy um dia, e quando eu encontrá-la, eu prometo que vou matá-la.

◊ ◊ ◊

No dia seguinte, o caramujo chegou à costa, se arrastou por um pedaço de sombrias colinas de sal e deslizou agradavelmente para dentro do mar cinzento. Em segurança nas profundezas, Fishcake estabeleceu uma rota para casa, e depois foi até a popa para ver sua prisioneira. Wren estava enroscada no chão do banheiro. Olhando para seu rosto frágil e adormecido, Fishcake desejou não tê-la capturado, pois ela era bonita, e nada daquilo havia sido sua culpa. Mas era tarde demais para deixá-la partir.

Ele a cutucou com o pé. — Estamos no mar agora — ele disse quando ela acordou —, você não precisa ficar mais aqui. Há 90 metros de água acima de nós, então nem pense em tentar fugir.

— No mar? — Wren sabia que o mar aberto ficava bem longe de Anchorage-in-Vineland. Ela mordeu seu lábio para não chorar.

— Vou levá-la para Grimsby — disse Fishcake —, o Tio ou algum dos garotos mais velhos saberão o que fazer com você. Você pode se lavar se quiser. Pode pegar alguma roupa da Remora em seu armário.

— Obrigada — sussurrou Wren.

— Não estou fazendo isso por você — Fishcake disse rispidamente, para mostrar a ela que ele não era um molenga. — É o fedor, entende? Não vou conseguir cheirar seu fedor o caminho todo até Grimsby.

Wren foi para a popa. Durante quatro dias ela não viu nada além do interior do banheiro, e depois daquilo até mesmo os corredores estreitos do *Autolycus* pareciam espaçosos. O armário de Remora era decorado com fotos tiradas de revistas roubadas: penteados e

roupas. Havia fotos de Remora e Gargle rindo, abraçados. Havia uma bolsa de maquiagem, e um ursinho de pelúcia, e um livro sobre como interpretar seus sonhos. Wren pegou algumas roupas e se trocou, depois foi olhar seu reflexo no espelho acima da pia, o que na verdade não era um espelho, mas apenas uma folha de metal polido preso à parede. Ela já estava com uma aparência mais velha e mais magra, inundada pelas roupas escuras e sem formas de Remora. Wren, a Garota Perdida. Quando ela enfiara suas roupas sujas numa das sacolas que a tripulação do caramujo usava para pilhar e a amarrou, não havia mais nada de Vineland nela, exceto suas botas.

Ela se sentou no interior do caramujo, ouvindo Fishcake fazer barulho na ponte. Seu estômago roncava, mas o Garoto Perdido não oferecera nenhuma comida, e ela tinha medo de pedir. Era um pouco embaraçoso ser prisioneira de alguém tão mais jovem que ela, mas os sentimentos de Fishcake estavam se equilibrando por um fio, e Wren ainda tinha medo de que ele pudesse matá-la se o irritasse. Era melhor ficar quieta. Ela bebeu água, com um gosto terrível, da torneira da pia e pensou em fugir. Planos audaciosos se formavam em sua cabeça, só para estourarem como bolhas depois de alguns segundos. Mesmo se ela dominasse seu pequeno captor de alguma maneira, nunca poderia pilotar o caramujo de volta a Vineland. Ela estava presa ali, e era tudo sua própria culpa. Ela fora incrível e perigosamente burra. Podia perceber isso agora, e se envergonhou, porque sempre se considerara esperta. A Senhorita Freya não dissera que Wren tinha mais cérebro do que qualquer outro jovem em Vineland?

— Bem, Wren — ela disse para si mesma, abraçando-se para se consolar —, se você quiser ficar viva e encontrar um jeito de voltar para Mãe e Pai, você precisa começar a usá-lo.

O *Autolycus* estava a 160 quilômetros da costa quando recebeu o sinal. Fishcake pensou, a princípio, que deveria ser uma mensagem de algum outro caramujo, apesar de não saber de nenhum outro que estivesse operando daquele lado do oceano. Depois ele percebeu algo estranho; o sinal era transmitido simultaneamente na frequência de caramujo-para-caramujo e na onda que os caramujos usavam para receber imagens das câmeras-caranguejo.

Ele apertou alguns interruptores e a bancada de telas circulares acima de sua estação foi inundada lentamente com luz.

Enroscada no chão da cabine, Wren ouviu vozes. Ela se esgueirou até a porta da cabine de controle e espiou através dela. Fishcake estava olhando as telas. Todas as seis mostravam a mesma imagem estranha; uma cidade, vista de cima, cruzando um mar calmo. Era difícil dizer o tamanho da cidade naquela tela granulada e fantasmagórica, mas parecia agradável, com muitos domos e cúpulas brancas e ornamentadas, e muitas flâmulas compridas esvoaçando ao vento.

— O que é isso? — perguntou Wren.

Fishcake olhou ao redor, mas se ele ficou surpreso em encontrá-la ali, não demonstrou. Ele virou seu rosto de volta para as telas. — Não sei — disse —, nunca vi nada como isso antes. Fica se repetindo. Olhe.

A imagem mudou. Um homem com aparência gentil e uma mulher se sentavam lado a lado num sofá. Eles pareciam olhar diretamente para Wren e Fishcake. Apesar de serem estranhos, e de vestir em mantos e turbantes de pessoas ricas da cidade, algo em seus sorrisos tristes e gentis fazia Wren pensar em seus próprios pais e em como eles deveriam estar sentindo sua falta.

— Saudações, crianças das profundezas! — disse o homem —, estamos falando em nome da Organização de Pais de Crianças Sequestradas das Cidades Balsas, a PACRIS. Por meio século,

garotos, e ultimamente garotas também, vêm desaparecendo das cidades que cruzam o Atlântico e a Devastação Congelada. Apenas há alguns anos, graças ao explorador Nimrod Pennyroyal, nós descobrimos a existência dos piratas parasitas que roubam e infestam secretamente tais cidades, e que levam crianças embora para treiná-las como ladrões e arrombadores.

— Pennyroyal de novo! — disse Wren zangada.

— Shhh! — disse Fishcake —, ouça!

A mulher estava falando agora, ainda sorrindo, mas chorando também, enquanto se inclinava para os telespectadores. — Agora o bom povo do resort-balsa de Brighton nos trouxe para o norte, onde ficam seus lares sob a água. Se vocês sintonizarem seu equipamento de rádio em 680 quilociclos, vocês irão captar o sinal de Brighton. Sabemos que, provavelmente, não se lembram das mães e dos papais de quem vocês foram roubados quando eram tão pequenos, e de quem sentem tantas saudades; mas, se vierem conosco, temos certeza de que muitos de vocês irão reconhecer suas próprias famílias, e eles a vocês. Não queremos feri-los, ou levá-los para longe de seus novos amigos e de suas novas vidas abaixo das ondas. Queremos apenas ter uma chance de ver nossos queridos garotos perdidos novamente...

Aqui, a voz da mulher se tornou alta e trêmula; ela escondeu o rosto em seu lenço enquanto seu marido dava tapinhas em seu braço e falava novamente.

— A PACRIS tem muitos membros — ele explicou, e a imagem mudou novamente para mostrar um grupo de pessoas reunidas numa das plataformas de observação da cidade. — Todos nós perdemos um filho. Desejamos vê-lo novamente e descobrir o que aconteceu a ele. Ou, se for o caso, ela. Ah, crianças das profundezas, se vocês podem ouvir esta mensagem, nós imploramos, venham até nós!

A imagem continuou por um instante, enquanto uma música triste aumentava e os membros da PACRIS sorriam e acenavam para a câmera, com a brisa marinha soprando seus casacos, mantos e chapéus. Então, ela foi substituída por um símbolo impresso em que estava escrito: *PACRIS — Expedição de Verão. (Em associação com o Prefeito e Conselho de Brighton)*. A música se desvaneceu, houve um momento de escuridão, e a transmissão recomeçou. — Saudações, crianças das profundezas...

— Viu? — perguntou Fishcake, se virando para Wren. Ele havia se esquecido que ela era sua refém, de tão ansioso que estava para compartilhar a mensagem surpreendente com alguém. Seus olhos estavam brilhando; todo seu rosto estava radiante, e Wren percebeu pela primeira vez como ele era jovem; apenas um garotinho, longe de casa e desejando amor e consolo.

— O que você acha que eu devo fazer? — ele perguntou. — Eu procurei pelo sinal de Brighton. Eles estão perto. A aproximadamente 80, 90 quilômetros a sudoeste de nós. Nunca ouvi nada sobre uma cidade chegar tão perto do Continente Morto...

Wren conseguia sentir a ansiedade crescendo na apertada cabine à medida que Fishcake imaginava aquela cidade cheia de mães e pais flutuando a 80 quilômetros de distância. E se ela conseguisse convencê-lo a se encontrar com Brighton? Wren tinha certeza de que estaria bem melhor lá do que em Grimsby. Fishcake também, provavelmente, então ela não precisava se sentir culpada por isso.

Ela entrou na cabine e se sentou na cadeira giratória ao seu lado. — Talvez eles tenham vindo até aqui porque estão procurando os Garotos Perdidos — ela disse —, eles podem estar ziguezagueando no norte há semanas, transmitindo aquela mensagem diversas vezes. Gargle me disse que caramujos haviam desaparecido. Ele achava que alguma coisa ruim havia acontecido

com eles, mas e se eles apenas ouvirem aquela mensagem e foram encontrar suas famílias...?

— Por que eles não entraram em contato com Grimsby, então? — perguntou Fishcake.

— Talvez eles estejam se divertindo muito — sugeriu Wren —, talvez eles estejam com medo de que Gargle os punisse por ir até Brighton sem suas ordens.

Fishcake olhou para as telas. — Algumas dessas pessoas parecem tão ricas! Os Garotos Perdidos só pegam crianças de que ninguém irá sentir falta; órfãos e garotos de rua do convés inferior, desses que ninguém quer...

— Isso é o que Gargle e o Tio Ihe disseram — disse Wren —, mas e se isso não for verdade? E se eles pegam crianças de famílias ricas às vezes também? De qualquer maneira, provavelmente alguém sentiria falta de um órfão. Provavelmente até mesmo a mamãe e o papai de uma criança de rua iriam querer encontrá-lo, se ele fosse roubado...

Duas grandes lágrimas correram pelo rosto de Fishcake, peroladas na luz das telas.

— Vou enviar um peixe-mensageiro para Grimsby e perguntar ao Tio o que fazer — ele decidiu.

— Mas Fishcake — disse Wren —, ele pode dizer a você para não ir!

— O Tio Sabe das Coisas — disse Fishcake, mas ele não parecia ter muita certeza.

— De qualquer maneira, quando você receber uma resposta, Brighton poderá ter ido embora. O outono está chegando. Tempestades e altas ondas. A Senhorita Freya sempre nos ensinou que as cidades-balsas seguem para águas protegidas no outono. Então essa pode ser sua única chance...

— Mas essas são as regras. O que eles nos ensinam no Burglarium. Nunca se mostre. Nunca dê chance aos Secos de

descobrirem os Garotos Perdidos, é isso que o Gargle diz...

— Esses Secos parecem já saber sobre vocês — Wren o lembrou.

Fishcake negou com a cabeça e enxugou as lágrimas com a mão. Seu treinamento no Burglarium estava lutando contra a esperança de que sua própria mãe e pai poderiam estar entre aquele grupo de rostos sorridentes nas telas. Ele não se lembrava deles, mas tinha certeza de que, se os encontrasse frente a frente, os reconheceria imediatamente.

— Tudo bem — ele disse —, nós chegaremos mais perto. Daremos uma boa olhada nessa tal de Brighton, levaremos câmeras-caranguejo a bordo, se possível. Iremos verificar se esse pessoal da PACRIS é honesto... Ele olhou para Wren e sentiu pena dela; afinal de contas, ela não tinha nenhuma esperança de encontrar *seus* pais a bordo daquela cidade.

— Você deve estar morrendo de fome — ele disse.

— Estou com bastante fome — admitiu Wren.

Fishcake sorriu timidamente para ela. — Eu também. Mora costumava cozinhar. Você sabe cozinhar?

10

A Armadilha dos Pais



Geralmente, nesta época do ano o resort-balsa de Brighton estaria cruzando o Mar do Meio, lançando âncora aqui e ali para que os visitantes de cidades e vilarejos móveis que perambulavam pelas margens pudessem ir de balão ou lancha explorar suas arcadas e diversões e aquários, suas praias e boutiques. Mas os negócios estiveram fracos nas últimas estações, e o conselho havia concordado em se aventurar pelo Atlântico Norte à procura de piratas parasitas.

Agora eles estavam começando a se arrepender. Houvera muita animação quando os três primeiros caramujos fizeram contato, a leste dos Açores. Grupos de visitantes haviam chegado em abundância em dirigíveis de cidades do Campo de Caça para ver aqueles estranhos recém-chegados. Mas isso havia sido semanas atrás. Não houvera sinal dos Garotos Perdidos desde então, e as mensagens ao longo da proa da cidade, declarando *A Expedição de Verão da PACRIS e Brighton dá as Boas-Vindas aos Piratas Parasitas*, estavam começando a ficar esfarrapadas e um pouco tristes.



Fishcake levou o *Autolycus* até a profundidade de periscópio, a aproximadamente um quilômetro e meio de Brighton. Uma noite havia se passado desde que ele captara a transmissão da PACRIS pela primeira vez. O céu matinal estava da cor do interior de búzios, e grandes ondas cinzentas se agitavam. Quando Wren teve sua vez

ao periscópio, não conseguiu ver Brighton, apenas ondas, que, de vez em quando, deixavam passar a visão de uma grande ilha a barlavento, rodeada por penhascos brancos e sujos, com nuvens abraçando seu cume.

E então ela percebeu que aquilo não era uma ilha; o que ela havia tomado por penhascos eram fileiras de prédios brancos, e as nuvens eram vapor e fumaça de escapamento se elevando das densas chaminés. Era uma cidade, uma cidade-balsa de três níveis com dois distritos flutuantes ligados ao casco central por pórticos suspensos, e um banco de enormes rodas transformando o mar em espuma à popa. — Oh! — gritou Wren, surpresa. Ela havia visto fotos de cidades em livros, mas nunca havia compreendido como eram realmente grandes; muito maiores que Anchorage-in-Vineland. Dirigíveis iam e vinham acima da linha do horizonte, denteada de torres, domos e telhados, e uma placa de convés circular flutuava suspensa por enormes sacolas de gás a poucos metros acima do nível superior, segura por amarras. Wren conseguia ver árvores verdes na orla do convés, e um prédio com improváveis domos em forma de cebola.

— O que é *aquilo*? — ela arquejou.

— Isso é chamado de Nas Nuvens — disse Fishcake, que havia conseguido tirar uma foto da cidade com uma câmera-caranguejo que ele havia enviado para se empoleirar no periscópio. Ele havia pegado uma cópia velha e esfarrapada do *Almanaque de Cidades Tracionadas de Cade (Edição Marítima)*, e estava comparando o diagrama de Brighton da Senhorita Cade com a imagem na tela. — É um tipo de parque aéreo. O prédio grande no meio é onde mora o Prefeito de Brighton.

— Nossa! — respirou Wren. — Quero dizer... Nossa!

— Sem Mandíbulas — disse Fishcake, verificando as imagens para ter certeza de que Brighton não havia adicionado nada desagradável desde que o *Almanaque de Cade* foi publicado. Havia

apenas poucos canhões para defesa aérea montados em plataformas giratórias nos passeios. — É apenas um resort agradável.

Ele abaixou o periscópio. Quando desligou o sinal da câmera-caranguejo, as telas se encheram novamente com a transmissão de Brighton, mais clara e forte agora que o caramujo estava tão perto. — Nós só queremos ver nossos queridos garotos perdidos novamente — dizia a mulher da PACRIS. Fishcake sentiu uma esperança boba e feliz se encher dentro dele. E se ela fosse sua mamãe? *Mães e pais são uma corrente que prende, uma dor, uma tensão, que impede que garotos sejam garotos.* É isso que ele aprendeu no Burglarium. Agora que ele se via frente à perspectiva de encontrar sua própria mãe e seu próprio pai, descobriu que nunca havia acreditado nisso de verdade. Ele estivera com saudades de seus pais sua vida toda, e não soubera disso até ouvir a mensagem da PACRIS.

Ele levou o *Autolytus* mais para o fundo, mais para perto; para baixo das sombras do casco de Brighton. Cabos pendurados e uma enorme e complexa matriz de direção assomavam na escuridão; florestas verdes de algas giravam através do cone de luz vindo do nariz do caramujo. Perto da proa da cidade, uma esfera metálica se balançava em cabos; Fishcake achou que aquilo era a máquina que a PACRIS usava para transmitir sua mensagem pelo mar.

Um silvo metálico ressoou pela cabine. Wren achou que alguma coisa tinha caído sobre o casco, mas o som soou de novo e de novo, harmonizando um ritmo, como se alguém estivesse batendo cuidadosamente no casco com um martelo.

— Ah, deuses! — disse Fishcake de repente.

— Que foi? — perguntou Wren. — O que é esse barulho?

Fishcake estava mexendo freneticamente nos controles do caramujo, levando-o para águas mais claras além da borda da cidade. — Gargle nos contou que se deparou com uma coisa

dessas uma vez, embaixo de uma grande balsa-predadora. É um tipo de aparelho de escuta Old-Tech... Os papais e mamães sabem que estamos aqui agora! — ele não tinha certeza se estava assustado ou feliz.

Com um ruído de trituração, o caramujo se lançou desajeitadamente para o lado, derrubando Wren. A princípio ela achou que fora algo que Fishcake houvesse feito. — Você poderia ter me avisado — ela reclamou, esfregando o cotovelo que havia batido no anteparo. Então ela viu que o garoto estava com uma aparência tão chocada quanto ela.

— O que está acontecendo? — ela sussurrou.

— Eu não sei, não sei!

Não tinha como confundir a sensação seguinte. O *Autolycus* estava subindo rapidamente. Água espumava quando ele chegou à superfície e a luz do sol adentrou a cabine, extremamente brilhante, depois de tantos dias na escuridão. Quando Wren conseguiu enxergar novamente, o caramujo estava pendurado acima das ondas, sendo levado de lado para um amplo convés de metal que se projetava da proa de Brighton. Pessoas corriam pelo convés; não os pais e mães sorridentes, bem vestidos que ela havia visto nas telas, mas sim homens com aparência grosseira e violenta, em macacões emborrachados. Wren sentiu um jato de medo ao vê-los. Então, olhando para além deles, ela relaxou, pois acima do convés havia um passeio agradável, e as pessoas alinhadas no corrimão pareciam muito mais com os Pais das Crianças Sequestradas de Cidades Balsa; radiantes, alegres, apontando para baixo animadamente à medida que o caramujo era colocado no convés.

Fishcake já estava a meio caminho da escada que levava até a escotilha no teto. Quando ele a abriu, o som da animação encheu o caramujo, e uma voz potente e amplificada começou a gritar alguma coisa, as palavras confusas e ecoantes.

Wren o seguiu pela escada. No casco, Fishcake estava agachado no suporte do periscópio, olhando ansiosamente ao seu redor, confuso pela luz do sol e pelos vivas estridentes. Os ganchos magnéticos que haviam arrastado o caramujo para fora do mar estavam agora soltos, e balançavam e pingavam acima, presos à lança de um guindaste. As pessoas no passeio estavam gritando, dando vivas e acenando com os braços no ar. Wren tocou o ombro de Fishcake para encorajá-lo. Os homens com roupas emborrachadas haviam formado um anel em volta do caramujo e estavam se aproximando cautelosamente. Wren achou que eles deveriam ser estivadores ou pescadores contratados para puxar os caramujos a bordo. Ela sorriu para eles, mas eles não devolveram o sorriso. Forçando seus ouvidos a prestarem atenção, ela começou a entender o que a voz amplificada estava dizendo.

—... e para vocês que acabaram de se juntar a nós — a voz gritava, através de rajadas de estática —, Brighton acabou de capturar o quarto submarino pirata! Ali está a tripulação, se esgueirando para fora... Desesperados como era de se esperar de um par de assassinos! Mas não se preocupem, senhoras e senhores; o mundo logo estará livre desses parasitas para sempre!

— É uma armadilha! — disse Wren. Fishcake, que não havia entendido o que o anunciante estava dizendo, virou seu rosto chocado e pálido na sua direção. — Não é verdade! — ela gritou, se levantando, gritando. — Fishcake! É uma...

E dois homens se aproximaram da lateral do caramujo, desfraldando algo entre eles que acabou sendo uma rede. Eles a jogaram por cima de Fishcake, que chutou, lutou, gritou e tentou pegar a mão de Wren. — Isso quer dizer que eles não são nossas mães e papais? — ele lhe perguntou, a sua voz ficou estridente e prestes a chorar. — Você mentiu! Você mentiu pra mim!

Mãos fortes o agarraram por trás e o levaram para longe de Wren. Mais mãos o agarraram, mãos rudes em luvas de borracha

que fediam a peixe e óleo. Uma rede foi jogada em cima dela, e, apesar de se retorcer e lançar socos e pontapés, ela não conseguiu impedir que seus captores a jogassem sobre seus ombros. Wren foi carregada pela lateral do caramujo e jogada pesadamente no convés. Ela ouviu os soluços de Fishcake se transformarem subitamente em gritos, e um instante depois ela entendeu por quê. Um homem agarrou seu braço e queimou as costas de sua mão com ferro quente, marcando-a com um tipo de logotipo:

Shkin

— Mamãe! Mamãe! — Fishcake estava berrando enquanto o arrastavam para longe, ainda sem querer acreditar que a PACRIS e todos os pais sorridentes haviam sido uma isca.

— Deixe-o em paz! — gritou Wren, chorando com a dor de sua mão cauterizada. — Ele só tem dez anos! Como vocês podem ser tão maldosos? Ele achou que vocês eram os pais dele!

— É essa a ideia, garoto! — um homem grande e corpulento numa capa à prova d'água se debruçou sobre ela, lançando uma nuvem de whiskey quando deu uma boa olhada em seu rosto. — Espere um pouco — Wren o ouviu dizer. — Olhe, Senhorita Weems... Esta aqui é uma garota.

Uma mulher bonita e frágil, vestida de preto, o empurrou para o lado. Ela tinha uma marca em sua mão assim como Wren, mas a sua era velha, e havia se transformado numa cicatriz em alto-relevo, não muito mais escura do que a pele em volta. — Interessante — ela disse à Wren —, ouvimos rumores sobre parasitas mulheres, mas ela é a primeira que vimos.

— Eu não sou uma Garota Perdida! — Wren gritou através da rede apertada e úmida. — Eu era uma prisioneira a bordo do *Autolycus*, Fishcake me levou para longe de casa...

A mulher escarneceu dela. — Não me interessa quem você é, garota. Nós somos vendedores de escravos. Você é apenas mercadoria, no que me diz respeito.

— Mas eu... Você não pode me transformar numa escrava!

— *Au contraire*, criança; nosso contrato com o Prefeito Pennyroyal é perfeitamente claro; qualquer um que encontrarmos dentro daquelas máquinas parasitas se torna propriedade da Corporação Shkin.

— Prefeito Pennyroyal? — gritou Wren. — Você não se refere... Não é *Nimrod* Pennyroyal?

A mulher pareceu surpresa que uma Garota Perdida reconhecesse aquele nome. — Sim. Nimrod Pennyroyal é Prefeito de Brighton há 12 anos ou mais.

— Mas não pode ser! Quem iria querer Pennyroyal como prefeito? Ele é uma fraude! Um traidor! Um ladrão de dirigíveis!

A Senhorita Weems fez algumas anotações em sua prancheta. — Levem-na para a baia dos escravos — ela disse a um de seus homens. — Informe o Sr. Shkin sobre a captura. Acredito que isso é um bom sinal. Podemos estar nos aproximando do ninho dos piratas.

Quatro contra Grimsby



Na manhã de sua partida, quando o *Verme Parafuso* ficou finalmente pronto e Hester e Tom estavam esperando Caul realizar alguns testes finais nos motores, Freya Rasmussen desceu até a praia de ancoragem e anunciou que também estava indo. Nada que Tom e Hester pudessem dizer iria mudar sua decisão.

— Será perigoso.

— Bem, vocês dois estão indo.

— Eles precisam de você aqui.

— Oh, Anchorage-in-Vineland pode muito bem ser governada sem a minha presença. De qualquer maneira, eu disse à Senhora Aakuiq que ela pode ser a Margravina em exercício enquanto eu estiver fora, e você não quer desapontá-la, não é? Ela fez um chapéu especial e tudo o mais... — Radiante, Freya escalou a escada de embarque do *Verme Parafuso* e jogou sua volumosa mochila de viagem pela escotilha.

— Você não entende, Branca de Neve? — Hester disse. — Não estamos indo a Grimsby para fazer uma visitinha. Estamos indo buscar Wren, e se eu tiver que matar todo Garoto Perdido que ficar em meu caminho...

— Você só vai piorar as coisas — disse Freya rispidamente —, já houve muitas mortes. É por isso que vocês precisam que eu vá junto. Eu posso fazer o Tio ver a razão.

Hester soltou um lamento exasperado e olhou para Caul, certo que ele não gostaria de ter Freya junto com eles para a viagem, mas

Caul não disse nada, estava olhando através da água cintilante.

Então estava decidido, e a viagem começou como um piquenique, com Tom e Freya acenando das escotilhas abertas do *Verme Parafuso* enquanto o caramujo descia de nariz para dentro do lago e todos em Anchorage-in-Vineland se alinhavam na praia, encorajando sua viagem.

Conforme a cidade ficava fora de vista atrás do promontório, e o *Verme Parafuso* dobrava suas pernas e se preparava para submergir, Freya desceu até a cabine, onde Caul estava debruçado sobre os controles enferrujados. Mas Tom ficou no casco até o último momento, observando o litoral, as encostas verdes refletidas na água ondulada. Pássaros cantavam nos bancos de juncos, seus cantos ecoando os alarmes de carros e telefones celulares que seus ancestrais devem ter ouvido; sons fósseis de um mundo desaparecido. Eles fizeram Tom pensar nos povoados Antigos que ele estivera escavando nas Colinas Mortas e as relíquias de vidas esquecidas que ele havia encontrado lá. Ele retornaria com Wren para terminar seu trabalho?

— Nós vamos voltar — prometeu Tom, enquanto descia para se juntar a Hester. Mas Hester não disse nada. Ela não achava que iria ver Anchorage-in-Vineland novamente.

✧ ✧ ✧

Na cabine de controle apertada do *Verme Parafuso* não havia como Caul evitar conversar com Freya Rasmussen. Ele se perguntava se isso poderia ser um dos motivos para ela ter decidido se juntar a eles. Conforme as águas cobriam as janelas do nariz, ela se sentou ao seu lado e abriu o mapa antigo de Snøri Ulvaeusson sobre o console do piloto.

— Então, você se lembra do caminho até Grimsby?
Ele assentiu.

— Eu tinha certeza de que você se lembraria — ela disse —, estou surpresa que você não tenha feito a viagem antes.

— Até Grimsby? — Ele devolveu o olhar, mas o jeito gentil e cuidadoso com que ela o observava o deixou inquieto. Então, ele olhou para os controles. — Por que eu iria querer voltar para Grimsby? Você se esqueceu do que aconteceu da última vez que eu estive lá? Se Gargle não tivesse me soltado...

— Mas você ainda quer voltar — disse Freya gentilmente. — Por que mais você iria consertar o *Verme*?

Caul forçou a vista para a escuridão lodosa à frente do caramujo, fingindo estar de olho em rochas submersas. — Eu pensei nisso — ele admitiu —, esse é o problema. Não conseguia parar de pensar nisso. Mesmo nas primeiras semanas em Vineland, quando havia tanto a fazer e todos eram tão gentis e acolhedores e você...

Ele olhou de esguelha para ela, e depois desviou o olhar. Ela ainda o observava. Por que ela era sempre tão gentil com ele? Dezesseis anos atrás ela havia oferecido seu amor e ele o havia recusado, por razões que ele ainda não entendia muito bem. Ele não a culparia se ela o tivesse banido de volta para o mar.

— É por isso que moro sob o convés — ele admitiu —, é a parte de Anchorage que se parecesse mais com Grimsby. E todas as noites, quando estou sonhando, eu ouço a voz do Tio. “Volte para Grimsby, Caul!”, ela diz. — Ele olhou para Freya nervosamente. Ele nunca havia dito aquilo para ninguém, e tinha medo de ela o considerar louco. Ele mesmo achava isso, às vezes. — O Tio sussurra para mim, do jeito que ele costumava sussurrar pelos alto-falantes no teto do Burglarium quando eu era pequeno. Até mesmo as ondas na praia falavam com sua voz: “Grimsby é seu lar, Caul, meu rapaz. Seu lugar não é com os Secos. Volte para Grimsby”.

Freya estendeu a mão para tocá-lo, então achou melhor não. Ela disse:

— Mas quando Gargle apareceu, pedindo sua ajuda, você recusou. Você poderia ter-lhe entregado o *Livro de Lata* e voltado com ele no *Autolycus*.

— Eu queria — disse Caul —, você não sabe o quanto eu queria.

— Mas você não voltou. Você escolheu Anchorage ao invés de Grimsby.

— Só porque eu estava com medo — disse Caul —, só porque eu estava com medo de que, quando eu chegasse lá, descobriria que não me encaixo nem com os Garotos Perdidos nem com os Secos. Talvez eu não seja nenhum dos dois. Talvez eu não seja nada.

Freya o tocou dessa vez. Ela colocou sua mão em seu ombro e o sentiu se encolher para longe dela, rápido e tímido, como um animal assustado. Às vezes ela achava que Caul era um grande mistério, como havia sido todos aqueles anos atrás quando ele veio a ela, saindo do mar. Ele teria sido muito mais feliz se ele houvesse simplesmente deixado que ela o amasse. E ela também. Aquilo não tinha exatamente arruinado sua vida, pois tantas outras coisas boas lhe aconteceram, mas às vezes ela se sentia triste por não ter seu próprio marido, ou filhos. Parecia que havia algumas pessoas — e Caul era uma, e Hester Natsworthy outra — que não sabiam como ser feliz.

Ou era mais do que isso? Ela pensou nas ondas na praia sussurrando para Caul com a voz do Tio, e sentiu medo e inquietação. Se o Tio podia falar com ele em Vineland, como seria quando chegassem a Grimsby? E se as coisas dessem errado ali, e se, numa briga, Caul tivesse de escolher de que lado ficar: do dela ou do Tio?

Negócios nas Grandes Águas



É isso mesmo, Venerável! Espere! Sorria!

Uma bandeja de pólvora explodiu com um *puff* suave e uma bola de fumaça subiu como uma bexiga para o ar iluminado pelo sol do Nas Nuvens. Nimrod Pennyroyal, explorador, escritor e prefeito, estava tirando sua fotografia para o *Brighton Evening Palimpsest* novamente, posando com Digby Slingback e Sardona Flysch dessa vez, o ator e a atriz que faziam o papel dos porta-vozes em luto da PACRIS nas mensagens que Brighton mandava pelo Atlântico.

— Então, Venerável — o repórter do *Palimpsest* perguntou, enquanto o fotógrafo recarregava sua câmera com uma placa nova —, o senhor pode lembrar nossos leitores como teve a ideia desta expedição contra os piratas parasitas?

— Eu considero isso como meu dever — disse Pennyroyal, irradiante, ajustando seu colar de ofício, que cintilava lindamente ao sol. — Afinal de contas, fui eu quem primeiro alertou o mundo sobre a existência desses patifes marítimos. Você pode ler sobre meus encontros com eles em meu livro, da lista de mais vendidos interpolitanos, *Ouro do Predador* (apenas 25 Golfinhos de Brighton, em todas as boas livrarias). Em recentes anos, tivemos mais e mais relatos sobre ataques e roubos, e começamos a deduzir como sua organização opera. Eu considereei meu dever levar nossa cidade para o norte e capturar o maior número deles quanto fosse possível.

— É claro, Venerável, alguns de seus críticos sugeriram que é tudo um golpe publicitário, desenvolvido para atrair mais visitantes à

Brighton e para vender mais cópias de seus livros...

Pennyroyal emitiu sons de desprezo. — Meus livros vendem bem o suficiente sem golpes publicitários. E se notícias de nossa jornada para livrar os oceanos desses parasitas traz mais turistas à Brighton, o que há de errado nisso? Brighton é uma cidade turística, e é o trabalho do prefeito ajudar a impulsioná-la. E devo lembrá-lo que nossa pequena expedição pesqueira não está custando um centavo aos nossos contribuintes. Graças a um acordo de parceria que eu negocie, todos os equipamentos aquáticos e armadilhas para caramujos são pagos por um dos nossos mais eminentes comerciantes, o Sr. Nabisco Shkin. Esta falsa organização de pais de piratas foi tudo ideia de Shkin. Eu conheço algumas pessoas que acham que isso é um pouco cruel, mas você deve admitir que funcionou que é uma beleza. Shkin entende a psicologia desses palhaços sem pais, sabe? Ele mesmo foi um órfão; um garoto de rua do convés inferior que subiu de vida com seus próprios esforços. Ele sabe como dirigir-se a eles.

— E o Venerável acha que poderemos capturar mais piratas em breve?

— Espere e verá! — riu Pennyroyal, mostrando seu melhor perfil para a câmera enquanto o fotógrafo alinhava outro retrato. — Os garotos que capturamos dos primeiros três caramujos eram ossos-duros que se recusaram a divulgar a localização de sua base. Esta última captura inclui um garoto jovem, e uma garota também; muito mais fácil de convencer. Acredito que os próximos dias irão trazer grandes resultados!

✧ ✧ ✧

Na verdade, o que os próximos dias trouxeram foi uma mudança no tempo. Uma tempestade varrendo o Continente Morto cortou o oceano em ondas íngremes e brancas e jogou Brighton para cima e para baixo com tanta violência que até mesmo os residentes se

sentiram enjoados, e muitos dos visitantes que haviam chegado voando do Campo de Caça para assistir ao pessoal de Pennyroyal pescar piratas voltaram para seus dirigíveis e iates dos ares, voltando correndo para casa. Os habitantes de Brighton (aqueles que não estavam se sentindo enjoados demais para andar) olhavam para a chuva estrondosa na barriga do Nas Nuvens pendurado no céu úmido e se perguntavam por que haviam concordado em deixar Pennyroyal levá-los para aquele oceano selvagem e hostil.

Abaixo do convés oscilante, no nível mais baixo de Brighton, Wren estava deitada no chão em uma jaula estreita das prisões da Corporação Shkin, desejando estar morta. Acima de sua cabeça, uma lâmpada incandescente balançava de lá para cá, jogando luz através das paredes de metal e das fileiras de jaulas que esperavam mais Garotos Perdidos serem levados a bordo. Fishcake estava deitado em uma; as outras continham as tripulações dos caramujos que haviam sido capturados antes. A queimadura na mão de Wren doía terrivelmente. Ela achou que iria carregar aquela marca para o resto da vida, apesar de isso poder não ser muito tempo.

— Estamos afundando? — ela perguntou, quando o guarda da Corporação Shkin veio até ela e a iluminou para se certificar de que ainda estava viva.

O guarda riu. — Parece que sim, não é? Mas Brighton navegou por coisas piores. Não se preocupe; logo estaremos extraindo o resto de seus companheiros.

— Eles não são meus companheiros — disse Wren amargamente —, eu não sou um Garoto Perdido...

— Mude o disco, querida — o homem disse cansado —, eu te ouvi contar à Monica Weems a mesma história no Fishmarket Hard quando te tiramos do mar. A resposta ainda é a mesma. Não importa quem você é. Você é mercadoria agora. Você atingirá um bom preço em Nuevo Maya.

Lembranças de antigas aulas de geografia se remexeram no cérebro de Wren; o grande globo na escola no Palácio de Inverno, e a Senhorita Freya dizendo, “Aqui fica Nuevo Maya, que costumava ser chamada de América do Sul antes do canal que a ligava à América do Norte fosse separado pelas Bombas Lentas na Guerra dos Sessenta Minutos.

Nuevo Maya ficava a quilômetros de distância! Se eles a levarem para lá, como poderia encontrar o caminho de volta para casa?

O guarda se inclinou sobre sua jaula e a olhou pelas barras. — Você não acha que o Sr. Shkin tentaria vender um bando de piratas entocados como escravos-empregados ou babás, não é? Vocês acabarão como lutadores a bordo de uma daquelas grandes cidades suspensas de Nuevo Maya. Adoráveis shows, esses que eles têm em suas arenas. Gangues de escravos lançados uns contra os outros, ou lutando contra enormes máquinas de desmontagem ou mesmo Caçadores do Tempestade Verde capturados. Sangue e entranhas por todos os lados. Mas é tudo em honra de seus deuses estranhos, então é tudo bem espiritual.

Espiritual ou não, Wren não achava que isso a agradava. Ela tinha que encontrar uma maneira de fugir daquela terrível encrência. Mas seu cérebro, sobre o qual a Senhorita Freya havia dito tantas coisas boas, estava desorientado demais pela prisão para pensar em qualquer outra coisa.

— Espero que nós realmente afundemos! — ela gritou sem forças para o guarda que seguia seu caminho. — Seria o que vocês merecem! Espero que nós afundemos antes que vocês prendam mais algum coitado Garoto Perdido!

No dia seguinte, porém, a tempestade havia diminuído e as ondas acalmaram. Naquela tarde, as tripulações de mais três caramujos foram arrastadas envergonhadas e chorando para as prisões dos escravos. Houve mais quatro caramujos naquela noite e mais outros três no dia seguinte. Um deles pressentiu a armadilha e

fugiu antes que os engates magnéticos o pegassem, mas Brighton o perseguiu e lançou cargas de profundidade até que uma fumaça de água branca irrompeu do oceano para dar um banho nos espectadores nas plataformas de observação a estibordo, e pedaços de caramujos e de Garotos Perdidos vieram flutuando até a superfície.

— Rumores devem ter chegado à Grimsby agora — disse Krill, um dos garotos que haviam sido capturados antes, observando com o rosto pálido em sua jaula à medida que as prisões ao seu redor se enchiam de prisioneiros. — O velho Tio irá fazer alguma coisa. Ele irá nos salvar.

— Rumores *chegaram* à Grimsby — disseram os recém-chegados.

— Foi de lá que viemos...

— Recebemos aquela mensagem dois dias atrás.

— O Tio disse que era uma armadilha e que não devíamos dar ouvidos, mas nós fugimos mesmo assim.

— Achamos que nossas mães e nossos pais estariam aqui...

Krill abaixou a cabeça e começou a chorar. Ele havia liderado grupos de ataque contra povoados estáticos no Arquipélago Norte, assassinando qualquer Seco que ficasse contra ele, mas aqui no depósito da Corporação Shkin era apenas mais um adolescente perdido.

Wren estendeu sua mão por entre as barras e puxou a manga de Fishcake. O novato estava enroscado no chão da jaula vizinha. Ele não havia falado com Wren desde que foram trazidos a bordo. Talvez ele estivesse certo. Se ao menos ela não estivesse tão ansiosa em convencê-lo a ir à Brighton.

— Fishcake! — ela o chamou gentilmente. — Quantos Garotos Perdidos existem? O número total, quero dizer.

Fishcake não queria olhar para ela, mas depois de alguns instantes ele murmurou:

— Uns 60, eu acho. Sem contar o Tio, e os novatos jovens demais para navegarem nos caramujos.

— Mas há pelo menos 40 de vocês aqui! — Wren disse —, Grimsby deve estar quase vazia...

A porta do depósito se abriu com um estrondo, deixando entrar um grupo de pessoas. *Mais prisioneiros*, Wren pensou, e não se deu ao trabalho de olhá-los; era triste demais. Mas o som de passos pesados parou ao lado de sua jaula, e ela olhou para cima e viu que os recém-chegados não eram Garotos Perdidos, apenas dois guardas da Corporação Shkin e a odiosa Senhorita Weems.

— Tirem-na daí! — a Senhorita Weems ordenou. Wren estava alarmada. A Senhorita Weems havia finalmente aceitado que ela não era uma Garota Perdida? Ou será que a Corporação Shkin havia percebido que ela não serviria para aquelas arenas em Nuevo Maya, e estavam planejando jogá-la no mar ao invés de desperdiçar mais comida e água mantendo-a viva?

— O mestre deseja vê-la — disse a Senhorita Weems. Os Garotos Perdidos cativos observavam de suas jaulas conforme Wren era levada embora.

A porta atrás das prisões dos escravos se abria para uma sala não muito maior do que um armário. Os guardas empurraram Wren para dentro, depois se amontoaram atrás dela. Foi apenas quando a Senhorita Weems puxou uma alavanca na parede e Wren sentiu o chão tremer sob seus pés que ela percebeu que aquilo era um elevador. Os elevadores de Anchorage haviam estado todos fechados durante anos, mas aquele estava funcionando perfeitamente; ele subiu tão rapidamente que Wren se sentiu como se seu estômago houvesse sido deixado para trás.

Por ter sido arrastada até as prisões de escravos numa rede, Wren não entendia realmente o *layout* do prédio da Corporação Shkin. Era uma torre, cujos andares inferiores, nas profundezas de Brighton, mantinham os escravos prisioneiros. Os andares do meio,

no segundo nível da cidade, continham algumas poucas celas para produtos de luxo e escritórios dos administradores. Nos andares superiores, que atravessavam o nível superior do resort num distrito elegante chamado Queen's Park, ficavam os escritórios do fundador da Corporação, o Sr. Nabisco Shkin. Essa parte mais elevada era tão branca e bonita quanto qualquer iceberg, e não mostrava nenhum sinal do perigo que espreitava nos outros nove décimos abaixo. O povo local o chamava de Pote de Pimenta.

O elevador parou no último andar, e Wren saiu para uma sala grande e circular. Era mobiliada de forma muito bonita, com elegantes tapeçarias pretas, carpete preto e quadros pretos em molduras de ouro penduradas nas paredes pretas. Mas o que fez Wren perder o fôlego foi a vista das janelas. Ela estava olhando para os telhados de Brighton; o sol estava brilhando, bandeiras brilhantes voando. Iates e pedalinhos aéreos subiam do porto, e legiões de gaivotas giravam e planavam ao redor das chaminés e ao longe, sobre o mar cintilante. Borrifos das rodas varriam a cidade numa brisa suave, e a luz do sol que brilhava através dela enchia a cidade de arco-íris.

Por um instante Wren quase esqueceu sua tristeza, sua fome, a dor na sua mão marcada. Alegria borbulhou dentro dela. Ela estava numa cidade-balsa; numa das cidades maravilhosas com as quais ela sempre havia sonhado, e era mais bonita do que ela podia ter esperado.

— A garota, Sr. Shkin — anunciou a Senhorita Weems, com gemido insinuante em sua voz que Wren não havia percebido antes. Um dos guardas virou Wren para que ela ficasse de frente para o homem sentado quieto, observando-a de uma cadeira giratória preta.

Nabisco Shkin estava sentado sem se mexer, uma perna cruzada sobre a outra, um sapato de couro notório lampejando com o reflexo de luz conforme seu pé batia suavemente, seu único movimento.

Um terno cinza-pombo, luvas cinza, cabelo grisalho, olhos cinzentos, rosto cinzento, voz cinzenta. Ele disse:

— Fico contente em conhecê-la, minha querida. — Mas ele não soava contente. Também não parecia contente. Não parecia saber o que era estar contente. Ele disse:

— Monica me contou que você diz ter vindo de Anchorage.

— Eu vim! — gritou Wren, grata por alguém estar preparado para escutá-la afinal. — Meu nome é Wren Natsworthy, e fui sequestrada...

— *Ninguém* vem de Anchorage — Shkin se levantou e deu a volta nela. Seus olhos a fitavam o tempo todo. — Anchorage afundou anos atrás, a oeste da Groenlândia.

— Não afundou não! — disse Wren —, ela...

Shkin ergueu um dedo e se virou para sua mesa. Virou-se novamente com algo em suas mãos. Era o livro que Wren havia roubado da Senhorita Freya. Ela havia se esquecido completamente dele até agora.

— O que é isto? — ele perguntou.

— Esse é o *Livro de Lata* — ela disse —, apenas uma velha raridade dos Séculos Sombrios. É por isso que o *Autolycus* foi até Anchorage. Acho que tem algo a ver com submarinos. Eu ajudei os Garotos Perdidos a roubá-lo, mas tudo saiu errado e Fishcake acabou me levando como refém, e se você me levar de volta, senhor, tenho certeza que minha mãe e meu pai e a Senhorita Freya irão lhe recompensar...

— Anchorage de novo — Shkin colocou o livro em cima da mesa e a estudou. — Por que você insiste nesta história ridícula? Anchorage não é o lar de ninguém, a não ser dos peixes. Todos em Brighton sabem disso. Nosso adorado Prefeito Pennyroyal fez muito dinheiro com seu livro sobre seus dias finais. *O Ouro do Predador* acaba com Anchorage afundando para o que nosso sempre original prefeito descreve como “uma cova aguada”.

— Bem, Pennyroyal é um mentiroso! — Wren disse com raiva, pensando em como era injusto que Pennyroyal tenha sobrevivido, quanto mais ter ficado rico com suas lorotas. — Ele é um covarde e um mentiroso! — Atirou no meu pai e roubou seu dirigível para que ele pudesse fugir de Anchorage quando achou que Arkangel iria devorá-la. Não tem como ele saber o que aconteceu depois disso. Seja lá o que ele escreveu, inventou tudo.

Nabisco Shkin arqueou uma sobrancelha cinza um oitavo de centímetro, o que era sua maneira de mostrar surpresa. No mesmo instante, Wren teve uma ideia. Ela era a única pessoa em todo mundo de fora que sabia a verdade sobre Anchorage. Certamente isso deveria torná-la valiosa. Valiosa demais para ser leiloadada junto com o resto dos Garotos Perdidos como uma escrava de arenas!

Ela se sentiu como se um portinha houvesse se aberto muito longe dela, do outro lado de uma sala enorme e escura: ela conseguia ver uma saída.

Ela disse:

— Anchorage encontrou um caminho até uma região verde no Continente Morto. Ela prosperou ali, e eu sou prova disso. Você não acha que Pennyroyal gostaria de saber disso?

Nabisco Shkin estivera prestes a silenciá-la novamente, mas quando ela disse isso, hesitou, e sua sobrancelha arqueou um quarto de centímetro. Ele se acomodou em sua cadeira novamente, seus olhos fixos em Wren. — Explique — ele disse.

— Bem, ele gostaria de saber algo sobre Anchorage, não é? — Wren gaguejou. — Quero dizer, se ele ganhou todo esse dinheiro dizendo às pessoas sobre nós, pense em como ele ficaria interessado em descobrir o que realmente aconteceu. Ele poderia escrever uma continuação! Ele poderia organizar uma expedição para me levar para casa, e escrever um livro sobre isso! — E mesmo se não pudesse, ela pensou, pelo menos a vida como uma escrava naquele palácio flutuante seria melhor do que as arenas de

Nuevo Maya. Ela disse avidamente: — Ele ficará louco para falar comigo.

Shkin assentiu lentamente. Um sorriso chamejou por um instante em sua boca fina, depois desistiu do esforço. Ele estivera irritado com o furo que Pennyroyal havia deixado escapar sobre o mundo abaixo do convés em sua entrevista para o *Palimpsest*, lembrando a todos sobre o começo da vida de Shkin como uma criança ladra nos becos frios e úmidos de Mole's Combe. Talvez esta garota fosse um presente dos deuses; uma maneira de se vingar do disparatado prefeito de Brighton.

— Se sua história for verdadeira — ele disse —, você pode realmente ser de interesse para o Prefeito Pennyroyal. Mas como você pode provar isso?

Wren apontou para o *Livro de Lata*, que estava em cima de sua mesa. — Aquela é a prova. É um artefato famoso da biblioteca da margravina...

— Não me lembro de Pennyroyal mencioná-lo em seus detalhes tediosos sobre os tesouros de Anchorage — disse Shkin. — E se ele não o reconhecer? Isso deixa apenas sua palavra, e quem iria acreditar na palavra de uma Garota Perdida?

— Ele pode me perguntar algumas coisas — disse Wren desesperada —, ele pode me perguntar coisas sobre minha mãe e meu pai, e sobre o Sr. Scabious e a Senhorita Freya, coisas que não estejam em seu livro, coisas que apenas alguém que viveu em Anchorage poderia saber.

— Interessante — Shkin fez que sim com mais um movimento lento de sua cabeça. — Monica — ele disse —, esta garota deve ser transferida para o segundo nível. Certifique-se de que ela seja tratada como um item de luxo daqui em diante.

— Não se esqueça de Fishcake — disse Wren —, ele esteve em Anchorage também.

— Certamente — disse Shkin, com um olhar para a Senhorita Weems. — Providencie que aquele garoto seja levado para a sala de interrogatório. Está na hora de ter uma conversa com ele.

13

Dra. Zero



À medida que o dirigível que a trouxera de Batmunkh Tsaka seguia para dentro do cardume de outros dirigíveis acima de Tienjing, Oenone Zero olhou pelas janelas da gôndola, encantada com as casas e suas pinturas felizes, equilibradas em suas elevações impossíveis, com os jardins e jardineiras, com a luz do sol nos altos canais prateados, com os mantos cintilantes dos cidadãos se aglomerando sobre as pontes e nas ruas íngremes, parecidas com escadas. Esta cidade, no alto das montanhas centrais de Shan Guo, fora o local de nascimento do Antitracionismo. Aqui, Lama Batmunkh havia fundado a Liga Antitracionista, e a cidade havia se tornado a capital da Liga desde então.

Mas a Liga se fora, o velho Alto Conselho fora dominado, e os sinais da guerra do Tempestade Verde estavam em todos os lugares. Conforme o dirigível descia na direção dos ancoradouros militares em Jade Pagoda, Oenone achava cada vez mais difícil ignorar as horríveis casamatas de concreto, que desfiguravam os parques de Tienjing, e os exércitos de feios moinhos de vento girando e estalando nas encostas das montanhas, gerando energia limpa para os esforços da guerra. Por catorze anos não havia sido permitido a ninguém fazer nada que *não* fosse parte do esforço da guerra, e as partes civis da cidade mostravam sinais de negligência. Para todos os lugares que Oenone olhava, prédios estavam caindo aos pedaços, e as sombras dos couraçados deslizavam pelos telhados decadentes.

Jade Pagoda não era feito de jade, nem era um pagode. O nome era apenas uma relíquia que os fundadores de Tienjing haviam trazido com eles quando fugiram para aquelas montanhas; provavelmente havia pertencido a algum palácio de verão agradável nas terras baixas, há muito devoradas pelas cidades famintas. Não se ajustava com a austera fortaleza de rocha que se erguia sobre Oenone, enquanto ela desembarcava no ancoradouro coberto de neve. Em lanças acima dos portões exteriores, as cabeças daqueles que protestavam contra a guerra e das pessoas que falharam em reciclar seus lixos ficaram secas e finas como papel, como ninhos de vespas no ar montanhoso. Enormes frases haviam sido pintadas nas paredes: *O mundo verde novamente!* e *Mais um empurrão para destroçar a Linha Tracionista alemã!*

Soldados da legião aérea de elite da Caçadora Fang guarneciam o portão interior e barraram o caminho quando Oenone jogou sua mochila sobre o ombro e começou a subir os degraus do ancoradouro.

— Documentos, jovem — latiu um suboficial em comando. Isso era um engano a que Oenone já havia se acostumado. No território do Tempestade toda a comida excedente era reservada para os guerreiros no fronte, e a fome que passou em sua infância a havia deixado tão franzina e reta como um garoto de catorze anos. Ela esperou pacientemente enquanto o suboficial verificava seu passe, e viu seu rosto mudar quando percebeu quem ela era. — Deixem-na passar! Deixem-na passar! — ele gritou, açoitando seus homens com a parte lisa da espada, punindo-os na esperança de que a Dra. Zero não o punisse. — Deixem-na passar imediatamente! Esta é a Dra. Zero, a nova cirurgiã-mecânica da nossa líder!

✧ ✧ ✧

Oenone tinha quatro anos quando o Tempestade Verde tomou o poder e não tinha nenhuma lembrança clara do tempo antes da

guerra. Seu pai, que havia sido assassinado numa escaramuça de piratas na Pousada do Velhaco, era apenas um rosto numa fotografia no relicário da família.

Oenone cresceu tímida e esperta numa base aérea na remota Aleutia, onde sua mãe trabalhava como mecânica. Na escola ela cantava canções de propagandas como “O Leste é Verde” e “Agradecemos à Caçadora Fang por nossa Infância Feliz”. Em casa, as histórias na hora de dormir eram contos que seu irmão aviador Eno contava, de vitórias em campos de batalhas distantes. Seus brinquedos eram Caçadores quebrados, enviados de volta da luta em Khamchatka e empilhados atrás da base. Ela sentia tanta pena deles que começou a tentar consertá-los, sem entender naquela época que eles já estavam mortos, e estariam melhores se fossem deixados em paz. Ela aprendeu os segredos que se encontravam embaixo de suas armaduras, o braile em seus cérebros. Ela se tornou tão boa com eles que o comandante da base começou a chamar a garota Zero ao invés de seus cirurgiões-mecânicos, quando um de seus Caçadores dava defeito. Ela ganhava provisões extras para ela e para sua mãe fazendo isso, até que, aos dezesseis, o Tempestade Verde ficou sabendo de seus talentos e a enviou para uma instalação de treinamento, depois para uma unidade de Ressurreição de primeira linha em Altai Shan.

Naquele submundo de trincheiras e buracos, ela trabalhou duro ao longo do inverno. Soldados mortos eram tirados da lama congelada por equipes de salvamento e jogados nas alas de Ressurreição, onde Oenone e seus camaradas o transformavam em Caçadores e os mandavam de volta marchando para a linha de frete.

Ela se sentia surpresa pela rapidez com que deixou de sentir horror e pena. Ela aprendeu a não olhar para os rostos das pessoas nas quais ela trabalhava. Daquela maneira elas não eram pessoas, apenas coisas quebradas que tinham que ser desmontadas e

consertadas o mais rápido possível. Havia um sentimento de camaradagem na sala de Ressurreição, de que Oenone gostava. Os outros cirurgiões-mecânicos brincavam e provocavam uns aos outros enquanto trabalhavam, e, por Oenone ser tão jovem, eles a chamavam de “irmãzinha” e cuidavam dela. Eles ficavam impressionados com a rapidez e o cuidado com que a jovem trabalhava, e com a facilidade com que ela solucionava problemas que eles não conseguiam solucionar. Às vezes ela os ouvia falar sobre ela, usando palavras como “gênio”.

Oenone se sentia orgulhosa de tê-los agradado, e orgulhosa por fazer parte da luta pela Boa Terra. Repetidas vezes durante aquele inverno, as cidades do inimigo tentaram avançar pelo pedaço de inferno destruído pelas bombas que separava seu Campo de Caça dos territórios do Tempestade Verde, e elas eram tão grandes e em tão grande número que às vezes parecia à Oenone que nada poderia impedi-los. Mas as armas e catapultas do Tempestade Verde lançavam bombas em suas esteiras, e os carregadores do Tempestade Verde lançavam *Tumblers* sobre suas partes superiores, e os dirigíveis de guerra do Tempestade Verde miravam suas armas, e as corajosas unidades lança-foguetes do Tempestade Verde se esgueiravam entre suas enormes rodas e abriam buracos em suas partes inferiores, por onde esquadrões de Caçadores do Tempestade Verde poderiam entrar. E sempre, no fim, quando um número suficiente de seu pessoal havia morrido, as cidades desistiam e se retiravam. Às vezes, quando uma delas era seriamente danificada, as outras se viravam para ela e a devoravam.

A princípio, Oenone ficava aterrorizada pelo uivo e estrondo dos tiros das *snout-guns*, e pelo assobio das armas dos atiradores cortando o ar frio acima das trincheiras de comunicação. Mas semanas se passaram, e então meses, e ela lentamente se acostumou com o terror. Era como trabalhar nos corpos na ala de

Ressurreição; você aprendia a parar de sentir as coisas. Ela não sentiu nada nem mesmo quando chegaram notícias de Aleutia relatando que a base aérea de sua mãe havia sido devorada por subúrbios anfíbios.

E então, durante a primavera ofensiva de 23, ela reconheceu um dos corpos que as equipes de salvamento jogaram à sua frente. Havia um padrão de pintas em seu peito que ela conhecia tão bem quando as constelações que ele lhe havia ensinado quando era pequena. Mesmo antes de tirar o pano ensanguentado que alguém havia colocado sobre seu rosto ela soube que aquele era seu irmão Eno. Suas cartas haviam sido censuradas, e ela sequer sabia que ele estava em sua área.

Ela o encarava enquanto automaticamente colocava as luvas de borracha. Ela não queria ressuscitá-lo, mas sabia o que lhe aconteceria se recusasse. Às vezes, soldados na linha de frente tentavam impedir o Corpo de levar os corpos de seus camaradas para Ressurreição; o Tempestade Verde os denunciavam como Tracionistas Infiltrados, e eram executados e ressuscitados junto com seus amigos. Oenone não queria ser executada. Ao ver Eno, todos seus sentimentos haviam voltado, e seu medo da morte voltou de forma tão súbita e forte que ela mal conseguia respirar. Ela não queria ser como Eno; frio e desamparado numa maca.

— Cirurgiã-mecânica? — perguntou um de seus assistentes. — Você está bem?

Oenone gostaria de estar doente. Ela o desconsiderou com um aceno de mão e tentou se controlar. Era errado até mesmo pensar em não ressuscitar Eno. Ela disse a si mesma que deveria estar feliz por seu irmão, porque graças a ela seu corpo poderia continuar lutando contra os bárbaros mesmo depois de sua morte. Mas ela não estava feliz.

Seus assistentes a estavam observando, então ela disse:

— Bisturi. Serra. Afastadores — e começou o trabalho. Ela abriu o corpo de Eno e retirou os órgãos internos, substituindo-os por motores, compartimentos de baterias e bombas preservativas. Ela cortou suas mãos e as substituiu com as mãos de aço de um Caçador. Ela retirou suas partes íntimas. Retirou seus olhos. Retirou sua pele, e instalou uma misteriosa rede de eletrodos nas fibras de seus músculos. Ela abriu seu crânio e encaixou uma máquina do tamanho de uma semente de pêssago em seu cérebro, depois o observou se contorcer e estremecer conforme ela distribuía cílios finos como fios em sua medúla, conectando-se ao seu sistema nervoso e às outras máquinas que ela havia instalado.

— Isso não é você de verdade — ela disse, sussurrando para ele constantemente enquanto trabalhava. — Você está no Campo Sombrio, e isso é apenas uma coisa que você deixou para trás, a qual podemos usar, como reciclar uma garrafa ou uma caixa. O Tempestade Verde não nos diz para reciclar tudo, pelo bem da Boa Terra?

Quando terminou, ela o havia entregado ao cirurgião-mecânico júnior que instalaria o exoesqueleto e as lâminas dos dedos. Então ela foi para fora e fumou um cigarro, observando os dirigíveis incendiados acima da terra de ninguém.

Foi depois disso que os mortos começaram a falar com ela. Parecia estranho que eles fossem tão tagarelas enquanto seu próprio irmão não havia dito nada, mas quando ela olhava em seus rostos, o que ela sempre fez questão de fazer depois de Eno, ela podia ouvi-los sussurrar em sua mente.

Todos perguntavam a mesma coisa. *Quem irá acabar com isso? Quem irá pôr um fim nessa guerra sem fim?*

— Eu — Oenone Zero prometeu, sua voz baixa abafada sob os trovões das armas. — Vou tentar, pelo menos.

— Treacle! — gritou Popjoy alegremente, quando ela finalmente chegou a seu escritório, no alto da pagoda. Ele estava fazendo as malas. Na grande mala que estava aberta em cima de sua mesa, Oenone podia ver livros, arquivos, papéis, uma fotografia emoldurada da Caçadora Fang e uma caneca esmaltada com o símbolo do Corpo de Ressurreição e a frase *Você Não Tem Que Ser Um Cientista Louco Para Trabalhar Aqui — Mas Isso Ajuda!* Popjoy estava em pé numa cadeira, retirando da parede uma foto da base aérea da Pousada do Velhaco, de que ele tirou o pó com o punho da camisa antes de colocá-la na mala. Depois, jogou um beijo para a Dra. Zero.

— Parabéns! Acabei de ver Fang, e é oficial! Ela ficou tão impressionada com seu trabalho no velho Shrikey que decidiu me conceder a aposentadoria, afinal! Estou indo para minha casa de férias em Batmunkh Gompa para um bem merecido descanso. Pescar um pouco, brincar com alguns projetos, posso até escrever minhas memórias. E você, Treacle, você vai me substituir.

Que estranho, pensou Oenone. Ela estivera trabalhando para isso desde sua epifania nas trincheiras: ser a cirurgiã-mecânica pessoal da Caçadora Fang. Para isso, ela havia superado sua timidez e lutado por uma transferência para a Oficina de Caçadores central. Para isso, ela havia aguentado o senso de humor desagradável e a mão-boba do Dr. Popjoy. Para isso, ela havia passado anos procurando a cova do notório Caçador Shrike, e meses consertando-o, provando a todos que ela era, pelo menos, páreo para Popjoy. Ainda assim, agora que o momento chegou, ela sequer conseguia encontrar um sorriso. Seus joelhos estavam fracos. Ela agarrou o batente da porta para não cair.

— Anime-se, Treacle! — Popjoy olhou para ela de forma insinuante. — São boas notícias! Poder! Dinheiro! E tudo o que você tem que fazer é verificar o nível de óleo de Vossa Excelência de vez em quando, lustrar sua armadura, ficar de olho no tempo para evitar

ferrugem. Ela é praticamente indestrutível, então você não deverá ter muitos problemas. Se você tiver qualquer dúvida, mande-me avisar. Caso contrário...

Caso contrário, estou por minha própria conta, pensou Oenone Zero, subindo os degraus para o andar mais alto do pagode, os cômodos particulares da Caçadora Fang. Estava tudo errado, é claro; se houvesse justiça no mundo, um homem como Popjoy, que havia libertado tanto sofrimento e desastres, teria de sofrer também. Ao invés disso, ele estava indo passar o fim de seus dias no luxo, pescar um pouco, brincar com alguns projetos. Mas, pelo menos, ao se aposentar ele permitiria que Oenone Zero tivesse uma chance de cumprir sua promessa aos mortos.

Sentinelas bateram continência quando ela passou. Servicais fizeram reverências e abriram a porta que levava para dentro da câmara de conferências da Caçadora Fang. Funcionários e escreventes ergueram seus olhos de um grande mapa do Pântano da Ferrugem e não se deram ao trabalho de responder à reverência de Oenone. Fang ergueu o olhar também, seus olhos verdes chamejando. Ela havia retornado da linha de frente há apenas algumas horas e sua armadura estava cheia de lama seca e sangue dos soldados das cidades. — Minha nova cirurgiã-mecânica — ela sussurrou.

— Ao seu serviço, Excelência — murmurou Oenone Zero, e caiu de joelhos à frente da Caçadora. Quando ela reuniu coragem para levantar a cabeça, todos haviam voltado a atenção para seus mapas de guerra, e os únicos olhos que se demoravam sobre ela eram aqueles do Sr. Shrike.

Então tudo estava em ordem. Ela estava infiltrada; um membro da equipe central. Em breve ela colocaria em ação o plano que ela havia desenvolvido em seu beliche infestado de piolhos no Altai Front. Ela mataria a Caçadora Fang.

14

Vendida!



Depois daquilo tudo, Wren poderia contar às pessoas que sabia como era ser uma escrava, mesmo não sabendo, não de verdade. O antigo comércio estava prosperando naqueles anos. Prisioneiros capturados por ambos os lados na longa guerra eram vendidos no atacado por homens como Shkin, que os enfiavam em seus dirigíveis de transporte pouco vedados e pouco aquecidos e os enviavam ao longo das Estradas do Pássaro para trabalhar em enormes plataformas industriais ou nas trincheiras sem fim, ou mesmo nas armadilhas para cidades do Tempestade. Escravidão para eles significava trabalho duro e uma morte precoce. O pior que Wren teve que passar foi aguentar a escrita de Nimrod Pennyroyal.

Eles a haviam transferido, depois daquela primeira entrevista com Shkin, para uma cela confortável no nível intermediário do Pote de Pimenta. Ela tinha uma cama macia, uma bacia para se lavar, três refeições diárias e um novo vestido de linho que caía bem nela. E ela tinha uma cópia do *Ouro do Predador*, entregue pela Senhorita Weems, “com os cumprimentos do Sr. Shkin”.

Durante algumas poucas horas por dia, um refletor do lado de fora da janela com barras pegava a luz do sol que caía através de uma clarabóia nas placas do convés acima e enchia a cela de Wren com luz. Enquanto se enroscava em sua cama e abria a lúgubre capa do livro de Pennyroyal, ela quase conseguia se imaginar de volta a seu próprio quarto na Dog Star Court, onde havia se sentado com frequência ao lado da janela para ler. Mas ela nunca havia lido

nada como o *Ouro do Predador*. Como era estranho encontrar naquele livro os lugares, as pessoas e as histórias que conhecera toda a sua vida, e ali estavam tão modificadas e distorcidas!

Ela estivera com medo de que ler sobre sua Mãe e seu Pai a deixaria com saudades de casa, mas não precisava ter se preocupado. Seu Pai não aparecia no livro de Pennyroyal de forma alguma. Quanto à Hester Shaw, “uma Amazona dos ares com cabelos ruivos, cujo rosto divino era marcado por uma cicatriz lívida, onde algum salteador riscara com sua faca a carne de damasco de sua bochecha”, era quase impossível reconhecer como sendo sua Mãe.

E uma noite, quando Wren estava deitada sem conseguir dormir, pensando indignada sobre tudo o que havia lido, ela concluiu que havia cometido outro erro terrível. Ela havia se considerado tão esperta por persuadir Shkin a levá-la até o prefeito, mas ela havia presumido que o *Ouro do Predador* seria verdadeiro em sua maior parte. Ela não havia imaginado o quanto Pennyroyal mentira sobre o tempo que passara em Anchorage. Se contasse a verdadeira história, Wren poderia destruir sua reputação e sua carreira. Pennyroyal poderia comprá-la, mas não para escrever livros sobre ela. Ele iria querer silenciá-la, rápida e permanentemente.

Sozinha em sua cela, Wren escondeu seu rosto no travesseiro e chorou de medo. O que ela havia feito? E como poderia desfazê-lo? Ela pulou de sua cama e foi na direção da porta, querendo chamar um guarda. Ela diria a Shkin que havia mentido sobre Anchorage. Diria que ela era apenas uma Garota Perdida afinal de contas, e de nenhum interesse para o Professor Pennyroyal. Mas então ela voltaria para onde havia começado, ou pior — Shkin diria que ela estivera desperdiçando seu tempo. Ela imaginava que um homem como Shkin teria maneiras desagradáveis de se vingar de pessoas que desperdiçavam seu tempo.

— Pense, Wren, *pense!* — ela sussurrou.

E o tempo todo, embaixo de seus pés, os poderosos motores Mitchell & Nixon de Brighton batiam e estalavam, empurrando a cidade para o norte constantemente.

✧ ✧ ✧

Depois de sua entrevista com Wren, Shkin havia interrogado Fishcake. O novato havia se mostrado altamente cooperativo. Ele estava cansado e assustado, e ansioso por um novo mestre que cuidasse dele e lhe dissesse o que fazer. Depois de algumas palavras gentis de Nabisco Shkin, ele confirmou a história de Wren sobre Anchorage. Depois de mais algumas, ele contou ao vendedor de escravos onde ficava Grimsby.

O pessoal de Shkin retransmitiu a informação ao Prefeito e ao Conselho. Brighton ajustou sua rota, e logo os instrumentos Old-Tech na ponte detectaram as torres de uma cidade naufragada nas profundezas abaixo. Brighton circulou por um tempo, transmitindo sua mensagem traiçoeira, e teve sucesso em atrair os últimos poucos caramujos. Quando mais nenhum apareceu, Pennyroyal decidiu que a expedição havia chegado ao fim.

O plano original havia sido enviar homens em caramujos capturados para explorar o covil dos piratas. Mas a viagem ao norte havia sido mais longa do que o esperado. Era o fim de temporada, mais tempestades foram previstas, e os habitantes de Brighton, que eram inteligentes feito mulas, estavam ficando entediados. Cargas de profundidade foram lançadas, resultando em algumas explosões subaquáticas espetaculares e em muitos destroços flutuantes, que os lojistas da cidade pegaram com redes e colocaram à venda como suvenires de Grimsby. Pennyroyal fez um discurso declarando que o Atlântico Norte estava agora a salvo para as cidades-balsas decentes novamente, e Brighton se virou para o sul, estabelecendo uma rota de volta para as águas mais quentes do Mar do Meio,

onde havia prometido um encontro com um aglomerado de Cidades-Tracionadas para comemorar o Festival da Lua.

✧ ✧ ✧

Na tarde seguinte, a porta de Wren foi destrancada e um grupo de guardas vestidos de preto se juntou dentro de sua cela, seguidos por Nabisco Shkin em pessoa.

— Bem, minha querida — ele disse, lançando um olhar para a cópia do *Ouro do Predador* que estava em sua cama. — Você ficou entretida pelas aventuras de nosso prefeito? Você notou alguns erros em seus relatos?

Wren mal sabia por onde começar. — É tudo lixo! — ela disse indignada —, o povo de Anchorage não *forçou* Pennyroyal a guiá-lo através do High Ice; eles o nomearam Navegador em Exercício, o que foi uma grande honra, e se deu muito mal nisso. E não foi ele quem lutou contra os Perseguidores, foi minha mãe, e ela não foi morta por Masgard, como acontece no livro; ela ainda está viva. E ela *nunca* teria vendido a rota de Anchorage para Arkangel. E quando ela está morrendo e diz a Pennyroyal “Leve meu dirigível, salve-se”, é pura mentira; Pennyroyal *roubou* o dirigível, e atirou no meu Pai para que pudesse levá-lo — ele não menciona meu Pai, é claro. E quanto àquilo que a Senhorita Freya faz na página 81...

Ela parou, lembrando de seu pudor. Shkin a observava, tão cuidadoso e calculista como sempre. Talvez lhe dar o livro houvesse sido uma maneira de testá-la, ver se ela manteria sua história sobre Anchorage ao se defrontar com as mentiras de Pennyroyal.

— Interessante — Shkin disse e estalou os dedos para um dos guardas, que deu um passo à frente de imediato para colocar um par de algemas de prata nos pulsos de Wren. — Sempre suspeitei que as histórias das aventuras do Venerável fossem um tanto quanto embelezadas. Acho que é hora de te levarmos para conhecê-lo.

✧ ✧ ✧

Desceram as escada do Pote de Pimenta até a garagem onde um fusca lustroso e preto esperava. — E o Fishcake? — Wren perguntou, enquanto os homens de Shkin a empurravam para dentro. — O que você fez com o coitado do Fishcake?

— Ele permanecerá no Pote de Pimenta. — Shkin se sentou ao lado dela no banco traseiro do fusca e verificou seu relógio de bolso. — Nas Nuvens — ele disse ao motorista, e o fusca partiu, pelas ruas sujas de Laines, um distrito de antiquários e hotéis baratos que enchiam o nível intermediário de Brighton.

Em outras circunstâncias, Wren teria ficado fascinada pelas fachadas das lojas atulhadas de coisas velhas e Old-Tech, pelas pessoas vestidas de forma estranha, pelos pilares de suporte dos níveis revestidos com os prospectos de estranhas companhias de teatro. Agora, no entanto, ela estava ocupada demais pensando em como se manter viva. Tudo seria uma questão de tempo, ela decidiu. Se ela fosse esperta o bastante, e se mantivesse calma, ela ainda poderia se livrar das mãos de Shkin sem Pennyroyal perceber quem ela era realmente...

O fusca subiu a longa rama que levava para o nível superior. Tirando os turistas para longe do caminho com sua buzina, ele correu ao longo da Ocean Boulevard, o passeio oval que rodeava a parte superior de Brighton. Passaram por hotéis e restaurantes, palmeiras e estranhos campos de golfe, feiras, relógios nos jardins e bingos. Atravessaram uma ponte que cruzava a parte rasa de uma Piscina Marítima, um lago de água do mar limpa e filtrada margeada por praias artificiais. Afinal, o fusca chegou ao Old Steine, a praça circular onde os grossos cabos de aço que prendiam o Nas Nuvens à Brighton eram presos. O convés flutuante pairava a aproximadamente 60 metros acima da cabeça de Wren. Olhando para cima, ela podia ver uma sala de controle com paredes de vidro se projetando de sua barriga como uma elaborada estufa de ponta cabeça. Homens se moviam lá dentro, operando bancadas de

alavancas de metal que ajustavam o equilíbrio e a altitude do Nas Nuvens. Havia pequenos motores ao redor da borda do convés, e Wren presumiu que em águas agitadas eles seriam usados para manter o Nas Nuvens posicionado acima da cidade. Naquela tarde sem vento, apenas alguns deles estavam ligados, funcionando como ventiladores para afastar a fumaça do escapamento de Brighton para longe do palácio do prefeito.

No meio do Old Steine, onde os cabos do Nas Nuvens eram presos a pilares enormes e enferrujados, um bondinho amarelo esperava para levar os visitantes até o Pavilhão. Quando o fusca de Shkin parou ao lado dele, soldados em casacos vermelhos se aproximaram rapidamente para verificar os documentos de Shkin e de seus homens, passando detectores de metal Old-Tech sobre suas roupas.

— Houve uma época em que praticamente qualquer um podia subir e andar nos jardins do Pavilhão — disse Shkin —, mas tudo isso mudou desde que a guerra começou. Não há lutas na nossa parte do mundo, é claro. Os Antitracionistas Africanos não têm estômago para a cruzada do Tempestade Verde, mas Pennyroyal ainda teme que sabotadores ou terroristas possam sair atirando nele.

Essa foi a primeira vez que Wren ouviu falar sobre a guerra entre as cidades e o Tempestade. Isso explicava o porquê havia todas aquelas armas enormes e feias nas esplanadas da cidade, e porque a segurança era tão rígida.

— Motivo da visita ao Nas Nuvens, Sr. Shkin? — perguntou o comandante.

— Tenho uma interessante mercadoria para mostrar ao prefeito.

— Não sei se o Venerável está comprando escravos no momento, senhor.

— Ah, ele não vai querer perder a chance de adicionar está à sua equipe. Sugiro que você nos deixe passar sem mais delongas, a

não ser que queira passar o resto de sua carreira no nível 3, tirando os cabelos dos filtros da Piscina Marítima...

Não houve mais objeções. Shkin e seu grupo foram levados a bordo rapidamente. O bondinho estremeceu e Wren, olhando pelas grandes janelas, viu Brighton se tornar distante abaixo dela. — Oh, olhe — ela murmurou, fascinada, mas Shkin e seus homens já haviam visto tudo isso antes.

De repente o uivo dos motores sobrecarregados encheu o bondinho, e sombras velozes passaram tremeluzindo pelas janelas. Além da teia de cabos do Nas Nuvens, um grupo de formas ferozes e pontudas cortaram o céu da tarde. Wren gritou, imaginando uma explosão no Nas Nuvens e que aquilo eram os destroços que caíam, mas as formas entraram em formação e se deslocaram para longe dos telhados de Brighton, suas sombras correndo pelas ruas movimentadas.

— Mas eles não têm envelopes! — Wren gritou. — Nenhuma bolsa de gás! Como eles ficam no ar? Aeronaves mais pesadas que o ar são impossíveis!

Alguns dos homens de Shkin riram. O vendedor de escravos parecia vagamente contente, como se sua inocência adicionasse credibilidade à sua história. — Não é impossível — ele disse —, o segredo das aeronaves mais pesadas que o ar foi redescoberto há alguns anos atrás por cidades ansiosas por se defenderem contra as frotas aéreas do Tempestade. Não há nada como catorze anos de guerra para estimular avanços tecnológicos... — Ele falou mais alto conforme mais máquinas voadoras faziam a volta, enchendo o céu com o grito dos motores e o guincho irritante de freios a ar. — Este grupo é chamado de Furões Voadores. Uma força aérea mercenária, contratada pelo nosso estimado prefeito para proteger seu palácio...

Wren se virou para a janela novamente quando as máquinas passaram rapidamente. Eram engenhocas que pareciam frágeis, só

corda e madeira de balsa e papel envernizado, suas cabines apenas um assento e um ninho de manches. Alguns tinham duas asas parecidas com as dos morcegos, outras três ou quatro ou dez; algumas se agitavam sob coisas pretas e barulhentas que pareciam guarda-chuvas quebrados. Em seus grandes motores havia falcões, tubarões, mulheres nuas e nomes depravados e desleixados: *Vai se Ferrar, Gravidade!* e *Cabelo Ruim; Contentes Sob Pressão e Recompensa Atrasada Agora!* Uma aviadora de óculos acenou para Wren da cabine de alguma coisa chamada *Canguru Briguento*. Wren acenou em resposta, mas o esquadrão já estava se afastando, diminuindo até virar um aglomerado de pontinhos ao longe, acima do mar.

Wren tremia enquanto o bondinho a levava para cima através da barriga do Nas Nuens, até seu terminal nos jardins do Pavilhão. Ela sempre acreditara que seu Pai e a Senhorita Freya sabiam de tudo que havia para saber sobre o mundo fora de Anchorage-in-Vineland, mas claramente isso havia mudado muito nos dezesseis anos desde que eles cruzaram o gelo. Eles não ficaram sabendo de nada sobre essa terrível guerra, que existia há quase tanto tempo quanto ela, e ela duvidava que eles pudessem imaginar as bizarras máquinas voadoras que ela acabara de ver. Isso fez com que ela se sentisse ainda mais longe deles.

A dor da saudade de casa se desvaneceu quando os guardas a guiaram pelo terminal do bondinho e ao longo de passeios de cascalhos na direção do centro do Nas Nuens, onde minaretes cor de rosa e domos cor de merengue do palácio de Pennyroyal se erguiam de jardins cheios de palmeiras e ciprestes, construções extravagantes e fontes. Grupos de periquitos espalhafatosos giravam acima de suas cabeças, e acima deles as bolsas de gás transparentes do Nas Nuens cintilavam ao sol como enormes bolhas.

— Assunto? — perguntou um escravo doméstico, bloqueando a passagem de Shkin.

— Nabisco Shkin — o vendedor de escravos respondeu, e aquilo foi o suficiente. O homem fez uma reverência, gaguejou alguma coisa e acenou para que os visitantes seguissem em frente, subindo por uma escadaria elegante até um amplo solário. No coração do solário havia uma piscina. No meio da piscina, à deriva na cama de ar em trajes de banho com fios de ouro, um coquetel numa mão, um livro noutra, o rosto redondo virado para o sol, descansava Nimrod Pennyroyal.

Wren havia deduzido que Pennyroyal deveria ter pelo menos 65 anos, então ela estava esperando alguém frágil. Mas Pennyroyal envelhecera bem. Ela havia perdido alguns quilos e a maior parte de seu cabelo, mas fora isso ele não estava muito diferente das fotos que Wren havia visto, tiradas durante sua breve e infeliz tarefa como navegador chefe. Um grupo de garotas escravas trilhava a água ao redor de sua cama flutuante, pegando bebidas, um marca-páginas, bandejas de bolos e doces e outros itens necessários a um tão ocupado prefeito. Um garoto da idade de Wren, alto e negro como uma sombra na noite, estava em pé ao lado da piscina agitando um grande leque de penas de avestruz.

— Vejo que o prisioneiro do Tempestade Verde que lhe vendi se adaptou bem — disse Shkin.

— Ah? Oh! — Pennyroyal abriu os olhos e se endireitou. — Ah! Tarde, Shkin. Ele se virou em sua cama de ar para espiar o jovem. — Sim, a Senhora Pennyroyal está muito satisfeita com ele. É um excelente operador do leque. Sopro adorável. E ele combina tão bem com o papel de parede da sala de jantar... — Ele olhou para Shkin novamente, e Wren teve a impressão de que ele não estava muito feliz em ver o vendedor de escravos. — De qualquer maneira, Nabisco, velho camarada, a que devo a, hum, é...

Shkin fez uma breve reverência. — Esta garota foi tirada de um dos caramujos que pescamos semana passada. Achei que você gostaria de comprá-la para o Pavilhão — ele gesticulou na direção de Wren, e seus assistentes a empurraram para mais perto da piscina para que o prefeito pudesse vê-la melhor.

Pennyroyal deu uma olhada nela. — Garota Perdida, hein? Ela se limpa muito bem, devo dizer. Mas achei que havíamos concordado que não queríamos nenhum deles se demorando em Brighton. Você não estava planejando vendê-los em Nuevo Maya?

— Não teme que algum deles possa saber alguns fatos embaraçosos sobre seu passado, Pennyroyal? — disse Shkin.

— Hein? O que está insinuando?

— Esta garota — Shkin anunciou — recentemente chegou do Continente Morto. De uma cidade há muito considerada perdida, mas que na verdade prospera naquela terra desolada. Uma cidade da qual acredito que o Venerável possui agradáveis lembranças.

Estendendo a mão para suas costas, Shkin tirou alguma coisa de um de seus lacaios e a jogou através da piscina até a cama de ar de Pennyroyal. O *Livro de Lata*. Pennyroyal o pegou e analisou a capa com as sobrancelhas franzidas numa expressão confusa, depois o virou e olhou o selo de papel atrás.

— Pelos Deuses! — ele arquejou, derramando sua bebida dentro da piscina. — Anchorage!

— Esta garota — Shkin disse — é ninguém mais, ninguém menos, do que filha de sua antiga companheira de viagem, Hester Shaw.

— Minha nossa! — ganiu Pennyroyal, e com uma guinada súbita e espasmódica emborcou sua cama de ar.

— Fiquei preocupado ao descobrir que havia certas discrepâncias entre a história que ela conta e a versão dos eventos no livro interpolitano mais vendido do Venerável, *Ouro do Predador* — explicou Nabisco Shkin, sem parecer nem um pouco preocupado

em pé ao lado da piscina, apoiando-se em sua bengala de aço preto, observando Pennyroyal espadanar e se debater. — Então, decidi que seria melhor se eu desse a oportunidade ao Venerável de comprá-la antes que sua história se tornasse pública e... *confundisse* os leitores do Venerável. Digamos, mil peças de ouro?

— Nunca! — se precipitou Pennyroyal, levantando-se na parte rasa com toda a dignidade de cavalheiro idoso que seu traje de banho com fios de ouro conseguia reunir. — Você não é nada além de um gangster, Shkin! Não serei intimidado por sua tentativa infantil de ah, é... Não é verdade, é? Não pode ser verdade! Hester Shaw não tinha nenhuma filha e, de qualquer maneira, ah, Anchorage naufragou, não foi? Afundou completamente...

— Pergunte a ela — disse Shkin alegremente, apontando a ponta de sua bengala para Wren. — Pergunte à Senhorita Natsworthy aqui.

Pennyroyal olhou boquiaberto para Wren, seus olhos tão cheios de medo que, por um instante, Wren quase sentiu pena por ele. — Bem, garota — ele perguntou —, o que diz? Você realmente afirma ser de Anchorage?

Wren respirou fundo e fechou as mãos em punhos. Agora que estava frente a frente com o lendário traidor e vilão, ela se sentia menos certa que seu plano daria certo.

— Não — ela disse.

Shkin se virou para encará-la.

— É claro que não é verdade — disse Wren, conseguindo dar uma risadinha —, Anchorage afundou nas águas do Ártico anos atrás. Todos que leram seu maravilhoso livro sabem disso, Professor Pennyroyal. Sou apenas uma pobre Garota Perdida de Grimsby.

Wren havia revirado sua história em sua mente no caminho do Pote de Pimenta, e não via como poderia ser desmentida. É claro,

se alguém perguntasse aos outros Garotos Perdidos, todos diriam que Wren não era de sua tribo, e Fishcake sabia quem ela era realmente. Mas por que Pennyroyal acreditaria na palavra deles ao invés de na dela? Ela poderia dizer que Shkin os havia subornado para confirmarem sua história.

— Nunca estive em Anchorage — ela disse com firmeza.

As narinas de Shkin se alargaram.

— Muito bem, então. O livro, o *Livro de Lata*, marcado com o selo dos governantes de Anchorage. Como explica isso?

Wren já havia pensado numa resposta para aquilo. — Eu trouxe comigo de Grimsby — ela disse —, é um presente para o Venerável. Os Garotos Perdidos o roubaram há anos, como roubamos todos os tipos de coisas das cidades. Anchorage é um naufrágio, afundada no fundo do oceano. Ninguém vive lá.

— Mas ela mesma me disse que era filha de Hester Shaw! — disse Shkin. — Por que ela mentiria?

— Por causa de seus livros maravilhosos, Venerável — explicou Wren, e olhou para o prefeito da maneira mais adoradora possível. — Eu li todos eles. Sempre que meu caramujo se aprendia a uma nova cidade eu roubava as livrarias primeiro, na esperança de encontrar um novo livro de Nimrod Pennyroyal. Eu disse ao Sr. Shkin que era de Anchorage para que ele me trouxesse até aqui para conhecê-lo.

Pennyroyal parecia esperançoso. Ele queria *tanto* acreditar nela. — Mas seu nome — ele disse —, Natsworthy...

— Ah, não é meu nome *de verdade* — Wren disse alegremente —, eu procurei por Hester Shaw nos registros do Tio, e eles diziam que ela costumava viajar com alguém com esse nome.

— Ah, sério? — Pennyroyal tentou esconder seu alívio —, nunca ouvi falar dele.

Wren sorriu, satisfeita com a facilidade em mentir, e como ela se dera bem fazendo aquilo. Sua história não fazia muito sentido, mas

quando você diz a alguém algo que esse alguém quer ouvir, ele tende a acreditar; a PACRIS a ensinara isso.

Ela disse:

— Estava planejando continuar com o fingimento, Professor, na esperança de que o senhor me levasse para sua casa. Mesmo que como a mais rebaixada de suas escravas, pelo menos eu estaria perto do autor de *Ouro do Predador* e... e de todos aqueles outros livros — ela baixou os olhos de forma acanhada —, mas assim que o vi, senhor, percebi que o senhor nunca acreditaria nas minhas mentiras, e então resolvi lhe contar a verdade.

— Muito louvável — disse Pennyroyal —, e muito correto, também. Eu percebi isso num instante, sabia? Apesar de que, muito estranhamente, você se parece um pouco com a pobre Hester. É por isso que fiquei tão surpreso quando você apareceu. Aquela jovem era muito, muito querida, e o grande arrependimento da minha vida é não ter conseguido salvá-la.

Ah, seu maldito mentiroso!, pensou Wren, mas tudo o que ela disse foi:

— Acredito que eu tenha que ir agora, senhor. Acredito que o Sr. Shkin gostaria de obter o lucro que puder de mim. Mas vou feliz, pois pelo menos eu conversei com o maior escritor da nossa era.

— De jeito nenhum! — Pennyroyal saiu da piscina e ficou pingando, acenando para que as garotas que se apressavam em sua direção com toalhas, roupas e uma tenda portátil se afastassem. — Não quero ouvir uma palavra disso, Shkin! Esta jovem inteligente e agradável demonstrou coragem, iniciativa e excelente tino literário. Eu o proíbo de vendê-la como uma simples escrava.

— Tenho minhas despesas a considerar, Venerável — Shkin estava irritado agora; branco de raiva e lutando para manter o controle.

— Então eu mesmo a comprarei — disse Pennyroyal. Ele não era um homem sentimental, mas não queria ver aquela garota perspicaz ser afastada de seu amor pelos seus livros. Além do mais, escravos domésticos eram dedutíveis dos impostos. — Minha esposa pode sempre usar uma serva na casa — ele explicou —, principalmente agora, com os preparativos para o baile do Festival da Lua. Vou te dizer uma coisa, vou pagar 20 Golfinhos por ela. É mais do que justo.

— Vinte? — zombou Shkin, como se tal soma fosse pequena demais para sequer pensar a respeito.

— Vendida! — disse Pennyroyal rapidamente. — Meu pessoal irá lhe pagar. E da próxima vez, meu querido amigo, tente não ser tão ingênuo. Francamente, como pode alguém acreditar que esta garota veio da América? Que absurdo!

Shkin fez uma pequena reverência. — Como o senhor disse, Venerável. Absurdo — ele estendeu sua mão. — *O Livro de Lata*, se me faz favor.

Pennyroyal, que estivera folheando o livro o fechou e o segurou perto do peito. — Acho que não, Shkin. A garota disse que era um presente para mim.

— Ele é minha propriedade!

— Não é não. Seu contrato com o conselho declara que qualquer Garoto Perdido que você pescar é seu. Isso não é um Garoto Perdido, nem com muita imaginação. É algum tipo de código Antigo, possivelmente muito valioso. É meu dever como prefeito de Brighton ficar de posse dele para... ah, maiores estudos.

Shkin encarou o prefeito por um longo tempo, depois Wren. Ele conseguiu dar um sorriso. — Sem dúvidas, nós nos encontraremos novamente — ele disse agradavelmente, e se virou, estalando os dedos para que seus homens o seguissem enquanto se afastava rapidamente.

As garotas de Pennyroyal se aglomeraram ao seu redor, cobrindo-o com a tenda. Por um pequeno instante Wren ficou sozinha. Ela sorria, corada com sua própria inteligência. Ela poderia ser uma escrava, mas era uma escrava fina, na casa do próprio prefeito! Ela teria boa comida e roupas finas, e provavelmente nunca teria de carregar nada mais pesado do que uma estranha bandeja de bolinhos. E ela conheceria todos os tipos de pessoas interessantes. Aviadores bonitos, por exemplo, que poderiam ser convencidos a levá-la para Vineland.

Seu único arrependimento era não ter conseguido trazer Fishcake com ela. Ela se sentia responsável pelo garoto, e esperava que o vendedor de escravos não descontasse sua raiva nele. Mas ficaria tudo bem. De um jeito ou de outro ela iria escapar, e então talvez ela encontrasse um jeito de ajudar Fishcake também.



Nabisco Shkin não era um homem de demonstrar suas emoções, e quando o bondinho o deixou no convés de Brighton novamente, ele havia controlado seu temperamento. No Pote de Pimenta, ele cumprimentou a Senhorita Weems com nada mais do que a costumeira frieza, e disse a ela:

— Traga o pequeno Garoto Perdido.

Logo depois, ele estava sentado calmamente em seu escritório, observando Fishcake devorar uma segunda tigela de sorvete de chocolate e ouvindo novamente seu relato da viagem do *Autolytus* até Vineland. Este garoto estava dizendo a verdade, Shkin tinha certeza disso. Mas não havia razão para tentar usá-lo para tirar o crédito do prefeito. Ele era jovem, e facilmente influenciável; se isso fosse a julgamento, os advogados de Pennyroyal o despedaçariam. Shkin fechou os olhos pensativamente, e imaginou Vineland. — Você tem certeza que pode encontrar o lugar novamente, garoto?

— Ah, sim, Sr. Shkin — disse Fishcake, com a boca cheia.

Shkin sorriu para ele sobre as pontas dos dedos pontudos. — Bom. Muito bom — ele disse. — Sabe, garoto, de vez em quando eu adquiero um escravo que se prova muito útil ou muito esperto para me separar dele; a Senhorita Weems, por exemplo. Espero que você seja outro.

Fishcake devolveu o sorriso nervosamente. — Você quer dizer que não vai me vender para os demônios de Nuevo Maya, senhor?

— Não, não, não, não — Shkin lhe garantiu, balançando a cabeça. — Quero que você trabalhe para mim, Fishcake. Iremos treiná-lo como um aprendiz. E, no próximo verão, quando o tempo melhorar, vou organizar uma expedição, e você nos levará até Anchorage-in-Vineland. Imagino que aqueles habitantes de Vineland ou Anchorage ou seja lá como se chama irão render um bom lucro no mercado de escravos.

Fishcake ouviu com olhos esbugalhados, depois sorriu. — Sim. Sr. Shkin! Obrigado, Sr. Shkin!

Shkin se reclinou em sua cadeira, sua calma recuperada. Ele iria se vingar de Pennyroyal mostrando ao mundo inteiro que Anchorage havia sobrevivido. Quanto à pequena e traiçoeira Wren, vamos ver se irá se sentir tão esperta quando a Corporação Shkin escravizar toda sua família e amigos.

Crianças das Profundezas



O caramujo *Verme Parasufo* fora construído muito antes de os Garotos Perdidos começarem a usar câmera-caranguejo sem fio. Até o rádio havia parado de funcionar há tempos. Não tinha como receber transmissões de Brighton, e, então, Hester, Tom e Freya nunca teriam descoberto se o desejo de Caul em conhecer seus pais iria sobrepujar sua lealdade para com seus amigos. Surdo para os convites da PACRIS, o *Verme Parafuso* nadou para o norte para dentro das águas profundas e geladas do Fosso da Groenlândia. Na mesma tarde de verão em que Wren se viu frente a frente com Pennyroyal, seus passageiros finalmente avistaram Grimsby.

Tom havia visitado a cidade submarina uma vez antes, mas Hester e Freya a conheciam apenas por suas descrições. Elas se acotovelvavam para olharem pela janela enquanto Caul manobrava o caramujo para mais perto.

Grimsby havia sido uma enorme balsa industrial antes. Agora era um destroço naufragado, repousando nas encostas de uma montanha submarina. Algas e cracas e ferrugem trabalhavam duro para camuflá-la, borrando os contornos dos prédios e das rodas até ficar difícil saber onde Grimsby acabava e a montanha começava.

— Onde estão as luzes? — perguntou Tom. Sua lembrança mais forte do covil dos Garotos Perdidos era o brilho surreal das lamparinas nas janelas da prefeitura naufragada de Grimsby. Agora, a cidade inteira estava na escuridão.

— Alguma coisa está errada — disse Caul.

Algo bateu contra o casco do *Verme Parafuso*. Lascas de madeira e plástico rasgado giraram no feixe de luz do farol no nariz. O caramujo estava nadando através de uma zona de destroços flutuantes.

— O lugar inteiro está morto... — Hester disse, e então parou de repente, porque, se isso fosse verdade, então Wren estaria provavelmente morta também.

— Olhem para o Burglarium! — Caul sussurrou, chocado. Um grande prédio passou flutuando a estibordo, um prédio onde ele havia passado a maior parte de sua infância, agora escuro e aberto para o mar, lixo circulando em volta de enormes fendas denteadas em suas paredes. O corpo de um garoto deu uma cambalhota quando o rastro do *Verme* chegou até ele. Outros se chocavam no túnel de fibra de vidro que costumava ligar o Burglarium à Prefeitura e que agora estava inundado. — A usina se foi, também — ele acrescentou, enquanto passavam por cima de um prédio abobadado que fora esmagado como uma casca de ovo. Sua voz soava tensa e chocada. — A Prefeitura parece bem. Ninguém por ali, porém. Vou ver se conseguimos entrar.

Fazia dezesseis anos que Caul fugira daquele lugar, mas ele havia feito a aproximação nos ancoradouros milhares de vezes em seus sonhos desde então. Ele virou o *Verme Parafuso* na direção da porta que selava a água na base da Prefeitura. A porta estava aberta. Peixes prateados corriam para dentro e para fora.

— Ninguém ainda — ele disse —, a porta deveria estar fechada. Deveria haver sentinelas submarinas para nos interrogar.

— Talvez eles estejam tentando nos contatar via rádio e não podemos escutá-los — Tom sugeriu esperançoso.

— O que vamos fazer? — perguntou Freya.

— Vamos entrar, é claro — disse Hester. Ela verificou a arma em seu cinto, a faca na bota. Se houvesse algum Garoto Perdido vivo ali, ela pretendia mostrar-lhes do que era feita a filha de Valentine.

O *Verme Parafuso* deslizou para dentro do túnel. Portas automáticas se abriram à frente e se fechavam atrás. — As luzes de emergência devem estar funcionando — disse Caul —, já é alguma coisa...

— Poderia ser uma armadilha — disse Hester —, eles podem estar esperando por nós.

Mas ninguém esperava pelo *Verme Parafuso*. Ele emergiu numa das piscinas no chão do ancoradouro e seus passageiros saíram para o ar frio e parado. A escuridão era quebrada apenas por luzes de emergências fracas e vermelhas. Bombas de ar chiavam asmaticamente. O amplo espaço, o qual Tom se lembrava cheio de Garotos Perdidos e caramujos, estava deserto. Guindastes de ancoragem se erguiam pesados acima das piscinas, como esqueletos de dinossauros num museu abandonado. Um grande submarino de carga chafurdava num estaleiro do outro lado do ancoradouro, as escotilhas abertas. Um caramujo desmontando pela metade estava num pátio de reparos, mas não havia nenhum sinal de mecânicos que estariam trabalhando nele.

Tom pegou uma lamparina elétrica do interior do *Verme Parafuso* e seguiu na frente, ainda tentando ter esperança de encontrar Wren ali em algum lugar, viva e em segurança, correndo para abraçá-lo. Ele usou a lamparina para iluminar as sombras escuras sob os guindastes. Uma ou duas vezes ele achou ter visto uma câmera-caranguejo fugindo da luz. Nada mais se movia.

— Onde está todo mundo? — ele sussurrou.

— Bem, aqui está um deles — disse Hester.

A grande porta no fundo do ancoradouro estava meio aberta, e na soleira havia um garoto da idade de Wren, enrolado, olhos arregalados, morto. Hester passou por Tom e por cima do corpo. No corredor fora do ancoradouro havia mais meia dúzia, alguns mortos por golpes de espada, outros por lanças de metal de arpões.

— Parece que os Garotos Perdidos estiveram lutando entre si — ela disse —, muito gentil da parte deles nos poupar o trabalho.

Tom passou cuidadosamente por cima do corpo do garoto e olhou para cima. Frias gotas d'água bateram em seu rosto virado para cima. — Este lugar está vazando como uma lata enferrujada — ele murmurou.

— O Tio saberá como consertar — disse Caul. Os outros se viraram para olhá-lo, surpreso pela confiança em sua voz. Ele mesmo se sentiu surpreso com isso. — O Tio construiu Grimsby — ele os lembrou —, ele construiu as primeiras salas herméticas e o primeiro caramujo totalmente sozinho, sem ninguém para ajudá-lo. — Ele assentiu, passando os dedos pelo pescoço. As velhas queimaduras deixadas pela corda ainda estavam lá, duras sob seus dedos, lembretes de como ele havia temido e odiado o Tio no final de tudo. Mas antes disso, por um longo tempo, ele o havia amado. Agora que estava aqui novamente, e o Burglarium estava arruinado e os Garotos Perdidos se foram, ele descobriu que o medo e o ódio haviam partido também, e que o apenas amor permanecera. Ele se lembrou de como costumava se sentir seguro, enroscado em seu beliche enquanto a voz do Tio sussurrava nos alto-falantes no teto durante os longos turnos noturnos. O mundo havia sido simples então, e ele havia sido feliz.

— O Tio Sabe das Coisas — ele murmurou.

Um movimento súbito nas sombras além do corredor fez Hester se virar com sua arma apontada. Freya agarrou seu braço antes que ela pudesse atirar, e Tom gritou: — Het, não! — O eco de sua voz ressoou escada acima e pelas passagens laterais, e o rosto que havia sido revelado por um instante pela sua lamparina desapareceu quando seu dono correu de volta para as sombras.

— Está tudo bem — disse Freya, passando por Hester, suas mãos estendidas à sua frente —, não iremos te machucar.

A escuridão de repente se encheu de leves passos, sussurrantes. Olhos cintilaram na luz da lamparina. Saindo de seus esconderijos as crianças de Grimsby se aproximaram, esgueirando, rostos manchados de branco, pálidos como pétalas. Eles eram novatos, jovens demais para terem seus lugares entre os Garotos Perdidos. Poucos tinham nove ou dez anos; a maioria era muito mais jovem que isso. Eles olhavam os visitantes com olhos esbugalhados e assustados. Uma garota, mais velha e corajosa que o resto, se aproximou de Freya e disse:

— Vocês são nossas mães e nossos pais?

Freya se ajoelhou para que seu rosto ficasse na mesma altura do das crianças. — Não — ela disse —, não, sinto muito, não somos.

— Mas nossas mães e pais estão vindo, não estão? — sussurrou outra criança.

— Teve uma mensagem...

— Eles disseram que estavam perto — disse um garotinho, puxando a mão de Caul e olhando seriamente para seu rosto. — Eles disseram que deveríamos ir até eles, e muitos dos garotos grandes queriam, mesmo quando o Tio disse não...

— E quando os outros garotos tentaram impedir, eles brigaram e se mataram!

— E depois foram embora. Eles pegaram todos os caramujos.

— Nós também queríamos ir, mas eles disseram que não tinha espaço e nós éramos apenas novatos...

— E teve explosões! — disse uma garota.

— Não, isso foi depois, boba — disse outra —, aquilo foram as cargas de profundidade.

— Boom! — gritou o garoto menor, agitando seus braços para mostrar. — Boom!

— E todas as luzes se apagaram, e eu acho que um pouco de água entrou...

Todas as crianças falavam todas juntas, se juntando na luz da lamparina de Tom. Hester estendeu a mão para um deles, mas ele recuou e foi se aconchegar com Freya.

— Wren está aqui? — Hester perguntou. — Estamos procurando pela nossa filha, Wren.

— Ela está perdida — Tom explicou —, ela estava a bordo do *Autolycus*.

Rostos pequenos se viraram para ele, tão brancos quanto páginas em branco. A garota mais velha disse:

— O *Autolycus* não voltou. Nenhum dos outros caramujos que saíram nas últimas três semanas voltou.

— Então onde está Wren? — gritou Tom. Ele estivera aterrorizado por poder encontrar Wren morta. A perspectiva de não encontrá-la era quase tão ruim quanto isso. Ele os encarou, de um rostinho aturdido para outro. — O que, em nome de Quirke, está acontecendo?

As crianças se afastaram dele, assustadas.

— Onde está o Tio? — perguntou Caul. Freya sorriu para ele, para mostrar às crianças que ele era um amigo e que deveriam responder a sua pergunta.

— Talvez ele tenha partido também — disse Hester.

Caul negou com a cabeça. — Ele não é burro. O Tio não deixaria Grimsby.

— Eu acho que ele está lá em cima — disse um dos garotos.

— Ele está muito velho — disse outro, em dúvida.

— Ele não sai mais de sua câmara — concordou um terceiro.

Caul assentiu. — Bom. Nós vamos falar com ele. Ele poderá nos dizer o que aconteceu, e nos dirá onde encontrar Wren — Ele podia sentir os outros encarando-o. Ele se virou para eles e sorriu. — Ficaré tudo bem. Vocês vão ver. O Tio Sabe das Coisas.

Essas Pérolas Eram Seus Olhos



Eles fizeram parte de uma estranha procissão, subindo as escadas atravancadas de Grimsby. Água salgada pingava de finas fendas no teto alto e corriam em regatos, de degrau em degrau. Havia mais corpos nos patamares. Acima deles, câmeras-caranguejo se prendiam aos dutos e balaustres. De vez em quando, uma se virava para seguir os recém-chegados com seu olho de ciclope.

Hester seguia à frente. Atrás dela, Tom. Caul e Freya estavam cercados pelas crianças, pequenas mãos agarrando as suas, tocando suas roupas como se quisessem se certificar de que aqueles visitantes do mundo de cima eram reais. Eles se sentiam especialmente atraídos por Freya. Vozes chocadas e sussurrantes contavam todos os tipos de segredos.

— Whitebait enfia o dedo no nariz.

— Não enfio, não!

— Meu nome é Esbjørn, mas os garotos grandes no Burglarium disseram que eu deveria ser chamado de Tuna, só que eu acho que Tuna é um nome idiota, então eu posso voltar a usar meu nome agora que todos os garotos grandes foram mortos e fugiram?

— Ele enfia o dedo lá dentro. E ele come a caca.

— Não faço isso, não!

— Crianças — perguntou Freya —, quem explodiu o Burglarium? Quando isso aconteceu?

Mas as crianças não sabiam como responder àquilo; há poucos dias, alguns disseram, uma semana, disseram outros. A conversa foi diminuindo conforme se aproximavam dos andares superiores. Eles olharam para dentro de uma câmara enorme, nova desde que Tom e Caul estiveram em Grimsby na última vez, construída depois de destruírem uma dúzia de velhas salas. Estava repleta de elegantes mobílias; pilhagem de prefeituras roubadas e saques de povoados estáticos. Espelhos enormes estavam pendurados nas paredes, e cortinas de seda e veludo cercavam a cama colossal. Roupas e almofadas estavam espalhadas pelo chão, e móveis feitos de pedrinhas de praia e sementinhas estavam pendurados nos dutos no teto.

— Aqui ficavam os cômodos do Gargle — explicaram as crianças —, Gargle mandava por aqui.

— Remora fez os móveis — disse uma garotinha —, ela é bonita e inteligente e ela é a favorita do Gargle.

— Gostaria que o Gargle voltasse — um garoto disse —, Gargle saberia o que fazer.

— Gargle está morto — disse Hester.

Depois disso, os únicos sons eram o bater de seus pés nos tapetes molhados e uma voz fraca em algum lugar à frente, metálica e crepitante como se estivesse vindo através de um megafone. Ela dizia:

— Queremos apenas reunir nossas crianças queridas e perdidas...

Subiram uma última escadaria até a câmara das telas, onde o fundador de Grimsby vigiava seu reino subaquático. Da última vez em que Tom estivera ali, ela era vigiada; dessa vez os guardas se foram, e a porta sequer estava trancada. Hester a abriu com um chute, e entrou com sua arma erguida.

Os outros se aglomeraram atrás dela. A câmara era grande e de teto alto, iluminada por uma luz azul que vinha das telas que

cobriam as paredes. Elas eram de todas as formas e tamanhos, de gigantes telões até pequenos displays retirados de equipamentos hospitalares Old-Tech, todas conectadas por uma floresta de cabos e dutos. Acima deles, no domo escuro do teto, havia uma estação de vigilância portátil; um minúsculo balão de carga balançando um globo de telas e alto-falantes. E todas as telas mostravam a mesma imagem; um grupo de pessoas na plataforma de observação varrida pelo vento de uma cidade-balsa. — Crianças das Profundezas — a voz nos alto-falantes pedia —, se vocês podem nos ouvir, nós lhe imploramos, venham até nós!

— Por que eles caíram nessa? Por que eles foram? Eles preferiram um bando de velhos Secos a *mim*?

No meio da câmara um velho estava de pé, de costas para a porta, gritando para a gravação nas telas. Em sua mão havia um controle remoto; ele o ergueu e apertou um botão que fez todas as telas ficarem brancas e silenciosas, depois se virou para encarar Hester e os outros.

— Quem são vocês? — ele exigiu petulante. — Onde está Gargle?

— Gargle não vai voltar — disse Tom, com a maior gentileza possível. Ele tinha lembranças do Tio, mas aquilo não o impediu de sentir pena do velho que caminhava em sua direção num puído par de pantufas de coelhinhos. A cabeça de tartaruga, saltando para fora de camadas e mais camadas de roupas mofadas, piscou míope para ele. Os olhos do Tio estavam leitosos por causa da idade, e Tom notou que muitas das telas que o cercava tinham lupas presas na frente para tornar as imagens mais claras. Ele suspeitou que o Tio estivesse quase cego. Não era de se espantar que ele tivesse que depender de Gargle.

— Gargle faleceu — ele disse.

— O quê, você quer dizer...? — o Tio se aproximou mais, olhando-o com atenção. — Morto? Gargle? O pequeno Gargle, que

agia com tanta pompa? — Seu rosto mostrou tristeza, depois alívio, depois raiva. — Eu *disse* a ele! Eu o avisei para não procurar aquela porcaria de livro. Ele não foi feito para roubos, Gargle nunca fora. Era mais um planejador. Ele tinha miolos, tinha sim.

— Nós sabemos — disse Hester —, nós os vimos.

O Tio se encolheu ao som de sua voz. — Uma mulher? Não é permitida a entrada de mulheres em Grimsby. Sempre fui muito rigoroso quanto a isso. Gargle sempre me apoiou. Garotas não são permitidas. Má sorte, é só isso que elas trazem. Não podemos confiar nelas.

— Mas Tio... — disse Freya com gentileza.

— Eca, mais uma! O lugar todo está cheio de fêmeas!

— Tio? — chamou Caul.

O velho se virou, franzindo as sobrancelhas, como se a voz de Caul houvesse ligado um interruptor dentro de sua cabeça. — Caul, meu rapaz! — ele disse, e, então, com um rosnado. — Isso é culpa sua, não é? Você tem alguma coisa a ver com isso? Disse aos Secos onde nos encontrar, não foi? Você está sozinho ou tem mais?

Ele se afastou mancando, apontando com seu controle remoto até que todas as telas se enchessem de imagens de Grimsby, lançando seu rosto de pele de pergaminho perto do vidro para olhar os corredores e câmaras vazias, o ancoradouro vazio, os corredores arruinados e inundados do Burglarium.

— Somos só nos quatro, Tio — disse Caul —, nem sabemos o que aconteceu aqui. A gente não tem nada a ver com isso.

— Não? — o Tio o encarou, depois soltou uma risada alta. — Deuses, então vocês escolheram uma boa hora para uma visitinha!

— Viemos procurar a filha de Tom e Hester — Caul disse com paciência —, o nome dela é Wren. Ela foi levada de Vineland pelo novato que estava com Gargle a bordo do *Autolycus*.

— Fishcake? Fishcake, esse era seu nome... — o Tio abaixou a cabeça. Quando falou, ele soava prestes a chorar. — O *Autolycus*

sumiu. Todos sumiram, Caul, meu rapaz. Os idiotas receberam aquela mensagem de suas mães e pais e foram correndo diretamente para Brighton.

— Para Brighton? — Tom ouvira falar de Brighton. Uma cidade-resort; um pouco boêmia, mas não um lugar ruim. Se Wren estivesse lá, ela poderia estar bem.

— Por que Brighton iria querê-los? — perguntou Hester cheia de suspeitas.

O Tio deu de ombros, abriu as mãos e fez vários outros gestos, se contorcendo-se para mostrar que não fazia ideia. — Eu *disse* aos meus rapazes que era uma armadilha. Eu *disse* a eles. Mas não queriam escutar. Talvez se Gargle estivesse aqui. Eles ouviam o Gargle. Não ouvem mais o pobre e velho Tio, que se esforçou e se preocupou com eles todos esses anos... — Lágrimas de autopiedade escorriam pelo seu rosto velho, e ele assoou o nariz na manga. Seu olhar deslizou indiferente para Tom e Hester, depois se concentrou em Freya novamente. — Deuses, Caul, essa enorme baleia gorda é a garota por quem você foi correndo até Anchorage? Ela ficou meio desleixada! Bem, pensando nisso, você também não parece tão bem. Gosto que meus rapazes se vistam bem, e você... Bem, você está um maltrapilho, essa é a verdade. Gargle me disse que você foi ser alguém importante entre os Secos.

Caul se sentia como se fosse um novato novamente, tomando bronca por esquecer parte de seu kit de roubo. — Desculpe, Tio — ele disse.

Freya se moveu para seu lado, e segurou sua mão na dela. — Caul se *tornou* importante — ela disse —, não poderíamos ter construído Anchorage-in-Vineland sem a sua ajuda. Gostaria de contar-lhe tudo sobre isso, mas primeiro acho que devemos deixar esse lugar.

— Deixar esse lugar? — o Tio a encarou como se nunca tivesse ouvido essa palavra antes. — Não posso ir embora! O que a faz

pensar que eu gostaria de partir?

— Senhor, este lugar está acabado. Você não pode deixar as crianças aqui...

O Tio riu. — Aqueles camaradas não vão a lugar nenhum — ele disse —, eles são o futuro de Grimsby.

As crianças se aproximaram mais de Freya. Ela largou a mão de Caul para fazer carinho em suas cabeças. Todos podiam ouvir o fraco gemido do metal pressionando os andares inferiores, a distante ondulação da água entrando.

— Mas Sr. Kael — disse Freya. Ela havia se lembrado de uma coisa que Caul contara. Antes de o Tio se tornar o Tio ele havia sido Stilton Kael, um jovem rico de Arkangel. Freya esperava que, ao usar seu nome verdadeiro, ela poudesse convencê-lo, mas isso só fez com que ele sibilasse e a encarasse. Ela continuou mesmo assim. — Sr. Kael, este lugar está vazando. Está inundado até a metade, e o ar está parado. Não conheço muita coisa sobre esconderijos secretos submarinos, mas eu diria que o futuro de Grimsby será muito curto.

Hester tirou a trava de sua Schadenfreude e a apontou para o Tio. — Se você não quiser vir — ela disse —, não precisa.

O Tio a observou, depois olhou para seu globo de telas acima, onde havia uma imagem do rosto de Hester muito mais clara do que seus pobres olhos podiam lhe mostrar. — Vocês não entendem — ele disse —, eu não vou partir, e vocês também não. Nós vamos reconstruir. Transformar o lugar vedado contra a água novamente. Mais forte que nunca. Construir mais caramujos, melhores. Nenhum de nós vai partir. Diga-lhes, Caul.

Caul se encolheu e se perguntou o que fazer. Ele não queria trair seus amigos, mas também não queria desapontar o Tio. O som da voz do velho o fez estremecer de amor e pena.

Ele olhou para Freya. — Sinto muito — ele balbuciou. Depois, com um movimento súbito e rápido, ele tirou a arma da mão de

Hester e a apontou para ela, depois para Tom.

— Caul! — Tom gritou.

O Tio riu mais um pouco. — Bom trabalho, rapaz! Eu sabia que você faria a coisa certa no final! Estou muito contente de não ter acabado de te enforcar. Que pena os outros terem partido antes de terem a chance de te conhecer, Caul. Você seria um bom exemplo. A volta do filho pródigo. Todos esses anos longe, e você ainda é fiel ao velho e pobre Tio — ele pegou uma chave de um de seus bolsos e a estendeu para Caul. — Agora se livre desse pessoal. Tranque-os nos cômodos do Gargle enquanto temos uma boa conversa.

Caul continuou apontando a arma para Tom, porque ele sabia que Hester era a única imprudente o bastante para tentar subjugá-lo, e que ela se importava mais com a segurança de Tom do que com a sua própria. Ele pegou a faca da bota de Hester, depois a chave do Tio e começou a empurrar todos para trás, na direção da porta aberta.

— Mas Caul... — Freya disse.

— Deixa para lá — Hester disse a ela —, eu sabia que estávamos errados em confiar nele. Acredito que essa seja a única razão de ele ter concordado em nos trazer até aqui, só para que ele pudesse ver seu precioso Tio novamente.

— Vocês não serão feridos — Caul prometeu —, iremos resolver isso. Tudo ficará bem. — Ele não sabia o que iria fazer, só que estava feliz em ser um Garoto Perdido novamente. — O Tio sabe das coisas — ele disse, enquanto forçava seus prisioneiros pelas escadas e para dentro dos cômodos de Gargle, trancando as portas atrás deles. — Tudo ficará bem. O Tio sempre sabe das coisas.

17

A Capela



O cair da noite em Tienjing. Acima da cidade, as montanhas se inclinavam enormes e pálidas, uma flâmula de pó de neve voando de cada um dos cumes gelados. Acima das montanhas, ainda mais frias, as estrelas apareciam, e as coisas que não eram estrelas, os satélites mortos e plataformas orbitais dos Antigos, dançavam sua dança lenta e ancestral no céu.

O Caçador Shrike patrulhava os corredores silenciosos de Jade Pagoda, seus olhos em modo de visão noturna esquadrinhando as sombras, seus ouvidos detectando conversas em salas distantes, uma rajada de risos da casa de guarda, os carunchos ocupados nos painéis das paredes. Ele vagava pelas galerias decoradas com antigas esculturas de monstros e demônios das montanhas, nenhum deles tão assustadores quanto ele próprio. Saboreando a graça e força de seu corpo melhorado, ele procurou com todos seus muitos sentidos pelo fraco sinal químico de explosivos escondidos, ou pelo brilho corporal de um assassino à espreita. Ele esperava que, em breve, algum nascido uma única vez tentasse atacar sua ama. Ele estava ansioso por matar novamente.

Um sopro frio o tocou. Uma fraca mudança na pressão do ar o informou que uma porta do lado exterior fora aberta e fechada, quatro andares abaixo. Ele andou rápido até uma janela e olhou para baixo. Um borrão bifurcado de calor corporal se movia através das sombras do pátio, na direção do ponto de inspeção no portão. Shrike mediu sua altura e passada, comparou-os com as

informações que ele havia reunido durante seu tempo como guarda-costas, e reconheceu a Dra. Zero.

Onde ela estava indo, numa noite tão fria, com o toque de recolher a menos de uma hora? Shrike considerou os motivos dos nascidos uma única vez. Talvez a Dra. Zero tinha um amante na cidade baixa. Mas a Dra. Zero nunca parecera estar interessada em amor, e, de qualquer maneira, essa não era a primeira vez que Shrike a havia surpreendido agindo de modo estranho. Ele havia percebido a maneira que seus batimentos cardíacos se aceleravam quando ela estava perto da Caçadora Fang, e havia sentido o cheiro que vinha dela quando Fang a olhava. Ele estava surpreso que sua ama não houvesse notado essas coisas, mas Fang não compartilhava seu interesse pelos nascidos uma única vez e seus jeitos. Talvez ela não percebesse, ou não se importasse, que sua cirurgiã-mecânica tivesse medo dela.

Os olhos de Shrike, em modo de ampliação máximo, observavam a Dra. Zero mostrar seu passe para o ponto de inspeção, e a seguiram até ela estar perdida para ele entre os quartéis e estandartes de Tienjing. Por que ela estava com tanto medo? O que a assustava tanto? O que ela estava fazendo? O que ela estava *planejando* fazer?

Shrike lhe devia tudo, mas ele ainda sabia que era seu dever descobrir.



Descendo as ruas íngremes e cheias de degraus Oenone Zero se apressava em sua capa de seda de silicone, capuz para cima, cabeça voltada para baixo. O céu acima da cidade estava cheio dos faróis de transportadores e *air-destroyers* levantando voo do porto militar, levando ainda mais homens e mulheres para o oeste, onde suas mortes os esperavam na Saliência da Ferrugem.

Culpa brotou dentro de Oenone, mas ela estava acostumada com ela. Toda manhã ela cuidava das juntas e da lataria da Caçadora Fang, e encostava seus instrumentos no peito de aço da Caçadora Fang para verificar a fonte de energia Old-Tech que se aninhava onde o coração de Anna Fang estivera. Toda manhã ela dizia a si mesma, *Devo fazer isso agora, hoje*.

Ela não seria a primeira a tentar. Todos os tipos de pacifistas fanáticos e adeptos linha-dura da antiga Liga haviam tentado destruir a Caçadora Fang, apenas para terem suas facas estalando contra sua armadura; ou assisti-la sair andando ilesa das ruínas de salas bombardeadas e dos destroços de dirigíveis. Mas Oenone Zero era uma cientista, e ela havia utilizado suas habilidades de cientista para inventar uma arma que poderia destruir até mesmo a Caçadora Fang.

O problema era que ela não tivera a coragem para usá-la. E se não desse certo? E se *desse* certo? Oenone tinha certeza de que, sem a Caçadora para liderá-lo, o regime do Tempestade Verde desmoronaria. Mas ela duvidava que desmoronaria tão rapidamente que os adeptos da Caçadora não encontrariam tempo para matá-la, e ela havia ouvido boatos sobre as coisas que eles faziam com os traidores.

Perdida em seus pensamentos, ela não percebeu que estava sendo seguida à medida que cruzava a Ponte Double Rainbow e virava na rua das Dez Mil Divindades.

Ao longo dos séculos, Antitracionistas de toda a Europa e Ásia haviam fugido para essas montanhas, e trazendo seus próprios deuses com eles. Amontoados lado a lado, os templos pareciam empurrar uns aos outros na luz que se desvanecia. Oenone forçou caminho por duas procissões de casamento, um funeral, passando por santuários cobertos com dinheiro da sorte, fogos de artifício estalando. Ela passou pelo templo dos Deuses do Céu, e pelo pagode dourado dos Deuses das Montanhas. Passou pelo

Poskittarium, e pelo arvoredado da Deusa da Maçã. Passou pela casa silenciosa da Deusa da Morte. No fim da rua, espremida entre os templos das religiões mais populares, se encontrava uma minúscula capela cristã.

Ela se certificou de que ninguém a estava observando antes de entrar, mas não pensou em olhar para os telhados.

Oenone havia encontrado a capela por acidente, e não tinha certeza do que a atraía de volta. Ela não era cristã. Poucas pessoas eram agora, exceto na África, e em algumas ilhas no extremo oeste. Tudo o que sabia sobre os cristãos era que eles adoravam um deus pregado a uma cruz, e qual era a utilidade de um deus que se deixa ser pregado às coisas? Não era de espantar que este lugar houvesse caído em desuso, seu telhado destruído, ervas crescendo através dos bancos apodrecidos. Mas em noites como essa, quando ela sentia que tinha de sair de Jade Pagoda ou ficaria louca, este era o lugar onde Oenone vinha para se acalmar.

Flocos de neve filtravam-se por uma peneira de vigas decadentes, caindo em seu cabelo verde quando ela tirou o capuz. Passando as mãos pelas paredes, ela lia com as pontas dos dedos os textos esculpidos na antiga pedra. A maioria era ilegível, mas havia um pelo qual ela havia se apaixonado. Era um antigo fragmento, de antes da Guerra dos Sessenta Minutos, e Oenone não tinha certeza do que significava, mas havia algo de consolador nele.

Morremos com os moribundos:

Repara, eles vão-se embora, e nós vamos com eles.

Nascemos com os mortos:

Repara, eles regressam, e trazem-nos com eles.

O momento da rosa e o momento do teixo

*São de igual duração.****

Oenone se ajoelhou frente à pedra do altar e curvou a cabeça. Ela não acreditava nele, neste deus antigo, mas ela tinha de conversar com alguém.

— Ajude-me — ela sussurrou —, se o senhor estiver mesmo aí, dê-me força. Dê-me coragem. Estou tão perto dela. Poderia usar a arma agora, se ao menos eu fosse corajosa o bastante. E não seria assassinato, seria? Matar alguém que já está morto é assassinato? Estaria apenas destruindo uma máquina; uma máquina perigosa e destrutiva...

Ela falava baixo, quase sem mover os lábios. Nenhum ouvido humano poderia ouvi-la. Mas sua oração foi ouvida, mesmo assim. Agachado como uma gárgula no campanário em ruínas da capela, o Caçador Shrike ouvia atenciosamente todas as palavras.

— Tenho o direito de fazê-lo? Tudo parecia tão claro antes, mas agora eu a vi; como é inteligente, e como é forte... Talvez *fosse* assassinato. Ou estou apenas criando desculpas? Estou apenas procurando por uma razão para não fazê-lo, para que eu possa viver? Envie um sinal, Deus, se o senhor estiver aí; mostre-me o que devo fazer...

Ela esperou, e Shrike esperou com ela, mas nenhum sinal foi enviado. Os deuses barulhentos e populares dos templos vizinhos pareciam distribuir conforto como colonistas de revistas dando conselhos, mas o deus daquele lugar era mais difícil de alcançar. Talvez ele estivesse dormindo, ou morto. Talvez ele estivesse ocupado com algum mundo melhor, no fim do universo. Oenone Zero balançou a cabeça frente à sua própria tolice e levantou-se, preparando-se para ir embora.

Shrike desceu rapidamente pela parede da capela e esperou na alcova perto da entrada, onde talvez uma estátua do deus pregado dos cristãos estivera pendurada. Suas suspeitas estiveram corretas. A Dra. Zero era uma traidora, e, apesar de ele ter começado a gostar dela com seu jeito de Caçador, ele sabia que devia eliminá-la

antes que pudesse ferir sua ama. Seus circuitos zumbiam e formigavam frente à perspectiva de matar. Ela havia retirado suas garras, mas ele ainda era forte, e impiedoso. Um golpe de seu punho acabaria com ela facilmente.

Um passo na soleira. A jovem saiu da capela, puxando o capuz contra o vento frio. Ela não viu Shrike. Passou por ele, e andou rapidamente ao longo da Rua das Dez Mil Divindades, correndo de volta para seus cômodos no pagode antes que os sinos do toque de recolher batessem.

Shrike abaixou seu punho, sentindo-se assustado e um pouco tolo. O que havia acontecido com ele? Ele era um Caçador, uma máquina assassina, e, ainda assim, quando o crânio de casca de ovo de sua presa estivera ao seu alcance, ele não conseguiu desferir o golpe.

Devo avisar a polícia secreta do Tempestade Verde, ele pensou, pulando da alcova e seguindo Oenone pelas multidões na rua. Ele deixaria os nascidos uma única vez cuidarem dos seus, em suas salas de tortura com azulejos brancos sob Jade Pagoda. Mas, depois de alguns poucos passos, ele parou. Ele simplesmente não tinha coragem de trair Oenone Zero.

Ela fez isso comigo, ele pensou, lembrando-se de todos aqueles turnos noturnos na Oficina dos Caçadores. De alguma maneira, a jovem cirurgiã-mecânica havia construído uma barreira em sua mente que não o deixava feri-la, ou contar a alguém o que ela estava planejando. Ele havia sido parte de seus planos o tempo todo. Ela havia dado à Caçadora Fang um guarda-costas que não era capaz de protegê-la.

Ele deveria odiar a Dra. Zero por usá-lo daquele jeito; mas também não tinha coragem de odiá-la.

Shrike cambaleou pela procissão festiva do lado de fora do santuário de Jomo e subiu a caminho de casa, atrás da escuridão e da neve. Ele não era o fantoche de Oenone Zero. Ele não conseguia

feri-la, mas ele a impediria de fazer mal à sua ama. De alguma forma, ele descobriria a natureza de seu plano, e daria um fim a ele.

18

O Naglfar



Assim que seus amigos e as crianças foram trancados nos cômodos de Gargle, Caul subiu correndo as escadas até a câmara das telas. Ele estava tremendo um pouco, e meio inclinado a voltar e destrancar as portas novamente. Repetia a si mesmo que não havia escolhido o Tio ao invés de Freya e os outros; ele encontraria uma maneira de continuar fiel aos dois.

— A primeira coisa que devemos fazer — disse o Tio, quando Caul se juntou a ele —, é nos livrarmos das mulheres. Má sorte, elas nos trarão. Você vai ver. — Ele havia enchido as telas com imagens dos cativos na sala abaixo; *close-ups* grandes e granulados de Hester e Freya. Ele disse:

— Elas parecem muito bonitas, tenho certeza, e ninguém dúvida que você acha que elas são doces, mas elas irão se virar contra você e traí-lo, como Anna fez comigo anos atrás. É por isso que sempre disse que era lei não ter mulheres em Grimsby.

Caul abaixou a arma de Hester. Ele se sentia como um idiota ali em pé ainda a segurando. — Mas e a garota que estava a bordo do *Autolycus* com Gargle?

— O jovem Remora? — o Tio pegou a arma e a colocou dentro de suas roupas imundas. — Sei o que quer dizer. Rapaz estranho. Voz aguda. Cabelos compridos. Muita maquiagem. Eu tive minhas dúvidas quando Gargle o apresentou a mim, mas Gargle me assegurou que ele era um garoto. Um bom ladrão. Pobre Remora. Acha que ele está morto também?

— Tio, há garotas entre aquelas pobres crianças que encontramos lá embaixo. Muitas delas são garotas.

— Garotas? Tem certeza? — o Tio começou a apertar seu controle remoto, procurando por *close-ups* das crianças. Caul viu seus amigos nas telas olharem para cima, nervosos conforme câmeras-caranguejo corriam no teto acima deles, balançando os móveis de Remora. O Tio via apenas borrões cinzentos de rostos. — Talvez as equipes de sequestro de Gargle *tenham* agarrado algumas garotas por engano — ele murmurou rancoroso. — Teremos de nos livrar delas também, se quisermos recomeçar do zero. E nós iremos recomeçar do zero, Caul, meu rapaz. Nós iremos reconstruir Grimsby, mais forte e melhor do que jamais foi, e você será meu braço direito. Você pode se mudar para o posto de Gargle, e cuidar das coisas por mim como Gargle costumava fazer.

Uma das bancadas de telas atrás dele se apagou de repente, deixando a sala ainda mais fracamente iluminada que antes. Havia um cheiro de fios queimados, e, quando Caul foi investigar, viu que água estava enchendo as superfícies das telas e se acumulando no andar abaixo. Ele levou um pouco de água aos lábios, e sentiu o gosto de água salgada. *O Tio Sabe das Coisas*, ele disse a si mesmo, e queria acreditar nisso, porque seria bom voltar aos velhos dias, quando ele tivera certeza sobre tudo. Todos tinham que acreditar em algo melhor e maior do que eles próprios. Tom e Freya tinham seus deuses, Hester tinha Tom, Caul tinha o Tio. Ele não desapontaria o Tio novamente, mesmo que ele estivesse velho, cego e confuso; mesmo que provavelmente não houvesse nada que pudesse salvar Grimsby do mar.

Mas ele não desapontaria seus amigos também.

— Você parece cansado, Tio — ele disse com gentileza. Era verdade. Quanto tempo o velho estivera sozinho naquela sala, assistindo à mensagem traiçoeira de Brighton em sua parede de

telas? Caul tocou sua mão. — Você deve descansar um pouco, agora eu estou aqui para ficar de olho nas coisas.

A cabeça do Tio se virou para encará-lo, seus olhos cintilando com algo de sua antiga astúcia. — Você está tentando me enganar, Caul? Foi isso que Gargle fez. “Tire um cochilo, Tio, querido”, ele dizia. “Deite-se um pouco, Tio”. E quando eu acordava, algumas das minhas coisas haviam sumido, ou outro garoto em quem eu confiava estava morto, e Gargle diria que havia sido um acidente...

— Por que você deixou que ele se safasse? — perguntou Caul.

O velho deu de ombros. — Porque eu tinha medo dele. E porque tinha orgulho dele. Ele era esperto, aquele Gargle, e fui eu quem o fez daquele jeito. Ele era como um filho para mim, eu acho. Gosto de pensar que eu e Anna poderíamos ter tido filhos, se ela não tivesse me enganado e fugido naquele dirigível caseiro. Gosto de pensar que eles teriam sido tão espertos quanto Gargle. Mas estou feliz que ele tenha partido, Caul, meu rapaz. Estou feliz que você esteja aqui agora.

Murmurando silenciosamente para si mesmo, o Tio deixou Caul ajudá-lo a subir a íngreme escada que levava ao seu quarto. Os pequenos motores do velho balão de carga zumbiam e estalavam, enquanto a bola de telas seguia com eles, suspensa a poucos metros acima de suas cabeças para que o Tio a pudesse observar, com seus olhos meio-cegos olhando nervosamente de uma tela a outra. A entrada para seu quarto havia sido construída mais alta e mais larga para deixar o balão passar. — Tenho de ficar de olho neles, Caul — ele murmurou —, nunca se sabe o que eles farão se não forem vigiados. Tenho de vigiar todos. Todos os lugares. Sempre.

O quarto havia sido ricamente mobiliado antes, pois os Garotos Perdidos traziam todas as coisas finas que roubavam para lá, como tributo ao Tio. Mas com o passar dos anos, pouco a pouco, Gargle deve ter encontrado desculpas para levar todos os tesouros para

baixo, até seus próprios cômodos. Tudo o que sobrou foi uma cama com uma colcha esfarrapada, algumas pilhas de livros mofados e um caixote virado que servia como criado-mudo. Havia um abajur incandescente e uma foto desbotada de uma jovem bonita num uniforme de escrava de Arkangel.

— Eu a guardo para me lembrar — disse o Tio, quando viu que Caul estava olhando para a foto, que rapidamente virou para baixo. — Minha Anna Fang. Bonita, não era? Eles a transformaram numa Caçadora agora, e a colocaram no comando do Tempestade Verde, e ela manda em mais da metade do mundo, com dirigíveis e exércitos sob seu comando. Eu segui sua carreira. Tenho um álbum de recortes, em algum lugar. Gargle achava que podia cuidar dela, mas eu sabia que isso não daria certo. Sabia que isso só daria em encrenca...

— Cuidar como? — perguntou Caul. Ele havia ouvido o Tio falar sobre seu amor perdido uma vez, mas ele nunca havia ouvido falar sobre os Garotos Perdidos tentando lidar com o mundo exterior. — É por isso que Gargle foi até Anchorage? Por isso ele queria o *Livro de Lata*?

O Tio se sentou na cama, e sua lua de telas de vigilância desceu até estar pairando sobre sua cabeça. — Gargle disse que havia problemas a caminho. Assim que aqueles três primeiros caramujos desapareceram, ele disse, “Há problemas a caminho”. Ele estava certo, não é? Só que não sabia quanto. Ele achava que, se conseguisse pôr as mãos no livro, poderia dá-lo ao Tempestade Verde e pedir sua proteção em troca; pedir que eles destruíssem qualquer cidade que viesse nos caçar.

— Mas por que eles iriam querer o *Livro de Lata*? — perguntou Caul.

— Quem sabe? — respondeu o Tio, dando de ombros. — Dois verões atrás eles enviaram uma expedição para tentar encontrar os destroços de Anchorage. Não encontram, é claro. Mas Gargle

conseguiu enviar uma câmara-caranguejo a bordo da embarcação, e ele descobriu o que eles esperavam dragar.

— O livro?

O Tio assentiu. — E também não eram membros quaisquer do Tempestade Verde. Eram agentes especiais, que reportavam diretamente a *ela*. Gargle pensou que, se ela estava pronta para enviar embarcações cheias de idiotas a meio mundo de distância no meio da guerra para procurar essa coisa, deve estar precisando muito dela. E ele se lembrou de ver algo assim quando estava roubando Anchorage naquela vez, só que não deu muito valor à época — ele balançou a cabeça. — Eu disse a ele que isso não daria certo. Disse-lhe para ficar aqui. Mas ele era assim, o jovem Gargle: uma vez que colocava uma ideia na cabeça, não tinha como impedi-lo. Assim ele foi, e agora está morto. Aquela cidade cruel levou meus garotos embora.

— Mas o que *era* aquilo? — perguntou Caul —, o *Livro de Lata*, quero dizer? O que o torna tão valioso?

O Tio, que estivera fungando tristemente, assoou o nariz num lenço de bolinhas e olhou para Caul. — Não sei — ele disse —, nunca descobrimos. Gargle espalhou a história de que era um projeto para um grande submarino dos Antigos que iria nos salvar, mas acho que ele inventou tudo isso. Para que a minha pobre Anna iria querer um submarino? Não. Acho que é uma arma. Algo grande.

Ele guardou o lenço e bocejou. — Agora, meu rapaz. Já chega do passado. Devemos pensar no futuro. Devemos fazer planos. É hora de começar a reconstruir. Vamos precisar roubar algumas coisas. Ainda bem que você trouxe o *Verme Parafuso* para casa com você, veio bem a calhar, veio sim. E eu ainda tenho o velho *Naglfar*. Lembra do bom e velho *Naglfar*?

— Vi que está no ancoradouro quando chegamos — disse Caul. Podia ver que o Tio estava ficando sonolento. Ele o ajudou a se deitar e colocou uma colcha esfarrapada sobre ele, enfiando-a sob

seu queixo. — Você precisa dormir um pouco, precisa dormir, e, quando acordar, será hora de começarmos.

O Tio sorriu para ele e fechou os olhos. A bola de telas sobrevoava acima de seu travesseiro, e, no brilho dos tubos das imagens das câmeras-caranguejo, seu rosto velho parecia luminoso, uma máscara de papel iluminada por dentro pelas luzes chamejantes de seus sonhos.

✧ ✧ ✧

Na câmara abaixo, algumas das crianças também haviam ido dormir. O resto se sentava em silêncio, observando com olhos enormes e confiantes enquanto Tom contava-lhes uma história que ele costumava contar a Wren quando ela era pequena e acordava assustada no meio da noite. Eles não pareciam assustados pelos gemidos e tremores da cidade moribunda, ou pelas gotas de água descendo pelas paredes. Havia sido assustador quando estavam todos sozinhos, mas agora que aqueles bondosos adultos haviam chegado, eles tinham certeza de que tudo ficaria bem.

Hester perambulou pelos cantos da sala, procurando armas ou algum jeito de arrombar as pesadas trancas nas portas, ficando cada vez mais brava por não encontrar nenhum dos dois.

— O que faremos se você encontrar uma saída? — Freya perguntou com gentileza. — Sente-se. Você vai assustar as crianças.

Hester franziu a testa para ela. — O que eu farei? Descerei até o ancoradouro, é claro, e para dentro do *Verme Parafuso*.

— Mas não podemos colocar todos dentro do *Verme Parafuso*. Mesmo se conseguíssemos colocar todas as crianças no interior, não haveria ar ou combustível suficiente para nos levar de volta à Anchorage.

— Quem disse que vamos levar as crianças? — perguntou Hester. — Eu vim salvar Wren, não esses pequenos selvagens.

Wren não está aqui, então vamos levar o *Verme* até Brighton e procurar nossa filha lá.

— Mas as crianças... — gritou Freya, e rapidamente parou, caso eles a ouvissem e adivinhassem o que Hester estava planejando. — Hester, como você pode sequer pensar tal coisa! Você tem uma filha!

— É isso mesmo — disse Hester —, e se você tivesse filhos, então saberia como eles dão trabalho. E essas sequer são crianças comuns. Está tudo bem você chegar toda mamãe e cheia de carinho, mas esses são *Garotos Perdidos*. Você não pode levá-los para Anchorage. O que fará com eles lá?

— Amá-los, é claro — respondeu Freya simplesmente.

— Ah, como você amou Caul? Isso realmente deu certo, não foi? Elas vão lhe roubar, e então provavelmente vão matá-la. Você perdeu sua coragem, Branca de Neve. Você me pediu uma vez para ajudá-la a proteger Anchorage. Bem, vou protegê-la me certificando de que você não leve uma gangue de bebês-ladrões para casa como recordação de Grimsby.

Freya deu um passo atrás, como se não quisesse ficar perto de Hester. — Não acho que Anchorage precise mais desse tipo de proteção — ela disse. — Fiquei contente por você uma vez. Esperava que todos esses anos de paz lhe trouxessem paz, também. Mas você não mudou.

Hester estava prestes a responder quando a porta atrás dela se abriu e Caul entrou. Ela se virou para ele, ao invés disso. — Veio se gabar na frente de seus prisioneiros?

Caul não a olhava nos olhos. — Vocês não são prisioneiros — ele disse —, eu só não queria que alguém se machucasse. E eu não queria obrigar o Tio a partir. Ele morreria se deixasse Grimsby.

— Ele vai morrer se ficar — disse Hester —, a não ser que ele seja um nadador muito bom.

Caul a ignorou, e falou com Freya e Tom. — Ele está dormindo agora. Ele vai dormir por horas, com sorte. Isso lhes dá tempo de fugir.

— E você? — perguntou Freya.

Caul balançou a cabeça. — Eu tenho que ficar. Sou tudo que lhe sobrou.

— Bem, você é mais do que ele merece — disse Tom indignado. — Sabe que ele não vai conseguir reconstruir este lugar, não é?

— Você não entende... — disse Caul. — Vê-lo desse jeito, tão velho, louco e triste... É claro que Grimsby está acabada. Mas o Tio não percebe isso. Sou o último de seus garotos, Tom. Tenho de ficar com ele até o fim.

Freya estava prestes a tentar colocar algum senso em sua cabeça, mas Hester a interrompeu. — Por mim tudo bem. Agora, qual é a sua sugestão para nossa fuga?

Caul sorriu para ela, contente por ter uma pergunta prática para responder. — O *Naglfar*. Ele é o submarino de carga que vimos no ancoradouro quando chegamos aqui. Ele está velho, mas é confiável. Ele os levará de volta para Anchorage.

— Então você precisa vir também! — disse Freya, aliviada. — Não sei dirigir um submarino sozinha, ou pilotar, seja lá o que se deve fazer com eles.

— Tom e Hester irão lhe ajudar.

— Tom e Hester vão levar o *Verme Parafuso* para Brighton — disse Hester.

— Não — Caul lhe disse —, vocês precisam ir com Freya. Eu tenho de ficar com o Tio. Vou ajudar a colocar combustível e provisões no *Naglfar*. Vocês podem levá-lo até Anchorage e, então, quando Freya e as crianças estiverem a salvo, você pode levá-lo para Brighton e encontrar Wren.

E então, pela última vez, o ancoradouro de Grimsby se encheu do barulho de um submarino sendo preparado para se lançar ao mar. O *Naglfar* era um velho tubo enferrujado em ruínas, mas Caul disse que ele nadaria, e havia espaço suficiente em seu interior espaçoso para todas as crianças. Ele não lhes disse o que mais sabia sobre ele; que ele foi o submarino que o Tio roubara anos atrás dos varredores Snowmad, e o usou para começar seu império subaquático. Nem mencionou de onde veio seu nome: nas antigas lendas nórdicas, o *Naglfar* era um barco construído com unhas de homens mortos, e nele os deuses das trevas navegariam para a batalha no fim do mundo. Ele não queria que as crianças tivessem pesadelos.

Tom e Caul se concentraram em testar os motores do velho submarino, enquanto Hester enchia os tanques com combustível e Freya fazia com que algumas das crianças mais velhas mostrassem a ela as despensas de Grimsby, onde pegaram braçadas de provisões para alimentá-los na viagem de volta à Vineland.

Tudo teve de ser feito rapidamente. Gemidos e estrondos metálicos rolavam através das passagens até o prédio, conforme placas do casco que haviam sido danificadas pelas cargas de profundidade de Brighton lentamente mudavam de posição e cediam sob a pressão do mar, e portas das divisórias se fechavam para selar as áreas inundadas. Ninguém se esquecera de que o Tio ainda estava lá em cima em seus cômodos com seus sonhos malucos. Mas o Tio parecia estar dormindo profundamente por enquanto. Pelo menos, quando Tom abriu as escotilhas do *Naglfar* e olhou para o teto sombreado, não conseguiu ver nenhuma câmara-caranguejo se mexendo.

Ele encostou-se à tampa aberta da escotilha por um instante, satisfeito pelo frio, pois estava ficando quente e abafado na sala dos motores do *Naglfar*. Ele estivera trabalhando demais ali embaixo, e preocupando-se muito com Wren. Sua antiga ferida estava doendo

novamente, pontadas agudas de dor, como se seu coração estivesse cheio de vidro quebrado. Ele se perguntou novamente se iria morrer. Não achava que tivesse medo de morrer, mas tinha medo de morrer antes de encontrar Wren.

Decidiu se preocupar com Caul ao invés de com ele mesmo. Saiu do submarino e encontrou Hester vindo pelo estaleiro.

— O que vamos fazer com o Caul? — Tom perguntou em voz baixa, puxando-a para o lado. — Ainda está decido a ficar aqui. Ele esqueceu que o Tio tentou matá-lo?

Hester negou com a cabeça. — Ele não esqueceu — ela disse —, eu não acho que ele *quer* ficar aqui, exatamente. É só que ele ama o Tio.

— Mas o Tio quase o matou!

— Isso não faz nenhuma diferença — disse Hester —, o Tio é a coisa mais próxima que Caul tem de uma mãe ou um pai. Todos amam seus pais. Podem não perceber sempre que os amam, podem até odiá-los ao mesmo tempo, mas sempre há um pouco de amor misturado com o ódio, o que torna as coisas muito... complicadas.

Ela parou, sem conseguir se explicar, pensando em seus próprios sentimentos complicados pelo seu pai falecido e por sua filha desaparecida. Ela gostaria que Wren a amasse tanto quanto Caul amava o Tio.

— Freya me contou que Caul sonha com esse lugar todas as noites — disse Tom —, ele sonha com a voz do Tio, sussurrando do jeito que costumava sussurrar quando era criança. Por que o Tio ficava falando com eles, através dos alto-falantes, mesmo quando estão dormindo?

— Talvez ele estivesse fazendo lavagem cerebral neles, algo assim — disse Hester.

— É isso que eu acho — Tom concordou —, colocando um tipo de gancho em suas mentes que sempre os puxaria de volta à

Grimsby, não interessa para onde tentam correr, ou o quanto querem fugir.

— Vamos sobrepujar Caul — disse Hester —, bater em sua cabeça e arrastá-lo. Ele verá a razão quanto estivermos no mar.

— Talvez — disse Tom —, talvez uma vez que este lugar estiver acabado, e o Tio morto, ele poderá esquecer.

Da torre de comando do *Naglfar* veio um grito agudo e infantil. — As câmeras! — gritou um garoto chamado Eel, que Freya havia mandado ficar de guarda porque ele era muito pequeno para fazer qualquer outra coisa. — As câmeras estão se movendo!

Tom e Hester olharam para cima. Acima deles, câmeras-caranguejo corriam ao longo das lanças enferrujadas dos guindastes, passando por cima uma das outras enquanto focavam suas lentes na piscina onde o *Naglfar* chafurdava.

— O velho acordou — disse Caul, cambaleando para fora da escotilha frontal do submarino e descendo até o estaleiro com Freya logo atrás.

— E daí? — perguntou Hester —, ele não pode nos impedir de partir agora.

— Quem disse partir? — perguntou a voz rouca do Tio —, ninguém vai partir.

Ele veio mancando na direção deles entre as piscinas vazias. A arma de Hester parecendo enorme em sua mão trêmula e frágil. Acima de sua cabeça o velho balão flutuava como uma bolha de pensamento mofada, e o globo de telas logo abaixo tremeluzia com imagens das câmeras-caranguejo. Ele levantou a arma e puxou o gatilho, mandando uma bala no metal da torre de comando do *Naglfar*. O som ecoou entre os guindastes sombreados, e, como em resposta, uma divisória sob pressão em algum lugar nos andares superiores emitiu um longo gemido, como alguma enorme criatura morrendo de indigestão lenta e dolorosamente.

O Tio o ignorou. — O Tio Sabe das Coisas! — ele gritou estridente. — Fiquem aqui, me ajudem a reconstruir Grimsby, e serão recompensados. Tentem fugir, e serão jogados para fora da porta seladora de água para alimentar os peixinhos.

As crianças gritaram. Hester ficou à frente de Tom para protegê-lo. Caul correu na direção do velho. — Tio — ele disse —, acho que Grimsby está mais danificada do que nós pensávamos.

— Bem? — perguntou, olhando para um *close-up* de Caul em uma de suas telas. — Então? Estava pior do que isso quando eu vim para cá pela primeira vez.

— Sr. Kael — Freya chamou gentilmente. — Stilton?

Ela andou pelo estaleiro, enquanto câmeras-caranguejo nos guindastes acima dela davam zoom em seu rosto e suas mãos freneticamente. Caul tentou impedi-la, mas ela o empurrou para o lado e estendeu sua mão para o Tio. — Caul está certo — ela disse —, Grimsby está chegando ao seu fim. Foi uma ideia corajosa, e estou feliz em poder vê-la, mas está na hora de partir. Você pode vir conosco, de volta à Anchorage. Não gostaria de respirar ar fresco novamente, e de ver o sol?

— O sol? — perguntou o Tio, e seus olhos subitamente se encheram de lágrimas. Fazia muito tempo desde que alguém o tratava com tanta gentileza. Fazia muito tempo desde que alguém o chamara de Stilton. Freya estendeu sua mão para ele e ele olhou para sua bola de telas flutuantes, para suas mãos brancas e gentis suspensas enormes acima dela, como asas.

— Deixar Grimsby? — ele disse, mas de uma maneira pensativa, suave. As câmeras-caranguejo deram um zoom até que todas as telas mostrassem Freya, ou partes de Freya; seu rosto, seus olhos, sua boca, a curva suave de sua bochecha, suas mãos; tudo enorme, como peças de uma deusa que se pode montar usando um kit monte-você-mesmo. O Tio queria segurar aquelas mãos bondosas, e ir embora com ela, e ver o sol novamente antes de

morrer. Ele deu um meio passo em sua direção, e então ele se lembrou de Anna Fang, e de como ela o havia traído.

— Não! — ele gritou —, não! Não vou! É tudo um truque!

Ele apontou a arma para ela e puxou o gatilho, e o enorme barulho ressoou pelo ancoradouro e fez todas as crianças gritarem e cobrirem seus ouvidos. A bala passou através do rosto sorridente de Freya, e seu rosto se quebrou. Havia escuridão atrás dele, e faíscas, e conforme a chuva de vidro caía sobre ele, o Tio percebeu vagamente que não havia atirado em Freya, mas apenas em sua imagem na maior de suas telas. Ele procurou pela Freya de verdade, mas Caul a puxou para o lado para protegê-la, e o Tio não queria atirar em Caul.

De algum lugar acima dele veio um suspiro longo e perturbador. A arma pesada caiu de suas mãos. Ele olhou para cima. Todos olharam para cima, até as crianças assustadas. O suspiro ficou mais alto, e o Tio viu que seu tiro havia aberto um buraco no balão que segurava sua lua de telas. Enquanto olhava, o buraco virou um amplo talho, como uma boca aberta.

— Tio! — gritou Caul.

— Caul! — berrou Freya, puxando-o para trás, segurando-o com força.

— Anna... — suspirou o Tio.

E a bola de telas caiu sobre ele como uma bota sobre uma aranha. As telas explodiram, faíscas estouraram azuis e brancas, vidro quebrado choveu através do estaleiro. O balão caiu sobre os destroços como uma mortalha, e quando a fumaça das máquinas destruídas atingiu o teto, um sistema de *sprinklers* foi ligado, enchendo o ancoradouro de uma chuva gelada e salgada.

Tom se aproximou correndo, e Hester, pegando Freya pelos ombros trêmulos, perguntou:

— Você está bem?

— Acho que sim — ela disse, assentindo, encharcada e espirrando por causa da fumaça. — O Tio está...?

Caul deu a volta na pilha de telas ardentes. Apenas os pés do Tio, eu suas encardidas pantufas de coelho, eram visíveis embaixo dos destroços. Eles se contorceram algumas vezes, e então ficaram parados.

— Caul? — chamou Freya.

— Estou bem — disse Caul. E estava mesmo, apesar de, por alguma razão, não conseguir parar de chorar. Ele puxou um pedaço de tecido do balão, colocou sobre as pantufas de coelho e se virou para encarar os outros. — Vamos — ele disse —, vamos colocar o *Naglfar* para nadar antes que este lugar acabe de quebrar. O *Verme* também. Tom e Hester irão precisar do *Verme* se quiserem ir atrás de Wren.

◊ ◊ ◊

O trabalho foi feito rapidamente depois disso. Grimsby estalava e lamentava constantemente, e às vezes um estremecimento ameaçador agitava a água nas piscinas, como se o improvável e velho lugar soubesse de alguma maneira que seu fundador estava morto, e que estava morrendo junto com ele.

O combustível foi colocado, e baterias novas e barris de água foram rolados para dentro do *Verme Parafuso* e do *Naglfar*. Hester perambulou pelas reservas de tesouro de Grimsby, recolhendo montes de moedas de ouro, pois ela suspeitava que o dinheiro pudesse ser útil a bordo de Brighton. E, quando ninguém estava olhando, ela remexeu nas ruínas de telas até encontrar sua arma, ainda segura na mão morta do Tio. Ela tinha certeza de que encontraria utilidade para o objeto.

No desembarcadouro, Tom abraçou Freya.

— Boa sorte — ele disse a ela.

— Boa sorte para você também — disse Freya, segurando seu rosto e sorrindo para ele. Ela hesitou, corando. Ela queria avisar Tom, se pudesse, sobre sua esposa. Ela ainda não achava que ele compreendia como Hester poderia ser implacável. Ela sabia que Hester o amava, mas não achava que Hester se importava com mais ninguém, e ela tinha medo de que, um dia, sua crueldade trouxesse problemas para os dois.

— Tom — ela disse —, tome cuidado com Hester, está bem?

— Um tomará conta do outro, como sempre — disse Tom, entendendo errado.

Freya desistiu, e o beijou. — Vocês vão encontrar Wren — ela disse —, tenho certeza.

Tom assentiu. — Tenho certeza disso também. E vou encontrar o *Livro de Lata* também, se puder. Se o que o Tio contou ao Caul for verdade, se o Tempestade Verde estiver em guerra com as cidades... Eu vi como eles são na Pousada do Velhaco, Freya. Se aquele livro for a chave para algo perigoso, não podemos deixar que eles o peguem...

— Não sabemos com certeza se ele é a chave para alguma coisa — Freya o lembrou —, seria melhor recuperá-lo se conseguirmos, apenas para garantir. Mas Wren é tudo o que importa. Encontre-a Tom. E volte a salvo para Vineland.

Então Tom foi a bordo do *Verme Parafuso* com Hester. Freya os observou, acenando enquanto o *Verme* submergia, e ficou com Caul na borda da piscina até que as últimas ondulações desaparecessem. As crianças estavam esperando por ela a bordo do *Naglfar*, suas vozes altas e nervosas se derramando através das escotilhas.

— Estamos indo agora?

— Anchorage fica longe?

— Vamos realmente ter nossos próprios quartos e tudo o mais lá?

— O Tio está morto de verdade?

— Eu estou enjoado!

Freya segurou a mão de Caul nas suas. — Então? — ela perguntou.

— Vamos — ele disse —, vamos para casa.

Então eles foram, e Grimsby foi abandonada afinal. Depois de alguns dias, até mesmo a fraca luz de suas janelas se desvaneceu, e uma a uma as bombas de ar morreram. Através das rachaduras e fissuras, sem que houvesse quem as consertasse, o mar entrou pacientemente, e os peixes construíram seus lares nos salões dos Garotos Perdidos.

◊ ◊ ◊

Tom sentiria falta da companhia de Freya, e até mesmo a de Caul, mas para Hester era um alívio estar sozinha com ele novamente. Ela nunca se sentira realmente confortável com mais ninguém a não ser Tom, exceto por Wren, quando Wren era menor. Observou Tom com carinho enquanto ele trabalhava com os estranhos controles do *Verme Parafuso*, franzindo a testa em concentração enquanto tentava se lembrar de tudo que Caul o havia ensinado. Naquela noite, quando o caramujo corria suavemente sul por sudoeste, na direção dos territórios pelos quais Brighton navegava, e as águas cantavam contra o casco, ela deslizou para a cama e enroscou seu corpo no dele, beijando-o, se lembrando de como, quando eram jovens e estavam juntos pela primeira vez no *Jenny Haniver*, costumavam se beijar por horas. Mas Tom estava preocupado demais com Wren para retribuir o beijo de maneira apropriada, e ela ficou acordada um longo tempo enquanto ele dormia, pensando amargamente: *Ele a ama mais do que jamais me amou.*

A Grinalda de Casamento



A primeira geada chegou à Vineland antes do *Naglfar*. O velho submarino, com pessoas demais a bordo e seus pobres motores resmungando o caminho todo, demorou várias semanas para voltar ao Continente Morto e erguer seu nariz pelos rios tortuosos pelos quais o *Verme Parafuso* havia nadado em poucos dias. Mas Caul conseguiu levá-lo até Anchorage afinal, e ele emergiu através de uma camada fina de gelo perto da praia de ancoragem. Freya saiu acenando, e foi quase atingida por uma bala novamente, desta vez disparada pelo Sr. Smew, que achou que os Garotos Perdidos estavam invadindo a cidade.

De uma certa maneira, eles estavam. Anchorage nunca seria a mesma novamente, agora que todas aquelas crianças tempestuosas e mal educadas, às vezes problemáticas, foram viver ali. Freya se ocupou abrindo os andares superiores do Palácio de Inverno que estavam abandonados, e o antigo prédio se encheu de vida e barulho enquanto as crianças se mudavam para seus novos cômodos. Algumas delas não estavam acostumadas em não roubar, e algumas tinham pesadelos, gritando o nome do Tio e de Gargle em seus sonhos, mas Freya estava convencida de que, com paciência e amor, elas poderiam esquecer suas vidas embaixo d'água e poderiam se tornar habitantes de Vineland, felizes e saudáveis.

Afinal, isso havia funcionado com Caul, eventualmente. Freya não queria contar o que havia se passado entre eles na viagem para

casa, mas o antigo Garoto Perdido nunca mais voltou para seu barracão no distrito dos motores. No começo daquele outubro, quando as colheitas haviam terminado, os animais haviam sido recolhidos das altas pastagens e a cidade estava se preparando para o inverno, ele e a margravina se casaram.

✧ ✧ ✧

Freya acordou cedo na manhã depois de seu casamento; estava completamente desperta às cinco horas, da mesma maneira que fazia quando era jovem. Ela saiu da cama, com cuidado para não acordar Caul, e foi até a janela de seu cômodo, com o chão frio sob seus pés descalços e os farrapos de sua grinalda ainda presos ao seu cabelo.

Quando abriu as cortinas, ela viu que o gelo estava grosso sobre o lago, e que neve havia caído durante a noite. Ela se sentia feliz por sua cidade estar de volta aos domínios dos Deuses do Gelo por mais seis meses. Os deuses do verão, do lago e da caça, foram bons para seu povo, e os deuses do mar e a deusa do amor haviam sido bons para ela também, mas os Deuses do Gelo eram deuses com os quais ela havia crescido, e ela confiava neles mais do que nos outros. Ela soltou a respiração na janela e desenhou o símbolo do floco de neve no vidro embaçado e murmurou:

— Proteja Tom. E Hester também, apesar de ela não merecer. Leve-os até Wren, onde quer que ela esteja. E que todos voltem para casa, em segurança, felizes e juntos.

Se os Deuses do Gelo ouviram sua oração, não mandaram nenhum sinal. A única resposta que Freya teve foi o som do vento soprando nas torres do Palácio de Inverno, e a voz de seu marido, gentil e sonolenta, chamando-a de volta para a cama.



Uma Vida Sobre as Ondas



Pennyroyal, meu querido?

— Hummmmmm?

Era manhã no Pavilhão, e o prefeito e a sua esposa estavam sentados em pontas opostas da longa mesa na sala do desjejum, protegida do sol quente por cortinas de musselina. Atrás da cadeira da prefeita, seu escravo africano agitava um leque de pena de avestruz, soprando ar frio sobre ela, e farfalhando as folhas do jornal que seu marido tentava ler.

— Pennyroyal, estou falando com você.

Nimrod Pennyroyal suspirou e abaixou o jornal. — Sim, Boo-Boo, meu tesouro?

É uma verdade universal reconhecida que um falso explorador que possui uma grande fortuna deve procurar uma esposa, e Pennyroyal se viu atravancado com Boo-Boo Heckmondwyke. Quinze anos antes, quando o *Ouro do Predador* estava no topo da lista de mais vendidos a bordo de todas as cidades no Campo de Caça, ela havia parecido ser uma boa ideia. Sua família fazia parte da antiga aristocracia de Brighton, mas era pobre. Pennyroyal era um reles aventureiro, mas era rico. O casamento permitiu que os Heckmondwyke recuperassem sua fortuna, e deu a Pennyroyal a influência social que ele precisava para se eleger prefeito. Boo-Boo se tornou uma excelente esposa para um homem ambicioso; ela era ótima em bater-papo e em decoração com flores, planejava jantares com precisão militar e era especialista em dar início a eventos de

caridade e celebrações, e inegalável em inaugurações de pequenos hospitais.

Ainda assim, Pennyroyal chegou a se arrepender de seu casamento. Boo-Boo era uma mulher tão grande, energética e enfeitada que o cansava só de estar na mesma sala. Cantora amadora, ela tinha verdadeira paixão pelas óperas do Blue Metal Culture, que duravam dias sem um único indício de afinação, e que geralmente acabavam com todos os personagens mortos numa pilha. Quando Pennyroyal a irritava, questionando sobre o custo de seu último vestido de festa ou flertando muito abertamente com a mulher de um conselheiro em algum jantar, ela praticava suas escalas até as janelas chacoalharem, ou ligava o gramofone no último volume e enchia a casa com todos os seiscentos versos da *Ária do Arpão de Diana, Princesa das Galés*.

— Eu espero que você *ouça* quando eu falo com você, Pennyroyal — ela dizia agora, colocando seu croissant no prato de forma ameaçadora.

— É claro, minha querida. Estava apenas analisando os últimos relatórios de guerra no *Palimpsest*. Notícias excelentes do fronte. Faz alguém se sentir orgulhoso de ser um Tracionista, hein?

— Pennyroyal!

— Sim, doçura?

— Estive supervisionando os preparativos para nosso Baile do Festival da Lua — disse Boo-Boo —, e notei que você convidou os Furões Voadores.

Pennyroyal meio que deu de ombros com seu corpo todo.

— Não sei ao certo se deveríamos entreter mercenários, Nimrod.

— Eu apenas convidei a líder, Orla Twombly — Pennyroyal protestou —, eu posso ter dito que ela poderia trazer alguns de seus amigos se ela quisesse. Não gostaria que se sentisse excluída, sabe... É uma aviadora famosa. Sua máquina voadora, o *Canguru*

Briguento, abateu três dirigíveis de guerra na Batalha da Baía de Bengal.

Conforme falava, uma visão da ás dos ares encheu a mente de Pennyroyal, lustrosa e maravilhosa em seu traje de voo rosa. Ele sempre se sentira orgulhoso por ser popular com as mulheres. Ora, quando era jovem ele tivera romances apaixonados com mulheres exóticas e lindas (Minty Bapsnack, Peaches Zanzibar e o Time de Croquete Feminino de Traktiongrad Smolensk vieram à sua mente). Ele esperava que a audaciosa Orla Twombley logo pudesse ser adicionada à sua lista.

— Ela é bonita, não é? — disse Boo-Boo friamente.

Pennyroyal se mexeu sem jeito em sua cadeira. — Não posso dizer que realmente notei... — ele balbuciou. Ele odiava cenas como essa. Aquele olhar desagradável e cheio de suspeitas nos olhos de Boo-Boo *era o tipo de coisa*, ele pensou, *que acaba com o café da manhã de um camarada*. Para sua sorte, foi salvo do interrogatório por um de seus escravos domésticos, que abriu a porta da sala do desjejum:

— O Sr. Ploverly deseja vê-lo, Venerável.

— Excelente! — gritou Pennyroyal, e se levantou agradecido para cumprimentar seu visitante. — Ploverly! Meu querido amigo! Como é maravilho vê-lo!

Walter Ploverly, um vendedor de antiguidades de um dos imundos viveiros de Laines, era o conselheiro do prefeito em peças Old-Tech, e havia ajudado Pennyroyal a arrecadar um bom dinheiro vendendo secretamente itens do Museu de Brighton. Ele era um homem pequeno e ansioso com um rosto que parecia ter sido moldado com massa e esquecido de ser assado. Ele pareceu surpreso com o cumprimento exuberante de Pennyroyal; as pessoas não costumavam ficar tão felizes em vê-lo. Mas as pessoas também não costumavam ser interrogadas a respeito de adoráveis aviadoras pela Senhora Pennyroyal quando ele as visitava.

— Estive pesquisando sobre aquele *item* que o Venerável me mostrou — ele disse, caminhando para mais perto de Pennyroyal. Seus olhos dispararam em dúvida na direção de Boo-Boo. — O senhor se lembra, Venerável? O *item*?

— Ah, não precisa guardar segredo, Plover — Pennyroyal disse a ele —, Boo-Boo sabe tudo sobre ele. Não sabe, meu pudinzinho de coco? Aquele livro de metal que eu peguei do velho Shkin semana passada. Pedi ao Plover que desse uma olhada nele, só para saber o que ele achava...

Boo-Boo deu um sorriso fraco e pegou o jornal, virando para a página de fofocas. — Perdoe-me, Sr. Plover. Conversar sobre Old-Tech é tão chato...

Plover assentiu, fez uma pequena reverência na sua direção e se virou de volta para Pennyroyal. — O Senhor ainda está com o item?

— Está no cofre em meu escritório — disse Pennyroyal —, por quê? Acha que pode valer alguma coisa?

— Pos-s-sivelmente — disse Plover, com cautela.

— A Garota Perdida que chegou com ele parecia achar que ele tinha algo a ver com submarinos.

O Sr. Plover se permitiu uma risadinha. — Ah, não, Venerável. Ela certamente não sabe nada sobre a linguagem das máquinas dos Antigos.

— Uma linguagem das máquinas, hein?

— Um código, que pode ter sido usado pelos nossos ancestrais para se comunicarem com os cérebros de seus computadores. Não consigo encontrar nenhum exemplo dessa linguagem em particular em nenhum lugar em nossos registros históricos. Contudo, ele é parecido com certos fragmentos sobreviventes do código militar americano.

— Americano, hein? — disse Pennyroyal. — Militar? Isso deve valer alguns trocados. Essa guerra está se arrastando há catorze

anos. As pessoas estão desesperadas. Os departamentos de Pesquisa e Desenvolvimento das grandes cidades combatentes pagariam uma fortuna por uma espiada nessa super arma.

O rosto de Ploverly ficou um pouquinho rosado enquanto imaginava sua porcentagem da fortuna. — O senhor gostaria que eu tentasse providenciar a venda, Venerável? Tenho contatos nos Estados Livres Móveis...

Pennyroyal negou com a cabeça. — Não, Ploverly, eu cuidarei disso. Não adianta fazer nada até depois do Festival da Lua. Irei colocar o livro de volta no cofre até que as celebrações tenham terminado, e então entrarei em contato com alguns dos meus contatos. Há uma arqueóloga que conheço, uma jovem atraente chamada Cruwys Morchard; ela geralmente para em Brighton no outono e sempre parece estar à procura de estranhas peças Old-Tech. Sim, acho que posso arrumar uma venda sem incomodar você, Ploverly.

Ele dispensou o descontente vendedor de Old-Tech e se sentou para continuar seu café da manhã, apenas para ser confrontado pelo *Palimpsest*, que sua esposa segurava para que ele pudesse ver. Ali, na primeira página da seção de fofocas, estava uma foto inteira dele entrando num cassino em Laines de braços dados com Orla Twombly, que parecia estar ainda mais parecida com uma deusa do que Pennyroyal se lembrava.

— Bem — ele disse em voz alta —, ela não é o que eu chamaria de *bonita*...

✧ ✧ ✧

— Pobre Boo-Boo! — disse Wren, em pé sem ser percebida numa galeria no alto da sala do desjejum, ao lado de sua nova amiga Cynthia Twite. A conversa de Pennyroyal com Ploverly fora baixa demais para que ela pudesse ouvir, mas ela havia escutado

cada palavra da conversa sobre Orla Twombly. — Não sei como ela aguenta tudo isso...

— Aguenta o quê? — perguntou Cynthia toda inocente.

— Você não ouviu? Boo-Boo acha que ele está tendo um *affair* com Orla Twombly!

— O que é um *affair*? — perguntou Cynthia, franzindo a testa —, é um tipo de bolo?

Wren suspirou. Cynthia era muito doce, muito bonita e muito inocente. Ela era uma escrava doméstica no Pavilhão há vários anos, e quando Wren chegou a Senhora Pennyroyal havia pedido a ela que fosse amiga de Wren e explicasse as tarefas da casa. Wren ficava feliz com a companhia, mas sentia que já compreendia melhor a vida do Pavilhão do que Cynthia jamais soubera.

— Boo-Boo acha que Pennyroyal e a Senhorita Twombly estão tendo um caso — ela explicou com paciência.

— Oh! — Cynthia pareceu escandalizada —, oh, pobre Senhora! Que absurdo, um homem da sua idade, se jogando em cima de aviadoras!

— Eu poderia te contar coisas muito piores que essa sobre Pennyroyal — Wren sussurrou, e depois parou, lembrando-se de que não podia contar nada para Cynthia. Para todos no Nas Nuvens, Wren era apenas uma Garota Perdida, que não sabia de nada sobre Pennyroyal além do que ele havia escrito em seus livros idiotas.

— O quê? — perguntou Cynthia, intrigada —, que coisas?

— Conto alguma outra hora — Wren prometeu, sabendo que Cynthia iria se esquecer.

Para mudar de assunto, ela disse:

— Quem é aquele garoto atrás da cadeira de Boo-Boo? Aquele com o leque? Eu o vi na piscina outro dia. Ele sempre está tão triste.

— Ah, ele é outro recém-chegado, como você — disse Cynthia animada —, ele está aqui há apenas poucas semanas. Seu nome é

Theo Ngoni, e ele era um aviador do Tempestade Verde! Ele foi capturado numa grande batalha em algum lugar, e Pennyroyal o comprou para Boo-Boo como um presente de aniversário. Parece ficar cada vez mais na moda ter um Musgoso como escravo, mas eu acho assustador. Quero dizer, podemos ser assassinados em nossas camas, podemos sim! Olhe para ele! Ele não parece perverso?

Wren analisou o garoto. Ele não parecia perverso a ela. Ele era mais velho que ela, e jovem demais para lutar em batalhas. Como deveria ter sido terrível para ele, ser derrotado e levado para longe de seu lar, enviado para agitar um leque para os Pennyroyal todos os dias! Não era de se estranhar que ele parecesse tão triste. Wren sentiu pena dele, e isso logo a fez sentir pena de si mesma, fazendo lembrar que deveria estar procurando um jeito de escapar daquele lugar.



Durante alguns dias, Pennyroyal havia dado uma atenção especial a Wren, chamando-a de “minha fã submarina”, e emprestando-a seu último livro, uma história sobre a guerra com o Tempestade Verde. Mas ele rapidamente se esqueceu dela, e Wren se tornou simplesmente mais uma das escravas de sua esposa.

Sua nova vida era simples. Ela acordava todos os dias às sete horas, tomava seu café da manhã, e ia junto com as outras criadas para o quarto da Senhora Pennyroyal, onde elas a acordavam e a ajudavam a se vestir. Passavam uma hora trabalhando em seu penteado, que era elaborado, caro e tinha muitos metros de altura. Durante as manhãs, quando o prefeito ia para a Prefeitura, sua esposa gostava de um longo e relaxante nado na piscina. Às vezes, durante as tardes, quando Pennyroyal chegava em casa um pouco bêbado de uma coisa que ele chamava de “almoço de negócios”, Boo-Boo pegava o bondinho e descia até Brighton para fazer visitas,

ou inaugurar coisas, mas nunca levava nenhuma de suas bonitas e jovens criadas com ela, apenas dois garotos escravos para carregarem suas compras.

Às oito horas da noite, o jantar era servido. Geralmente era um grande evento, com muitos convidados, e Wren e as outras garotas entravam e saíam correndo com cisne assado, bifes de tubarão, torta do mar e grandes sobremesas oscilantes. Depois disso, a Senhora Pennyroyal tinha de ser auxiliada no banho e vestida para dormir, antes que as garotas pudessem ir para suas próprias camas, num dormitório que ficava no andar térreo.

Era muito trabalho às vezes, mas, quando não estava ocupada servindo a prefeita, Wren podia fazer praticamente o que quisesse, e o que ela gostava, naquelas primeiras semanas, era de andar pelo Pavilhão e pelos seus terrenos com Cynthia Twite.

O palácio de Pennyroyal era um apanhado de maravilhas, e Wren adorava os jardins, com seus passeios cobertos, o elaborado labirinto de topiários, os bosques de ciprestes verde-azulados e os relicários de antigos deuses. Às vezes, enquanto Brighton seguia para o sul, rumo a águas mais quentes e ao sol dourado de outono, ela ficava em pé perto do corrimão na orla dos jardins e olhava para a cidade branca abaixo dela, para o mar cintilante, para as gaivotas e dirigíveis voando em círculos e para as bandeirolas esvoaçando ao vento, e se perguntava se não tinha valido a pena ser sequestrada e escravizada apenas para ver toda aquela beleza.

Contudo, cada vez mais, conforme as semanas passavam, ela sentia saudade de sua mãe e de seu pai. Ela sabia que tinha de fugir do Nas Nuvens. Mas como? Nenhum dirigível tinha permissão de pousar no convés, então a única maneira de sair de lá era pelo bondinho, que era fortemente vigiado pela milícia de casacos vermelhos de Brighton. E mesmo que pudesse descer até Brighton, do que adiantaria? Ela tinha a marca da Corporação Shkin, e se tentasse subir a bordo de algum dirigível que estivesse de saída,

seria capturada como uma escrava fugitiva, sendo entregue diretamente a Shkin.

E a cada dia ela estava sendo levada para mais longe de seu lar. Brighton seguia para o sul, descendo a longa costa do Campo de Caça, enquanto empoeiradas cidades tracionadas de dois níveis se emparelhavam com eles na margem. Todos falavam sobre o Festival da Lua. Boo-Boo escrevia e reescrevia infinitamente a lista de convidados para o baile do prefeito, os cozinheiros das cozinhas do Pavilhão faziam hora extra para entregar bolos em forma de lua e doces de lua prateados. O nascer da primeira lua do outono era um evento sagrado para todas as religiões mais populares. Haveria festas e procissões a bordo de Brighton, e em todo o mundo as fogueiras do Festival da Lua iriam queimar, tanto em cidades quanto em povoados estáticos. Haveria até mesmo uma solitária fogueira no Continente Morto, pois em Anchorage-in-Vineland o Festival da Lua era o maior evento social do ano.

Wren imaginou seus amigos empilhando madeira e mobília quebrada nas campinas atrás da cidade, e talvez se perguntando onde ela estava, e se ela estava em segurança. Como ela gostaria de poder estar lá com eles! Ela não conseguia imaginar como havia pensando que suas vidas eram chatas, ou por que ela tinha discutido com sua Mãe. A cada noite, deitada em sua cama nos cômodos das escravas, ela se abraçava e sussurrava canções que costumava cantar quando era criança, fingindo que o estalar dos cabos que prendiam o Nas Nuvens às suas bolsas de gás era o murmúrio das ondas nas margens de Vineland.



Wren quase havia se esquecido de Nabisco Shkin, e, para falar a verdade, Nabisco Shkin quase havia se esquecido dela também. Às vezes, quando passava por suas reuniões, ele olhava para o Nas Nuvens e se permitia sentir um prazer momentâneo na vingança

que ele teria sobre a garota que o havia enganado, mas seus planos para uma expedição de escravidão até Vineland estavam num estágio muito primitivo, e ele tinha negócios mais urgentes para tratar.

Hoje, por exemplo, ele havia recebido um recado muito importante de um homem chamado Plover.

Descendo até o nível intermediário do Pote de Pimenta, ele saiu através de uma porta lateral e andou rapidamente pelo labirinto de Laines. Aquelas ruas estreitas, iluminadas apenas por crepitantes globos incandescentes e por feixes de luar que entravam pelas grades de ventilação e clarabóias no convés acima, eram o covil de mendigos, ladrões e vagabundos. Shkin, porém, era bem conhecido para andar entre eles sem precisar de um guarda-costas. Até mesmo o mais idiota dos criminosos de Brighton sabia muito bem o que aconteceria a qualquer um que se atrevesse a deitar um dedo sobre Nabisco Shkin. As pessoas abriam caminho para ele, e se viravam para observá-lo quando ele passava. Os aviadores barulhentos eram empurrados para fora de seu caminho por amigos. Traficantes de drogas e prostitutas descuidadas recuavam como se seu olhar as houvesse queimado. Apenas um mendigo miserável com dreads nos cabelos, com um cachorro num pedaço de cordão, se atreveu a pedir:

— Um trocado de golfinhos, senhor? Pra comprar comida?

— Coma o cachorro — sugeriu Shkin, e fez uma anotação mental para enviar um esquadrão de captura para este distrito quando o Festival da Lua estivesse terminado. Ele estaria fazendo um favor à sua cidade varrendo aquela escória para fora das ruas, e ele conseguiria um bom lucro com eles nos mercados durante o outono.

Ele entrou num beco estreito atrás da banca de peixe frito, segurando um lenço no nariz para não sentir o cheiro de urina e massa. Nas vitrines de uma loja esfarrapada no fim do beco, pilhas

de sucata e Old-Tech brilhavam. PLOVERY, dizia a placa desbotada acima das pilhas, e o chocalhar do sino quando Shkin abriu a porta trouxe o antiquário correndo da sala dos fundos.

— Você queria me ver?

— Ora, sim senhor, sim... — Ploverly fez uma reverência e sorriu, entrelaçando seus dedos finos e brancos. Irritado com a decisão de Pennyroyal de encontrar um comprador para o *Livro de Lata* sem sua ajuda, o antiquário decidira levar o que descobriu sobre ele a outro homem rico. Seu recado havia caído na bandeja de entrada de Shkin uma hora atrás, e ele ficou impressionado e um pouco surpreso em encontrar Shkin em pessoa tão rápido. Ansioso, ele disse ao vendedor de escravos tudo o que havia descoberto.

— Militar, hein? — disse Shkin, do mesmo modo que Pennyroyal havia dito algumas horas antes. — Uma arma antiga?

— Apenas um código, senhor — Ploverly o acautelou —, mas talvez um homem inteligente que entendesse de tais coisas pudesse desvendar o código e reconstruir a máquina para a qual ele fora escrito. Isso poderia ser valioso, senhor. E, como Pennyroyal me disse que ele pegou o livro de você: “Eu enganei aquele crápula do Shkin para que me entregasse o livro de graça”, foram suas palavras, senhor, se me perdoa... Bem, eu achei que o senhor pudesse ficar interessado...

— Eu já fiz planos que irão retribuir o Venerável por esse pequeno episódio — disse Shkin, irritado por esse miserável saber como Pennyroyal o enganara. Ele estava intrigado pela história de Ploverly, mesmo assim. — Você fez uma cópia do livro, é claro?

— Não, senhor. Pennyroyal não o deixa longe de vista. Ele está em seu cofre no Pavilhão. Mas se eu tivesse um comprador, senhor, eu poderia colocar minhas mãos nele. Sou um frequentador assíduo do Pavilhão.

Shkin ergueu uma sobrancelha. Ele estava interessado, mas não interessado o bastante ainda para pagar o valor que ele sabia que

Plovery queria. — Eu vendo escravos, não Old-Tech.

— É claro, senhor. Mas e se ele for algum tipo de arma antiga? Isso pode tombar a balança. Acabar com a guerra. E a guerra está sendo tão boa para os negócios, senhor, não está?

Shkin ponderou por alguns instantes. Então assentiu.

— Muito bem. A coisa é minha por direito, de qualquer forma. “Achado não é roubado”, sabe. Não gosto de pensar em Pennyroyal lucrando com ele. Acredito que você conheça a combinação do cofre dele.

Plovery disse:

— 22-09-957. Vinte e dois de setembro, novecentos e cinquenta e sete ET. É o aniversário do Venerável.

Shkin sorriu. — Muito bem, Plovery. Traga o *Livro de Lata*.

21

O Voo da Gaivota



Naquela tarde, quando o almoço chegou ao fim e as preparações para o jantar ainda não haviam começado, Wren passou pelo jardim da cozinha e saiu para os terrenos atrás do Pavilhão para assistir a um esquadrão dos Furões Voadores que saía em patrulha. Os Furões haviam estabelecido um campo aéreo temporário numa parte pouca usada dos jardins atrás do Pavilhão. Wren conhecia a maior parte das estranhas máquinas de vista agora, e as reconheceu conforme taxiavam para fora de seus hangares: o *Sem Calcinha* e o *Pombo Acrobata*, o *Biscoito Severo* e o *JMW Turner Overdrive*.^{****} A tripulação de terra os colocou nas catapultas movidas à mola e os lançou violentamente por cima da borda do convés, enquanto os aviadores disparavam seus motores e rezavam para que suas asas encontrassem apoio no ar antes de caírem no mar imundo na popa de Brighton.

Wren observava do corrimão na beira do jardim enquanto Furão atrás de Furão conseguia sair do mergulho e subia rapidamente acima dos telhados, realizando acrobacias aéreas pouco recomendadas, deixando uma trilha de fumaça verde e roxa. Era um espetáculo que ela sempre apreciava, mas hoje só a fez sentir mais saudade de casa. Ela teria gostado de contar ao seu Pai sobre as máquinas dos Furões.

Atrás do aeródromo havia um montículo de cobre. Wren o havia notado à distância antes, mas nunca se dera ao trabalho de olhar com mais atenção, presumindo que fosse apenas mais uma das

esculturas abstratas que enchiam os gramados do Nas Nuvens, compradas por Pennyroyal para deixar aqueles que o apoiavam no Bairro dos Artistas felizes. Hoje, sem ter nada melhor para fazer, ela andou naquela direção. Conforme se aproximava, começou a perceber que aquilo era um prédio, com portas enormes e curvadas numa ponta e um chão de metal na forma de ventilador do lado de fora. As curvas de cobre de suas paredes e telhado eram cobertas por lanças decorativas, para que parecesse um baiacu gigante emergindo através da grama. Uma escadaria alta e estreita do lado de fora subia por um dos lados, e Wren a subiu para espiar por uma janela alta.

No interior escuro havia um iate dos ares tão delicado e lustroso que até mesmo Wren, que não entendia nada de dirigíveis, pôde perceber que era extremamente caro.

— Este é o *Pavoncinho* — disse uma voz prestativa atrás dela. Cynthia estava parada no pé da escada. — Estive procurando por você *em todos os lugares*, Wren — ela acrescentou. — Estou indo ao santuário da casa; eu simplesmente *tenho* de fazer um sacrifício para a Deusa da Beleza, realmente preciso perder peso antes do Festival da Lua. Você deveria vir comigo. Você poderia pedir a ela que fizesse alguma coisa com suas pintas.

Wren estava mais interessada em iates do que em pintas. Ela se virou para a janela. — O *Pavoncinho*... Ela pertence ao Pennyroyal?

— É claro — Cynthia subiu até a metade da escada. — Ele é chamado de Serápis^{*****} Sombra da Lua Tipo IV — muito chique. Mas o prefeito quase não o usa. Ele o mantém polido e cheio de gás para decolagem, mas só é usado quando Boo-Boo vai fazer compras em outras cidades.

— O prefeito não vai usá-lo na Regata do Festival da Lua? — perguntou Wren.

— Ah, não; ele tem um dirigível *vintage* ancorado em Brighton. Ele vai usá-lo, com aquela Orla Twombly como copilota. Ela vai liderar um desfile aéreo de Dirigíveis Históricos, e haverá uma Batalha Aérea com foguetes de verdade, igualzinho aos livros do Professor Pennyroyal. Você não saberia só de olhar para ele, mas ele viveu as mais maravilhosas aventuras nas Estradas do Pássaro.

Wren olhou para o iate novamente, pensando no dirigível que Pennyroyal havia roubado de seus pais anos atrás. Seria possível ela se esgueirar até aqui durante a noite, abrir as portas e partir a bordo do *Pavoncinho*? Seria justiça poética, não seria?

Um fraco vestígio de esperança começou a crescer dentro dela. O pensamento a alegrou enquanto Cynthia pegava sua mão e a levava na direção do santuário dos escravos e empregados atrás das cozinhas do Pavilhão. Ela mal ouvia a conversa animada de sua amiga sobre maquiagem e penteados. Em sua imaginação ela já estava pilotando o *Pavoncinho* para o oeste, cruzando as Colinas Mortas, os lagos de Vineland brilhando azuis abaixo dela, e via seus pais correndo para cumprimentá-la enquanto pousava nos campos de Anchorage.

O único problema era de que Wren não fazia ideia de como pilotar um Serápis Sombra da Lua Tipo IV. Ou qualquer outra coisa, para falar a verdade. Mas ela conhecia alguém que sabia.

✧ ✧ ✧

Boo-Boo Pennyroyal não gostava que seus escravos e escravas se misturassem. Nas óperas que ela adorava, jovens unidos em circunstâncias trágicas estavam sempre se apaixonando, e então se jogavam de coisas (penhascos, em sua maior parte, mas às vezes casamatas, ou telhados, ou bordas de vulcões). Boo-Boo gostava de seus escravos, e a magoava pensar neles pulando em pares das bordas do Nas Nuvens. Então, ela cortava todos os relacionamentos amorosos pela raiz, proibindo que as garotas e os garotos se

falassem. É claro, jovens sendo o que são, garotas às vezes se apaixonavam por outras garotas, ou garotos por garotos, mas isso *nunca* acontecia nas óperas, então Boo-Boo não notava. Os escravos estavam sempre desobedecendo a sua regra, tentando se esgueirar para dentro dos cômodos de outros escravos, o que deixava Boo-Boo triste. Mas pelo menos Theo Ngoni nunca lhe deu preocupações. Theo Ngoni nunca falava com ninguém.

Wren, no entanto, estava determinada a falar com Theo Ngoni, e encontrou sua chance alguns dias depois de descobrir o ancoradouro. Boo-Boo havia ido até Brighton, e Pennyroyal havia se apoderado de Wren e Cynthia para atuar como cabide de toalhas enquanto nadava na piscina. Por pura sorte Theo estava a serviço na piscina também, carregando os óculos de natação sobressalentes do prefeito numa bandeja de prata. Enquanto Pennyroyal dormia em sua cama flutuante Wren se aproximou de seu companheiro escravo e sussurrou:

— Olá!

O garoto olhou para ela de esquelha, mas não disse nada. Wren se perguntou o que fazer em seguida. Ela nunca estivera tão perto de Theo antes. Ele era muito bonito, e apesar de Wren ser alta, Theo era ainda mais alto, o que a fazia sentir jovem e boba ali parada ao seu lado.

— Eu sou Wren — ela disse.

Ele desviou o olhar novamente, para os jardins e o mar azul, na direção da distante neblina no horizonte onde ficava a África, pelo que disseram a Wren. Talvez ele estivesse com saudade de casa. Ela disse:

— É dali que você veio?

Theo Ngoni balançou a cabeça. — Meu lar ficava em Zagwa. Uma cidade estática nas montanhas, mais ao sul.

— Oh? — disse Wren para encorajá-lo. — É bonita? — Mas o garoto não disse mais nada. Determinada a continuar a conversa,

ela acrescentou. — Eu não sabia que o Tempestade Verde tinha bases na África. Aquele livro que o Professor Pennyroyal me emprestou dizia que os povoados estáticos da África não aprovavam a guerra.

— Não aprovam — Theo virou a cabeça para olhar para ela, mas era um olhar frio. — Eu fugi da minha família para viajar até Shan Guo e me juntar ao esquadrão da juventude do Tempestade. Eu achava que seria uma coisa gloriosa lutar contra as cidades bárbaras, e varrê-las da face da terra.

— Minha nossa, sim — concordou Wren —, eu mesma sou uma Antitracionista, sabia?

Theo a olhou. — Eu achava que você fosse uma Garota Perdida. Daquele lugar abaixo do mar.

— Ah sim, eu sou — disse Wren rapidamente, irritada consigo mesma por esquecer isso. — Mas Grimsby não se movia, não era uma cidade *tracionada*, então isso me torna uma Musgosa da cabeça aos pés. Você lutou em muitas batalhas?

— Apenas em uma — disse Theo, desviando o olhar.

— Você foi capturado logo de primeira? Ah, que azar! — Wren tentou soar compreensiva, mas estava perdendo a paciência rapidamente com aquele garoto taciturno e calado. Talvez tudo o que ela ouvira sobre o Tempestade e seus soldados fosse verdade; eles eram fanáticos que haviam sofrido lavagem cerebral. Ainda assim, ela tinha certeza de que ele deveria querer deixar o Nas Nuvens assim como ela, e achava que seria improvável que ele a traísse para os tão odiados Tracionistas. Então, ela decidiu se arriscar e contar a ele seu plano.

Ela olhou em volta e viu que Pennyroyal estava dormindo. Os outros escravos também estavam dormindo, ou sussurrando juntos do outro lado da piscina, enquanto Cynthia, que estava mais perto, estava analisando suas unhas recém pintadas com as sobrancelhas

franzidas em concentração. Wren se aproximou mais ainda de Theo e sussurrou:

— Eu sei de uma maneira de fugir.

Theo não disse nada, mas ele se enrijeceu um pouco, o que Wren considerou um bom sinal.

— Sei onde a gente pode conseguir um dirigível — ela continuou —, e Cynthia Twite me disse que você costumava ser um aviador.

Theo quase sorriu. — Cynthia Twite é uma tola que não entende nada.

— Verdade. Mas se você sabe pilotar um dirigível...

— Eu não pilotava dirigíveis. Eu pilotava Tumblers.

— Tumblers? — perguntou Wren. — O que são Tumblers? Eles são parecidos com dirigíveis? Quero dizer, se você conhece o básico... — Mas Theo havia se calado novamente, estreitando os olhos e olhando para o horizonte. — Ah, vamos! — Wren sussurrou impaciente. — Você *gosta* de ser escravo do Pennyroyal? Você não *quer* fugir? Eu achava que você estava louco para voltar ao Tempestade Verde...

— Eu nunca voltaria para o Tempestade! — Theo disse de repente, nervoso, quase derrubando os óculos do prefeito enquanto se virava para encará-la. — Ele é uma mentira; a grande guerra, o Mundo Verde Novamente. Meu pai tinha razão, é tudo mentira!

— Oh — disse Wren —, bem, e seu lar, então? Você deve querer voltar para Zagwa...

Theo olhou para o horizonte novamente, mas não era para o mar, o céu e a costa distante que ele olhava. Mesmo dali, nos claros raios de sol do Nas Nuvens, ele podia ver aquela última e desesperada luta acima do Pântano da Ferrugem. O brilho das armas, foguetes e dirigíveis em chamas havia chamejado em todos os canais sinuosos abaixo dele enquanto caía. Um subúrbio condenado emitia suas chamadas desesperadas através dos pântanos, e as vozes exultantes de seus camaradas estalavam em

seu fone de ouvidos, gritando enquanto começavam a cair: “O Mundo Verde Novamente!” e “Morte à Linha Tracionista Alemã!”. Ele havia achado que aqueles seriam os últimos sons que ele ouviria em sua vida. Mas ali estava ele, meses depois, a meio mundo de distância, ainda vivo. Os deuses da guerra o haviam poupado para que ele pudesse ficar em pé ao lado de uma piscina e conversasse com uma garota branca magricela e idiota que se achava esperta demais.

— Não posso ir para casa — ele disse —, você não me ouviu? Eu desobedeci meu pai. Eu fugi. Não posso voltar para casa.

Wren deu de ombros. — Tudo bem, como queira — ela lhe disse, e se afastou dele antes que Pennyroyal acordasse e os visse conversando. Ela iria mostrar ao Theo Ngoni! Ela iria roubar o iate do prefeito sozinha, e o pilotaria de volta à Vineland. Era apenas um dirigívelzinho, afinal de contas! Não deveria ser tão difícil!



O crepúsculo caiu sobre Brighton. Ao longo dos passeios nas bordas de seus três níveis, cordões de lâmpadas coloridas foram acesos. Luzes piscaram e rodopiaram nas ruas das feiras e nos píeres de felicidade. Fortes lamparinas foram acesas no topo de cada cabine da Roda Gigante de Alexandria, que servia como divertimento para os turistas e como farol para guiar os dirigíveis em seus vôos noturnos à Brighton.

A cidade estava seguindo para o leste. Logo ela se lançaria por entre o estreito que separava a África do Grande Campo de Caça, e nadaria orgulhosamente para dentro do Mar do Meio. Os negociantes de Brighton esperavam muitos visitantes quando ancorassem para o Festival da Lua. Rumores de uma campanha contra os Garotos Perdidos já teriam se espalhado ao longo das Estradas do Pássaro, e os caramujos capturados exibidos no Aquário de Brighton acrescentariam certo elemento educacional às

atrações mais comuns do Festival da Lua. Turistas já haviam começado a chegar de algumas cidades pequenas, cujas luzes podiam ser vista na margem.

Acima dos balões que vinham e iam, as sombras da noite se juntavam entre os bosques de ciprestes do Nas Nuvens, e refletores coloridos faziam o Pavilhão chamejar de rosa e ouro. Alguns dirigíveis o circulavam, subindo de Brighton num passeio agradável. As vozes amplificadas de seus pilotos eram fracamente audíveis no Nas Nuvens, chamando a atenção para aspectos interessantes, mas novos planos de segurança proibiam que se aproximassem demais. Nenhum dos turistas notou uma pequena janela que se abriu num dos domos do Pavilhão, ou o pássaro que saiu dela e voou pela rede de cabos para se juntar à nuvem de gaivotas suspensas de forma fantasmagórica no rastro da cidade.

Apesar de ser branco como uma gaivota e planar como uma gaivota, este pássaro não era uma gaivota; não mais. Seu bico fora substituído por uma lâmina, e nos espaços em seu crânio brilhavam opacas luzes verdes. Ele subiu através do grupo que circulava e voou para dentro do crepúsculo, que ia se aprofundando.

Seguiu voando, incansável, enquanto dias e noites chegavam do leste para encontrá-lo. Cruzou a superfície rasgada pelas cidades da Itália, e desviou das nuvens de fumaça dos vulcões em erupção da Ásia menor. Na base aérea do Tempestade Verde nas montanhas de Ziganastra, pousou para permitir que o comandante da base desse uma olhada no pedaço de papel que ele carregava numa cavidade em seu peito. Ele xingou baixinho quando viu para quem a mensagem estava endereçada, e chamou um cirurgião-mecânico sonolento para recarregar as células de energia da gaivota.

O pássaro seguiu seu caminho, voando através da fumaça acima dos Pântanos da Ferrugem, onde duelos de artilharia ressoavam como tempestades no outono. Um enorme esquadrão de Cidades

Tracionadas se arrastava para o leste, tentando impedir um contra-ataque do Tempestade Verde. Em seus níveis inferiores, prédios inteiros foram transformados em *snout guns*. Trilhos levavam enormes bombas de alta explosão para fora das entranhas da cidade e as armas as atiravam no Out-Country lamacento, onde haveria Caçadores e unidades móveis de lança-foguetes. Fustigada por dirigíveis e chuva branca de explosões antiaéreas, a gaivota deixou que o vácuo da cidade a levasse para o leste por um tempo, depois subiu acima da batalha e bateu as asas na direção das montanhas brancas que ficavam nas margens do mundo.

O céu ficou frio e o chão se elevou. A gaivota voou através de zonas silenciosas e sobre regiões onde a movimentação de tropas do Tempestade fazia as montanhas parecerem formigueiros cheios de vida. Finalmente, numa noite estrelada e cheia de neve, uma semana após deixar Brighton, pousou no peitoril de uma janela no Jade Pagoda e bateu na janela congelada com seu bico.

A janela foi aberta. A Caçadora Fang pegou a gaivota com delicadeza em suas mãos de aço e abriu seu peito. Ela pegou uma mensagem que fora escrita por alguém chamado Agente 28. Seus olhos verdes ficaram um pouco mais brilhantes. Ela rasgou a mensagem em pequenos pedaços e mandou chamar o General Naga, comandante de sua legião aérea de elite.

— Prepare uma unidade de assalto — ela disse —, e prepare também meu dirigível para batalha. Partimos em direção à Brighton ao amanhecer.

Assassinato no Nas Nuvens



Era final de outubro. *Em Vineland*, Wren pensou, *a grama estaria branca e dura devido à geada até a metade da manhã; a neblina iria cobrir o lago e talvez a primeira neve já estaria caindo.* Mas ali, no Mar do Meio, ainda estava quente como o verão, e as poucas nuvens no céu eram pequenas, tão brancas e fofas que pareciam ter sido colocadas ali como decoração.

Brighton viajara lentamente ao longo das margens sul do Campo de Caça durante várias semanas. Depois, com o Festival da Lua se aproximando, a cidade seguiu para o sul em direção ao seu encontro marcado. Boo-Boo e suas empregadas foram para uma plataforma de observação na borda do Nas Nuvens observar a terra se aproximando. — Olhem garotas, olhem! — ela gritou alegre, apontando o litoral com um aceno teatral. — África!

Wren, de pé ao lado da prefeita com um enorme guarda-sol, tentou ficar impressionada, mas era difícil demais. Tudo que ela conseguia ver era uma linha de ribanceiras baixas e avermelhadas se erguendo de uma paisagem da cor de biscoitos, com duas grandes montanhas irregulares perdidas na névoa adiante. Wren sabia, pelas coisas que seu pai e Senhorita Freya contaram, que a África fora o local de nascimento da humanidade e seu abrigo nos séculos que se seguiram após a Guerra dos Sessenta Minutos; mas as civilizações que floresceram naquelas margens não deixaram vestígios ou, se deixaram, eles foram há muito devorados por famintas cidades de varredores.

Uma das cidades que pode tê-los devorados foi avistada logo depois. Um lugar pequeno, de três níveis, se deslocava ruidosamente, equilibrada em enormes pneus para areia em forma de barril, deixando para trás uma espiral de poeira avermelhada como uma capa soprada pelo vento. Wren a olhou sem muito interesse. Parecia estranho lembrar-se agora como, duas semanas atrás, ela havia deixado seu posto no trabalho de pentear o cabelo de Senhora Pennyroyal para observar maravilhada uma cidadezinha rodando até a margem. Ela tinha visto tantos vilarejos e até mesmo pequenas cidades desde então que todas pareciam muito comuns agora, e certamente não eram as coisas fabulosas que ela havia imaginado quando vivia em Vineland.

E, então, ela olhou novamente e se sentiu tão boba quanto se sentira naquele dia tão distante quando viu Brighton através do periscópio do *Autolytus* pela primeira vez e a confundiu com uma ilha. As coisas que ela pensou serem montanhas distantes não estavam distantes. E nem eram montanhas. Eram Cidades Tracionadas tão grandes que, quando ela olhou para elas pela primeira vez, seu cérebro simplesmente não tinha entendido o que seus olhos lhe mostravam. Elas estavam rodando em direção ao mar e através da poeira e da fumaça dos escapamentos Wren conseguiu ver que cada uma tinha nove níveis encimados por chaminés e pináculos.

— Aquela à esquerda é Kom Ombo — a prefeita disse às garotas —, a outra é Benghazi. O Prefeito Pennyroyal concordou em encontrá-las aqui para que seu povo pudesse desfrutar dos prazeres de Brighton neste Festival da Lua. Elas estiveram caçando cidades da areia no meio do deserto, coitadas, então vocês podem imaginar como irão apreciar boa comida, excelente entretenimento e um mergulho refrescante na Piscina do Mar.

Para Wren, a princípio, as cidades que se aproximavam eram iguais às fotos que ela lembrava de sua cópia cheia de orelhas do

Guia Infantil para o Darwinismo Municipal, em Anchorage. Depois, conforme se aproximavam mais, ela começou a perceber as diferenças. Essas cidades eram blindadas, os prédios expostos na borda de cada nível protegidos por placas de aço e redes antifoguetes. E apesar de a terra ao redor de suas enormes esteiras estar pontilhada de pequenos e apressados subúrbios e vilarejos tracionados, essas cidades não tentavam devorá-las.

— O Festival da Lua é uma época sagrada — disse a prefeita, quando Wren mencionou esse fato. — Uma época quando, de acordo com a tradição, nenhuma cidade caça ou devora outra.

— Ah — disse Wren, desapontada, pois seria emocionante assistir uma boa perseguição à moda antiga.

— É claro — Boo-Boo continuou —, com a guerra e presas tão escassas hoje em dia, não é todo prefeito que segue esta tradição, mas se alguma daquelas cidades tentar devorar a outra, a Senhorita Twombly e seus amigos irão separá-las. Já é hora daquela rameira dos ares fazer alguma coisa útil.

Neste exato momento, os Furões Voadores passaram voando na direção das cidades, rodando, mergulhando e disparando foguetes coloridos para demonstrar como lidariam com qualquer predador que ameaçasse o jejum durante o Festival da Lua. Um deles se separou do grupo, arrastando fumaça lilás e escrevendo BEM-VINDO À BRIGHTON no céu. Quando a trovada de seus motores se afastou na direção do deserto, Wren ouviu o chocalhar de correntes pesadas sendo jogadas de Brighton. A cidade havia jogado sua âncora.

— Eu tenho o pressentimento que este será um Festival da Lua maravilhoso! — disse a Senhora Pennyroyal alegremente, enquanto as garotas ao seu redor soltavam exclamações de surpresa e aplaudiam as manobras dos aviadores. — Agora, venham, todas vocês. Gostaria que todas fossem fotografadas em seus vestidos para o baile do prefeito.

Ela se virou na direção do Pavilhão e Wren, lançando um último olhar para as enormes cidades, correu atrás dela. Todas as outras garotas estavam ocupadas conversando sobre o baile da noite seguinte e sobre os vestidos charmosos que as escravas domésticas tinham de usar. Ouvindo suas conversas animadas, Wren sentiu-se triste por perder toda a diversão. Mas ela tinha de perder. Naquela noite, enquanto todos na casa estivessem dormindo, Wren planejava se esgueirar até a casa dos barcos e roubar o *Pavoncinho*. Quando a lua sagrada se erguesse no céu, ela estaria muito longe de Brighton.



O Pavilhão ecoava ao som dos preparativos para o Baile do Festival da Lua. No salão de festas sob o domo central, pintores e montadores de cortinas trabalhavam duro, músicos ensaiavam e eletricitistas cobriam o teto com centenas de luzinhas. Barris de vinho e cestos de comida chegaram de Brighton pelo bondinho, e a milícia marchava nos jardins do Pavilhão.

Tudo aquilo custava uma fortuna ao Pennyroyal, fato que ele achava um tanto injusto. O povo de Brighton certamente gostaria que seu prefeito organizasse um grande evento para o Festival da Lua. Só parecia um pouco demais que eles esperassem que ele pagasse por tudo aquilo com seu próprio dinheiro. Então, ele não sentiu um pinga de culpa quando convidou Walter Plover para um jantar informal naquela noite. Entre a sobremesa e o café, enquanto os outros convidados discutiam seus planos para o Festival da Lua e o último escândalo no bairro dos artistas, Pennyroyal levou o antiquário para dar uma olhada em algumas antiguidades preciosas na coleção do Pavilhão. Juntos, os dois homens andaram de uma sala à outra, analisando os cérebros de Caçadores e grades de carros terrestres, fragmentos de placas de circuito que pareciam ter sido cuidadosamente bordadas, latas de bebidas amassadas e

antigas armaduras. Eles anotaram peças que Ploverly achava que poderiam atingir uma quantia razoável se vendidas a alguns colecionadores que ele conhecia em Benghazi e que Pennyroyal achava que ninguém sentiria falta.

Tomando café, o Sr. Ploverly calculou mentalmente a comissão que ganharia com a venda de todos aqueles itens, e descobriu que se daria muito bem. Cheio da comida de Pennyroyal e encantando pela inteligência e sofisticação de seus amigos convidados, o antiquário se arrependeu de ter feito aquele acordo com Shkin sobre o *Livro de Lata*. Mas o Sr. Shkin prometera uma boa quantia em dinheiro e Ploverly, cuja mãe idosa vivia num asilo caro em Black Rocke e precisava de todo o dinheiro que conseguisse. No fim da noite, enquanto os outros convidados voltavam ruidosamente para o bondinho, ele ficou para trás e se escondeu numa das galerias do Pavilhão.



O ar noturno fez Wren estremecer dentro de sua camisola prateada quando saiu pela entrada dos empregados para o frio do jardim. Ela podia ouvir o mar abaixo, o vento soprando através dos cordames e algum bêbado balbuciando uma canção nas ruas de Brighton. Agarrada à bolsa de comida que tinha roubado das cozinhas, ela correu pelos gramados úmidos na direção da casa dos barcos e das luzes do domo aéreo dos Furões Voadores.

As portas da casa dos barcos nunca eram trancadas e, mesmo sendo enormes, eram fáceis de empurrar, abrindo para os lados em rodas bem lubrificadas quando Wren apoiou seu peso nelas. O envelope lustroso do *Pavoncinho* cintilava dentro do hangar enquanto Wren se aproximava da gôndola. Ela descobriu que estivera prendendo a respiração, o que era besteira, porque não havia ninguém por perto. No domo aéreo, um gramofone tocava uma música popular. Wren estendeu a mão para a porta e descobriu

que também não estava trancada. Ela entrou e usou uma pequena lanterna elétrica que havia pegado do zelador do Pavilhão para analisar os mostradores no painel de instrumentos, lembrando-se dos diagramas no livro que tinha visto na biblioteca do Pavilhão, *Aviação Prática para Diversão e Lucro*.

As células de gás estavam cheias, como Cynthia havia dito. O mostrador de combustível ainda estava no vazio, mas Wren pensara num jeito de lidar com aquilo. Ela tirou sua camisola e a guardou atrás do painel de instrumentos. Embaixo da roupa de dormir, ainda vestia suas roupas diárias. Fez uma rápida oração para os deuses de Vineland, depois saiu do dirigível e andou rapidamente pelo passeio em frente à casa de barcos, através das árvores, em direção à base dos Furões.

Numa velha casa de veraneio que fora tomada pela força aérea mercenária, Orla Twombly e alguns de seus aviadores jogavam cartas. Eles olharam para Wren cheios de suspeita quando ela bateu na porta.

— Quem é?

— Parece uma das garotas de Boo-Boo.

A aviadora se levantou lentamente e abriu a porta. — Então?

— Vim com uma mensagem da Senhora Pennyroyal — disse Wren. Sua voz tremeu um pouco quando disse isso, mas a aviadora não pareceu notar. Ela parecia preocupada. Talvez ela achasse que Boo-Boo havia mandado Wren para dar uma bronca nela por paquerar com o prefeito. Wren começou a se sentir mais confiante. — A Senhora Pennyroyal quer que o *Pavoncinho* seja abastecido imediatamente — ela explicou —, ela irá até Benghazi amanhã de manhã. Bem cedo, para que consiga encontrar muitas barganhas no bazar. Ela quer saber se sua tripulação de terra irá obedecer.

Orla Twombly franziu a testa. — Por que a nossa? Não são os homens do prefeito que devem abastecer aquela velha bolsa de gás?

— Sim — disse Wren —, o Venerável deveria ter pedido a eles esta tarde, mas esqueceu, e eles já não estão mais em serviço. Então, se você não se importar de mandar seu pessoal, a Senhora Pennyroyal ficaria muito grata.

A aviadora pensou por alguns instantes. Ela não queria irritar a prefeita. Boo-Boo tinha parentes poderosos que poderiam forçar Pennyroyal a dispensar os serviços dos Furões Voadores e contratar alguma força aérea autônoma. Orla Twombly sabia que os Anjos da Sucata e o Circo Voador de Richard D'Astardley queriam ser contratados por Brighton.

Ela assentiu e se virou para seus homens. — Algy? Ginger? Vocês ouviram o que a jovem disse...

Amuados, mas obedientes, os dois aviadores abaixaram suas cartas e xícaras de chocolate e saíram com Wren, resmungando sobre como aquilo era um desperdício de combustível, perguntando-se por que alguém ainda usava dirigíveis quando máquinas mais pesadas que o ar eram o futuro. Wren os seguia a certa distância e observava enquanto eles arrastavam mangueiras de combustível, de grandes tanques atrás de sua pista de decolagem e as conectavam aos bocais embaixo do *Pavoncinho*.

— Vai demorar uns dez minutos — um dos homens disse, dando uma piscadela amigável —, não precisa ficar aqui no frio, garota.

Wren agradeceu e correu de volta ao Pavilhão. Dez minutos lhe dariam tempo suficiente para pegar Cynthia.

Ela tinha decidido desde o começo que não contaria seus planos à Cynthia. Cynthia era muito infantil e esquecida para manter um segredo e, provavelmente, teria contado tudo à Senhora Pennyroyal, mas Wren não pretendia deixar sua amiga para trás. Enquanto o *Pavoncinho* era abastecido ela entraria no dormitório onde as garotas dormiam, acordaria Cynthia o mais silenciosamente possível e a levaria para a casa de barcos. Quando chegassem lá, o iate estaria pronto para decolar.



O Sr. Ploverly usou um novo arrombador de fechaduras que o pessoal de Shkin tinha pegado dos Garotos Perdidos para abrir a porta do escritório pessoal do prefeito. O escritório ficava numa sala na torre, com longas janelas que chegavam até o teto sombreado acima. As cortinas estavam abertas e o luar entrava cintilante, revelando ao antiquário a mesa abarrotada de Pennyroyal e o desenho de Walmart Strange que cobria o cofre particular.

Enquanto cruzava a sala, Ploverly sentiu um movimento no teto abobadado acima dele e teve a estranha sensação de estar sendo observado. Ele ficou gelado de medo. E se Pennyroyal tivesse pegado uma daquelas câmeras-caranguejo e a estivesse usando para vigiar seu cofre?

Ele quase desistiu e saiu correndo, mas a lembrança de sua mão o impediu. Com o dinheiro que Shkin prometera pelo *Livro de Lata* ele poderia mudar sua mãe para um dos quartos luxuosos no andar superior de seu asilo, com uma vista para os parques na popa da cidade. Ele se forçou a se acalmar. Pennyroyal não era inteligente o suficiente para instalar um caranguejo de segurança. E se tivesse feito isso, ele certamente teria se gabado durante o jantar.

Ploverly tirou o quadro da parede e o colocou cuidadosamente na cadeira de Pennyroyal. A porta circular do cofre o encarava. Ele estendeu a mão para o disco e o virou para a direita, depois para a esquerda, depois para a direita novamente. Em visitas ao Pavilhão ele havia visto Pennyroyal abrir o cofre e havia descoberto o segredo ouvindo o número de cliques que o disco fazia. *Dois-dois-zero-nove-nove-cinco-sete...* Com calma e cuidado, ele girou a sequência e a pesada porta abriu.

Havia um pequeno estojo de couro dentro do cofre. O *Livro de Lata* de Anchorage estava dentro do estojo. Ploverly o tirou, segurando-o cheio de reverência, pois coisas antigas eram tanto sua paixão quanto seu ganha-pão. *Há algo bonito*, ele pensou, *na*

maneira como o trabalho manual do homem consegue durar mais tempo que seus criadores.

Enquanto estendia a mão para fechar o cofre, sentiu um movimento atrás dele, se virou e...

◊ ◊ ◊

Wren estava a meio caminho do dormitório quando ouviu o grito tenebroso. Ela soltou um gritinho e se jogou atrás de uma estátua. O grito se tornou um barulho gorgolejante até finalmente parar. O Pavilhão se encheu de sons de portas se abrindo e pessoas gritando. As luzes foram acesas. Olhando pela janela ao seu lado, Wren viu que a luz também iluminava os jardins; grandes lamparinas de segurança foram acesas e guardas corriam, segurando lamparinas portáteis.

Pronto, ela pensou, agora não dá para fugir, e então se sentiu envergonhada por estar sentindo pena de si mesma, quando deveria estar se preocupando com a pessoa que havia dado aquele grito terrível.

Ela saiu de seu esconderijo e correu na direção do dormitório. A meio caminho de lá, virou uma esquina e bateu de frente com Theo Ngoni, saindo de uma passagem lateral que vinha das cozinhas. — Ei! — ela gritou. — O que você está fazendo aqui?

— Ouvi alguém gritar... — ele disse.

— Eu também...

— A casa toda ouviu alguém gritar, meus queridos — a Senhora Pennyroyal andava na direção deles vestindo sua camisola esvoaçante, como um barco com vento em suas velas. Wren se afastou de Theo, se perguntando se seriam punidos por conversarem, mas a prefeita apenas olhou-os com gentileza e disse:

— Parece ter vindo da parte da casa que pertence ao meu marido. Vamos ver o que aconteceu.

Wren e Theo a seguiram enquanto ela ia na direção da ala a bombordo. Wren pensou que aquele tinha sido um grito do qual você andava para *longe*, não *na direção* dele, mas a Senhora Pennyroyal parecia determinada em descobrir a causa daquela agitação toda. Talvez ela esperasse ver que seu marido tinha se queimado com uma garrafa de água quente ou caído de sua varanda, e não queria desperdiçar um momento de tanta felicidade.

Eles subiram as escadas em caracol que ficavam atrás do salão de festas e passaram pela porta até uma pequena escadaria que levava à sala de controle do Nas Nuvens. A sala estava aberta, cheia de trabalhadores assustados. As luzes estavam acesas no escritório do prefeito e, conforme chegavam mais perto, Wren ouviu a voz de Pennyroyal, estridente e trêmula, dizendo:

— Mas o intruso ainda pode estar à solta! — Os escravos e a milícia estavam aglomerados perto da porta, mas se afastaram respeitosamente quando a Senhora Prefeita se aproximou.

Pennyroyal estava em pé ao lado de sua mesa, junto com dois de seus guardas. Ele levantou o olhar quando sua esposa e seu séquito entraram. — Boo-Boo! Não olhe...

Boo-Boo olhou e arquejou. Wren também olhou e desejou não ter feito isso. Theo olhou e pareceu pouco perturbado, mas ele estivera em batalhas e provavelmente vira coisas como essa antes.

Walter Plover estava deitado no chão abaixo do cofre aberto. Ele segurava o *Livro de Lata* de Anchorage e, pelo jeito como ele parcialmente escondia seu rosto, Wren achou que ele o estivera segurando para se proteger. Não havia adiantado muito. Alguma coisa afiada havia sido enfiada através de seu manto até seu coração. O cheiro de sangue lembrou Wren de sua última noite em Anchorage e das mortes de Gargle e Remora.

— Deve ter sido uma faca — um dos oficiais da milícia dizia cheio de dúvida —, ou talvez uma lança...

— Uma *lança*? — gritou Pennyroyal. — No meu Pavilhão? Na noite antes do baile do Festival da Lua?

Os oficiais trocaram olhares. Como a maioria dos soldados de Brighton, eles haviam se candidatado principalmente por causa dos uniformes: elegantes números escarlates, com enfeites rosa e muitas borlas douradas. Eles não esperavam se ver frente a frente com corpos e intrusos misteriosos, e agora que se viam nessa situação se sentiam um pouco enjoados.

— Como eles entraram? — um deles perguntou.

— Não há sinais de arrombamento — acrescentou o outro.

— Bem, acredito que ele tenha pegado a chave reserva do vaso lá de fora — disse Pennyroyal —, eu sempre deixo uma chave reserva ali. Ploverly sabe disso. Melhor dizendo, *sabia* disso...

Os oficiais analisaram o corpo a seus pés e brincaram nervosamente com o punho de suas espadas ornamentais.

— A mim, parece que estava tentando roubar o cofre do Venerável — concluiu o primeiro.

— Sim. O que é essa coisa que ele está segurando? — perguntou o segundo.

— Nada! — Pennyroyal arrancou o livro da mão do morto e o jogou de volta no cofre, trancando a porta. — Nada de valor e, de qualquer maneira, ele não está aqui; vocês não o viram...

Houve um estrondo de botas forradas de lã nas escadas e Orla Twombley entrou na sala com meia dúzia de Furões Voadores atrás. Eles levavam espadas e a aviadora usou a sua para apontar para Wren. — Essa é a garota!

— O quê? Eu... — Pennyroyal se virou para olhar Wren.

— Ela pediu para meus rapazes preparem seu iate dos ares — Orla Twombley explicou, dando um passo ameaçador na direção de Wren como se achasse mais seguro furar a garota onde ela estava. — Contou uma história ridícula sobre a prefeita aqui querer que

aquele velho saco de gás fosse reabastecido para que ela pudesse fazer compras em Benghazi...

— Mentira! — gritou Pennyroyal animado.

— A garota estava preparando sua fuga! Uma vez ladra, sempre ladra, hein?

Ah, pelos deuses!, pensou Wren. Ela nunca imaginara que seu plano tão cuidadoso pudesse dar tão errado. O que eles fariam com ela? Mandá-la de volta a Shkin, provavelmente, e exigir reembolso...

Todos falavam animadamente, Pennyroyal falando mais alto que os outros. — Ploverly deve tê-la contratado para me roubar, só que ela o matou para ficar com a pilhagem! E sem dúvidas nosso terrível Musgoso estava nisso com ela! — ele acrescentou, apontando para Theo. — Muito bem, Orla, meu anjo! Sem seu pensamento rápido eles teriam chegado a bordo do *Pavoncinho* com o... ah... conteúdo do meu cofre.

— Besteira! — disse Boo-Boo, numa voz que fez todos ficarem quietos e se virarem nervosamente para olhá-la. Ela se endireitou e ficou da cor que perfeitas ficam quando ouvem seus maridos se referirem a aviadoras atrevidas como “meu anjo” bem na frente delas. Ela passou um braço pelo ombro de Wren. — O que Wren disse à Senhorita Twombly é completamente verdade. Eu *realmente* pedi que o *Pavoncinho* fosse reabastecido. Eu *estava* planejando fazer compras em Benghazi amanhã, apesar de não sentir mais vontade. De qualquer maneira, Wren e Theo estavam comigo quando o pobre Ploverly gritou; nenhum deles poderia ter cometido este ato terrível.

Wren e Theo a encaravam, surpresos por Boo-Boo mentir para protegê-los.

— Mas se não foi eles — perguntou Pennyroyal —, quem...?

— Não é minha tarefa descobrir isso — disse Boo-Boo com altivez —, vou voltar aos meus cômodos. Por favor, procurem pelo

assassino em silêncio. Venha, Wren; venha, Theo. Teremos um dia atarefado amanhã.

Ela se virou e saiu da sala, passando pelos aviadores confusos. Wren fez uma reverência para Pennyroyal e correu atrás de Theo e de sua ama. — Senhora Pennyroyal — ela sussurrou, quando chegaram ao pé das escadas. — Obrigada.

Boo-Boo não pareceu ouvi-la. — Que história terrível! — ela disse —, aquele pobre homem. Meu marido deve ser o culpado, tenho certeza.

— Você acha que o prefeito o matou? — perguntou Theo. Ele não parecia acreditar naquilo, mas Wren sabia que o Professor Pennyroyal era bem capaz de matar alguém se isso lhe aprouvesse. Era só se lembrar de como ele havia tratado seu Pai! Ela conseguia ver agora como ele enganou a todos em Anchorage por tanto tempo, pois ele certamente era um bom ator. Como ele parecera chocado, ao lado do corpo de Ploverly...

— Old-Tech! — suspirou Boo-Boo. — Isso só causa confusão. Ah, não estou dizendo que Pennyroyal empunhou a lâmina assassina, mas acho que ele instalou alguma armadilha para proteger seu cofre. Nada o impediria de proteger aquele livro ridículo. O que há de tão especial nele? Você sabe, criança?

Wren negou com a cabeça. Tudo que ela sabia era que o *Livro de Lata* se tornara a causa de outra morte. Ela gostaria de nunca ter roubado aquela coisa horrível da biblioteca da Senhorita Freya.

Do lado de fora de seu quarto, Boo-Boo mandou o guarda embora e se virou para Wren e Theo. Ela lhes lançou um sorriso triste, segurando as mãos de Wren nas suas. — Minhas crianças queridas — ela disse —, sinto muito que sua tentativa de fugir voando tenha falhado. Tenho certeza de que era isso que estavam fazendo, não era Wren? Mandar que o iate do meu marido fosse abastecido para que você e Theo pudessem fugir juntos?

— Eu... — disse Theo.

— Theo não tinha nada a ver com isso! — Wren protestou. — Eu encontrei com ele no corredor. Estávamos indo ver o que aconteceu...

A Senhora Pennyroyal levantou uma mão; ela não queria ouvir nada daquilo. Ela tinha dado seu melhor para evitar que isso acontecesse, mas agora que acontecera ela descobriu que achava isso emocionante e romântico. — Você não precisa esconder a verdade de mim — ela disse e lágrimas encheram seus olhos. — Espero ser sua amiga, além de ama. Assim que vi vocês juntos, seu encontro interrompido pelo grito daquele homem infeliz, eu entendi tudo. Como eu gostaria de ter conhecido uma paixão ardente como a de vocês, ao invés de me casar com Pennyroyal para satisfazer minha família...

— Mas...

— Ah, mas o amor de vocês é proibido! Vocês me fazem lembrar o Príncipe Osmiroid e da linda escrava Mipsie na maravilha ópera de Lembit Oriole, *Gramma Pisoteada*. Vocês devem ter paciência, meus queridos. Que esperança terão se fugirem? Escravos fugitivos, sem dinheiro e longe de casa, perseguidos por caçadores de recompensas onde quer que forem. Não, vocês devem ficar aqui por enquanto e se encontrarem apenas em segredo. Agora que eu sei que vocês querem fugir, farei tudo que estiver ao meu alcance para persuadir Pennyroyal a libertá-los.

Wren sentia que estava corando. Como alguém poderia imaginar que ela estivesse apaixonada justo por Theo Ngoni? E ficou irritada ao perceber que ele também estava envergonhado, como se a ideia de estar apaixonado por Wren fosse ridícula.

— Paciência, meus queridos apaixonados — a prefeita disse e os beijou na testa. Ela sorriu e abriu a porta do quarto. — Ah, a propósito — ela murmurou —, não contem a ninguém sobre o pobre Sr. Plover. Não permitirei que esse acontecimento terrível atrapalhe o Festival da Lua...

23

Brilhante, Mais Brilhante, Brighton!



O Festival da Lua! Um burburinho de ansiedade se ergueu da cidade-balsa quando o sol nasceu. Atores e artistas que geralmente não acordavam antes do meio-dia pularam de suas camas ao cantar da gaivota e começaram a dar os toques finais nas decorações e nos flutuadores alegóricos. Os donos de lojas subiam suas persianas e desenrolavam suas cortinas, felizes da vida, sonhando com recordes de vendas. Brighton não era uma cidade religiosa; a maioria do seu povo achava que religião era, na melhor das hipóteses, apenas um conto de fadas, ou, na pior das hipóteses, um truque. A primeira lua cheia do outono para eles significava apenas uma coisa: era hora de festa!

Na verdade, quase sempre era hora de festa a bordo de Brighton. Quando Wren chegou, o Festival Aéreo, uma comemoração dedicada aos deuses do verão que durava seis semanas, estava em seus estágios finais, com algumas festas cheias de fogos de artifícios e desfiles de vestidos elegantes. Desde então, foram celebrados o Festival do Chapéu Grande, a Bienal da Escultura de Queijo, o Festival das Peças Abandonadas, Semana de Poskitt e o Dia da Mímica (quando os habitantes de Brighton podiam se vingar do bando de artistas de rua da cidade). Mas o Festival da Lua ainda tinha um lugar especial nos corações e nos bolsos dos cidadãos de Brighton, e o crescente aglomerado de

idades na margem prometia um grande número de visitantes. Até mesmo o editor do *Palimpsest*, que teria ficado muito satisfeito em publicar os rumores de uma morte misteriosa no Nas Nuvens durante a noite, jogou a história numa pequena coluna na página quatro e encheu a primeira página com notícias sobre o Festival.

BELDADES DE BOO-BOO BADALADAS EM BRIGHTON!

A Prefeita Boo-Boo Pennyroyal profetizou ontem que as comemorações do Festival da Lua deste ano serão as melhores jamais vistas em Brighton. A Senhora Pennyroyal (39), na foto da esquerda, posando para o fotógrafo do *Palimpsest* junto com algumas das beldades que trabalham para ela, será a anfitriã dos convidados mais ricos do Mar do Meio hoje à noite, quando o Pavilhão abrir suas portas e pistas de dança para o Baile do Prefeito.

"Todas as pessoas importantes estão vindo para Brighton!" disse a Senhora Pennyroyal. "Existe outro lugar melhor para se comemorar o Festival da Lua do que nesta cidade branca, à deriva num mar azul?"

É claro, Brighton não era realmente uma cidade branca num mar azul. Era assim que ela se parecia vista das plataformas de observação do Nas Nuvens, mas, ao nível do convés, Brighton era uma cidade esbranquiçada e um pouco amarelada, os telhados manchados por excrementos das gaivotas, as ruas grudentas e cheias de lanches jogados fora, à deriva em um mar cheio de lixo e esgoto. Mas o clima era perfeito: uma brisa suave para impulsionar os táxis aéreos até Benghazi e Kom Ombo e refrescar seus passageiros na viagem de volta. O sol quente esquentava o chão de metal, emitindo cheiros complexos de poças de gordura e vômito que os foliões da noite anterior deixavam para trás. Conforme o dia avançava, a cidade afundava um pouco na água, cheia de grupos de visitantes que enchiam as ruas e praias artificiais, espadanando e gritando nas margens da Piscina do Mar. No meio da tarde, todas as latas de lixo estavam transbordando e as gaivotas brigavam por

pedaços de carne e pastéis, voando baixo sobre as cabeças das pessoas nas longas filas que se formavam abaixo da Roda Gigante de Alexandria e do lado de fora do Aquário de Brighton.

Tom Natsworthy, esperando na fila dos turistas, abaixou-se quando outra gaivota passou voando. Ele sentia medo de pássaros grandes desde sua luta com os Caçadores voadores do Tempestade Verde na Pousada do Velhaco. Mas aquelas gaivotas gananciosas eram a menor de suas preocupações. Ele tinha certeza de que os atendentes uniformizados do Aquário perceberiam que ele chegara à Brighton há apenas uma hora, saindo por um buraco que o *Verme Parafuso* tinha furado no casco da cidade. Ele esperava ser arrastado para longe da fila a qualquer momento, sendo considerado um intruso e passageiro clandestino.



O *Verme Parafuso* tinha alcançado Brighton naquela manhã. Tom se aproximara lentamente, com medo de disparar qualquer Old-Tech que Brighton tinha usado para capturar os Garotos Perdidos, mas parecia que a cidade havia desligado seus sensores agora que a viagem de pesca terminara. Mesmo assim, ele e Hester sequer respiravam enquanto os engates magnéticos eram presos e a furadeira de cascos perfurava ruidosamente as placas do convés do resort.

Tom quisera usar as câmeras-caranguejo para procurar sinais de Wren, mas Hester não concordou. — Não somos Garotos Perdidos — ela ressaltou —, isso exigiria habilidades que não temos para levar uma daquelas coisas até o encanamento de Brighton. Poderia levar semanas até que víssemos Wren. Nós mesmos vamos subir. Poderemos ver algum sinal de todos aqueles caramujos que eles pescaram.

Hester estava certa. Quando saíram do *Verme Parafuso* para os becos desertos atrás do distrito dos motores de Brighton, a primeira

coisa que viram foi um pôster colado a um cano de escapamento. Ele mostrava um caramujo rodeado por garotos selvagens, e embaixo as palavras: *Piratas Parasitas do Atlântico! Artefatos e prisioneiros tirados do Covil de Ladrões Submarino de Grimsby, durante a mais recente expedição de Brighton, estão em exibição aberta para o público no Aquário de Brighton, Burchil Square, 1117.*

— Prisioneiros! — disse Tom. — Wren deve estar lá! É para lá que temos de ir...

Hester, que lia mais devagar que seu marido, ainda estava na metade do texto. — O que é um Aquário?

— Um lugar para peixes. Um tipo de zoológico, ou museu.

Hester assentiu. — Museus é seu departamento. Vá até lá e dê uma olhada. Eu quero dar uma bisbilhotada no porto aéreo. Talvez eu ouça alguma coisa sobre Wren lá, e quero ver se consigo encontrar um dirigível. Não quero voltar para casa naquele caramujo fedorento.

— Não devemos nos separar — disse Tom.

— É só por pouco tempo — disse Hester —, será rápido. Aquilo era apenas uma desculpa, é claro. A verdade era que o tempo todo que ela passara presa com Tom sob as ondas a deixara irritada. Ela queria ficar um pouco sozinha; respirar e olhar a cidade, sem ter de ouvir suas preocupações. Ela deu-lhe um beijo rápido e disse:

— Te encontro em uma hora.

— No *Verme*?

Hester negou com a cabeça. O distrito dos motores estava ficando movimentado enquanto os trabalhadores do novo turno batiam cartão. Transeuntes poderiam vê-los descer pelo buraco secreto. Ela apontou para outro anúncio, meio coberto pelo pôster do Aquário, de uma lanchonete em Old Steine chamada The Pink Café.

— Lá...

Para sua sorte, os atendentes do Aquário só estavam interessados em vender entradas e conversar sobre seus planos para a noite. Eles não estavam procurando intrusos e, mesmo se estivessem, não havia nada que diferenciasse Tom dos outros visitantes. Ele era apenas um jovem, desarrumado e um pouco careca, talvez um acadêmico de algum nível intermediário de Kom Ombo, e se suas roupas estavam um pouco amassadas e eram um pouco antiquadas e ele cheirava um pouco a mofo e a água salgada, bem, não havia nenhuma regra contra isso. A garota na catraca sequer olhou para ele quando pegou seu dinheiro e gesticulou para que entrasse.

Dentro do Aquário, peixes entediados flutuavam em tanques grandes e turvos. Havia um cheiro tão forte de ferrugem e água salgada que Tom quase conseguia se imaginar de volta à Grimsby. Mas ninguém olhava para os peixes, ou para os cavalos marinhos, ou para os mesquinhos leões marinhos. Todos seguiam para o salão central, seguindo as placas coloridas até a exibição dos Piratas Parasitas.

Tom os seguiu, tentando não parecer muito ansioso, lembrando a si mesmo que Wren poderia não estar ali. Ele avançou entre os outros visitantes, olhou para uma exposição de câmeras-caranguejo e depois para um caramujo chamado *Bebê Aranha*, num estrado no meio do salão. Quem quer que o tenha colocado ali lhe proporcionou uma pose dramática, equilibrando-se nas quatro pernas traseiras e agitando os pés da frente no ar, como se estivesse prestes a avançar nos visitantes. Famílias tiravam fotos na frente dele, as crianças faziam caras de assustadas, ou mostravam a língua para a máquina gigante.

Depois do caramujo, numa jaula forrada de palha, Garotos Perdidos prisioneiros se agachavam e encaravam as pessoas. Às vezes um deles se jogava contra as barras, gritando insultos e os visitantes saíam correndo, assustados e satisfeitos, enquanto um

dos atendentes corpulentos cutucava o selvagem com um bastão elétrico. Tom sentia pena dos Garotos Perdidos, mas ficou aliviado quando viu que Wren não estava entre eles.

Ali perto, uma jovem bonita vestindo um uniforme do Aquário mostrava alguns detalhes a um grupo de crianças. Tom esperou ela terminar, depois se aproximou. — Com licença — ele disse —, você poderia me dizer quantos caramujos havia?

A jovem bonita era realmente muito bonita. Seu sorriso encantou Tom. — Dezenove no total, senhor — disse —, e três destruídos no mar.

— E um deles se chamava *Autolycus*?

O sorriso sumiu. Desorientada, a mulher procurou em suas anotações. Ninguém nunca perguntara sobre um caramujo em especial. — Deixe-me ver... — ela murmurou —, acredito... Ah, sim! O *Autolycus* foi um dos primeiros caramujos que capturamos, nos mares ocidentais, longe do covil dos parasitas. Seu sorriso voltou. — Ele deveria estar numa missão de roubo quando o pegamos...

— E a tripulação?

A jovem ainda sorria, mas seus olhos estavam confusos; ela começava a se perguntar se Tom era algum maluco. — Você teria de perguntar isso para o Sr. Shkin, senhor. Sr. Nabisco Shkin. Todos os prisioneiros são propriedade da Corporação Shkin.

✧ ✧ ✧

— E o que é a Corporação Shkin? — perguntou Hester, que descobrira a mesma coisa de um vendedor de balões usados no porto aéreo.

— Escravos — disse o homem, cuspidando um jato preto de fumo no convés aos seus pés e piscando para ela. — Todos aqueles garotos e garotas que foram pescados são escravos agora, e isso lhes é bem merecido.

Uma escrava, pensou Hester, enquanto se afastava das ruas cada vez mais movimentadas. As sombras dos dirigíveis e táxis-balões passavam sobre ela conforme pousavam no porto para descarregar mais turistas barulhentos. Uma escrava. Hester empurrou um grupo de estudantes de idiomas. Como ela contaria isso para Tom? Que sua amada garotinha estava presa numa prisão para escravos em algum lugar, ou sofrendo sabe-se lá o quê nas mãos de donos cruéis...

Para piorar as coisas, ela descobriu que seu plano de comprar um dirigível não daria certo. Os preços haviam aumentado desde a última vez que ela estivera a bordo de uma cidade, e o ouro que pegara em Grimsby não daria para comprar sequer um motor sobressalente no ferro velho de dirigíveis.

Ela gastou um pouco dele numa barraca atrás do porto num par de óculos escuros para esconder o olho que lhe faltava e num chapéu feito de discos prateados, que escondia um pouco a cicatriz em sua testa. Ela também comprou um véu e um casaco cheio de botões que chegava até os calcanhares para substituir aquela coisa esfarrapada que estivera usando desde que partira de Anchorage. Seguiu andando e percebeu que seu humor melhorava. Ela gostava daquela cidade. Ela gostava do brilho do sol e dos grupos de pessoas, a selva de caça-níqueis, as fachadas gastas dos hotéis. Ela gostava de estar entre pessoas que não a conheciam e que não sabiam o que havia sob o véu. Ela gostava dos aviadores jovens e bonitos que sorriam para ela quando ela passava, seus olhos atraídos para aquela mulher misteriosa com o rosto coberto e de corpo comprido e esguio. E, apesar de não querer admitir para si mesma, ela gostava da vida sem Wren. Ela se sentia quase feliz por sua garota ter sido sequestrada.

Ela parou para analisar um mapa das ruas, e então cruzou uma passarela sobre a Piscina do Mar, seguindo na direção de Old Steine. Não havia sinal de Tom nas mesas do lado de fora do The

Pink Café. Hester pensou em comprar um café enquanto esperava por ele, depois decidiu que não podia pagar os preços de Brighton. Ao invés disso, ela andou pela longa curva do Steine, olhando as vitrines, até ver uma que a fez parar.

Era um prédio antigo que costumava ser um teatro. Uma placa rosa e alegre acima da porta dizia: *A Experiência de Nimrod Pennyroyal*, e pôsteres anunciavam: *Reviva as Aventuras do Prefeito Pennyroyal nos Cinco Continentes e nas Mil Cidades! Educacional e Divertida!* Havia uma estátua de cera de Pennyroyal na vitrine, acorrentada ao chão de uma masmorra de papelão, levantando e abaixando a cabeça, olhando confusa para uma lâmina em forma de lua crescente que balançava de um lado para outro num pêndulo.

Prefeito Pennyroyal? Hester se perguntou diversas vezes o que tinha acontecido com o falso explorador depois de atirar em Tom e roubar o *Jenny Haniver*. Ela tinha presumido que os deuses o teriam punido por todas as mentiras e truques; eles tiveram dezesseis anos para pensar numa punição apropriada, afinal de contas. Ao invés disso, eles pareciam tê-lo recompensado. Pennyroyal estava vivo. E Pennyroyal sabia o que ela fizera. Ela mesma havia lhe contado, na cozinha destruída dos Aakiuq, enquanto se preparava para matar Masgard e seus Perseguidores.

Ela deu uma moeda de bronze para o homem na bilheteria e entrou.

Parecia que os outros visitantes de Brighton haviam descoberto melhores maneiras de se educarem e se divertirem, pois o *Experiência de Nimrod Pennyroyal* estava quase vazio. Havia um cheiro de poeira como em um museu e outro cheiro, tentador, que não pertencia àquele lugar, que era ainda mais familiar. Hester passou por artefatos inexpressivos em caixas de vidro, passou por uma maquete do Aterro Antigo que Pennyroyal escavara uma vez. Quadros e dioramas de cera mostravam Pennyroyal lutando com

um urso, fugindo de piratas dos ares e quase sendo sacrificado num culto de guerreiras que adoravam Old-Tech — cenas dos livros mais vendidos de Pennyroyal, e todas pura mentira. Apenas um dos quadros fazia sentido para Hester. Um que mostrava Pennyroyal, com espada na mão, lutando com uma horda de Perseguidores selvagens, enquanto ao seu lado uma jovem bonita morria de modo elegante. Foi apenas depois de olhar o quadro por alguns instantes que Hester percebeu que a garota martirizada usava um tapa-olho e tinha uma pequena cicatriz em sua bochecha.

— Pelos deuses! — ela disse em voz alta —, essa perua era para ser *eu*?

Sua voz soou alta na sala vazia e cheia de eco. Quando o eco de sua voz se desvaneceu Hester ouviu passos e o homem da bilheteria esticou a cabeça para fora da porta e perguntou:

— Está tudo bem, madame?

Hester assentiu, brava demais para falar.

— Quadro magnífico, não é? — o curador disse. Ele era um homem amigável, de meia idade, com alguns fios de cabelos claros penteados cuidadosamente cruzando sua cabeça careca. Ele se aproximou de Hester e olhou orgulhoso para o quadro. — Foi inspirado nos capítulos finais de *O Ouro do Predador*, nos quais o Venerável luta com os Perseguidores de Arkangel.

— Quem é essa garota? — perguntou Hester.

— Você não leu *O Ouro do Predador*? — perguntou o homem, surpreso. — Essa é Hester Shaw, a aviadora que vende Anchorage aos Perseguidores. Ela se redime, pobre criatura, ao morrer ao lado de Pennyroyal, ferida pelo chefe dos Perseguidores, Piotr Masgard.

Hester se afastou rapidamente, subindo um lance de escadas de metal empoeirada até o andar superior do museu, sem ver as exposições, com a cabeça cheia de pensamentos amedrontados. Tudo estava arruinado! Pennyroyal não só sabia o que ela havia feito, mas tinha escrito um livro sobre isso! Havia quadros! Mesmo

Pennryoyal tendo distorcido os fatos, a verdade ainda estava lá, preto no branco em páginas de seu livro. Hester Shaw tinha vendido Anchorage aos Perseguidores. E quando Tom descobrisse...

Ele ainda a amaria, se soubesse como ela realmente era?

Hester chegou ao topo da escada. O cheiro familiar estava mais forte ali e ela se lembrou subitamente que cheiro era aquele; uma mistura de combustível de aviação e gás de decolagem. Olhou para cima.

Todo o andar superior era uma sala com teto de vidro e, bem no meio, em suportes de metal, se encontrava um dirigível. Estava velho e esfarrapado, e o nome pintado ao longo do flanco era *A Roda do Ártico*, mas Hester teria reconhecido a gôndola feita de jorra e aqueles motores Jeunet-Carot em qualquer lugar. Ela tinha morado naquelas cabines estreitas por dois anos, e dado meia volta ao mundo sob aquele velho envelope vermelho. Era o *Jenny Haniver*.

— Uma banheira velha, não é?

Hester não tinha percebido que o curador a seguira pelas escadas, mas ali estava ele, em pé bem atrás dela e sorrindo amavelmente. — Hester Shaw o legou ao Professor Pennyroyal em seu último suspiro antes de morrer, e o professor voou nele até Brighton através de tempestades polares e enxames de piratas dos ares.

Uma passarela de madeira tinha sido construída ao lado da gôndola. Prestando pouca atenção ao curador, Hester subiu os degraus e olhou pelas janelas empoeiradas, se lembrando da verdadeira história do dirigível. Ali estava a cabine da popa, com a cama estreita onde ela costumava dormir com Tom. Ali estava o assento do piloto onde ela passara longas horas vigiando. Ali, nas gastas placas do chão do convés de voo, Wren havia sido concebida...

Ela cheirou o ar. — Ele cheira como se estivesse pronto para voar...

— Com certeza, madame. Você é uma aviadora?

Hester olhou surpresa para ele, se perguntando se ele poderia ter descoberto quem ela era, mas ele só estava sendo amigável. — Sim — ela disse e, então, porque ele parecia querer saber mais —, sou a Capitã Valentine do *Freya*.

— Ah! — disse o curador, satisfeito e meneou a cabeça para o *Jenny* novamente. — Ele liderará o desfile de dirigíveis históricos amanhã, Senhorita Valentine.

Hester tocou a parte inferior de um motor e se imaginou ligando-o. Ela estava começando a se recuperar de seu choque. Afinal de contas, Tom sabia que Pennyroyal era um mentiroso. Por que ele acreditaria em alguma coisa que aquele velho pilantra dissesse sobre ela? Atrás de seu véu ela deu seu sorriso torto.

— Vai ser um desfile muito bonito — o curador estava dizendo, sorrindo para ela. —, haverá uma encenação de uma das mais desesperadas aventuras do Professor Pennyroyal; a luta entre *A Roda do Ártico* e um bando de velhos rebocadores aéreos fazendo o papel de dirigíveis piratas. Foguetes de verdade e tudo o mais...

Hester olhou em volta da grande sala. — Como se tira ele daqui?

— Hein? — o curador perguntou —, ah, o teto abre. Abre em toda sua extensão, como um hangar. O prefeito irá tirá-lo daqui.

Hester assentiu e verificou a hora em seu relógio de bolso. Ela havia esquecido seu encontro com Tom e já estava 20 minutos atrasada. Ela desceu as escadas com o curador correndo atrás dela. Na loja de presentes perto da saída ela pegou uma cópia d'*O Ouro do Predador* e jogou duas moedas para ele.

— Se me permite ser atrevido, Senhorita Valentine — disse o curador, remexendo em seu caixa e pegando o troco —, eu estava me perguntando se você gostaria de me acompanhar no desfile amanhã, e talvez jantar comigo depois?

Mas quando ele ergueu o olhar, a misteriosa aviadora já não estava mais lá, e a porta de saída se fechava suavemente.

Hester andou rapidamente pela Old Steine na direção da lanchonete, enfiando o livro de Pennyroyal no bolso. O pedido tolo e lisonjeiro do curador a fez se sentir atraente e misteriosa novamente, e o pânico que sentira antes agora desaparecera por completo. Ela sabia que tudo ficaria bem. Ela iria mostrar o livro ao Tom e eles ririam juntos com as mentiras de Pennyroyal sobre ela. Então, ela libertaria Wren da prisão dos escravos e eles iriam retomar o *Jenny Haniver*, voando de volta para casa.

As mesas do lado de fora da lanchonete estavam ocupadas, mas ainda nada de Tom. Ela se virou, procurando por ele, irritada. Não era o feitio de Tom se atrasar, e ela queria contar-lhe seus planos.

— Hester? — perguntou uma das escravas da lanchonete, se aproximando com um papel dobrado nas mãos. — Você é Hester, não é? O cavalheiro disse que você viria. Ele me pediu para entregar-lhe isso.

O papel era um prospecto do Aquário. Na parte de trás, com sua letra bem feita, Tom tinha escrito, *Querida Het, vejo você no VP. Wren foi levada como escrava. Estou indo a um lugar chamado Pote de Pimenta para ver se consigo comprá-la de volta...*

O Furacão Fúnebre



A frota aérea voou em tempo recorde desde que deixou Shan Guo. Eles cruzaram as águas azul-turquesa do Golfo da Pérsia, e agora seguiam em direção ao oeste, passando sobre as colinas de Jabal Hammar. Os quatro *destroyers* voavam em formação, e em volta deles o ar pulsava com o rugir dos motores enquanto uma escolta de dirigíveis de guerra — Foz Spirits de Murasaki e Hawkmoths de Zhang Chen — varria o céu à procura de corsários que vinham das cidades.

Através de uma abertura na gôndola blindada do dirigível em comando da Caçadora Fang, o *Furacão Fúnebre*, Oenone Zero observava a terra distante. Nada se movia ali embaixo a não ser as sombras dos dirigíveis, mas para onde olhasse, conseguia ver os profundos cortes deixados pelas esteiras e rodas das cidades passageiras. Marcas de mordida denteadas pontilhavam as encostas das colinas, onde cidades mineradoras tinham cavado grandes quantidades de rochas contendo minérios que agora enchiam suas entranhas.

Quando foi informada de que iria acompanhar sua comandante naquela misteriosa expedição, Oenone se sentira feliz. Será que, isolada no céu, a bordo do dirigível em comando da Caçadora, ela teria a chance de usar sua arma? Mas o mundo que ela tinha visto no caminho, machucado e arruinado pelo Darwinismo Municipal, fez com que se perguntasse se teria o direito. Ela odiava a guerra, mas também odiava as Cidades Tractionadas. Ela não estaria entregando

a vitória a elas ao matar Fang? Se o Tempestade Verde caísse, a terra inteira poderia ficar como aquela pilha de destroços abaixo dela. Ela não queria ter aquilo pesando em sua consciência.

— Ainda procurando motivos para não fazer o que você veio fazer, Oenone — ela disse a si mesma, no mesmo tom de decepção que sua mãe usava quando ainda era criança e adiava sua lição de casa. — Como você é covarde!

Ela olhou para frente, para a névoa amarronzada que ela sabia ser causada parcialmente pela fumaça dos escapamentos das cidades. Em algum lugar além da névoa ficava o Mar do Meio, agora não muito longe. Oenone tentou acabar com suas dúvidas. Uma batalha se aproximava, e ela entendia o suficiente sobre batalhas para ter certeza que haveria momentos de tanto caos e confusão que ela poderia usar seu dispositivo na Caçadora Fang sem que ninguém soubesse o que ela tinha feito.

Ela se afastou da abertura de observação e subiu até as passarelas barulhentas no interior do envelope. Enquanto se aproximava da balbúrdia que vinha dos cômodos dos oficiais, ela pôde ouvir as vozes de alguns de seus companheiros. Parou perto da porta aberta, sem ser notada, ouvindo.

— Ela diz que devemos atacar apenas Brighton! — o tenente Zhao, o oficial da artilharia, dizia, abaixando a voz com medo que a Caçadora Fang pudesse ouvir. — Por que Brighton? Eu li os relatórios dos agentes da inteligência. Brighton é uma cidade sem importância, uma simples balsa de diversão.

— Ela tem seus próprios espões — disse o Navegador Cheung, olhando para sua xícara vazia como se pudesse adivinhar os planos da Caçadora nas folhas de chá. — Ela tem agentes disfarçados que reportam a ela e a mais ninguém.

— Sim, mas por que ela teria colocado um a bordo de Brighton?

— Quem sabe? Deve haver algo importante naquele lugar.

— Como o quê? — Zhao balançou a cabeça. — Há gordas cidades predadoras espreitando nas colinas abaixo de nós. Por que devo guardar meus foguetes para Brighton quando poderia destruir as esteiras de cidades predadoras?

— Não nos cabe questionar suas ordens, Zhao.

Esse comentário veio do segundo em comando da expedição, o General Naga. Oenone viu os oficiais subalternos se enrijecerem e abaixarem as cabeças quando ouviram sua voz. Naga estivera com o Tempestade Verde desde sua fundação. Havia uma famosa foto sua, jovem e bonito, erguendo a bandeira com o raio sobre os destroços de Traktiongrad; Oenone teve um pôster dessa cena na parede de seu quarto quando era criança. Mas Naga já não era jovem e bonito: seu cabelo estava grisalho, seu rosto comprido e ocre estava enrugado e cheio de cicatrizes. Ele tinha trinta e cinco anos, era um velho para os padrões do Tempestade Verde. Tinha perdido um braço em Xanne-Sandansky e o uso de suas pernas no cerco aéreo de Omsk, e só conseguia andar e lutar porque o Corpo de Ressurreição havia construído um esqueleto de metal para ele.

— Eu não gosto desta missão — ele admitiu, os segmentos de sua armadura mecânica rangendo conforme se debruçava sobre a mesa. — Brighton não é uma ameaça para nós, e ouvi dizer que passou o verão atacando aquelas brigadas de parasitas no Atlântico Norte. Eu era um cadete na Pousada do Velhaco quando eles atacaram a base aérea ali. Perdi bons amigos por causa daqueles desgraçados e estou feliz por Brighton tê-los destruído. Mas ordens são ordens, e dadas pela Flor de Fogo...

Ele parou subitamente, sentindo Oenone parada na porta. — Cirurgiã-Mecânica — ele disse rispidamente, virando-se em sua direção. Sua mão mecânica apertou o cabo de sua espada; o exoesqueleto retiniu e sibilou, fazendo uma reverência desajeitada. Atrás dele, Oenone viu medo nos rostos dos oficiais subalternos quando a reconheceram. Ela sabia o que eles estavam pensando.

Quanto tempo ela estivera ali? O que ela ouviu? Ela contará à Caçadora? Até mesmo Naga estava com medo dela.

— Perdoem-me, por favor — ela disse, fazendo uma reverência para o general e outra para os oficiais sentados à mesa. Ela entrou na sala, serviu-se de uma xícara de chá de jasmim, que ela não queria, e a bebeu rapidamente, em silêncio. Os olhares se demoraram nela. Eles eram tão cautelosos com ela quanto eram com a Caçadora Fang, e Oenone se sentiu satisfeita, porque isso provava que eles não suspeitavam de seus verdadeiros motivos.

Mas alguém a bordo do *Furacão Fúnebre* suspeitava. Conforme ela deixava a sala dos oficiais e subia as escadas que levavam até sua cabine, no alto, entre as células de gás reforçadas, Shrike a observava das sombras, esperando pacientemente pelo seu ataque.

O Pote de Pimenta



A tarde se transformava em noite enquanto Tom andava na direção do Pote de Pimenta pelas ruas cheias de foliões. Um desfile seguia lentamente ao longo da Ocean Boulevard, com garotas e garotos bonitos, fantasiados de sereias, pavoneando-se em barcos elétricos. Bonecos gigantes dos deuses do mar dançavam pelas ruas, lanternas feitas de papel em forma de peixes e serpentes esvoaçavam em longos mastros e *drag queens* em balões de cargas que voavam baixo usavam grandes chapéus, cheios de penas, e jogavam confetes. Através dos espaços entre os prédios brancos, Tom continuava vendo o mar. Com um rugido dos motores, uma patrulha de estranhas máquinas voadoras passou rápida acima dos telhados. Tom tapou os ouvidos com as mãos e se virou para vê-las passar. Ele teria ficado entusiasmado quando era mais jovem, mas agora elas só o lembravam de como o mundo era perigoso e como havia mudado enquanto esteve longe. Quanto mais via, mais desejava encontrar Wren e voltar para a paz de Vineland.

Tom forçou caminho pela multidão, seguindo para o endereço que a garota no Aquário lhe dera. Ele sabia que Hester ficaria brava por ter ido sem ela, mas estivera ansioso demais para esperar no The Pink Café. Além do mais, ele se lembrava do que ela fizera com Gargle, e estava preocupado ao pensar em como ela reagiria quando descobrisse o que acontecera a Wren. Tom queria conversar calmamente com aquele tal de Shkin. O homem poderia se mostrar razoável, devolvendo Wren a seus pais quando

descobrisse a verdade. Se não, Tom providenciaria sua compra. De qualquer maneira, não haveria necessidade de usar a violência.

Quando viu o Pote de Pimenta, ele se sentiu ainda mais otimista. A maioria das prisões para escravos eram lugares sujos, enfiados em níveis escondidos de cidades de varredores selvagens, não torres brancas e elegantes. Do lado de fora da porta de vidro, um guarda num uniforme preto e bem-alinhado o parou educadamente e passou um detector de metal por ele antes de deixá-lo entrar numa recepção tão calma e de tão bom gosto quanto a de um hotel. Havia cadeiras macias, vasos verde-metálicos e uma placa na parede que dizia *Corporação Shkin* e embaixo, em letras menores, *Uma Empresa que Investe nas Pessoas*. As únicas coisas que indicavam o que era realmente aquele lugar eram os gritos abafados, nervosos, e os ruídos estridentes que passavam pelo carpete verde-azulado.

— Sinto muito pelo barulho — disse uma mulher bem vestida sentada atrás de uma mesa preta —, são aqueles Garotos Perdidos imundos. Eles estavam bem mansos quando os trouxemos a bordo, mas estão causando problemas e ficando cada vez mais insolentes, a cada dia. Não faz mal. Os leilões de outono começam amanhã, então logo vamos nos livrar deles.

— Então vocês ainda não os venderam? — gritou Tom. — Fico tão feliz. Estou procurando pela minha filha. Wren Natsworthy. Ela estava com os Garotos Perdidos e acho que vocês podem tê-la pegado por engano...

A mulher tinha sobrancelhas desenhadas tão finas quanto fios, e ergueu as duas com surpresa. — Um momento, por favor — ela disse, e se debruçou sobre sua mesa para sussurrar algo num interfone de metal e baquelite que Tom achou muito futurista. O interfone sussurrou uma resposta e, após alguns instantes, a mulher olhou para Tom, sorriu e disse:

— O Sr. Shkin irá recebê-lo em pessoa. Pode subir.

Tom andou até a escada em espiral que passava pelo teto, mas a mulher apertou um botão em sua mesa e uma porta estreita se abriu na parede. Tom percebeu que era um elevador. Não parecia em nada com os enormes elevadores públicos que ele lembrava de sua infância em Londres. Era como um armário elegante, coberto por painéis de madrepérola, mas ele tentou não parecer tão surpreso e entrou no elevador. A porta se fechou. Ele sentiu seu estômago dar um salto. Quando a porta se abriu novamente, viu-se num escritório quieto e luxuoso, onde um homem se levantava de trás de outra mesa de aço preto para cumprimentá-lo.

— Sr. Shkin? — perguntou Tom, enquanto as portas atrás dele se fechavam suavemente e o elevador descia novamente.

Nabisco Shkin fez uma reverência e estendeu uma mão coberta por uma luva cinza. — Meu querido Sr. Natsworthy — ele disse gentilmente —, a Senhorita Weems disse que você está interessado em uma das nossas escravas. Uma garota chamada Wren.

Ouvir Wren ser chamada de escrava tão calmamente deixou Tom nervoso, mas ele se controlou e apertou a mão de Shkin.

— Wren é minha filha. Ela foi sequestrada por um dos Garotos Perdidos. Vim buscá-la.

— Verdade? — Shkin acenou, observando Tom cautelosamente. — Infelizmente eu não fazia ideia da história da garota. Ela já foi vendida.

— Vendida — gritou Tom —, onde ela está? Ela ainda está a bordo de Brighton?

— Tenho de verificar meus arquivos. Lidamos com tantos escravos este mês...

A porta do elevador se abriu novamente e a sala se encheu de homens; guardas armados vestindo uniformes pretos. Tom, pego de surpresa, não percebeu o que estava acontecendo até um dos homens bater no lado de seu corpo com um cassetete e outros dois o agarrarem quando ele se curvou, engasgando.

Nabisco Shkin deu a volta na sala, fechando as cortinas brancas para cobrir as longas janelas. — Muitas embarcações de passeio no céu hoje — ele disse em tom de conversa —, não gostaríamos que algum turista nos espiasse, não é? — A sala ficou sombria. Ele voltou para sua mesa e falou no interfone. — Mônica, mande o garoto subir. Vamos descobrir se esse infeliz é realmente quem diz ser.

Os captores de Tom torceram seus braços atrás dele e o seguraram firmemente, mas não precisavam se incomodar, pois ele não estava em condições de ficar ereto, quanto mais de subjugar quatro guardas fortes. Ele sentiu seu coração palpitar e martelar, sentiu a dor se enroscar em suas costelas. Shkin se aproximou, puxou a manga de Tom com um olhar de desgosto e tirou o bracelete de casamento.

— Isso me pertence! — Tom arquejou —, devolva!

Shkin jogou o bracelete para cima e o pegou novamente. — Você não tem mais pertences — ele disse —, você *me* pertence. A não ser que tenha documentos que provem que é um homem livre; mas se você é quem diz ser, não terá. Ele segurou o bracelete e o olhou com atenção. — HS e TN — ele leu —, que romântico...

O sino do elevador bateu novamente e outro guarda vestido de preto entrou na sala. Este era apenas um garoto, vestido como os outros, num uniforme preto e um chapéu preto com o logo *Shkin* em prata na frente.

— Então, Fishcake? — Shkin perguntou —, você reconhece nosso convidado?

O garoto olhou Tom — É ele mesmo, Sr. Shkin — ele disse —, eu o vi nas telas quando estávamos em Anchorage. É o pai da Wren.

— Como você... — Tom ia perguntar e então percebeu subitamente quem deveria ser aquele garoto. Fishcake. Esse era o camarada sobre o qual Tio tinha falado, o novato que tinha

sequestrado Wren! Tom sabia que deveria ficar bravo com ele, mas não ficou. Apenas ficou mais bravo do que nunca com Shkin, porque conseguia ver o logo marcado na mão do garoto. Que tipo de pessoa faria isso com uma criança? Que tipo de cidade deixaria um homem como aquele enriquecer e prosperar? Tom disse:

— Fishcake, por favor, a Wren está bem? Ela foi ferida? Você sabe quem a comprou?

Fishcake estava prestes a responder, mas Shkin disse:

— Não responda, garoto — um dos guardas bateu em Tom novamente, deixando-o sem fôlego.

— Fishcake aprendeu a ser obediente — disse Shkin —, ele sabe que se me desobedecer eu o colocarei de volta na prisão junto com seus amigos, e eles acabarão com ele por trair Grimsby. Ele abriu o colete de Tom, levantou a camisa e com um dedo enluvado traçou a cicatriz deixada pela cirurgia amadora de Windolene Pye. Havia algo que lembrava um sorriso em seu rosto.

— O prefeito desta cidade é um homem muito irritante, Sr. Natsworthy — ele disse —, acredito que você pode me ajudar a expô-lo como sendo uma fraude e um mentiroso. Mas, primeiramente, sua filha irá me ajudar a recuperar algo que ele roubou de mim. Quem sabe, se você cooperar, eu possa soltar vocês dois. — Conforme voltava para sua mesa ele jogou o bracelete no ar e o pegou novamente. Debruçando-se sobre o bocal de metal do interfone ele disse:

— Senhorita Weems, providencie uma cela no nível intermediário para o Sr. Natsworthy e prepare um fusca para me levar até Old Steine às sete e meia. Acho que afinal de contas vou participar do Baile do Venerável.

◊ ◊ ◊

Hester já tinha olhado através da porta de frente da bonita torre uma vez, sem ver nenhum sinal de Tom. Ela procurara por ele em

todos os outros lugares possíveis, esperando que ele pudesse ter voltado para o *Verme Parafuso* antes de tentar falar com os vendedores de escravos, ou voltado ao The Pink Café. Agora ela estava de volta ao Pote de Pimenta, brava e um pouco assustada. Ela tinha certeza de que Tom estava lá dentro e de que alguma coisa ruim tinha acontecido. As cortinas tinham sido fechadas num dos andares superiores, e havia um bando de guardas com sobretudos pretos na recepção, conversando com aquela mulher metida. Hester se perguntou se deveria entrar e confrontá-los, mas queria entrar na mesma armadilha que Tom.

O homem na porta a viu espiando novamente e a encarou por alguns instantes. Então, ela seguiu andando rapidamente como se fosse apenas uma turista curiosa, e seguiu até uma lanchonete do outro lado da praça, onde bebeu café gelado com um canudinho, pensando um pouco. Esse tal de Shkin deve ter decidido aprisionar Tom por alguma razão. Talvez ele achasse que Tom estava ligado aos Garotos Perdidos. Bem, isso não era um problema tão grande. Ela entraria e o salvaria, assim como Tom a salvara, quando ela estivera prisioneira na Pousada do Velhaco.

Mas como ela entraria naquela torre? O guarda na porta já suspeitava dela, e com todos aqueles grupos de foliões espalhados por aí, não conseguiria entrar atirando. Ah, pobre Tom! Por que foi até lá sozinho? Ele deveria saber que não poderia lidar com pessoas como Nabisco Shskin sozinho.

Hester pagou pelo café gelado e perguntou ao garçom:

— Aquele é o prédio do Shkin? A torre? Parece pequena demais para conter tantos escravos.

— A torre tem andares escondidos — o garçom respondeu, lançando um olhar feliz para a gorjeta que ela colocou sobre a mesa. — As celas e coisas do tipo ficam bem abaixo. É ali que eles guardam todos aqueles piratas terríveis.

Hester pensou novamente na Pousada do Velhaco e em como tinha tirado Tom de lá através da confusão causada pelo ataque de um Garoto Perdido. Então, saiu da lanchonete, andando rapidamente, olhando para baixo para se certificar que a arma em seu cinto não estragava o corte de seu casaco novo.

Esperando pela Lua



À medida que o sol afundava vermelho e achatado na névoa acima da África, a brisa ficou mais forte. Brighton começou a balançar levemente sobre as ondas brancas que rolavam até as margens. Desfiles de crianças marchavam pela Ocean Boulevard sem se incomodarem com a oscilação nas ruas, levando bandeiras e enormes lanternas de papel em forma de lua, e centenas de artistas com suas próprias modas assistiam ao desfile nas casas de seus colegas.

— Isso os deixa ocupados, eu acho — disse Nimrod Pennyroyal, olhando aquilo tudo filosoficamente de uma das muitas plataformas de observação do Nas Nuvens. — Há tantos pintores e artistas de décima categoria nesta cidade que precisamos de uma boa festa a cada uma ou duas semanas para que eles sintam que suas vidas ridículas valem alguma coisa — uma chuva de bolhas passou por ele, lançada no ar noturno por uma instalação artística em Queen's Park. A brisa também trazia os barulhos dos foliões: guitarras e uma mistura de sons nas ruas do histórico Muesli Belt, fogos de artifícios antecipados explodindo e gritos vindos das praias.

Nos jardins verde-azulados do Pavilhão, entre as sombras de um bosque de ciprestes, os convidados começavam a se reunir. Todos os homens vestiam mantos formais, e as mulheres estavam maravilhosas em seus vestidos de gala prateados e azuis. Lanternas de papel haviam sido penduradas ao longo de todos os passeios e entre os pilares que formavam o palco onde alguns

músicos estavam afinando seus instrumentos. Os Furões Voadores tinham chegado, parecendo terrivelmente audaciosos em seus ternos de aviadores forrados de lã e lenços brancos de seda, conversando alto sobre “inimigos” e “bandidos” e “baús sendo jogados no mar”. Orla Twombly, com seu cabelo penteado em asas mantidas no lugar com muito laquê, pendurava-se no braço de Pennyroyal.

Bebidas e salgadinhos eram servidos antes do baile começar e Wren era uma das pessoas que estavam servindo os comes e bebes. Ela se sentia bonita e notável em suas roupas para o Festival da Lua — calças largas e uma túnica comprida feita de algum tipo de tecido prateado que ela não sabia o nome —, mas os convidados não pareciam notá-la; eles estavam interessados apenas na bandeja que ela carregava. Enquanto ela andava no meio das pessoas, mãos agarravam o carregamento de bebidas e canapés sem ao menos um obrigado ou com licença.

Wren não se importava. Ela ainda estava cansada e inquieta por causa dos acontecimentos da noite anterior. Houvera uma estranha atmosfera no Pavilhão durante o dia inteiro, com homens da milícia entrando e saindo, e a segurança sendo reforçada. As outras escravas insistiam em perguntar se Wren tinha realmente visto o corpo e se havia muito sangue. Para piorar as coisas, a Senhora Pennyroyal sorria com ar de quem sabia das coisas toda vez que a via, e procurava desculpas para mandá-la para salas onde Theo Ngoni estava, ou para mandar Theo para salas onde Wren estava, como se ela esperasse que alguém fosse escrever uma ópera sobre os dois algum dia, e que houvesse uma parte para uma soprano de certa idade como Boo-Boo Pennyroyal, a ama gentil que fez o amor ser possível.

Estranhamente, toda essa bondade fazia que Wren gostasse menos de Boo-Boo: uma coisa era ter escravos, outra era se meter

em suas vidas amorosas. Ela sentia que a prefeita estava tentando juntar os dois como se fossem um casal de poodles de exposição.

Wren estava contente em ser invisível por um tempo, em olhar e ouvir. E para todos os lugares que olhava, ela via alguém que reconhecia das páginas sociais do *Palimpsest*. Lá estavam os principais pintores de Brighton, Robertson Gloom e Ariane Arai. Lá estava a linda Davina Twisty, do mais recente sucesso no Teatro Marlborough, *Mãos no Coração*. Aquele homem de chapéu devia ser o escultor Gormless, cujas esculturas ridículas enchiam os espaços públicos da cidade como emaranhados de arame farpado. E aquele não era o grande P.P. Bellman, autor dos livros *pop up* ateísticos para a criança na moda? Wren se perguntou como eles se sentiriam se soubessem que um homem tinha sido assassinado, bem ali no Nas Nuvens, há menos de 24 horas.

Ela encontrou Cynthia e perguntou em voz baixa:

— Alguma novidade?

— Novidade? — repetiu Cynthia, tão feliz e burra quanto os raios do sol.

— Sobre o pobre Sr. Plover? Já descobriram quem é o assassino?

— Ah! — os anezinhos dourados de Cynthia chacoalharam quando ela balançou a cabeça. — Não. E a Senhora Pennyroyal diz que não devemos falar sobre isso. Mas o que é essa história sobre você e o Theo?

— Não é nada. Só a imaginação de Boo-Boo.

— Você está corando, Wren! Eu sabia que você gostava dele! Eu vi você conversando com ele aquele dia na piscina, lembra?

Wren a deixou rindo e se enfiou pela multidão, perguntando:

— Gostaria de uma bebida, Senhor? Um canapé, Madame? — e pegando copos vazios e fragmentos de conversas ainda mais vazias.

— Olhe para o que La Twisty está vestindo!

— Você *tem* que conhecer Gloom, ele é *tão* maravilhoso!

— Você já leu o último livro de Bellman? Genial! A melhor literatura da nossa era está sendo escrita para aqueles que têm menos de cinco anos...

O crepúsculo se intensificou. Davina Twisty tentava convencer alguns de seus amigos e admiradores a se aventurarem com ela no incrivelmente complicado labirinto de cercas vivas do Nas Nuvens. A banda tocava “Ecos Dourados” e “A Canção de Ninar Lunar”. Logo a lua nasceria e todos iriam assistir aos fogos de artifícios antes de seguirem para o pavilhão para dançar e comer mais. Wren, já exausta, parou numa parte quieta do jardim perto da borda do convés. Era agradável ficar sozinha, afinal. Ela olhou pelo mar, viu cidades blindadas e pensou em como elas pareciam melancólicas, agachadas sobre as dunas como templos de uma raça desaparecida.

Uma mão agarrou seu ombro como uma aranha cinza de seda. Virando, ela olhou para o rosto sem expressão de Nabisco Shkin.

— Apreciando a vista, minha querida? — ele perguntou —, espero que nenhum outro convidado do Venerável tenha visto você vadiando por aqui. A Corporação Shkin tem a reputação de fornecer apenas os escravos mais trabalhadores.

Wren se afastou dele e tentou voltar para a luz e risadas da festa, mas Shkin a impediu. O que ele queria com ela? Ele deve tê-la seguido pelos jardins movimentados, esperando pelo momento certo para pegá-la sozinha. Ela sentiu frio e medo. Levantando a bandeja vazia, ela a segurou na frente como um escudo, mas Shkin apenas riu. Ela não gostou daquela risada. Ela preferia quando ele ficava quieto e indiferente.

— Por que eu a machucaria, criança? — ele perguntou. — Eu só quero que você faça um trabalho para mim; um trabalho muito simples e insignificante. Você sabe onde fica o cofre pessoal de seu amo?

Wren assentiu.

— Boa menina — Shkin mostrou um quadrado de papel com um número escrito. — Esta é a combinação. Eu gostaria que você pegasse o *Livro de Lata* para mim. Eu enviei um amigo para pegá-lo ontem, mas fiquei sabendo que houve um acidente.

Wren abaixou a bandeja, pensando no pobre Sr. Plover.

— Não fique tão carrancuda! — Shkin disse. — Você já o roubou antes. O jovem Fishcake me contou tudo.

— Não farei isso! — Wren disse. — Você não pode me obrigar!

— Coitado do seu pai — disse Shkin. Ele colocou o quadrado de papel de volta no bolso interior de seu manto de festas cor de grafite e deu de ombros. — Que pena, depois de ele ter vindo até aqui para te salvar!

Wren não entendia o que ele queria dizer. Pelo menos não até ele pegar um bracelete de outro bolso, o qual ele colocou na bandeja entre eles. Na luz das lanternas penduradas nas árvores em volta Wren reconheceu o bracelete de casamento de seu Pai. Ela o conhecia desde que nascera; aquele laço de ouro vermelho com as letras HS e TN entrelaçadas. Mas o que aquilo estava fazendo no Nas Nuvens?

— Isso é um truque! — ela disse. — Fishcake deve tê-lo descrito a você, e você mandou fazer uma réplica...

— Você não acha que é mais provável que seu querido papai tenha vindo até Brighton para levá-la para casa? — perguntou Shkin. — Ele é um hóspede da Corporação Shkin. Se você falhar em sua tarefa, ele morrerá. Bem lentamente. Então seja uma boa menina e corra até o escritório de Pennyroyal.

Os jardins estavam ficando silenciosos. Alguns convidados estavam organizando um grupo de busca para procurar Davina Twisty, que tinha se perdido no labirinto. Outros os mandavam ficar quietos. O nascer da lua estava perto agora. Pensar em seu Pai tão perto fez Wren começar a chorar. Como ele tinha chegado ali?

Como Shkin o encontrara? E onde estava sua Mãe? Ela tentou pegar o bracelete, mas as mãos mágicas de Shkin o pegaram primeiro e ele colocou o quadrado de papel em seu lugar.

— Faça esse pequeno favor para mim — ele disse —, e vocês poderão se encontrar. Mandarei os dois de volta à Vineland num dos meus dirigíveis particulares.

Wren não acreditou naquilo, mas acreditou no resto. Shkin estava com seu Pai. Se ela não fizesse o que Shkin pediu, ele seria morto. E o pior de tudo era que era tudo culpa sua: se ela não tivesse roubado o livro, ele ainda estaria em segurança em Anchorage. Então, se roubar o livro novamente era a única coisa que o deixaria em segurança por mais um tempo, era isso que ela teria de fazer.

— Mas por que eu? — ela perguntou. — Você deve conhecer todo tipo de pessoas que arrombariam um cofre melhor do que eu...

— Você deveria ter um pouco mais de confiança em si mesma — disse Shkin —, você é uma ladra talentosa, pelo que ouvi falar. Além disso, se você for pega, o crime não poderá ser ligado a mim; foi você quem trouxe o livro até aqui; Pennyroyal irá acreditar que você estava simplesmente tentando pegá-lo de volta.

Wren pegou o papel. A escuridão se aprofundava enquanto seus colegas escravos andavam por entre as árvores apagando as lanternas, mas o quadrado branco parecia brilhar em sua mão com como se tivesse luz própria.

— Tudo bem — ela disse, num sussurro. Depois, enquanto abaixava a bandeja, disse: — O que é? Eu tenho que saber. O que é o *Livro de Lata* e por que todos o querem?

— Não é da sua conta — disse Shkin, olhando para o horizonte. — Eu posso lucrar com ele. Não preciso de outro motivo. Agora vá, você tem um trabalho a fazer.

Wren foi, correndo por entre as árvores enquanto a lua sagrada nascia no horizonte. Por alguns segundos, um silêncio perfeito caiu

sobre Brighton, pois de acordo com a antiga tradição, desejos feitos ao nascer da lua naquela noite sagrada eram geralmente realizados pela Deusa da Lua. Os convidados de Pennyroyal eram sofisticados demais para acreditar em tais contos de fadas, é claro, mas eles abaixaram suas cabeças mesmo assim, alguns dando de ombro e sorrindo para demonstrar que estavam sendo irônicos, mas emocionados, sem poderem evitar, relembrando os maravilhosos Festivais da Lua de suas infâncias. Eles pediam amor e felicidade, e ainda mais riquezas, enquanto na cidade os artistas de Brighton pediam fama, e os atores pediam longas temporadas em peças de sucesso. No convés inferior, os escravos e os trabalhadores forçados pediam liberdade. E então o silêncio acabou com um único fogo de artifício, depois outro, depois uma grande salva de foguetes, bombinhas, e um estrondo de gongos, sinos e panelas, tudo alto o bastante para que a Deusa pudesse ouvi-los, enquanto andava pelos seus jardins de porcelana.



Mesmo se a frota do Tempestade Verde já não tivesse captado o sinal de Brighton, eles a teriam encontrado seguindo os fogos de artifício que pulavam para o céu acima da balsa-resort. Virando as superfícies de controle, os dirigíveis seguiram na direção de seu alvo, espalhando-se pelo céu, enquanto suas tripulações preparavam os lança-foguetes e canhões, bombas-Tumblers e bandos de pássaros-Caçadores, e a escolta de dirigíveis de ataque voava à frente.

No interior do *Furacão Fúnebre*, Shrike procurava por Oenone Zero e a encontrou em sua cabine, experimentando um capacete de aço que lhe dava uma aparência ainda mais jovem e menos militar do que antes. Sua covardia o deixava perplexo. Ele tivera certeza de que ela tentaria atacar a Caçadora Fang antes da frota alcançar seu alvo. Ela tinha desistido de seu plano? Talvez; ele tinha revistado

sua cabine muitas vezes e não tinha encontrado nenhum sinal de arma.

Sirenes ululavam. As passarelas e passagens do dirigível estavam cheias de nascidos uma única vez assustados e soldados-Caçadores insensíveis correndo para seus postos. Shrike seguiu para a parte frontal da gôndola e encontrou sua chefe ali, ignorando a tripulação, olhando para a enorme lua.

— POR QUE ESTAMOS AQUI? — Shrike perguntou.

A máscara da morte de bronze da Caçadora Fang se virou para encará-lo. Ela ainda não tinha dito a razão daquela expedição para ninguém, e Shrike suspeitava que se algum nascido uma única vez, até mesmo Naga, a perguntasse tão diretamente, ela teria rasgado suas gargantas com suas garras por sua impertinência. Mas ela apenas encarou Shrike e depois sussurrou:

— Diga-me, Sr. Shrike, você se lembra de sua antiga vida? Sua vida como nascido uma única vez?

— EU SEQUER ME LEMBRO DE MINHA VIDA COMO CAÇADOR — disse Shrike. Apesar de uma lembrança se acender em sua mente enquanto falava: uma jovem com rosto ensanguentado deitada numa pilha de algas marinhas e velhos flutuadores de pesca. Ele a esmagou rapidamente, como um homem pisando num inseto. — NÃO ME LEMBRO DE NADA DO QUE ACONTECEU ANTES DE A DR. ZERO ME RESSUSCITAR NA ILHA NEGRA.

Fang virou-se, olhando pela janela novamente, mas Shrike podia ver o reflexo de seu rosto, o brilho estranho em seus olhos verdes. — Eu me lembrei de uma coisa uma vez — ela disse —, ou quase me lembrei. Havia um jovem que encontrei na Pousada do Velhaco. *Tom*. Quando o vi, eu senti que o conhecia. Ele era muito bonito. Muito gentil, Anna Fang deve ter gostado dele. Eu não sou Anna Fang, mas quando olhei para ele eu senti... oh, vários sentimentos intrigantes.

— NÓS ESTAMOS MORTOS — disse Shrike, que estava começando a ficar desconfortável —, NÓS NÃO SENTIMOS NADA. NÓS NÃO NOS LEMBRAMOS DE NADA. FOMOS CONSTRUÍDOS PARA MATAR. PARA QUE SERVEM AS LEMBRANÇAS?

— Quem sabe para o que o primeiro de nossa espécie foi construído, nos Séculos Negros? — perguntou a outra Caçadora. — Minhas lembranças foram o que nos trouxe até aqui, Sr. Shrike. Fiz perguntas sobre este tal de *Tom*. Gostaria de descobrir mais sobre ele e talvez recuperar aquelas estranhas sensações. Descobri que ele e seus companheiros tinham uma ligação com uma cidade do gelo chamada Anchorage, então pedi livros sobre Anchorage à grande biblioteca de Tienjing. Eles tinham apenas um; *Historia Anchoragia*, de Wormwold. Ele não me disse nada sobre Tom, mas foi ali que descobri o *Livro de Lata* e adivinhei seu conteúdo.

— O QUE É O *LIVRO DE LATA*? — perguntou Shrike.

— O *Livro de Lata*? — a Caçadora olhou para ele divertida, sua cabeça inclinada para o lado, um dedo sobre os lábios. — O *Livro de Lata* é a razão de estarmos aqui, Sr. Shrike.



Hester também estivera esperando pela lua. Empoleirada num assento no passeio do nível inferior, ela tinha passado o tempo lendo sua cópia de *O Ouro do Predador* e o que ela tinha descoberto a alegrou. Parecia que Pennyroyal tinha enterrado a verdade sob tantas mentiras que ninguém poderia desenterrá-la.

Quando a lua nasceu, enquanto as multidões barulhentas saíam do convés inferior de Brighton para assistir aos fogos de artifício, ela forçou caminho entre eles, passando pela maré até o distrito de barracões para escravos, úmidos e frios, e de cortiços, chamado Mole's Combe. Quando chegou aos pés da torre de Shkin, as ruas em volta dela estavam desertas, exceto pelas gaivotas que,

expulsas de seus ninhos pelo barulho nos passeios, voavam como fantasmas brancos sob a rede de vigas descascadas.

Ela tinha analisado o Pote de Pimenta mais cedo e optara por uma entrada. Dando a volta por trás da torre, rodeada por latas de lixo e dutos grossos e sinuosos, havia uma pequena porta, feita de metal enferrujado e coberta por rebites como a escotilha de um submarino. Acima da porta uma câmera de segurança vigiava os visitantes, mas não havia outra defesa. O Pote de Pimenta fora projetado para manter as pessoas do lado de dentro, não do lado de fora.

Hester se aproximou com muito cuidado, mantendo-se ao abrigo das sombras. Seu coração batia rápido. Ela imaginou o sangue correndo por suas veias e artérias, enchendo-a com a força e frieza de seu pai. Ela sentia que Wren e Tom estavam muito perto, e que em breve eles estariam todos juntos e felizes novamente. Sorrindo consigo mesma por trás do véu, tirou a Shandenfreude de dentro do casaco e esperou pela próxima salva de fogos de artifício, depois destruiu a câmera com um tiro.

Ela mal teve tempo de guardar a arma antes que a porta se abrisse e um homem saísse com as mãos na cintura, olhando indignado para os destroços da câmera.

— Feliz Festival da Lua! — gritou Hester.

O homem se virou. Ele pareceu surpreso ao ver a mulher com o véu andando em sua direção, e ainda mais surpreso quando ela enfiou uma faca em suas costelas. Ele morreu rapidamente, e Hester jogou seu corpo nas sombras atrás das latas de lixo. Passou pela porta, fechando-a sem fazer barulho. Ela se viu num corredor. Luz e vozes vinham da pequena sala da guarda. Olhou para o interior. Havia três homens ali dentro: um deles socava os botões que ficavam embaixo de uma tela circular creptando com estática; os outros se sentavam entediados em cadeiras de escritório,

segurando bebidas, desejando estar com suas esposas e filhos nas comemorações.

Hester atirou no homem em frente da tela primeiro e matou os outros enquanto se levantavam, procurando suas armas. Ela ficou quieta escondida nas sombras por um tempo, esperando alguém aparecer. Ninguém veio. Havia tantos foguetes e bombinhas estourando nas ruas fora do Pote de Pimenta naquela noite que alguns estouros a mais não faziam nenhuma diferença. Ela recarregou a Shandenfreude, notando com orgulho que suas mãos praticamente não tremiam.

A Corporação Shkin era bem organizada, e isso a deixou contente. Uma planta num quadro na parede da sala da guarda mostrava o layout do lugar. Ela demorou um pouco para decorá-lo, e depois, silenciosa e confiante, seguiu na direção das celas dos escravos.

Dois homens estavam de guarda do lado de fora de duas pesadas portas. Um deles se lançou sobre Hester com um tipo de bastão elétrico, mas ela se esquivou e enfiou a faca em suas costas, depois cortou a garganta do outro enquanto ele tentava soar o alarme. Havia um chaveiro no cinto do segundo homem e não demorou muito para que ela encontrasse a chave de que precisava.

As prisões dos escravos estavam cheias do som de respiração e movimentos suaves de coisas enjauladas. Conforme seus olhos se acostumavam à escuridão, ela começou a distinguir as celas junto às paredes e os rostos encarando-a através das barras.

— Tom? — ela chamou.

Pessoas se mexiam e sussurravam ao seu redor. Alguns dos prisioneiros nas jaulas mais perto da porta podiam ver os guardas mortos estatelados do lado de fora e estavam contando aos companheiros.

— Quem é você? — perguntou uma voz em uma das jaulas.

— Quem é você? — ela perguntou.

— Meu nome é Krill.

— Um Garoto Perdido? — Hester andou na direção da voz. Logo ela estava perto o bastante para ver seus olhos brilhando no fino feixe de luz que entrava pela porta. Ele olhava para as chaves que ela segurava, como um cachorro faminto olha para um prato de comida. Ela chacoalhou as chaves suavemente, para encorajá-lo enquanto perguntava:

— Wren está aqui? Wren Natsworthy?

— Aquela Seca que estava no *Autolycus*? — perguntou Krill — Quem quer saber?

— A dama com as chaves — disse Hester.

Ela viu a cabeça de cabelos claros de Krill fazer uma reverência na escuridão, assentindo. — Ela esteve numa jaula perto da minha por um tempo, mas eles a levaram embora.

— Por quê?

— Não sei. Fishcake foi também, logo depois — ele parou para cuspir, como se quisesse tirar o nome de Fishcake de sua boca. Houve burburinhos de raiva e nojo vindo de outras celas. Fishcake não era popular. — Os homens de Shkin nos disseram que ele virou um dedo-duro; traiu Grimsby. Fica andando por aí num uniforme agora como se estivesse brincando de ser soldado. O que aconteceu com a garota, eu não sei. Foi vendida, eu acho.

— E o pai dela, Tom? Ele foi capturado hoje.

— Nunca ouvi falar nele. Não tem nenhum Seco aqui, senhora. Apenas Garotos Perdidos.

— Ele poderia estar nas celas do nível intermediário?

— Pode ser — Krill mudou de posição pensativamente. A sua volta, nas outras celas, todos os outros prisioneiros também se mexiam, ouvindo, desconfiados como animais. Aqueles que estavam perto o bastante para verem Hester não tiravam os olhos das chaves. — Porém, deve haver mais guardas lá em cima. Você precisará de alguma coisa para distraí-los.

— Você tem algo em mente? — perguntou Hester. Krill sorriu e por trás do véu Hester também sorriu, porque isso era exatamente o que ela tinha planejado. Ele jogou as chaves dentro da jaula de Krill. — Seja bonzinho — ela disse. Enquanto corria na direção das escadas ela podia ouvi-lo remexer no molho de chaves, tentando cada uma delas na fechadura de sua cela, e as vozes dos Garotos Perdidos soando como uma rebentação, incitando-o.

O Inseguro Seguro



O Prefeito Pennyroyal mandara redecorar o salão de baile do Pavilhão especialmente para o Festival. A parede da frente tinha sido substituída por uma longa fileira de portas de vidro, que abriam para o convés do lado de fora e deixavam entrar a luz da lua sagrada. Havia cascatas de tecidos prateados em todos os pilares e beirais em volta da pista de dança, refletindo a Via Láctea em pequenas lâmpadas que giravam pelo teto azul. Refletores iluminavam um pódio onde tocava uma pequena orquestra. As paredes estavam cobertas com obras de arte inestimáveis; obras-primas antigas de Strange e Nias penduradas ao lado das últimas pinturas à catarro de Hoover Daley, mestre do Espirro Expressionista.

Numa colméia de câmaras hexagonais atrás do salão principal havia todos os tipos de atrações para os convidados. Numa delas havia uma réplica de um “castelo pula-pula”, uma fortificação estranha e inflável que Pennyroyal afirmava ter sido uma parte essencial nas campanhas militares dos Antigos, mas que também poderia ser usada como trampolim. Numa outra, um projetor mostrava cópias das cópias de alguns fragmentos de filmes que sobreviveram à Guerra dos Sessenta Minutos. Cavaleiros em armaduras cavalgavam através de uma floresta em chamas, suas sombras alongando a fumaça; máquinas voadoras num amanhecer tropical; um mendigo andando numa estrada empoeirada; carros perseguindo outros carros como minúsculas cidades; um homem

pendurado num relógio enorme acima de algum povoado estático enorme e *close-ups* suaves e bonitos mostravam os rostos sonhadores das deusas das telas.

Wren, saindo do jardim para realizar sua missão, não notou nada daquilo. Mas enquanto passava pela sala dos filmes, em direção à escada em espiral que a levaria até o escritório de Pennyroyal, ela quase bateu de frente com Theo, que vinha do outro lado, segurando seu leque de penas de avestruz. Ele usava largas calças prateadas e um par de asas de anjo.

— Olá — disse Wren —, qual é o lance das asas?

Theo deu de ombros e suas asas bateram. — Todos os garotos estão vestidos assim. Ideia da Boo-Boo. Horrível, não é?

— Péssimo — concordou Wren, pensando secretamente que ele estava bem atraente.

— Olhe — ele disse —, essa ideia que a Boo-Boo tem da gente...

— Está tudo bem — disse Wren —, eu também não gosto de você.

— Ótimo.

— Ótimo — mas ela estava feliz por ele estar lá, e não queria ir embora. Ela pensou em como seria mais fácil roubar o cofre de Pennyroyal se tivesse um cúmplice. Principalmente um cúmplice como Theo, que já estivera em batalhas e provavelmente era dez vezes mais corajoso que ela.

— Olhe — ela disse —, preciso fazer uma coisa...

— Outra tentativa de fuga?

— Não. Tenho que roubar uma coisa do cofre do Pennyroyal.

— O quê? Depois do que aconteceu com o vendedor de antiguidades? — Theo a olhou atentamente, esperando que admitisse que aquilo era uma brincadeira. Quando ela não disse nada, continuou. — É aquele lance do livro, não é? Aquele livro de metal?

— O *Livro de Lata* de Anchorage — Wren disse —, Shkin mandou Plover roubá-lo e, agora que Plover está morto, ele me mandou fazê-lo.

— Por quê? — perguntou Theo —, o que tem de tão importante nele?

Wren deu de ombros. — Tudo que sei é que todo mundo o quer... Acho que pode ter alguma coisa a ver com submarinos, mas... — ela parou preocupada. Talvez ela não devesse contar isso ao Theo. Ele era membro do Tempestade Verde, ou tinha sido uma vez. Mas ela estava feliz em contar. Ela segurou seu braço. — Ele prendeu meu pai no Pote de Pimenta e, se eu não fizer o que ele mandar, ele... Eu não sei o que ele pode fazer. Você me ajuda?

Ela sabia é claro; só não queria dizer. Ela se sentiu feliz por poder se abrir com Theo.

— Seu pai? — ele perguntou. — Não sabia que Garotas Perdidas tinham pais...

— Eu não sou uma Garota Perdida — disse Wren —, apenas Extraviada. Eu disse ao Pennyroyal que vim de Grimsby porque... Ah, Theo, é complicado demais para explicar. Eu tenho de salvar meu Pai!

Ela percebeu que ele a entendia. Ele parecia assustado e sério. — Mas se o cofre tem uma armadilha... — ele disse.

— É por isso que quero que você fique vigiando. Por favor, Theo. Não quero entrar lá sozinha.

— Tenho de estar no salão de festas. Ordens da Boo-Boo.

— Boo-Boo está se divertindo. Ela não vai perceber se você sair por cinco minutos.

Theo pensou nisso, e então assentiu. — Está bem. Está bem.

Segurando seu leque como se fosse um machado de batalha, ele seguiu Wren pelas escadas e através da porta no patamar, que levava a um corredor cheio de antiguidades. O barulho da festa diminuiu quando a porta se fechou suavemente atrás deles, depois

aumentou quando o corredor virou para a esquerda. Passando pela porta que se abria para as escadas que levavam à sala de controle, eles ouviram as vozes da tripulação conversando em seus postos lá embaixo, mas não havia nenhum outro som. Todos estavam ocupados no salão de festas ou nas cozinhas, e esta parte do Pavilhão estava deserta.

Eles chegaram ao final do corredor e pararam, olhando para a porta do escritório de Pennyroyal.

— E se ele mudou a combinação do cofre depois da noite passada? — sussurrou Theo — E se ele mudou a fechadura da porta?

Wren não tinha pensado nisso. Ela rezou para que Pennyroyal não tivesse feito nenhuma das duas coisas. Seus dedos encontraram a chave reserva rapidamente, ainda escondida no vaso. A princípio, ela pareceu não entrar na fechadura, mas foi apenas porque suas mãos tremiam terrivelmente. Depois de alguns momentos xingando e remexendo, a fechadura emitiu um clique. Wren girou a maçaneta e empurrou a porta.

O escritório parecia tranquilo e seguro. O desenho de Walmart Strange estava em seu lugar na parede. Wren foi até ele e o tirou do gancho cuidadosamente, colocando-o em cima da mesa. Theo entrou depois dela e fechou a porta, quase derrubando, depois, uma estátua com seu leque.

— Você não poderia ter deixado essa coisa idiota lá fora? — ela sibilou.

— Ora, onde alguém poderia ver?

Wren se virou para o cofre. — Pronto? — ela perguntou.

Theo não parecia pronto. — Você acha que tem uma armadilha dentro do cofre? — ele perguntou.

Wren negou com a cabeça. — O cofre estava aberto ontem a noite, lembra? E eu não vi nenhuma armadilha lá dentro — mesmo assim, ela se certificou de estar bem para o lado quando estendeu a

mão para o disco. — O Sr. Ploverly abriu o cofre e tirou o livro. Foi aí que alguém atirou nele. Agora fique quieto — ela se concentrou, lembrando-se da combinação. 2209957...

Enquanto o disco estalava e as travas dentro da fechadura rangiam e batiam, Theo se virou lentamente, procurando por perigos escondidos. Não havia muita coisa naquele escritório que poderia esconder uma armadilha. Os objetos em cima da mesa pareciam bastante inocentes — um mata-borrão, algumas canetas, uma foto de Boo-Boo num porta-retratos preto. Havia um armário de teca na parede oposta, um quadro acima dele e acima do quadro havia um monte de arabescos e o domo alto do teto e...

Seus olhos estavam lhe enganando ou alguma coisa se movia ali em cima?

— Wren... — ele disse.

Wren tinha aberto a porta do cofre. Ela colocou a mão lá dentro e tirou um estojo preto e gasto. — Peguei.

— Wren! — Theo a empurrou, derrubando-a de lado. Ela derrubou o estojo e, enquanto caía, teve a impressão de que alguma coisa branca passou por ela. Uma lâmina atingiu a porta do cofre, forte o bastante para tirar faíscas. A coisa arranhou, se virou e pulou sobre Wren, enquanto estava estatelada no chão. Ela viu asas ásperas, um bico de aço curvado, o cintilar de olhos verdes. Então, o leque de Theo bateu do lado da coisa, jogando-a contra a parede. Wren ouviu alguma coisa se quebrar. A coisa esvoaçante caiu no chão e continuou batendo as asas, agitando pequenos pés com garras como um monte de lâminas. Theo bateu nela com seu leque. Chorando, Wren vasculhou a mesa, encontrou a foto de Boo-Boo e bateu com força na cabeça da criatura.

Theo ajudou Wren a se levantar. — Você está bem? — ele perguntou assustado.

— Acho que sim. E você?

— Estou.

Por um alguns instantes depois disso, eles não falaram mais nada. Theo ainda abraçava Wren, e o rosto dela estava apoiado no ombro dele. Era um ombro bonito, quente, com um cheiro agradável e ela teria gostado de ficar assim por mais tempo, mas ela se forçou a afastar-se dele, balançando a cabeça com força para clarear os pensamentos que tentavam se aninhar lá dentro. Penas voavam ao luar.

— O que é isso? — ela perguntou, cutucando a coisa-pássaro morta com o pé.

— Um pássaro-Caçador — disse Theo —, um pássaro ressuscitado. Eu achava que apenas o Tempestade os usasse. Ele deve ter sido programado pra vigiar o cofre.

— Como você acha que o velho Pennyroyal conseguiu um? — Wren perguntou.

Theo balançou a cabeça, confuso e preocupado. — Talvez não seja do Pennyroyal.

— Besteira — disse Wren —, quem mais iria querer vigiar o cofre? Ela pegou o estojo preto e o abriu. Ali dentro, o *Livro de Lata* cintilava fracamente às luzes dos fogos de artifício. Ele parecia tão chato quanto antes. Era difícil acreditar que aquilo tinha causado tantos problemas. Ela olhou para Theo. — Pode ir — ela lhe disse —, eu vou arrumar este lugar e depois vou encontrar Shkin.

Theo olhava para o livro. Ele disse:

— Eu ajudo.

— Não — Wren se sentia extremamente agradecida a ele, e não queria mantê-lo ali por mais tempo. Se eles fossem pegos e Theo fosse punido por ajudá-la, ela nunca se perdoaria. — Vá lá para baixo — ela disse —, eu já desço em um ou dois minutos. Encontro você depois.

Ele começou a objetar novamente, depois começou a ver sentido no que ela dizia. Ele assentiu, olhou pensativo para ela por um momento, depois pegou seu leque e saiu, enquanto Wren começava

a trabalhar. Ela pegou cautelosamente o pássaro morto e o enfiou num das gavetas da mesa, junto com todas as penas que conseguiu encontrar. A coisa tinha deixado uma mancha de óleo, sangue ou alguma coisa no chão do escritório, mas não havia nada que Wren pudesse fazer a respeito. Ela tirou o *Livro de Lata* do estojo e o substituiu com a foto de Boo-Boo, que era do mesmo tamanho e peso.

Um som veio do corredor; alguém estava gritando alguma coisa. Wren ficou parada, ouvindo. Os gritos soavam nervosos e assustados, mas Wren não conseguia entender o que estava sendo dito. Depois de alguns instantes, os gritos pararam. — Theo? — Wren disse em voz alta.

O escritório estremeceu subitamente, como se mãos gigantes tivesse chacoalhado o Pavilhão. Os sons fracos vindo do salão de festas diminuíram quando as conversas esmoreciam e a orquestra parava de tocar. Wren imaginou os músicos desviando os olhares alarmados de suas partituras. Depois, as pessoas riram e a música e a conversa continuaram, voltando rapidamente à altura anterior como se alguém estivesse aumentando o volume de uma gravação de efeitos sonoros festivos.

— Apenas turbulência — ela disse a si mesma. Ou talvez algum problema com os motores. Agora que ela pensava a respeito, os gritos poderiam ter sido ecos vindo da sala de controle. Aliviada, ela voltou ao trabalho. Colocou o estojo preto de volta no cofre, o fechou e pendurou o Walmart Strange novamente. Levantando as costas de sua longa túnica, ela colocou o *Livro de Lata* no elástico das calças. Ele ficaria em segurança ali, ela pensou, mas o metal estava frio contra suas costas, e a espiral de metal a arranhava.

Ela saiu para o corredor e trancou a porta, recolocando a chave em seu esconderijo. — Theo? — ela sibilou. Não houve resposta. É claro que não, ele deveria estar no salão de festas agora, em segurança.

Depois disso, ela vislumbrou um movimento pelo canto do olho. A porta que dava para as escadas que levavam à sala de controle oscilava nas dobradiças a cada movimento do prédio. Ela parou e ficou olhando, certa de que estava fechada quando ela e Theo passaram por ela. Algum homem da sala de controle ouviu os ruídos no escritório de Pennyroyal e foi até lá para investigar?

O barulho no salão de festas ficou subitamente mais alto e depois diminuiu novamente. Alguém tinha passado pela porta no final do corredor. Wren ouviu passos se aproximando rapidamente pelo chão envernizado. No lugar onde o corredor fazia uma curva, uma sombra apareceu na parede. Em pânico, Wren começou a voltar para o escritório de Pennyroyal, mas não havia tempo de encontrar a chave novamente. Então, disparou através da porta que dava para a sala de controle, fechando-a atrás dela.

Wren se viu num pequeno cubículo escuro onde escadas de ferro desciam em espiral pelo chão. Ela sabia que as escadas também passavam pelo andar de baixo e através do convés abaixo dele, abrindo-se eventualmente na pequena bolha de vidro que tinha visto do bondinho, no dia que Shkin a trouxera para o Nas Nuens. Ela encostou o ouvido na porta e ouviu os passos passarem pelo corredor.

Ela estava prestes a respirar novamente quando uma voz abaixo dela gritou:

— Quem está aí?

A voz soava assustada e estranhamente familiar.

— Theo? — ela disse. Um sentimento de confusão a dominou. O que Theo estaria fazendo ali embaixo, naquela sala de controle cheia de homens de Pennyroyal? Estivera do lado de Pennyroyal o tempo todo? Ele tinha ido até lá para contar sobre a escrava que tinha acabado de roubar o cofre de seu chefe?

— Wren — a voz respondeu —, aconteceu alguma coisa. Não sei o que fazer...

Ele *realmente* soava assustado. Decidindo confiar nele, Wren desceu as escadas correndo, com o *Livro de Lata* machucando suas costas a cada passo. Passou por outra entrada no andar térreo, e então desceu através de uma passagem com paredes de metal pintado de branco, coberta de rebites, que levava para baixo, através do convés. Theo estava olhando para cima parado aos pés da escada, e ficou de lado para deixá-la entrar na sala de controle. Pelas paredes de vidro, ela conseguia ver Brighton inteira lá embaixo, espalhafatosa com as iluminações do Festival da Lua. Em toda a sua volta, fogos de artifício explodiam no céu limpo, mergulhando os painéis de controle numa luz rosa e âmbar. Era provavelmente a melhor vista no Nas Nuvens, mas era desperdiçada com a tripulação da sala de controle, que estavam jogados em suas cadeiras, mortos. Um deles ainda tinha uma faca enfiada no pescoço; uma faca comum das cozinhas do Pavilhão, com o brasão de Pennyroyal incrustado no cabo.

— Ah, Quirke! — gritou Wren, e desejou não ter comido tantos canapés. Enquanto se abaixava para vomitar, uma onda de pensamentos girava em sua cabeça. Nenhum deles era agradável. Theo não vinha das cozinhas quando o encontrou na noite passada? E agora ele estava parado numa sala cheia de homens que foram assassinados com uma faca de cozinha, e ela estava sozinha com ele.

— Está tudo bem — disse, e ela gritou novamente quando ele tocou seu braço. Theo não entendia como ela estava com medo dele. — Quero dizer, não está tudo bem. Olhe — ele mexeu numa das grandes alavancas de metal no painel de instrumentos —, quebrada. Todas estão quebradas. E aqui...

Na principal mesa de controle havia uma grande alavanca vermelha, dentro de um caixa de vidro, rodeada por pontos de exclamação e avisos que diziam que ela deveria ser usada apenas

em caso de emergência. Alguém havia ignorado os avisos, quebrando o vidro para poder usá-la.

— Para que serve? — perguntou Wren, mas ela já sabia, porque Brighton parecia menor agora do que quando entrou na sala de controle, e as explosões dos fogos de artifício ficavam cada vez mais fracas.

— Explosivos — disse Theo —, eles servem para cortar os cabos caso Brighton afunde ou algo do tipo. Você não sentiu um estremecimento? Wren, alguém cortou os cabos! Estamos à deriva!

Wren olhava para ele, assustada. No silêncio, podia ouvir claramente os sons da festa lá em cima. Ela e Theo eram provavelmente as únicas pessoas no Nas Nuvens que sabiam o que tinha acontecido.

— Theo — ela disse —, você pode ficar com o livro.

— O quê?

Ela o tirou das costas e o estendeu para ele. Suas mãos tremiam, fazendo que os reflexos na capa de metal dançassem em seu rosto confuso. — Wren — ele disse —, você não acha que *eu* poderia ter feito isso? Mesmo se pudesse, por que faria?

— Porque você está atrás do livro, como todos os outros — disse Wren —, você é um agente do Tempestade Verde, não é? Eu sabia que tinha alguma coisa estranha com você! Aposto que você se deixou capturar de propósito para que pudesse entrar no Pavilhão e nos espionar. Aposto que você deixou aquela gaivota vigiando o cofre, e agora você deixou o Nas Nuvens à deriva para que pudesse matar todo mundo e fugir com o *Livro de Lata*! É por isso que você não queria me ajudar a roubar o *Pavoncinho*, não é? Para que você pudesse fugir nele, quando estivesse com o Livro!

— Wren! — gritou Theo. — Você não está pensando... — Ele a segurou quando ela tentou passar por ele e subir as escadas; segurou-a pelos braços e olhou seriamente em seus olhos. — Se eu quisesse aquela droga de *Livro de Lata*, por que eu teria deixado

você roubá-lo? Teria deixado aquela gaivota matar você, lá no escritório do Pennyroyal, e eu mesmo o teria pegado. Pelo que eu saiba, você poderia ser uma agente do Tempestade Verde. Você está tão ansiosa para pegar este livro, e também estava andando furtivamente quando Plover foi morto. Num minuto você é uma Garota Perdida e no seguinte você não é... Você poderia ser a pessoa que fez isso!

— Não sou! Não fui eu! — Wren arquejou.

— Bem, eu também não — Theo a soltou. Ela recuou, tremendo, ainda segurando o *Livro de Lata*.

— Estava voltando para o salão de festas quando ouvi alguém gritando por ajuda — disse Theo —, abri a porta e gritei perguntando se estava tudo bem. Mas acho que ouvi alguém andando, então desci. Quando cheguei aqui, todos estavam mortos. Vi que o cabo tinha sido cortado e ia soar o alarme, mas fiquei com medo de que você ainda estivesse lá em cima e que alguém a encontrasse. — Ele estremeceu e passou a mão sobre o rosto.

— Havia alguém lá em cima — disse Wren, lembrando os passos, a sombra. — Eu ouvi os passos passarem pela porta. Não há mais nada naquele corredor a não ser o escritório do Pennyroyal. Eles devem estar atrás da mesma coisa que nós: o *Livro de Lata*.

Theo olhava para ela. — Faz sentido. Eles desceram primeiro e fizeram tudo isso, mas, antes de poderem subir as escadas até o escritório, me ouviram descer. Não podiam arriscar me matar também, caso eu fosse um convidado importante, então escapuliram pelas cozinhas, passaram pelo salão de festas e foram até o escritório por aquele caminho... Mas por que nos deixar à deriva? Por que não apenas pegar o livro?

Wren tentou vomitar de novo, mas seu estômago estava vazio. — Eles quase me viram! — ela choramingou. — Se eu não tivesse me escondido bem na hora, eles teriam me matado também...

Theo estendeu as mãos para ela, mas não tinha certeza se ela gostaria de que ele a tocasse. — Então, você ainda acha que fui quem fez isso? — ele perguntou.

Wren balançou a cabeça e se aproximou dele, colocando o rosto em seu peito. — Theo, sinto muito...

— Está tudo bem — ele disse delicadamente. Depois disse: — Quanto à noite passada, eu não conseguia dormir. Fui até o santuário para rezar pela minha mãe, meu pai e minhas irmãs. Há um ano, no último Festival da Lua, fui embora de Zagwa. Saí da casa dos meus pais enquanto todos comemoravam e fugi num cargueiro, fui até Shan Guo para me juntar ao Tempestade Verde. Todos os preparativos de ontem me fizeram pensar no que eles estariam fazendo agora; perguntei-me se meus pais tinham me perdoado; se eles sentem saudades de mim...

— Aposto que sim — disse Wren. Ela se virou e se inclinou sobre a janela, encostando o rosto no vidro gelado. — É isso que os pais fazem. Eles nos perdoam e sentem saudades, não se importando com o que fizemos. Meu pai, por exemplo, veio até aqui para me encontrar...

Ela olhou para Brighton, desejando estar com seu pai. Fogos de artifício explodiam no céu em algum lugar em Montpelier, transformando-se em estrelas vermelhas e douradas. Wren os observou até desaparecerem no vento, e então seu olho pegou outro movimento. Ela virou a cabeça. Havia apenas o mar e o luar deslizando na superfície. Mas o que era aquilo? Aquela sombra comprida deslizando sobre as ondas?

Sua visão foi bloqueada por algo grande e pálido. Motores enormes passaram, seguidos por aberturas para armas numa gôndola blindada. Wren viu homens usando óculos de proteção e capacetes casca de caranguejo de pé nas casamatas que se projetavam das torres, e depois grandes superfícies de controle, cada uma com o emblema do raio verde.

— Theo! — ela gritou.

Há seis metros da onde estavam, um *destroyer* aéreo imenso ultrapassava o Nas Nuvens.

28

O Ataque Aéreo



Numa cela em algum lugar abaixo da recepção do Pote de Pimenta, Tom estava deitado atordoadado, sentindo seu rosto inchar onde os homens de Shkin o golpearam. Temia por Wren. A princípio, saber que ela estava viva fora o suficiente. Ele não se importava muito com o que aconteceria a ele, contanto que Wren estivesse a salvo. Mas Wren estava a salvo? Os homens de Shkin disseram que ela havia sido vendida ao *Pennyroyal*! Pennyroyal não era um homem mau, só era egoísta, descuidado e inescrupuloso e tinha atirado no coração de Tom. A velha ferida doía novamente enquanto ficava ali deitado em sua cama, esperando algo acontecer. Seu peito doía, mas ele não tinha certeza se a dor era real ou se era apenas a lembrança da bala.

Ele perdeu a noção do tempo rapidamente naquela sala sem janelas, onde uma lâmpada incandescente brilhava no teto bege como um halo. Ele não sabia se era noite ou dia, quando a porta finalmente foi aberta.

— Trouxe alguma coisa para o senhor comer, Sr. Natsworthy — disse uma voz baixa —, e isso.

Tom rolou na cama e se sentou, esfregando o rosto machucado. O garoto Fishcake estava parado na porta segurando uma bandeja com uma vasilha e uma xícara de metal. Ele pôde ver alguns metros de um corredor bege atrás do garoto. Tom pensou em fugir, mas seu peito doía demais. Ele observou enquanto Fishcake andava em sua direção e colocava a bandeja no chão.

— Eu troquei de turno com uma pessoa para que eu pudesse ver o senhor — o garoto confessou —, foi fácil. Todos os outros queriam tirar a noite de folga, por causa do Festival da Lua. Esta é a razão de todas as explosões e estalos.

Tom prestou atenção e ouviu barulhos fracos de fogos de artifício e gongos nas ruas lá fora.

— Sinto muito por ter sido pego, Sr. Natsworthy — Fishcake admitiu —, Wren foi boa comigo. Então eu acho que o senhor gostaria de ver isso.

Ele tirou uma folha de jornal amassada do bolso de seu uniforme e o estendeu para Tom ler. *O Palimpsest*. E ali, numa foto abaixo da manchete, ajoelhada no meio de outras garotas em volta de uma mulher com cabelos enormes...

— Essa é a Wren, não é? — disse Fishcake. — Viu? Achei que o senhor gostaria de saber que ela está bem. Dizem que é uma vida boa, ser uma escrava doméstica no Nas Nuvens. Olhe, ela tem uma túnica nova e um novo penteado e tudo o mais.

— Nas Nuvens? É ali que Wren está? — Tom se lembrou do palácio flutuante que tinha visto sobrevoando a cidade. Ele estendeu a mão, colocando-a sobre o ombro de Fishcake. — Fishcake, você pode encontrar minha esposa e dar-lhe uma mensagem? Dizer a ela onde Wren está?

— Aquela da cicatriz? — perguntou Fishcake, afastando-se. Ele parecia assustado e enojado. — *Ela* não está aqui, está?

— Ela está em Brighton, sim. Nós viemos juntos.

Fishcake ficou com uma cor estranha. Suas mãos tremiam. — Eu não vou chegar perto dela — ele disse —, ela é má. Ela matou Gargle e Remora, e teria me matado também, se pudesse. É por isso que tive de trazer Wren comigo. Eu não queria, mas ela teria me matado.

— Tenho certeza que Hester fez o que tinha que ser feito — disse Tom, um pouco desconfortável, porque ele não tinha certeza

nenhuma. — Foi uma tragédia, mas...

— Ela é má — Fishcake insistiu solenemente —, e o senhor é tão ruim quanto ela, mesmo que ache que não. Andar por aí com ela o torna tão ruim quanto ela.

— Mesmo assim você me trouxe o jornal — Tom disse. — Você é um bom garoto, Fishcake. — Ele sorriu para o Garoto Perdido, que o olhava cheio de suspeitas. Tom sentia pena dele. Ele deve ter sido magoado e traído por tantas pessoas que resolveu confiar no primeiro adulto que demonstrou gentileza, mesmo que este adulto fosse apenas Nabisco Shkin. Tom gostaria de poder levá-lo embora daquela cidade terrível até a segurança de Vineland, onde ele teria a chance de ter uma vida normal, como as crianças que Freya havia salvado de Grimsby.

Ele disse:

— Fishcake, você pode me tirar daqui?

— Não seja louco! — disse o garoto. — O Sr. Shkin me mataria.

— O Sr. Shkin nunca o encontraria. Vou levá-lo comigo, se você quiser. Encontraremos Wren e Hester e iremos embora juntos.

— Para onde? Grimsby se foi. Eu tenho um trabalho aqui. Para onde eu iria?

— Para qualquer lugar — disse Tom —, poderíamos deixá-lo onde você quiser. Ou poderíamos levá-lo conosco até Anchorage-in-Vineland e você poderia morar conosco lá.

— Morar com vocês? — repetiu Fishcake. Para Tom, seus olhos estavam tão redondos e brilhantes como a lâmpada no teto. — Como assim? Como uma família?

— Só se for isso que você quer — disse Tom.

Fishcake engoliu em seco. Ele não gostava da ideia de ir para nenhum lugar com Hester. Hester merecia morrer, e um dia ele iria providenciar que isso acontecesse, pois ele não se esqueceu de sua promessa. Mas ele não conseguia evitar gostar de Tom. Tom parecia gentil, até mesmo mais gentil que o Sr. Shkin. E Wren tinha

sido gentil também, mesmo não tendo evitado a armadilha de Brighton. Ele teria gostado de morar com Tom e Wren.

— Tudo bem — ele disse. Ele olhou para a porta, com medo de que alguém pudesse ter escutado a conversa. — Tudo bem. Se você prometer...

Um alarme começou a tocar no corredor, fazendo Tom e Fishcake pularem de susto. As portas foram fechadas e botas batiam no chão de metal. Fishcake pegou a folha de jornal da mão de Tom e saiu da cela, fechando a porta atrás dele. Levantando-se, Tom correu para espiar pela pequena grade na parte de cima da porta e mais botas pisaram forte. Então, houve um estrondo súbito, e depois outro. Alguém gritou. — Fishcake! — gritou Tom. Houve outro estrondo. Mais perto, e então a voz de Hester, no corredor, gritando. — Tom!

— Aqui! Aqui dentro! — ele disse e um instante depois um rosto coberto por um véu apareceu na grade.

— Recebi seu recado — ela disse. Ele se afastou da porta e a arma dela fez furos na fechadura. Ela abriu a porta com um chute.

— Onde está o Fishcake? — perguntou Tom. — Você não machucou o Fishcake, não é? Ele estava aqui um minuto atrás! Ele estava com uma foto! Wren está no Nas Nuvens!

Hester levantou o véu e o beijou rapidamente. Ela cheirava a fumaça e seu rosto feio e querido estava corado. — Fique quieto e corra — ela disse.

Ele correu, ignorando as pontadas de dor em seu peito. Do outro lado da porta da sua cela, o corredor fazia uma curva fechada. Dois homens estavam mortos no canto. Nenhum deles era Fishcake. Tom pulou cuidadosamente por cima dos corpos e seguiu sua esposa pelas escadas, passando por mais corpos. Fumaça enchia o ar. Gritos vinham de algum lugar embaixo.

— O que está acontecendo? — ele perguntou. — O que está acontecendo lá embaixo?

Hester olhou para ele, sorrindo. — Alguém soltou os Garotos Perdidos. Descuidados, hein? É melhor sairmos por cima.

As luzes se apagaram, todas de uma vez. Tom trombou com Hester, que o segurou e disse muito calmamente: — Não se preocupe.

Uma total escuridão demorou cinco batidas do fraco coração de Tom, e depois luzes vermelhas foram acesas. — Gerador de emergência — disse Hester.

Tom a seguiu através de uma série de escritórios vazios, onde luzes vermelho-sangue brilhavam nos puxadores de metal de arquivos e nas teclas de marfim de máquinas de escrever. Ele se perguntou onde Hester tinha encontrando seu novo casaco e o que tinha acontecido com o antigo. Ele ainda estava pensando nisso quando encontraram um grupo de homens da Corporação Shkin correndo na direção oposta. — Abaixe-se! — gritou Hester, derrubando Tom no chão. — Não vocês! — ela acrescentou, quando os guardas procuraram se proteger.

O escritório se encheu de fumaça, chamas e um som terrível. Nem todos os homens tinham armas e aqueles que tinham atiraram loucamente. Balas atingiram as paredes, destruíram o bebedouro e arrancaram as páginas de um calendário sobre a mesa. Tom se escondeu atrás de um armário e observou Hester derrubar os homens um por um. Ele não estivera com ela quando ela lutou contra os Perseguidores, e sempre imaginara que ela se sentira brava e assustada, mas havia uma calma terrível em seu rosto agora. Quando ficou sem munição, Hester guardou a arma e matou o último homem com uma máquina de escrever, o sino do carrinho tocando alegremente quando ela a quebrou na cabeça dele. Quando pegou sua arma e começou a recarregá-la, ela sorria. Tom achou que ela parecia mais viva do que ele jamais vira antes.

— Você está bem? — ela perguntou, ajudando-a a ficar de pé.

Ele não estava bem, mas tremia demais para dizer isso a ela. Então, apenas a seguiu, subindo mais escadas, e se viu novamente na recepção onde tinha falado com a Senhorita Weems. Sua cadeira estava desocupada agora, a placa na porta virada para FECHADO, o posto do guarda, abandonado. Fogos de artifício explodiam e estalavam acima dos telhados, enviando feixes de rosa e esmeralda através dos espaços nas persianas. Hester atirou na fechadura e abriu a porta, mas, enquanto cruzava a sala, Tom ouviu uma respiração assustada, e depois alguém chorando.

Ele ficou de joelhos e olhou sob a mesa da Senhorita Weems.

O rosto pálido e assustado de Fishcake o encarou.

— Fishcake, está tudo bem! — Tom prometeu, quando o garoto recuou ainda mais para dentro das sombras. Ele acenou para Hester ficar longe. — É o Fishcake — Tom disse a ela, olhando em volta.

— Deixe-o aí, então — disse Hester.

— Não podemos — disse Tom —, ele está sozinho e assustado, e esteve trabalhando para Shkin. Se os outros Garotos Perdidos o encontrarem, ele será destruído. Só um jeito de falar — ele acrescentou de modo pouco convincente quando Fishcake gemeu de medo.

— A culpa é dele — disse Hester parada na porta, ansiosa para ir embora. — Deixe-o aí.

— Mas ele me contou onde Wren está.

— Ótimo — Hester disse irritada —, ele já te contou. Então não precisamos mais dele. Deixe-o.

— Não! — disse Tom, mais rispidamente do que pretendia. Embaixo da mesa sua mão encontrou a mão de Fishcake e ele arrastou o Garoto Perdido para fora. — Ele vem com a gente. Eu prometi.

Hester olhou para o garoto e o garoto olhou para Hester, e por um instante Tom achou que ela iria atirar em Fishcake ali mesmo,

mas um grito ensurdecedor de desafio e raiva subiu ecoando das profundezas do Pote de Pimenta, o rugido dos Garotos Perdidos a caminho da guerra. Ela guardou a arma e saiu pela porta, segurando-a aberta para que Tom pudesse arrastar a criança assustada com ele para fora do prédio e descer as escadas até a praça. Explosões ressonantes e ensurdecedoras repercutiam nas paredes dos prédios em volta, e clarões iluminavam o céu. *Os fogos de artifício estão mais altos do que eram quando eu era criança*, Tom pensou. Olhando para cima, viu dirigíveis brancos sobrevoando os telhados da cidade, lançando foguetes em gôndolas blindadas.

— Pelos deuses e deusas! — gritou Hester. — Era isso que estava faltando!

— O que foi? — choramingou Fishcake, agarrando-se a Tom. — O que está acontecendo?

◊ ◊ ◊

O que estava acontecendo era que um esquadrão de Fox Spirits tinha se separado da frota principal do Tempestade Verde para silenciar as defesas aéreas de Brighton. As comemorações do Festival da Lua se transformaram em pânico quando os aviadores confundiram os fogos de artifício no Queen's Park e na Black Road com tiros antidirigíveis e começaram a atirar neles. Enquanto grupos de foliões se contorciam pela Ocean Boulevard como cobras decapitadas, o *Furacão Fúnebre* cortou pela fumaça acima deles, atirando no Nas Nuvens. À frente se encontravam as montanhas blindadas que eram Kom Ombo e Benghazi, e cidades menores e subúrbios que se aninhavam em volta de suas esteiras.

— Um aglomerado cheio delas! — gritou o General Naga, contente como um caçador que acaba de avistar uma raposa. — Aquela grandona devorou Palmyra Static alguns verões atrás! — sua armadura blindada rangeu e sibilou quando ele se virou para a Caçadora Fang, erguendo seu único braço para saudá-la. — Então

foi por isso que nos trouxe para o oeste, Vossa Excelência! Peço permissão para liderar o ataque...

— Silêncio — sussurrou a Caçadora Fang. Os fogos de Brighton brilharam em sua máscara de bronze. — O aglomerado é irrelevante. Os outros dirigíveis manterão as baterias e os dirigíveis de guerra da cidade ocupados e impedirão que os cidadãos de Brighton ajudem seu prefeito. Nosso alvo é o palácio voador. Preparem as equipes de abordagem.

Naga seguiu a Caçadora sem questioná-la durante dezesseis anos, mas aquilo foi quase demais para ele. Enquanto seus subalternos corriam para realizar suas ordens e pegar pistolas reservas e armaduras de batalha, ele ficou parado por um instante, como se tivesse sido esbofeteado. Então, lembrando-se do que acontecia com os oficiais que contestavam as ordens da Caçadora Fang, ele se apressou em obedecer.

✧ ✧ ✧

Wren e Theo correram para o outro lado da sala de controle bem na hora de ver o céu entre Brighton e o litoral ser iluminado por grandes explosões de fogos antiaéreos dos canhões de Benghazi. A luz crepitante e inconstante deslizava pelos envelopes de quatro grandes dirigíveis de guerra e inúmeros dirigíveis de ataque.

— Uma Unidade de Ataque Aéreo do Tempestade Verde — Theo disse.

— Ah, Quirke! — sussurrou Wren, pensando em seu pai. — Você acha que eles irão afundar Brighton? Meu pai está lá embaixo! Theo, ele será morto e será tudo minha culpa!

— Eles não vieram atrás de Brighton — disse Theo, pegando sua mão. — Eles vieram pegar o livro! Quem quer que tenha colocado aquela gaivota para vigiar o cofre e matado aqueles homens deve ter chamado os dirigíveis para cá e nos deixado à deriva para que pudesse nos abordar mais facilmente.

De algum lugar, veio o guincho dos alarmes de ataque aéreo, como unhas riscando o quadro negro do céu.

— Temos de fugir — disse Wren.

— Como? — perguntou Theo.

— Com o *Pavoncinho*, é claro. Não acho que ninguém tenha tido tempo de drenar os tanques de combustível depois da noite passada.

Theo balançou a cabeça. — Mesmo que pudéssemos chegar à casa de barcos, o Tempestade nos derrubaria antes de estarmos longe do espaço aéreo do Nas Nuvens.

— Mas o *Pavoncinho* é um iate, não um dirigível de guerra!

— O Tempestade não se importa com esse tipo de coisa.

— Mas você não conhece nenhum código ou senha ou algo do tipo? Você não podia entrar em contato com eles via rádio e dizer que você é um deles?

— Wren, eu *não* sou um deles — disse Theo —, não mais. Eu falhei. Se eles me capturarem, eles me matarão e me enviarão para Batmunkh Tsaka.

Wren não sabia o que aquilo queria dizer, mas ela podia ver que ele estava assustado, talvez tão assustado quanto ela. A sala de controle estremeceu quando alguma coisa acertou o convés acima deles, e uma chuva de faíscas e destroços incendiados passou pelas janelas. Ela olhou nos olhos de Theo e tentou soar corajosa. — Theo — ela disse —, meu pai está esperando por mim em Brighton, sua mãe e seu pai estão te esperando em Zagwa, e eles ficarão muito zangados se ficarmos esperando aqui para sermos mortos. Vamos. Temos que tentar!

Ainda de mãos dadas, eles subiram as escadas até a entrada do andar térreo, a porta que o assassino deve ter usado. Acima deles, podiam ouvir gritos e o ribombar de pés conforme as pessoas deixavam o salão de festas. Explosões no céu lá fora iluminavam o prédio com uma luz amarela, que formava diamantes no chão

embaixo das janelas da cozinha e cintilava em painéis e bandejas que os escravos deixavam cair, enquanto fugiam apressados.

Eles correram até a saída mais próxima e saíram para os jardins em frente ao Pavilhão. Grupos de convidados corriam pelo gramado como ovelhas assustadas. Não havia como sair do Nas Nuvens, mas eles queriam ficar o mais longe possível do Pavilhão, com medo de que o Tempestade Verde o bombardeasse. De qualquer maneira, eles eram ricos e acostumados em conseguir tudo o que precisavam. Mesmo que o bondinho estivesse destruído, certamente haveria um dirigível ali, ou um táxi aéreo, ou algum corajoso cidadão de Brighton organizando uma fuga usando pedalinhos e iates aéreos.

Sem querer que fossem pegos no meio da debandada, Theo empurrou Wren para trás de uma das estátuas abstratas de Pennyroyal. Eles se agacharam juntos e observaram a fumaça dos escapamentos ondular no céu em volta do Nas Nuvens como fios de teia de aranha, à medida que os Furões Voadores pairavam e faziam acrobacias, atirando-se contra os dirigíveis do Tempestade. Era como se cada dirigível tivesse uma semente de fogo dentro dele e os Furões Voadores estivessem pacientemente procurando por ela com saraivadas de balas incendiárias. Quando a encontravam, o dirigível começava a brilhar em seu interior como uma lanterna do Festival da Lua, luzes fortes enchiam o envelope e, finalmente, a coisa toda virava uma pira fumegante, projetando sombras nos bosques de ciprestes conforme o vento o levava por cima do Nas Nuvens.

Mas os dirigíveis também lutavam, e nuvens de águias e condores Ressuscitados voavam com eles. Os pássaros atacavam as máquinas voadoras dos Furões em nuvens negras esvoaçantes, rasgando as asas, os cabos e os pilotos desprotegidos. Enquanto os Furões lutavam para escapar, tornavam-se alvos fáceis para os foguetes e canhões dos dirigíveis. Asas eram rasgadas, tanques de

combustível se despedaçavam, as hélices dos rotores passavam girando pelos jardins do Pavilhão como pedaços de persianas em chamas. O *Cabelo Ruim*, com suas asas arrancadas, caiu sobre a estação de bondinhos. O *Grupo do Capitão Mandrake* desviou para o lado, bateu contra o *Queijo Lutador* e ambas as máquinas bateram no flanco de um *destroyer* do Tempestade Verde, que caiu com eles, um grande barril de fogo afundando graciosamente no oceano.

Um dirigível maior circulava perto da borda dos jardins, esperando que os dirigíveis de ataque acabassem com os Furões. Ao longe, Wren conseguia ver os níveis superiores de Kom Ombo se erguendo como uma ilha blindada num mar de fumaça. Um grande dirigível sobrevoava a cidade, lançando nuvens de coisas giratórias que pareciam grandes sementes até atingirem uma fortaleza ou casamata, onde explodiam numa luz branca e jogavam destroços para o céu noturno. Wren sentia as explosões em seu peito, como as batidas de um enorme tambor.

— Tumblers — Theo murmurou.

— O quê, aquelas coisas prateadas? — perguntou Wren. — Não, aquelas são bombas. Dá para perceber pelo jeito como explodem. Você me disse que costumava *voar* em Tumblers.

Theo assentiu.

— Quer dizer que aquelas coisas têm *pilotos*? Mas eles ficarão em pedacinhos!

Theo assentiu novamente.

— Então, por quê...?

— Por que eu não estou morto? — Theo balançou a cabeça e evitou olhar para ela. — Porque eu sou um covarde — ele disse —, porque eu sou um covarde.

◊ ◊ ◊

O *Furacão Fúnebre* voou através da fumaça e das cinzas acima da costa. Pânico havia se espalhado entre as cidades e vilas

aglomeradas ali, que achavam que a frota do Tempestade Verde estava atrás delas. Algumas procuraram abrigo no deserto; outras encheram bolsas flutuantes e se jogaram ao mar; algumas outras tiraram vantagem da confusão e tentaram devorar seus vizinhos. Benghazi e Kom Ombo enviaram grupos de dirigíveis de ataque, que foram destruídos pelos Fox Spirits, mais rápidos e destemidos, e por bandos de pássaros-Caçadores.

Uma célula de gás explodiu em algum lugar perto da popa do *Furacão Fúnebre*, e aranhas-Caçadoras Mark IV corriam nas laterais do envelope, apagando o fogo com extintores. As superfícies de voo também foram danificadas e vozes frenéticas, ecoando através dos tubos de comunicação, diziam que a parte traseira da gôndola tinha sido destruída.

Os nascidos uma única vez que se encontravam na ponte estavam pálidos e tensos; Shrike podia ver seus rostos brilhando com o suor na luz infernal que iluminava as janelas. Sob seu capacete de aço, Oenone Zero chorava de medo. O rádio crepitava com chamadas desesperadas e relatórios de danos de outros dirigíveis; o *Espada que Fora Sacada com Ira Compreensível* tinha sido prensado entre outros dirigíveis e caía em chamas; o *Chuva de Outono das Montanhas Celestiais* estava sem rumo e à deriva, ao lado de Benghazi. Alguém a bordo de uma corveta gritava desesperadamente até que o sinal foi subitamente interrompido.

A Caçadora Fang ignorava tudo. Em pé calmamente ao lado do timoneiro, ela olhava para o Nas Nuvens enquanto ele flutuava lentamente para longe da cidade mãe.

— Sigam aquele prédio — ela disse.

◊ ◊ ◊

Os dirigíveis que tinham atacado Brighton se desviaram rapidamente para atacar outros alvos, mas os problemas da balsa-resort não tinham acabado. As salas dos motores estavam em

chamas e metade de suas rodas estava destruída. A cidade havia soltado suas âncoras, e agora estava à deriva, soltando fumaça preta e chamas de açafraão, vazando combustível incendiado. Todos que poderiam estar no comando estavam mortos ou na festa do prefeito.

No meio da confusão, ninguém prestou atenção aos alarmes dentro do Pote de Pimenta; pelo menos não até os Garotos Perdidos terem dominado os últimos guardas e saído para se juntar à diversão. Nas salas dos motores e fazendas de dejetos dos níveis inferiores, e nos imundos filtros embaixo da Piscina do Mar, os escravos de Brighton viram uma chance e correram para se juntar a eles. Armados com chaves inglesas, ancinhos e martelos de carne, eles saíram das escadarias da cidade em grandes enxames, saqueando lojas de antiguidades e incendiando galerias de arte. Os atores e artistas de Brighton, que haviam compartilhado tantos jantares concordando que os escravos tinham uma vida terrível e organizado projetos de arte para a comunidade, mostrando que compartilhavam sua dor, corriam para salvar suas vidas, fugindo da cidade a bordo de dirigíveis e lanchas lotadas.

Na verdade, tantas coisas aconteciam, e a fumaça que sobrevoava a cidade era tão densa, que quase ninguém percebeu que o Nas Nuvens já não estava preso aos restos de Brighton.

O Garoto que não Explodiu



Wren e Theo, esperando a batalha acabar, sentaram nas sombras de uma grande estátua, as costas encostadas na base.

Alguns copos de ponche tinham sido abandonados ali mais cedo e Wren bebeu um. Quanto tempo já durava aquele pesadelo? Cinco minutos? Dez? Parecia uma vida inteira. Ela já conseguia diferenciar o rugido dos canhões dos Furões do gorgolejar das armas do Tempestade. Os foguetes eram mais difíceis de diferenciar, mas ela sempre sabia quando um Tumbler explodia, porque Theo dava um pulo, arqueava os ombros e fechava os olhos.

— Você quer conversar sobre isso? — ela perguntou. — Sobre esses tais de Tumblers?

— Não.

— Bem que você poderia. Não tem muita coisa para fazer.

Theo se encolheu quando outros Tumblers explodiram perto das esteiras de Kom Ombo. Então, numa voz baixa que ela quase não conseguia ouvir, ele contou sobre sua curta carreira como uma bomba voadora.

— Foi logo no começo da Batalha do Pântano da Ferrugem — ele disse. — Subúrbios inimigos tinham passado pela nossa linha, e a frota estava recuando na direção das fronteiras ocidentais de Shan Guo. Nenhum de nós esperava entrar em ação. Depois recebemos a ordem: um lugar chamado Ilha Negra tinha que aguentar mais algumas horas, porque algum cirurgião-mecânico do

Corpo de Ressurreição estava escavando um artefato valioso que não poderia cair nas mãos de nenhuma cidade...

Theo ainda conseguia sentir em seu âmagos o movimento súbito e nauseante do transportador e o pânico nas passagens enquanto pilotos de Tumblers corriam até suas embarcações.

— A espera é a pior parte — ele disse —, presos em nossas embarcações, suspensos no ancoradouro dos Tumblers, com as portas abertas abaixo. É possível ver as armas sendo disparadas lá embaixo. Depois, a ordem: “Lançar Tumblers!” E nós mandamos ver.

Eles mandavam ver; soltando seus engates e depois numa longa queda, caindo, caindo entre as explosões adoráveis e mortais dos foguetes dos inimigos. Os primeiros Tumblers eram automáticos, equipados com cérebros de Caçadores, mas cérebros de Caçadores não conseguiam ziguezaguear através dos tiros que vinham do chão, não do jeito que pilotos humanos conseguiam. E por que desperdiçar Caçadores quando havia jovens como Theo, que ansiavam por glória e estavam prontos para morrer em nome de um mundo verde novamente?

— O alvo era uma cidade chamada Jagdstadt Magdeburg — ele contou a Wren. — Eu bati em algum lugar no nível intermediário. Achei que estava indo em direção a um forte blindado, mas era apenas um telhado de plástico fino em algum distrito agrícola. Aterrissei numa grande pilha cinzenta de ração para bois. Acho que foi por isso que não fui morto, apenas fiquei desmaiado por alguns minutos. Acho que foi por isso que meu Tumbler não explodiu. Eles explodem automaticamente quando você bate, mas há um controle manual em caso de falhas como a minha e eu o procurei assim que acordei, mas não consegui... Não consegui me forçar a...

— É claro que não — disse Wren delicadamente —, você errou o alvo. Você não ia conseguir explodir trabalhadores. Civis. Teria sido assassinato.

— Teria — disse Theo —, mas não foi isso o que me impediu. Eu simplesmente não queria morrer.

— Um pouco tarde para pensar nisso, não era?

Theo deu de ombros. — Só fiquei ali sentado, chorando. E depois de um tempo eles chegaram e desarmaram meu Tumbler, me arrastaram para fora e me levaram embora. Achei que iriam me matar. Eu não os teria culpado. Mas eles não fizeram isso.

— Minha vida inteira eu ouvi histórias sobre a crueldade dos bárbaros, sobre como torturavam seus prisioneiros, e talvez alguns sejam assim, mas aqueles cuidaram de mim como se eu fosse seu filho. Eles me alimentaram e disseram como sentiam ter que me vender como escravo. Eles não podiam manter um prisioneiro do Tempestade Verde a bordo, entende? Com medo que nós nos juntássemos e nos revoltássemos. Mas eu não iria me rebelar. Eles me fizeram perceber como o Tempestade estava errado. Como toda aquela luta era idiota.

Ele olhou para Wren. — É por isso que desisti do Tempestade. E agora, quando me pegarem e descobrirem o que sou e o que fiz, eles irão me matar.

— Não vão, não! — prometeu Wren. — Porque não deixaremos que te peguem! Vamos fugir de algum modo...

Um rugido de motores abafou sua voz. Ela se levantou com cuidado e olhou através dos jardins. Um dirigível branco enorme e marcado por batalhas forçava caminho pelos cabos do Nas Nuvens.

— Pelos deuses! — disse Theo, olhando por sobre o ombro de Wren. — Aquele é o *Furacão Fúnebre*! É o dirigível *dela*!

Projetores montados sobre os motores do dirigível giravam de um lado a outro, derrubando sem esforço qualquer Furão Voador que se aproximasse demais. O *Sem Calcinha* e o *Maquininha de Bolinha Amarelinha* foram destruídos por foguetes, derramando pedaços de madeira e de lona chamuscada sobre as multidões apavoradas nos jardins do Pavilhão. Um ornitóptero chamado *É Só*

Isso? voou em volta do dirigível como um pernilongo importunando um dinossauro, mas não conseguia furar o envelope reforçado. Depois de alguns segundos, um bando de pássaros-Caçadores o encontrou e o destroçou. *Vai se Ferrar, Gravidade!* se lançou na direção da gôndola do dirigível numa tentativa desesperada de atingi-lo, porém mais foguetes o jogaram de lado, e ele caiu por entre as bolsas de gás laterais do Nas Nuvens. O Pavilhão estremeceu, os convidados gritavam mais alto nos gramados e todo o convés tombou abruptamente quando o gás que o segurava foi lançado para dentro da noite.

O *Canguru Briguento* de Orla Twombly e os outros Furões sobreviventes, percebendo que não poderiam fazer mais nada, fizeram meia-volta e fugiram.

Wren protegeu o rosto contra a poeira e a fumaça enquanto o *Furacão Fúnebre* girava os motores até ficar em posição de pouso e tocasse o jardim do Nas Nuvens. Os convidados que tinham fugido do Pavilhão voltavam agora passando pelo esconderijo de Wren e Theo, ou mantinham suas posições e faziam bandeiras brancas com camisas ou guardanapos. Soldados se jogavam nos arbustos, livrando-se de suas armas e tentando tirar seus elegantes uniformes. Metralhadoras faziam parte das plantas ornamentais. Formas blindadas e cheias de espetos saíam das escotilhas das gôndolas dos dirigíveis de guerra.

— Caçadores! — lamentou Wren. Ela nunca tinha visto um Caçador, sequer acreditava em Caçadores, mas alguma coisa no jeito que aquelas coisas blindadas se movimentavam foi suficiente para convencê-la de que não eram humanos, e de que ela gostaria muito de ficar longe deles. Ela começou a correr, gritando para que Theo a seguisse. — Vamos! Vamos para a casa de barcos, cortando caminho pelo Pavilhão!

As escadarias do Pavilhão estavam desertas agora. Wren e Theo subiram rapidamente, passando por cima de chapéis abandonados

e corpos pisoteados. No convés ao ar livre onde Shkin a tinha vendido para Pennyroyal, Wren escorregou num bolinho e caiu. O *Livro de Lata*, preso em sua cintura, esfolou suas costas e machucou seu traseiro. Ela achou que podia sentir o sangue escorrer pelas suas calças quando Theo a ajudou a se levantar. Ela se perguntou se deveria se livrar do livro. Ou entregar-se ao Tempestade e implorar misericórdia. Mas o Tempestade não tinha misericórdia, tinha? Ela vira panfletos e pôsteres desde que chegara à Brighton, manchetes nas sessões de assuntos internacionais do *Palimpsest* sobre *Mais Atrocidades Musgosas* e *Mais Bestialidades Cometidas pelo Tempestade Verde*. Se eles descobrissem que Wren estava com o *Livro de Lata*...

Quando chegaram à entrada do salão de festas, olharam através do jardim. A batalha havia terminado e os Caçadores se movimentavam por ali, reunindo convidados prisioneiros à frente deles. — Gostaria de saber se Shkin está lá embaixo — disse Wren.

— E a Boo-Boo? — perguntou Theo, enquanto seguiam em frente, cruzando o salão, onde as luzes nas paredes e no teto tinham se apagado e o vidro quebrado estalava sob seus pés. — E o Pennyroyal?

— Ah, ele ficará bem — disse Wren —, aposto que foi ele quem os trouxe até aqui. Shkin disse que ele estava procurando um comprador para o *Livro de Lata*. Esse é o tipo de coisa que Pennyroyal faria, vender sua própria cidade para obter um bom lucro...

Passaram pela sala dos filmes, onde o projetor ainda funcionava. Naquela luz Wren pôde ver um movimento na escada em espiral. — Cynthia! — Theo gritou.

Sua companheira escrava desceu a escada correndo, o vestido de festa cintilando suavemente nas luzes refletidas pelo projetor. O que ela estivera fazendo ali em cima, Wren não conseguia imaginar. Talvez ela tenha ficado desorientada e tenha corrido para o lado

errado quando todos fugiam do salão. Ou talvez a Senhora Pennyroyal a mandara voltar para pegar alguma coisa; ela tinha algo brilhante numa mão.

— Cynthia — disse Wren —, não tenha medo. Estamos indo embora. Vamos levá-lo conosco, não vamos, Theo?

— Onde está, Wren? — disparou Cynthia.

— Onde está o quê? — perguntou Wren.

— O *Livro de Lata*, é claro — Wren não conseguia reconhecer a expressão no rosto de Cynthia: fria, dura e inteligente, como se seu rosto estivesse sendo controlado por outra pessoa. — Já verifiquei o cofre de Pennyroyal — ela disse —, e sei que foi você quem o pegou. Soube que você estava planejando algo desde que veio a bordo. Para quem você está trabalhando? Para o *Traktionstadtsgesellschaft*? Para os Africanos?

— Não estou trabalhando para ninguém — disse Wren.

— Mas você está, Cynthia Twite — disse Theo —, você trabalha para o Tempestade Verde, não é? Você matou Plover e os outros. Foi você quem deixou o Nas Nuvens à deriva!

Cynthia riu. — Ooh, você pega as coisas bem rápido, Africano! — ela fez uma reverência educada. — Agente 28, do grupo de inteligência particular da Caçadora Fang. Eu me dei até que bem, não foi? Coitadinha da Cynthia. Como vocês riam de mim, vocês, Boo-Boo e os outros. E o tempo todo estive trabalhando para outra ama; para uma ama que deixará o mundo verde novamente. Ela estendeu um braço na direção de Wren. A coisa cintilante em sua mão era uma arma.

Estarrecida, Wren tirou o *Livro de Lata* da túnica e o estendeu para Cynthia, que o pegou e deu um passo para trás. — Obrigada — ela disse, com traço de sua antiga doçura —, a Caçadora Fang ficará deliciada.

— Ela a enviou para cá para encontrá-lo? — perguntou Wren, confusa. — Mas como ela sabia...

Cynthia se alegrou. — Ah, não. Ela achava que ele ainda estava em Anchorage. Ela enviou uma expedição para o lugar em que Pennyroyal disse que Anchorage tinha afundado, mas não tinha nada ali. Então, fui enviada para o Nas Nuvens para espioná-lo, caso ele soubesse o que realmente havia acontecido com a cidade. Mal pude acreditar na sorte que tive quando ouvi falar que você tinha trazido o *Livro de Lara* a bordo! Enviei uma mensagem para Jade Pagoda imediatamente, e recebi ordens dizendo para deixá-lo no cofre no escritório de Pennyroyal até que enviassem ajuda. Ele é importante. Ele pode ser a chave para a vitória final. Minha ama não quer que ele seja copiado, ou enviado pelos canais usuais. Ela o pegará em pessoa. Aquele é o dirigível *dela* ali no jardim — ela olhou com carinho para o livro. — Ele me recompensará muito bem quando eu entregá-lo a ela.

Os tiros nos jardins haviam parado. Wren podia ouvir vozes no convés ao ar livre, gritando ordens num idioma que não conseguia reconhecer. Ela deu um passo na direção de Cynthia, tomando cuidado com a arma na mão da garota. — Por favor — ela disse —, você pegou o livro. Não pode nos deixar ir? Se o Tempestade pegar Theo...

— Eles o matarão por ser um covarde — disse Cynthia calmamente —, eu mesmo faria isso, mas tenho certeza que minha ama irá querer interrogar vocês dois primeiro para descobrir o que vocês sabem sobre o livro.

— Não sabemos nada sobre ele! — gritou Theo.

— Essa é a sua história, Africano. Você pode decidir mudá-la quando as máquinas de interrogatório começarem a trabalhar...

— Mas Cynthia... — Wren balançou a cabeça, ainda entorpecida pelo choque da traição de Cynthia. — Não acho que Cynthia seja seu nome verdadeiro, não é?

A outra garota ficou surpresa. — Claro que é. Por que não seria?

— Bem, não é uma atitude muito espiã — disse Wren.

— Oh? O que tem de errado com ele?

— Nada, nada... É só que...

Uma maleta enorme, jogada da galeria acima deles, atingiu Cynthia na cabeça e se abriu, espalhando moedas de ouro, joias e peças valiosas de Old-Tech. — Ah... — disse a garota, despencando. A arma disparou e abriu um buraco no teto acima da cabeça de Wren. Theo agarrou Wren e a jogou para trás, com medo que mais malas pudessem cair, mas quando olharam para cima viram apenas o rosto redondo e pálido de Nimrod Pennyroyal espiando pelos balaústres.

— Ela desmaiou? — ele perguntou nervoso.

Wren se inclinou sobre Cynthia. Havia sangue no cabelo da garota, e quando Wren tocou seu pescoço não sentiu o pulso, mas não sabia se estava tocando o lugar certo. Ela disse:

— Acho que ela pode estar morta.

Pennyroyal desceu a escada correndo. — Besteira, foi apenas uma pancadinha de nada. De qualquer maneira, ela é uma agente do inimigo, não é? Provavelmente teria matado vocês dois se não fosse pelo meu raciocínio rápido. Eu estava lá em cima pegando algumas coisas valiosas e ouvi vocês conversando — ele soltou uma risada quando tirou o livro da mão de Cynthia. — Que golpe de sorte! Achei que o havia perdido. Agora vamos, ajudem-me a pegar o resto.

Entorpecidos, Wren e Theo fizeram o que ele pediu. Pennyroyal, talvez com medo que eles tentassem roubá-lo, pegou a arma de Cynthia e a segurou enquanto enfiava moedas e estatuetas e antigos artefatos de volta na maleta, sentando-se nela para fechar a tampa. Os gritos do lado de fora foram ficando mais perto enquanto os soldados do Tempestade Verde, atraídos pelo disparo, convergiam para o salão. — Pronto! — disse Pennyroyal. — Agora, para a casa de barcos. Vou fazer o seguinte, se me ajudarem a carregar isso, podem vir comigo. Mas se apressem!

— Você não pode simplesmente ir embora — protestou Wren, seguindo-o pelos corredores enquanto Theo se esforçava atrás carregando a maleta. — E o seu povo?

— Ah, *eles* — disse Pennyroyal desconsiderando.

— E a sua esposa? Ela talvez já seja uma prisioneira agora...

— Sim, pobre Boo-Boo... — Pennyroyal abriu uma porta e os levou para os jardins atrás do Pavilhão. — Vou sentir saudade dela, é claro — perda terrível — mas o tempo cura todas as feridas. De qualquer forma, não posso arriscar meu pescoço tentando salvá-la. Preciso me salvar, devo isso aos meus leitores, para que o mundo possa ler meu relato sobre a Batalha de Brighton e minha oposição contra o Tempestade...

Eles correram pelos jardins, Pennyroyal na frente, Wren e Theo se revezando com a maleta. As tropas do Tempestade não tinham chegado àquela parte do Nas Nuvens ainda; nada se movia entre os ciprestes e nos passeios cobertos. Fumaça se erguia dos destroços do aeródromo dos Furões Voadores, mas o Tempestade Verde deve ter considerado a casa de barcos de Pennyroyal um alvo pouco importante, pois ele ainda se erguia entre as árvores, redondo e esquisito, com as chamas cintilando em sua estrutura de cobre.

— Estou ouvindo motores — disse Theo, enquanto passavam por entre as árvores até a plataforma de pouso na frente da casa de barcos. — Alguém abriu as portas...

— Poderoso Poskitt! — gritou Pennyroyal.

O *Pavoncinho* estava postado na frente das portas abertas, os motores se aquecendo antes de levantar voo. As luzes estavam acesas dentro da gôndola e Wren pôde ver Nabisco Shkin aos controles. Ele deve ter desistido de esperar pelo *Livro de Lata* e decidira esquecer o lucro e salvar sua própria vida. Wren ficou para trás, com medo de Shkin, mas Pennyroyal saiu correndo, lançando-se na direção do iate. — Shkin! Sou eu! Seu velho camarada Pennyroyal!

Shkin se lançou pela escotilha na lateral da gôndola lustrosa do *Pavoncinho* e atirou duas vezes em Pennyroyal, com uma pistola que tirou de dentro de seu manto. Wren viu um ponto de exclamação de sangue voar no brilho das luzes do iate. Pennyroyal deu uma cambalhota desajeitada, bateu numa pilha de mangueiras e ficou parado.

— Pelos deuses — sussurrou Wren. Pennyroyal era uma presença tão grande em sua vida, desde todas as histórias que ouvira em Anchorage, que ela havia imaginado que ele fosse indestrutível.

Shkin desceu da gôndola e andou na direção deles com a arma levantada. — Vocês estão com meu livro? — ele perguntou.

— Não — disse Theo, antes que Wren pudesse responder. — O Tempestade o pegou.

— Então o que tem dentro da mala? — perguntou Shkin e Theo a abriu para que ele pudesse ver. O vendedor de escravos deu um sorriso frio e cinzento. — Bem, isso já é alguma coisa, não é? — ele disse —, feche a mala e entregue-a para mim.

Theo fez o que foi mandado. Os olhos frios de Shkin deslizaram para Wren novamente.

— E agora? — ela perguntou. — Vai atirar na gente, eu acho?

— Pelos deuses, não! — Shkin parecia genuinamente chocado. — Não sou um assassino, criança. Sou um homem de negócios. Que lucro eu teria matando-os? É verdade que você conseguiu me irritar, mas parece que nossos amigos do Tempestade Verde estão chegando para lhe ensinar boas maneiras.

Wren prestou atenção e ouviu vozes estrangeiras chegando até eles através do jardim. Luzes se mexiam por entre as árvores atrás da casa de barcos. Ela queria perguntar ao Shkin sobre seu pai, mas ele já tinha jogado a mala de Pennyroyal para dentro do *Pavoncinho* e estava entrando novamente. Os motores rugiam.

— Não! — gritou Wren. Ela não conseguia acreditar que os deuses deixariam aquele vilão do Shkin escapar ileso. Mas os engates de ancoragem do *Pavoncinho* foram soltos e ele se ergueu do chão da casa de barcos, motores girando para a posição de decolagem. — Não é justo! — berrou Wren. — O livro! Nós estamos com o livro! Theo mentiu! Leve-nos com você e eu lhe darei o livro!

Shkin ouviu sua voz, mas não suas palavras. Ele olhou para ela e deu seu sorriso débil, depois voltou a se concentrar nos controles. O iate correu pela plataforma de aterrissagem, passou entre dois grupos de árvores que se curvaram para o lado para deixá-lo passar e se levantou graciosamente para o céu.

— Não é justo! — Wren disse novamente. Ela estava cansada de Shkin e cansada de sentir medo. Ela entendia por que sua Mãe e seu Pai nunca queriam conversar sobre as aventuras que tiveram. Se ela sobrevivesse, ela nunca iria querer conversar sobre aquela noite terrível.

— Por que você mentiu sobre o livro? — ela perguntou ao Theo. — Ele poderia ter nos levado com ele se tivéssemos lhe dado o livro.

— Não teria, não — disse Theo. — De qualquer maneira, se alguém o quer tanto assim, deve ser perigoso. Não podemos deixar um homem como Shkin ficar com ele.

Wren bufou. — *Ninguém* deve ficar com ele — ela disse. Ela andou até Pennyroyal e cuidadosamente pegou o *Livro de Lata* de dentro de seu manto rasgado. Uma das balas de Shkin amassou a capa, mas fora isso ele parecia inteiro. Ela se sentiu enojada ao tocá-lo. Todos os problemas que ele causou! Todas as mortes! — Vou jogá-lo no mar — ela disse e correu pela pista quente e cheia de buracos na direção da orla dos jardins.

Mas não foi o mar que ela viu quando olhou para baixo. O Nas Nuvens tinha flutuado para mais longe, e mais rapidamente, do que ela havia imaginado. O movimento da rebentação que marcava a

costa estava a muitos quilômetros de distância ao norte, com as luzes e incêndios de outras cidades em volta dele cintilando como pérolas num colar. Abaixo dela, as colinas da África se encontravam resolutas sob a lua.

E enquanto ficava ali, olhando para elas, agarrando o *Livro de Lata* com ambas as mãos, ela ouviu pés correndo atrás dela e se virou para ver as tochas e as armas de um esquadrão de soldados. Havia Caçadores também, um deles segurava Theo. Um homem que se parecia com um Caçador, com cara de falcão, numa armadura mecanizada e com uma espada em sua mão de ferro, ficou na frente dos outros e disse:

— Não se mexa! Você é uma prisioneira do Tempestade Verde!

✧ ✧ ✧

Enquanto o *Pavoncinho* se afastava através dos cordames do Nas Nuvens e seguia para o céu aberto. Nabisco Shkin se permitiu um sorriso de satisfação. A maioria dos dirigíveis do Tempestade Verde estava a quilômetros de distância, ainda ocupados com Benghazi e Kom Ombo, e as tropas que haviam pousado no jardim de Pennyroyal tinha coisas melhores a fazer do que se preocupar com um vendedor de escravos fugitivo.

Ele se acomodou no assento confortável e passou as mãos na mala ao seu lado. À frente ele podia vez as luzes de cidades menores piscando na noite deserta. Ele aterrissaria em uma delas até ter certeza que o Tempestade tivesse acabado com Brighton; depois voltaria e verificaria os danos feitos ao seu negócio. O Pote de Pimenta estaria destruído, sem dúvidas. Empregados e mercadoria estariam provavelmente mortos. Sem problemas; todos estavam segurados. Ele esperava que o garoto Fishcake estivesse vivo. Mas mesmo sem ele, seria possível encontrar Anchorage-in-Vineland e encher um ou dois dirigíveis de escravos...

Ainda sonhava com Vineland quando pássaros-Caçadores o encontraram. Eles faziam parte de um grupo de patrulha vigiando os céus ao redor do Nas Nuvens. Shkin achou que era apenas uma nuvem quando desceram sobre ele, bloqueando o luar. Depois viu o bater das asas, e os pássaros começaram a bater nas janelas de fibra de vidro do *Pavoncinho*, batendo nos protetores dos motores, rasgando seu envelope delicado com suas garras e bicos. As superfícies de controle de voo foram jogadas ao vento. As hélices rasgaram uma dúzia de pássaros, mas mais dúzias os substituíam, até que os motores do *Pavoncinho* travassem por causa das penas e óleo. Shkin pegou o rádio, abrindo todos os canais e gritando:

— Parem o ataque! Sou um homem de negócios legítimo! Sou completamente neutro! — mas os dirigíveis do Tempestade Verde que captaram o sinal não sabiam de onde ele vinha e os pássaros não o entendiam. Eles rasgaram e cortaram e apertaram e atacaram, destruindo o envelope até a estrutura, até que Nabisco Shkin viu nada além de um caleidoscópio de pássaros, circulando contra a lua sagrada. E quando os destroços começaram a cair, estes pássaros arrancaram o teto da gôndola e entraram para se juntar a ele.

Nabisco Shkin não era um homem que demonstrava suas emoções, mas havia muitos e muitos pássaros grandes, e parecia um caminho terrivelmente longo até o chão. Ele gritou sem parar enquanto caía.

Prisioneiros do Tempestade



O homem com a armadura mecânica se chamava Naga. Wren ouviu seus homens o chamarem assim quando pegaram o *Livro de Lata* e começaram a marchar de volta ao Pavilhão. Era um nome assustador, e ele também parecia ser assustador, pisando forte dentro daquele exoesqueleto que rangia e estalava. Contudo, parecia civilizado o bastante, e ordenou que seus homens parassem de empurrar Wren com suas armas. Ela ficou surpresa e aliviada; tinha ouvido histórias sobre o Tempestade atirar nos prisioneiros assim que os viam. Pensou em perguntar ao Naga o que ele pretendia fazer com ela, mas não tinha toda essa coragem. Olhou para Theo, esperando que explicasse o que os soldados estavam conversando naquele idioma estranho, mas ele andava cabisbaixo, e não queria olhar para ela.

Subiram uma escada do lado de fora do Pavilhão, passando por um jardim fechado em que uma multidão de escravos e convidados capturados tinha sido agrupada pelos Caçadores. Boo-Boo Pennyroyal estava lá, tentando animar todos com canções, mas não parecia estar funcionando.

A princípio, Boo-Boo achou que Wren e Theo iriam se juntar aos outros prisioneiros; mas os soldados continuaram em frente, passando pela piscina de Pennyroyal, que havia sido esvaziada, deixando uma grande poça quando o convés tombou. Do lado de fora das janelas do salão de festas estava um Caçador muito mais assustador do que os brutos sem cérebro e sem rosto que Wren

tinha visto até então. Ele era grande e brilhante, e seu crânio blindado não escondia seu rosto como os outros, mas o deixava parcialmente à mostra. Era um rosto morto e pálido, com um corte que servia como boca e que se retorceu um pouco quando os olhos verdes caíram sobre Wren. Ela desviou o olhar rapidamente, horrorizada por ter chamado a atenção daquela coisa. Ele iria conversar com ela? Atacá-la? Mas ele simplesmente devolveu a saudação de Naga e deu passo para o lado para deixar que os Caçadores e seus prisioneiros entrassem no salão.

Alguém tinha acendido as luzes novamente. Enfermeiros carregavam Cynthia numa maca. Wren a ouviu reclamar quando passaram por ela, e se sentiu feliz por sua amiga ainda estar viva. Depois se lembrou que era uma falsa amiga, e já não tinha certeza se deveria se sentir feliz ou não.

Em cima do palco onde os músicos estiveram tocando, um grupo de oficiais estava reunido. Naga marchou até eles e os saudou, fazendo seu relatório. O mais alto deles se virou para olhar os prisioneiros. Seu rosto era uma máscara de morte de bronze, perfurada por dois olhos esmeralda.

— Oh! — gritou Theo.

Wren soube imediatamente que aquela era a Caçadora Fang. Quem mais poderia ser? Ela exalava poder, que estalava no ar em volta dela como eletricidade estática, fazendo com que o cabelo na nuca de Wren ficasse de pé. Ao seu lado, podia sentir Theo tremendo como se estivesse na presença de uma deusa.

Naga disse mais alguma coisa, e a Caçadora desceu graciosamente do palco, seus olhos brilhando ainda mais quando ele tirou o *Livro de Lata* de uma abertura em sua armadura. Pegando-o, ela analisou os símbolos riscados na capa e soltou um longo suspiro de satisfação. Naga apontou para Wren e Theo e perguntou alguma coisa, mas a Caçadora dispensou a pergunta

com um aceno de mão. Sentando-se de pernas cruzadas numa pilha de entulho, ela abriu o *Livro de Lata* e começou a ler.

— E agora? — murmurou Theo. — Achei que ela iria querer nos interrogar...

— Acho que Naga achou isso também — disse Wren. Mas parecia que eles tinham sido esquecidos pela Caçadora Fang. As tropas do Tempestade Verde a observavam, como se estivessem esperando mais ordens, mas ela estava concentrada no *Livro de Lata*. Naga murmurou alguma coisa para um de seus companheiros. Depois, uma mulher — jovem e bonita, numa versão preta dos uniformes brancos que os outros vestiam — falou com ele, fez uma reverência e pulou do palco, seguindo para onde os dois prisioneiros esperavam. — Por favor, me acompanhem — ela disse em inglês.

Wren se sentiu aliviada. Aquela pessoa parecia menos austera do que os outros do Tempestade Verde. *Dra. Zero* estava escrito no crachá em seu uniforme, embaixo de rabiscos que Wren presumiu dizerem a mesma coisa em Shan Guonês. Ela parecia jovem demais para ser uma médica. Seus olhos puxados e seus grandes malarres lembravam-lhe seus amigos Inuítes em Anchorage, e os cabelos curtos e verdes combinavam surpreendentemente bem com seu rosto élfico. Mas não havia gentileza em sua voz. Ela pegou uma arma de um dos soldados e a apontou para os dois prisioneiros. — Para fora, por favor. Agora!

Eles obedeceram. Enquanto eram levados para o convés Wren olhou para cima e viu o grande Caçador observando-a novamente. O que tinha feito para interessá-lo tanto assim? Ela desviou o olhar rapidamente, mas ainda podia sentir os olhos verdes a seguindo.

A Dra. Zero acenou com a arma para os prisioneiros cruzarem o convés. Desceram as escadas, como se ela quisesse que se juntassem aos outros no jardim fechado. Mas ao pé da escada, num terraço em forma de meia lua fora do alcance do salão, ela subitamente parou e disse num inglês gentil e com forte sotaque:

— O que é aquilo que a Caçadora pegou de vocês?

Wren disse:

— O *Livro de Lata*. O *Livro de Lata* de Anchorage...

A Dra. Zero franziu a testa, como se não houvesse ouvido aquele nome antes.

— Não foi por causa dele que vocês vieram até aqui? — perguntou Theo.

— Aparentemente. Quem sabe? — A Dra. Zero deu de ombros e olhou na direção do salão, abaixando a voz como se temesse que sua chefe pudesse ouvi-la. — Sua Excelência não achou apropriado compartilhar com ninguém as razões que a levaram a atacar a sua cidade. O que é esse *Livro de Lata*? O que o torna tão importante para fazer com o que ela viesse até aqui com dirigíveis de guerra para pegá-lo?

— Cynthia disse que quem possuir o *Livro de Lata* poderia vencer a guerra — disse Wren.

Ela estava tentando ser útil, mas a Dra. Zero só a encarou. Era apenas o luar que a deixava pálida? Seus olhos estavam esbugalhados, vislumbrando alguma terrível visão das coisas que viriam. — Ai! — ela exclamou —, é claro. É *claro*! O livro deve ser a pista para algum tipo de arma Old-Tech. Talvez alguma coisa como a *Medusa*, poderosa o bastante para destruir cidades inteiras. E vocês o deram para Caçadora Fang! Seus tolos!

— Isso não é justo! — protestou Wren. — Não foi nossa culpa...

A Dra. Zero deu uma risadinha, mas não havia traço de humor nela, apenas medo. — Agora só depende de mim, não é? — ela perguntou. — Só depende de mim impedi-la!

Ela se virou e começou a correr, subindo as escadas na direção do salão, jogando a arma fora enquanto subia.

O Momento da Rosa



O General Naga, ainda bravo por ter sido negada a ele a chance de atacar Benghazi e o resto do aglomerado, havia levado sua tropa de choque para varrer os níveis inferiores do pavilhão, esperando encontrar um ninho de guerreiros da cidade que pudessem oferecer resistência. No salão de festas, alguns Caçadores-guerreiros estavam de guarda, enquanto a Caçadora Fang lia. As páginas de metal do livro brilhavam com a luz verde de seus olhos; as pontas de seus dedos de aço traçavam as antigas inscrições e emitia suaves chiados.

Shrike esperava ao lado da janela, observando sua chefe, mas sem realmente vê-la. Ao invés disso, ele se concentrava na imagem em sua mente; o rosto de uma jovem prisioneira que Oenone Zero acabara de levar para fora. Ele tinha certeza, ou quase certeza, que já vira aquele rosto antes — aqueles olhos azul-acinzentados, o maxilar longo, o cabelo acobreado, tudo isso tinha mandado faíscas de reconhecimento através de sua mente. E ainda assim, quando tentava relacionar as características da garota com os outros rostos em sua memória, não encontrava nenhuma correspondência.

Pés correndo no convés. Shrike se virou e sentiu os outros Caçadores no salão atrás dele reagirem também, prontamente colocando suas garras à mostra. Mas era apenas a Dra. Zero.

— Sr. Shrike!

Ela chegou até ele passando pelos corpos no convés. Tentava sorrir, mas o sorriso estava errado de alguma maneira, parecendo

mais uma careta. Shrike sentiu sua respiração ofegante, os batimentos rápidos, o cheiro forte e alarmante de suor, e soube que algo estava prestes a acontecer. Por alguma razão, Oenone Zero tinha decidido que aquele era o momento para soltar sua misteriosa arma contra a Caçadora Fang.

Mas onde estava a arma? Suas mãos estavam vazias; seu uniforme preto e justo não podia esconder nada poderoso o bastante para atacar um Caçador. Ele passou os olhos rapidamente por todo o espectro, procurando em vão alguma arma escondida ou o cheiro penetrante de explosivos.

— Sr. Shrike — disse Dra. Zero, parando ao seu lado e olhando em seus olhos. — Há uma coisa importante que preciso lhe contar — gotas de suor forçavam caminho para fora dos poros em seu rosto. Shrike virou sua cabeça para vasculhar o salão, perguntando-se se ela tinha trazido algo com ela quando o *Furacão Fúnebre* aterrissou. Ele verificou o convés também, procurando por dispositivos escondidos atrás das estátuas. Nada. Nada.

Um toque em sua mão. Ele olhou para baixo. Os dedos da Dra. Zero repousavam levemente em seu punho blindado. Ela estava sorrindo apropriadamente agora. Atrás das lentes grossas de seus óculos, seus olhos brilhavam cheios de lágrimas.

Ela disse:

— *O momento da rosa e o momento do teixo são de igual duração.*

E Shrike compreendeu.

Ele se virou e se afastou rapidamente dela, avançando para dentro do salão. Ele não queria ir; ele não ordenara que suas pernas se movessem, mas elas se moviam mesmo assim. Ele era a arma da Dra. Zero; ele fora sua arma o tempo todo.

— IMPEÇAM-ME! — ele conseguiu gritar enquanto se aproximava da Caçadora Fang. Dois Caçadores-guerreiros pularam para barrar seu caminho e com dois golpes ele desabilitou os dois, derrubando

suas cabeças e deixando seus corpos estúpidos e cegos cambaleando e soltando faíscas e fluídos. Mas pelo menos ele tinha avisado Fang do estava acontecendo. Ela se virou e se ergueu para encará-lo. O *Livro de Lata* cintilava em suas longas mãos.

— O que está fazendo, Sr. Shrike?

Shrike não conseguiu explicar. Ele era um prisioneiro em seu próprio corpo, sem força para controlar seus movimentos súbitos e deliberados. Seus braços se levantaram sozinhos, suas mãos se flexionaram. Da ponta de seus dedos lâminas brilhantes foram soltas, mais longas e pesadas de que suas antigas garras. Como um passageiro num tanque, ele se viu atacando a outra Caçadora.

A Caçadora Fang soltou suas próprias garras e se virou para ele. Eles bateram de frente, armaduras raspando, faíscas cintilando. Por trás da máscara de morte de bronze da Caçadora Fang veio um sibilar furioso. O *Livro de Lata* caiu, rompendo as espirais, páginas de metal se espalhando pelo chão. *Foi por isso que não pude ver o perigo*, pensou Shrike, lembrando-se dos dedos da Dra. Zero trabalhando em seu cérebro durante aquelas noites nas Oficinas dos Caçadores. Por que nunca adivinhou o que ela estava fazendo com ele? Havia procurado a arma assassina em todos os lugares, mas nunca havia suspeitado de si mesmo. E durante todo aquele tempo, o desejo de matar sua nova chefe estivera plantado em sua mente, esperando a Dra. Zero dizer as palavras que o despertariam...

Ele podia ouvi-la atrás dele, andando pelos destroços no salão, gritando para encorajá-lo, “*O momento da rosa e o momento do teixo são de igual duração...*”

Libertando-se, ele enfiou as lâminas de sua mão direita através do peitoral de Fang soltando faíscas e lubrificantes. As novas garras eram boas; mais duras que a pele de um Caçador. Fang sibilou novamente, seu manto cinza rasgado, sua armadura aberta, escorrendo fios grossos da coisa que lhe servia como sangue.

Oenone Zero estava atrás dela, gritando. — Você não pode feri-lo! Eu o construí para matá-la e lhe dei as armas para fazer isso! Armadura reforçada! Garras de liga de tungstênio! Força que você sequer pode imaginar!

Irritada, a Caçadora Fang se lançou para trás e golpeou a Dra. Zero com tanto força que a lançou através da pista de dança. Shrike se lançou numa corrida e bateu com força na Caçadora, o impacto jogando-a para longe da mulher, fazendo com que caísse no convés iluminado pelo luar. Mais Caçadores-guerreiros o agarraram, mas ele chutou suas pernas e enfiou suas garras através do acoplamento em seus pescoços. Os pescoços pareciam ser o ponto fraco dos Caçadores de Popjoy; suas cabeças decapitadas bateram no chão como frigideiras caídas, olhos verdes se apagando. Shrike jogou os corpos para longe de seu caminho. Um deles se enroscou nos farrapos de uma cortina pendurada do lado de dentro de uma janela quebrada, e as faíscas que saltavam de seu pescoço incendiaram o tecido. As chamas correram pela cortina e rapidamente se espalharam pelo teto do salão, sua luz iluminando a armadura de Fang conforme ela cambaleava pelo convés, arrastando uma perna, um braço pendurado pelo emaranhado de fios, amassada e vazando como um inseto esmagado.

Shrike queria desistir da luta. Ele queria voltar para o salão em chamas e ajudar a Dra. Zero. Mas seu corpo rebelde tinha outras ideias. Andou na direção da Caçadora Fang e quando ela se lançou sobre ele, estava pronto. Pegou-a pela cabeça e enfiou as lâminas de seus dedões nos olhos da Caçadora, fazendo com que a luz verde se apagasse, sentindo as lâminas rasparem a máquina dentro de seu crânio.

Ela sibilava e gritava e chutava, rasgando a armadura em seu torso: ela também tinha lâminas nos dedos dos pés; ele não tinha previsto isso. Shrike bateu a cabeça de Fang na balaustrada, na borda do convés. As pedras racharam, fragmentos do pilar e da

trave de apoio explodiram em pedras brancas ao luar, e Fang foi arremessada através da balaustrada. Shrike, os nervos zumbindo cheios da alegria feroz de um Caçador-guerreiro, pulou atrás dela.

◊ ◊ ◊

E Wren? E Theo? Abandonados por seus captores, ficaram parados olhando boquiabertos num terraço em forma de lua crescente, mal acreditando que foram esquecidos e alarmados demais pelos ruídos que vinham de cima para fugirem. Agora, fragmentos da balaustrada despencaram em volta deles, e a Caçadora Fang e seu oponente caíram como cometas do convés acima. Agarrada ao Theo, Wren assistia tudo com olhos arregalados. O embate de Caçador contra Caçador era algo que ninguém via há séculos; desde que os Impérios Nômades do norte enviaram seus exércitos de mortos vivos uns contra os outros, naqueles anos perdidos antes da aurora da Era Tracionada, quando homens eram homens e as cidades ficavam onde você as colocava.

— Mas eu achava que ele estava do lado *dela* — comentou Wren.

— Shhhhhiiiiiiiiiii! — sibilou Theo com urgência, com medo que suas palavras revelassem sua presença aos Caçadores.

Mas os Caçadores tinham outras coisas em mente. Fang mandou Shrike cambaleando para trás com um chute, mas lhe faltava força para continuar o ataque. Olhou em volta procurando uma rota de fuga, pedindo ajuda com sua voz sussurrante. Ela agarrou o corrimão na borda do terraço e, enquanto Shrike se recuperava e corria rapidamente atrás dela, jogou-se por cima do corrimão, caindo nos jardins abaixo.

Shrike pulou atrás dela. Podia ouvir os gritos dos nascidos uma única vez amedrontados atrás dele e, olhando para trás, viu Naga e seus homens correndo até a varanda quebrada, olhando para baixo. Ele continuou correndo, seguindo a trilha de óleo e icor que a

Caçadora ferida tinha deixado. A princípio, ela parecia estar seguindo para o *Furacão Fúnebre*, mas estava cega agora, e talvez seus outros sentidos estivessem danificados também. Shrike seguiu o cheiro enjoativo de máquina, através dos arbustos, através dos corredores verdes de um labirinto ornamental, descendo a encosta íngreme do parque. Contra o corrimão da borda do parque, Fang se virou para se defender. O braço pendurado era inútil, e ela mal tinha forças para levantar o outro. Suas garras rangiam e falhavam como tesouras quebradas.

Cheio de pena, Shrike gritou:

— SINTO MUITO.

— A mulher Zero! — sibilou a Caçadora Fang. — Ela é uma traidora e você é a criatura dela. Eu deveria ter sido mais sábia e não ter acreditado numa nascida uma única vez...

Com um golpe feroz, Shrike arrancou a máscara de bronze de seu rosto. Sua cabeça oscilou para trás no pescoço danificado, e o luar caiu sobre o rosto da aviadora falecida; um rosto descarnado e acinzentado, lábios enegrecidos crispados sobre dentes esverdeados, lâmpadas verdes estilhaçadas onde seus olhos deveriam estar. Ela levantou a mão de aço danificada para esconder seu rosto, e o gesto familiar surpreendeu Shrike. Onde ele o tinha visto antes?

Ela se virou subitamente, envergonhada e quebrada, seus olhos cegos olhando as estrelas. — Você a vê? — ela perguntou. — Aquela mais brilhante ao leste? Aquela é *Odin*; a última das grandes armas orbitais que os Antigos colocaram no céu. Esteve esperando ali em cima, adormecida, desde a Guerra dos Sessenta Minutos. Ela é poderosa. Poderosa o bastante para destruir inúmeras cidades. E o *Livro de Lata* de Anchorage contém o código que a despertará. Ajude-me, Sr. Shrike. Ajude-me a despertar *Odin* e a deixar o mundo verde novamente.

Shrike cortou seu pescoço com três golpes ferozes, seu longo grito se desvanecendo quando a cabeça se soltou.

Ele jogou seu corpo por cima do corrimão. Depois, pegou a cabeça e a máscara, e também as jogou. A máscara cintilou ao luar enquanto caía e a raiva de Shrike e sua nova força foram drenadas de dentro dele. Interferência crepitava pela sua mente conforme os instintos secretos que Oenone Zero havia instalado paravam de funcionar. Lembranças voavam dentro dele como morcegos. Ele levantou suas mãos para afastá-las, mas ainda assim elas vieram. Não eram as lembranças humanas, tristes e calmas que enchiam sua mente enquanto estivera na Ilha Negra, eram apenas as lembranças de todas as coisas terríveis que fizera desde que se tornara um Caçador; as batalhas e assassinatos, o foragido nascido uma única vez assassinado por uma recompensa, o garoto sem-teto que ele massacrara em Airhaven apenas pelo prazer de matar. Como ele fizera tais coisas? Como não se sentira culpado e envergonhado naquela época como se sentia agora?

E então um rosto com uma cicatriz apareceu em sua memória como alguma coisa emergindo de águas profundas, tão clara que ele quase conseguia dar-lhe um nome; *H... HES...*

— Ali está ele! — vozes gritaram atrás dele; soldados nascidos uma única vez passando pelos arbustos. — Pare! Pare, _ Caçador, em nome do Tempestade Verde! — Liderados por Naga em sua armadura de guerra, os nascidos uma única vez se aproximaram cautelosamente, apontando enormes revólveres e metralhadoras a vapor.

— Onde ela está? — Naga perguntou. — O que você fez com a Caçadora Fang?

— ELA ESTÁ MORTA — disse Shrike. Mal podia ver os soldados; o rosto com a cicatriz enchia sua mente. — A CAÇADORA FANG ESTÁ MORTA. ELA FOI MORTA PELA SEGUNDA VEZ. EU A DESTRUÍ.

Naga disse mais alguma coisa, mas Shrike não ouviu. Ele sentia que estava voando para longe, dissolvendo-se em ferrugem, e tudo o que o segurava inteiro era aquela lembrança, aquele rosto. Ela era uma criança que ele havia salvado, a única coisa boa que fizera. — HES... HEST...

Esquecendo os soldados, ele começou a correr. Caçadores correram atrás dele e ele os destruiu. Balas dançavam em sua armadura, mas ele sequer as notava. Avisos de danos piscavam dentro de seus olhos, mas ele não os via. — HESTER! — ele gritou e os jardins o engoliram.

O Voo do *Roda do Ártico*



Na Ocean Boulevard, sob uma nuvem de fumaça, bandeirolas e chapéus de papel estavam à deriva no chão inclinado: o lixo das festas de rua que acabaram de repente quando o ataque aéreo começou.

Tom, Hester e Fishcake se esgueiravam pelas sombras, tentando evitar as gangues de saqueadores e escravos rebeldes que circulavam pelas arcadas destruídas. As chamas dançavam num palco de teatro ao ar livre e, de minuto em minuto, as placas do convés estremeciam quando um dos tanques de gás no porto aéreo explodia, causando uma chuva de destroços que caíam sobre os telhados e espalhava a água da Piscina do Mar. As fantasias elaboradas e esfarrapadas dos foliões mortos esvoaçavam delicadamente no ar noturno, como a plumagem de pássaros abatidos.

— Eles ainda estão tumultuando o convés inferior — disse Tom, prestando atenção aos ruídos que ecoavam escada acima. — Como vamos voltar para o *Verme Parafuso*?

Hester riu. Ela ainda se sentia feliz e orgulhosa da maneira que tinha libertado Tom das prisões de Shkin, e nem mesmo a insistência de Tom em trazer Fishcake junto conseguiu estragar seu bom humor. — Esqueci! — ela disse. — Dá pra acreditar? Com toda a animação simplesmente tive um branco. Tom, não precisamos mais do *Verme Parafuso*. Afinal, não podemos voar até o Nas Nuvens num caramujo, não é?

— Você está falando de um dirigível? — perguntou Tom em dúvida. — Onde arranharemos um dirigível? Eles se derramaram para fora do porto desde que a batalha começou, e aparentemente todos estavam lotados.

Hester parou de andar e sorriu para Tom, enquanto Fishcake se escondia atrás dele. — O *Jenny Haniver* está aqui — ela disse —, naquele museu ridículo de Pennyroyal. Ele esteve esperando por nós, Tom. Iremos roubá-lo. Costumávamos ser bons nisso.

Ela explicou tudo rapidamente, e então eles correram na direção de Old Steine. Gritos e ruídos de vidro se quebrando podiam ser ouvidos através da fumaça, e às vezes disparos também. Os corpos de oficiais do conselho e de artistas promissores balançavam pendurados em postes de luz. Hester caminhava com sua arma apontada e Fishcake a observava, lembrando-se da promessa que tinha feito. Ele gostaria de ter a coragem para matá-la, mas ela o assustava tanto... Além disso, havia algo na maneira como ela olhava para Tom, uma ternura, que o perturbava e o fazia pensar se ela era realmente má, e que seria adorável morar com os Natsworthy. Timidamente, ele segurou a mão de Tom.

— Você estava falando sério? — ele perguntou. — Quando disse que eu poderia ir com vocês? Vocês vão me levar para Vineland?

Tom assentiu e tentou encorajá-lo com um sorriso. — Só temos que dar uma paradinha no Nas Nuvens...

Quando chegaram ao Old Steine, ele viu que os cabos estavam espalhados pela estação do bondinho. O Nas Nuvens tinha sumido.

— Oh, Quirke! — ele gritou. — Onde ele está?

Nunca lhe ocorrera que ele pudesse não estar mais lá; danificado como o resto de Brighton, sim, mas ali, e com Wren em algum lugar a bordo esperando para ser salva. Agora ele percebia como havia sido tolo. Aquele palácio voador com suas nuvens de bolas de gás deve ter sido um alvo fácil para os *destroyers* aéreos do Tempestade.

— Wren... — ele sussurrou. Ele não conseguia acreditar que os deuses a haviam levado para tão perto dele, para simplesmente tirá-la novamente.

Hester pegou sua mão e a apertou. — Vamos, Tom — ela disse —, se conseguirmos sair dessa porcaria de lugar, ainda poderemos encontrar aquele lugar ridículo, jogado no mar ou à deriva no céu. É Pennyroyal quem o governa, lembre-se: ele não dará muito trabalho.

Ela apontou para a fachada manchada do *Experiência Nimrod Pennyroyal*. A parede da frente tinha algumas rachaduras e estava um pouco vergada. As portas tinham sido arrancadas das dobradiças e, conforme levava Fishcake e Tom para dentro, Hester começou a temer terrivelmente que fosse tarde demais, que algum outro fugitivo desesperado tivesse ido até ali e roubado o *Jenny* antes dela. Mas quando ela subiu as escadas correndo, encontrou o velho dirigível onde ela o havia deixado. O telhado de vidro tinha sido destruído, espalhando cacos pelo chão e sobre o envelope do *Jenny*, mas ele não parecia ter sido danificado. Na verdade, ele fora limpo desde que Hester o vira pela última vez e um grande número 1 tinha sido colocado em seu flanco, pronto para a regata. Até mesmo os lança-foguetes haviam sido carregados.

Atrás dela, Tom chegou ao topo da escada e parou. — Het — ele disse —, oh, Het... Lágrimas corriam pelo seu rosto e ele riu consigo mesmo enquanto as enxugava. — É nosso dirigível!

— Que monte de sucata! — exclamou Fishcake, cobrindo-se com um casaco que tinha pegado de uma estátua de cera no andar de baixo.

— Fishcake, veja se consegue acender as luzes — Tom disse e subiu na gôndola. O velho dirigível tinha cheiro de museu. Ele se abaixou para se desviar dos cabos pendurados e passou as mãos sobre os painéis de controle, reconhecendo a disposição familiar dos instrumentos. As luzes foram acesas no salão, brilhando através das janelas recém lavadas do *Jenny*.

— Você se lembra de como ele funciona? — perguntou Hester atrás dele. Ela falou num sussurro, como se estivesse num templo.

— Ah, sim... — Tom sussurrou em resposta. — A gente nunca se esquece... — Estendeu a mão com muito respeito e puxou uma alavanca. Um bote inflável caiu de um compartimento no teto e o derrubou. Tom o enfiou embaixo da mesa dos mapas e tentou outra alavanca. Dessa vez, o *Jenny* estremeceu e se mexeu, e o museu se encheu com o trovão de seus motores Jeunet-Carot.

Do lado de fora, com as mãos tampando os ouvidos, Fishcake tossia por causa da fumaça do escapamento, e gritava:

— Como vai tirá-lo daqui?

— O teto abre — Hester gritou, apontando para o teto.

Fishcake balançou a cabeça. — Acho que não...

Tom desligou os motores. Inclinando-se pela escotilha do *Jenny*, olhou para o teto. Com as luzes acesas era mais fácil ver por que ninguém tinha se dado ao trabalho de roubar o *Jenny*. Um cabo enorme, um dos cabos que prendiam o Nas Nuvens à Brighton, havia caído sobre o *Experiência Nimrod Pennyroyal*, estilhaçando o vidro acima do *Jenny Haniver* e entortando as delicadas escoras e vigas do teto.

— Pelo amor de Quirke! — gritou Tom. Ele começava a sentir que seu deus estava brincando com ele. Se sobrevivesse, ele iria pensar seriamente em encontrar uma outra divindade.

Ele correu de volta para o convés de voo, onde estava Hester. — O telhado foi estilhaçado. Nunca vamos sair daqui!

— Alguém está vindo! — gritou Fishcake, espiando por uma das janelas do museu. — Um grande grupo deles. Garotos Perdidos, aposto, vieram ver o que causou todo o barulho!

Hester olhou para o teto através das janelas da frente. — Você acha que podemos desviar daqueles destroços?

Tom balançou a cabeça. — Aquele cabo é mais gordo do que nós dois juntos. Estamos presos aqui!

— Não se preocupe — Hester disse —, vamos pensar em alguma coisa. Ela fechou os olhos, se concentrando, enquanto Fishcake corria de uma janela a outra, gritando alguma outra coisa sobre os Garotos Perdidos. Depois ela olhou para Tom e sorriu.

— Pensei numa coisa — ela disse.

Ela começou a ligar alguns interruptores na mesa de controle empoeirada. O *Jenny Haniver* se lançou para frente, derrubando Tom de costas. Entre os ruídos dos motores e dos engates sendo soltos ele, a princípio, não percebeu o que Hester tinha feito. Então, quando a onda de choque da dupla explosão dos motores passou, ele viu que ela tinha esvaziado os lança-foguetes na parede da frente, lançando destroços na rua e deixando um buraco grande o bastante para que o pequeno dirigível pudesse passar.

— Você esqueceu o Fishcake! — ele gritou acima do grito dos motores que raspavam a parede do museu.

— Ah, pelo amor dos deuses! — Hester gritou em resposta.

— Volte!

— Não precisamos dele, Tom. Ele não é bem-vindo nesta Viagem.

Tom cambaleou até a escotilha aberta, esticando a mão para fora e gritando o nome de Fishcake. O garoto corria na direção da gôndola, as mãos estendidas, o rosto pálido e horrorizado sob uma máscara de palhaço de gesso das paredes do museu. Com o rugido dos motores e o sibilar débil da explosão ainda ecoando em seus ouvidos, Tom não conseguia ouvir suas palavras, mas não precisava. — Volte! — Fishcake gritava, conforme o *Jenny Haniver* subia através da fumaça e da poeira e sobrevoava o Old Steine cheio dos rostos surpresos dos Garotos Perdidos e dos saqueadores, subindo para o céu, que era o seu lugar. — Não me deixem! Sr. Natsworthy! Por favor! Volte! Volte! *Volte!*

O *Jenny Haniver* seguiu voando, oscilando de um lado para o outro porque Tom e Hester estavam brigando pelos controles.

— Pelo amor de Quirke! — Tom gritou —, temos que voltar! Não podemos simplesmente deixá-lo para trás!

Hester tirou as mãos dele das alavancas e o jogou para o lado. Ele bateu na mesa dos mapas e caiu pesadamente, gritando de dor. — Esqueça-o Tom! — ela gritou. — Não podemos confiar nele. E ele disse que o *Jenny* é um monte de sucata! Teve sorte de eu não enfiar uma faca nele!

— Mas ele é uma criança! Você não pode simplesmente abandoná-lo! O que acontecerá com ele?

— Quem se importa? Ele é um Garoto Perdido! Você se esqueceu do que ele fez com Wren?

O *Jenny* subitamente saiu para o ar livre e para o luar. A fumaça parecia um campo de neve a quinze metros abaixo da gôndola, com os níveis superiores de Kom Ombo e Benghazi salpicados de chamas alguns quilômetros à bombordo. Alguns dirigíveis pairavam sobre as cidades, mas nenhum deles mostrava interesse no *Jenny Haniver*. Hester estudou o céu à frente, e ao sul viu os envelopes esfarrapados do Nas Nuens. Apontou o nariz do *Jenny* naquela direção e ajoelhou-se ao lado de Tom. Ele a olhou com uma expressão estranha Hester e ela de repente percebeu que ele estava com medo dela. Isso a fez dar uma risada. Ela segurou seu rosto com suas mãos e o beijou, lambendo as lágrimas salgadas que se acumularam nos cantos de sua boca, mas ele afastou o rosto. Ela também começou a sentir medo. Será que tinha ido longe demais dessa vez?

— Sinto muito — ela lhe disse, apesar de não sentir. — Olhe, Tom, sinto muito, eu cometi um erro. Eu entrei em pânico. Vamos voltar se você quiser.

Tom se afastou dela e se levantou. Ele se lembrava daquele sorriso estranho que chamejou em seu rosto enquanto ela o guiava

para fora do Pote de Pimenta. — Você gosta disso — ele disse. — Gosta, não gosta? Quando você matou todas aquelas pessoas na Corporação Shkin, você estava *gostando* daquilo...

Hester disse:

— Eles eram escravos, Tom. Eles eram os vilões. Foram eles que venderam Wren. Eles *venderam* nossa garotinha. O mundo será melhor sem aquelas pessoas.

— Mas...

Ela balançou a cabeça e soltou um grito de frustração. Por que ele não conseguia entender? — Olhe — ela disse —, somos pessoas pequenas, não somos? Sempre fomos. Pessoas pequeninas, tentando viver nossas vidas, mas sempre à mercê de homens como o Tio e Shkin, Masgard e Pennyroyal e... e Valentine. Então, sim. É bom me sentir tão forte quanto eles; é bom lutar e equilibrar a balança um pouco.

Tom não disse nada. Na luz do painel de instrumentos ela podia ver um novo hematoma se formando em sua cabeça, onde ele bateu na mesa dos mapas. — Pobre Tom — ela disse, inclinando-se para beijá-lo, mas ele se afastou novamente, olhando para os medidores de combustível.

— Os tanques só estão cheios até a metade — ele disse —, você sabia disso quando decolamos. Se voltarmos, podemos nunca alcançar Wren. De qualquer maneira, aqueles escravos já devem ter capturado o pobre Fishcake.

Hester deu de ombros um pouco sem jeito e gostaria que ele a deixasse abraçá-lo. Sua obsessão com os Garotos Perdidos a deixava nervosa. Por que Tom tinha que se preocupar com outras pessoas o tempo todo? Ela se controlou. — Fishcake vai conseguir se cuidar — prometeu.

Tom olhou para ela cheio de esperança, querendo acreditar. — Você acha que sim? Ele é tão jovem...

— Ele deve ter 12 anos. Eu vivi sozinha no Out-Country quando não era muito mais velha que ele, e me dei bem. E não tive nenhum treinamento no Burglarium — ela afagou o rosto de Tom. — Iremos encontrar Wren — ela prometeu —, depois encontraremos mais combustível e voltaremos para Brighton para pegar Fishcake, quando as coisas se acalmarem um pouco.

Ela o abraçou e dessa vez ele não se afastou, apensar de não estar realmente a abraçando. Ela o beijou e passou os dedos pelos seus cabelos finos. Odiava brigar com ele. E odiava Fishcake, por fazer que discutissem daquele jeito. Ela esperava que os outros Garotos Perdidos já estivessem usando sua cabecinha como bola de futebol.

33

Partidas



Theo e Wren não esperaram até que o Tempestade os prendesse novamente. Eles correram pelos jardins, quando ouviram o grito de morte da Caçadora Fang ecoando por entre as árvores.

— O que foi aquilo? — Wren se perguntou, parando, chocada pelo som terrível e solitário.

— Não sei — disse Theo —, alguma coisa ruim, eu acho.

Eles se esconderam num arbusto quando outro esquadrão do Tempestade Verde passou correndo. Os capacetes dos soldados brilhavam na luz alaranjada. Olhando para trás, Wren viu que o Pavilhão começava a queimar.

— Theo! Ele está em chamas!

— Eu sei. — Ele estava parado ao lado dela; perto o bastante para que, na luz do fogo, ela pudesse ver que seu peito nu estava arrepiado e que ele estava tremendo um pouco no ar frio. De repente, ele a abraçou. — Você deve deixar que o Tempestade a prenda, Wren. O Nas Nuvens está caindo. Você poderá estar mais segura como uma prisioneira. Não posso deixar que me peguem, mas você pode. Eles parecem ser boas pessoas, Naga e aquela tal de Zero. Você deve voltar.

— E você? — ela perguntou. — Não posso deixá-lo aqui.

— Eu ficarei bem — ele disse, e tentando soar mais certo disso —, eu ficarei bem. Este lugar está afundando lentamente. Ele caíra no deserto e tentarei seguir para o sul; há um povoado estático nas

montanhas Tibesti, ao sul do mar de areia. Talvez eu consiga chegar lá a pé.

— Não — disse Wren. Ela se afastou dele, porque quando ele a abraçava seu cérebro parava de funcionar e logo se viu querendo concordar com tudo o que ele dizia. Mas ela sabia, bem no fundo, que ele estava falando besteira. Mesmo se sobrevivesse à queda do Nas Nuvens, seguir a pé pelo deserto seria suicídio. — Vou ficar com você — ela disse —, vamos descobrir um jeito de fugir e ponto final. Vamos. Vamos voltar para o aeródromo. Talvez ainda possamos encontrar um dirigível...

Wren andou através dos jardins esfumaçados, sentindo-se muito esperançosa e satisfeita consigo mesma. Quando chegaram ao aeródromo, porém, ela viu que este havia sido danificado mais do que havia imaginado. Os hangares e barracões pré-fabricados dos Furões haviam sido desmontados e suas partes, espalhadas. As máquinas que foram pegas ainda no chão agora eram apenas entulhos chamuscados. Mas entre as ruínas da casa de veraneio na qual conversara com Orla Twombley na noite anterior, Wren encontrou duas jaquetas de couro forradas de lã penduradas num cabideiro. Jogou uma para Theo, que a vestiu com gratidão, como um anjo banido do paraíso erguendo suas asas de prata.

Aconchegando-se na outra jaqueta, Wren tentou pensar num plano. — Tudo bem — ela disse —, talvez *realmente* acabemos no deserto. Vamos precisar de água e comida. E uma bússola seria útil...

Theo não estava prestando atenção. Um ruído na folhagem além das ruínas chamou sua atenção. Ele gesticulou para que Wren ficasse quieta.

— Ah, deuses! — ela sussurrou. — O Tempestade de novo?

Mas era só Nimrod Pennyroyal. O primeiro tiro de Shkin tinham acertado o *Livro de Lata* que estava no bolso em seu manto, quebrando várias costelas, e o segundo tiro raspou sua têmpora,

derrubando-o e cobrindo seu rosto com sangue. Mas ele tinha recobrado os sentidos e se arrastara até o aeródromo com as mesmas ideias de Wren e Theo, pensando em encontrar uma maneira de fugir do Nas Nuvens. Olhando para eles melancolicamente de dentro dos arbustos, ele sussurrou:

— Socorro!

— Deixe-o — disse Theo, quando Wren foi até ele.

— Não posso — disse Wren, ela gostaria de poder. Depois de todas as coisas que fez, Pennyroyal não merecia ajuda; mas se não o ajudasse, ela se tornaria tão má quanto ele. Ajoelhou-se ao seu lado e rasgou um pedaço de sua túnica para estancar o sangue em sua cabeça.

— Boa garota — Pennyroyal disse numa voz chorosa, enquanto ela trabalhava. — Acho que minha perna está quebrada também, de quando eu caí... Aquele maldito Shkin! Aquele monstro! Ele atirou em mim! Atirou em mim e levantou voo!

— Bem, agora você sabe como o pobre Tom Natsworthy se sentiu — disse Wren. O sangue ensopou a atadura improvisada assim que foi colocada. Ela gostaria de ter prestado mais atenção nas aulas de primeiros-socorros da Senhora Scabious lá em Vineland.

— Aquilo foi totalmente diferente — Pennyroyal disse —, aquilo foi... Pelo amor de Poskitt! Como você sabe o que aconteceu com Tom Natsworthy?

— Eu sou a filha dele — disse Wren —, o que Shkin lhe disse era verdade. Tom é meu pai. Hester é minha mãe.

Pennyroyal engasgou, seus olhos se esbugalhando cheios de terror e dor. Ele observou Wren rasgar outra tira de tecido de suas roupas, e olhava para ela como se esperasse ser estrangulado. — Não há ninguém neste convés incendiado que é realmente quem diz ser? — ele perguntou sem forças, e caiu pesadamente nos braços de Wren.

— Ele está morto? — perguntou Theo atrás dela.

Wren balançou a cabeça. — É só um ferimento superficial, eu acho. Ele desmaiou. Temos que ajudá-lo, Theo. Ele nos salvou de Cynthia.

— Sim, mas foi só para que pudesse recuperar o *Livro de Lata* — disse Theo —, deixe-o. Talvez o Tempestade o encontre e o leve com eles...

Atrás dele, com o rugido de motores aéreos, Hawkmoths e Fox Spirits levantavam voo de trás das árvores, lançando longas sombras na fumaça enquanto se afastavam do Nas Nuvens. O Tempestade já estava partindo.

◊ ◊ ◊

Oenone Zero foi arrancada de seus sonhos pelo cheiro de cortinas queimadas. Ela sentia dor em sua cabeça e, quando tentou respirar, a fumaça ficou presa em sua garganta, fazendo que engasgasse e arquejasse, e então rolasse de costas.

Acima dela, as chamas cobriam o teto ornamentado do salão de festas em ondas, como algum tipo de líquido brilhante. Ela se levantou, procurando pelos óculos, mas eles estavam quebrados e as chamas subiam em volta dela. Entre as chamas, ela viu as páginas espalhadas do *Livro de Lata* começarem a ficar enegrecidas.

Ela se jogou através uma cortina de fogo e saiu para o terraço, que estava coberto de fumaça, chamas e corpos pisoteado. Enquanto andava, procurando as escadas, o General Naga barrou seu caminho. Ela se afastou dele, tropeçou num Caçador e caiu sentada, desamparada, no caminho do homem blindado.

— Dra. Zero? — ele disse. — Esse... Esse ataque... Foi obra sua?

Oenone sabia que ele iria matá-la. Estava tão amedrontada que tudo o que conseguiu dizer foram alguns ruídos agudos. Fechou os

olhos e sussurrou uma oração para o deus da capela em ruínas em Tienjing, porque, apesar de nunca ter tido muito tempo para os deuses, achava que aquele saberia como era estar assustado, e sofrer, e morrer. E o medo a deixou, ela abriu os olhos e viu, além da fumaça, a lua voando, cheia e branca, e achou que aquilo era a coisa mais linda que jamais vira em sua vida.

Ela sorriu para o General Naga e disse:

— Sim. Fui eu. Eu instalei instruções secretas no cérebro do Caçador Shrike. Fiz com que ele a destruísse. Isso tinha que ser feito.

Naga se ajoelhou e suas grandes mãos de metal seguraram sua cabeça. Ele se inclinou para frente e deu um beijo desajeitado em sua testa. — Magnífico! — ele disse, enquanto a ajudava a se levantar. — Magnífico! Programou um Caçador para matar um Caçador, hein?

Ele a levou para longe do fogo, através de grupos de tropas de choque e aviadores iluminados pelas chamas, seguindo pelos jardins na direção do *Furacão Fúnebre*. Pegou um manto de alguém e o colocou sobre seus ombros. — Você não imagina quanto tempo eu esperei por esse dia! — ele disse. — Oh, Fang foi uma boa líder nos primeiros anos, mas a guerra se estendeu, e ela continuou a desperdiçar homens e dirigíveis como se fossem peões num tabuleiro. Por quanto tempo eu tentei pensar num jeito... E você conseguiu! Você nos livrou dela! A propósito, seu amigo, o Sr. Shrike, fugiu para algum lugar. Ele é perigoso?

Oenone balançou a cabeça, imaginando pelo o que Shrike deveria estar passando. — É difícil saber. Eu suprimi algumas de suas lembranças para ter espaço para meus programas secretos. Agora que ele cumpriu seus deveres, aquelas lembranças irão ressurgir. Ele ficará confuso... Talvez louco... Pobre Sr. Shrike.

— Ele é apenas uma máquina, Doutora.

— Não, ele é mais que isso. Você deve ordenar que seus homens o procurem.

Naga gesticulou para que duas sentinelas se afastassem, e subiu a prancha de embarque do *Furacão Fúnebre*. Dentro da gôndola ele levou Oenone para uma cadeira. Ela se sentia terrivelmente cansada. Seu próprio rosto a encarava, manchado de sangue e cinzas, parecendo despido sem seus óculos, refletido no peitoral polido do General Naga. Naga deu tampinhas em seu ombro e murmurou sem jeito:

— Tudo bem, garota, está tudo bem — como se estivesse acalmando um animal assustado. Ele tinha o toque de um soldado, desajeitado e sem o costume de ser gentil. — Você é uma jovem muito corajosa.

— Não sou. Eu estava com medo. Com tanto medo...

— Mas isso é coragem, minha querida. A superação do medo. Se você não tem medo, não tem coragem — ele pegou um frasco em uma abertura em sua armadura. — Tome, experimente um pouco de conhaque; vai te ajudar a se acalmar. É claro que não vamos dizer a ninguém que você foi a responsável. Oficialmente pelo menos, devemos ficar de luto pela morte da Caçadora Fang. Iremos culpar os cidadãos daquela cidade. Isso irá incendiar os guerreiros mais do que qualquer outra coisa desde que essa guerra começou! Lançaremos ataques em todas as frentes; vingaremos a queda de nossa líder...

Oenone cuspiu por causa do gosto amargo do conhaque e afastou o frasco. Ela disse:

— Não! A guerra deve parar...

Naga riu, sem entender. — O Tempestade ainda pode vencer batalhas sem aquela bruxa de ferro nos dizendo o que fazer! Não se preocupe, Dra. Zero. Ficaremos bem sem ela. Iremos explodir todas aquelas cidades bárbaras! E quando eu me tornar líder, você será

recompensada... Palácios, dinheiro, qualquer emprego que desejar...

Confusa, Oenone balançou a cabeça. Observando aquele homem blindado andar naquela gôndola apertada e danificada pela batalha, viu que havia subestimado o Tempestade Verde. A guerra o transformara no que era e eles se certificariam de que a guerra seguisse em frente.

— Não — ela disse —, não foi por isso que eu...

Mas o General Naga tinha se esquecido dela por alguns instantes e estava dando ordens para seus oficiais subalternos. — Envie uma mensagem em todas as frequências do rádio: a Caçadora Fang caiu em batalha. Precisamos de calma e estabilidade neste momento trágico, etc., etc. Para que possamos continuar nossa gloriosa luta contra o barbarismo Tracionista, eu estou assumindo o comando supremo. E preparem o *Furacão Fúnebre* para partirmos; quero voltar para Tienjing antes que um de nossos camaradas tente tomar o poder para si mesmo.

— E os prisioneiros, General?

Naga hesitou, lançou um olhar para a Dra. Zero:

— Não vou começar meu reinado com um massacre. Traga todos a bordo. Mas por favor, diga para aquela tal de Pennyroyal parar de cantar.

✧ ✧ ✧

O Caçador Shrike observava de seu esconderijo nos arbustos enquanto as equipes de abordagem do Tempestade voltavam para o *Furacão Fúnebre*. Alguém com um megafone gritava, “Sr. Shrike! Sr. Shrike! Suba a bordo! Estamos partindo!”

Shrike sabia que a Dra. Zero devia ter ordenado que o encontrassem e se sentiu grato para com a cirurgiã-mecânica, mas ele não se mostrou a eles. Ele tinha que ficar no Nas Nuvens. A garota que tinha visto do lado de fora do salão não estava entre os

prisioneiros que eram levados para o *destroyer* aéreo. Se ela ficasse, Shrike também ficaria. De alguma maneira, não entendia como aquela garota estava ligada a Hester. Talvez ficando perto dela ele encontrasse Hester novamente.

Achado não é Roubado



Fishcake estava deitado nas dunas na praia. Entorpecido pelo frio e pela traição, ele observava enquanto Brighton ligava seus motores e se afastava um pouco tombada, as vozes dos Garotos Perdidos vitoriosos chegando a ele através da água.

Ele tinha escapado por pouco. Quando os Garotos Perdidos invadiram o museu, ele correria como uma lebre sendo caçada, saindo pela porta dos fundos e correndo pelas ruas incendiadas, chorando desamparado. — Sr. Natsworthy, volte, volte... — até que finalmente ele atingiu a popa da cidade e se jogou cegamente de uma plataforma de observação, procurando segurança no mar.

Nadar até a praia o deixara exausto, e ele quase se afogou na rebentação. Agora, cansado e enregelado, era hora de partir. Cidades do deserto famintas passavam por ele nas dunas, e ferozes subúrbios anfíbios rodavam em sua direção, atraídos pelos destroços dos dirigíveis e das máquinas voadoras que cobriam a areia e eram levadas pela rebentação. Fishcake, que nunca estivera perto de uma cidade tracionada, mal conseguia acreditar como eram altas suas rodas no ar esfumaçado, ou como o chão tremia quando passavam perto dele. Engasgando com a fumaça dos escapamentos e com a areia jogada no ar, ele cambaleou para longe delas, correndo para o deserto.

Ele era realmente um Garoto Perdido agora. Não fazia ideia da onde estava, nem para onde estava indo. Seguiu correndo, hora após hora, arrastando-se sobre as dunas, tropeçando em grandes

extensões de cascalho e ilhas de rochas. Ele tinha medo das sombras escuras e profundas, que ficavam ainda mais profundas conforme a lua afundava no oeste. Enfim, nas margens de um regato seco, ele caiu, agarrando seus joelhos contra o peito para se esquentar, chorando. — O que vai acontecer com o pobre e pequeno Fishcake?

Ninguém respondeu, e aquilo foi o que mais o assustou. Gargle, Remora e Wren o haviam desapontado, as falsas mães e papais o haviam enganado; o Sr. Shkin falhara com ele e Tom Natsworthy o tinha abandonado, mas ele preferia estar com qualquer um deles a ficar ali sozinho.

A lua cintilou em algo ali perto. Fishcake, que tinha sido treinado para caçar coisas brilhantes, arrastou-se para mais perto sem pensar duas vezes.

Um rosto olhava para ele. Ele o pegou. Era feito de bronze e tinha sido muito amassado. Havia buracos para os olhos. Os lábios eram parcialmente separados num sorriso que Fishcake achou ser tranquilizador. Ele era bonito. Fishcake o colocou no rosto e olhou a lua através dos buracos para os olhos. Depois, colocou a máscara dentro de seu casaco e seguiu em frente, sentindo-se mais corajoso, perguntando-se quais outros tesouros ele encontraria no deserto.

A alguns metros à frente, seus olhos atentos captaram movimentos no leito de um curso d'água seco. Nervoso como um animal, ele se aproximou. Uma mão decepada se arrastava pelo cascalho. Parecia ser feita de metal. Ela se movia como um caranguejo ferido, arrastando-se com a ajuda dos dedos. Cabos, mecanismos e algo que parecia ser um osso saíam do punho. Fishcake a observava e então, porque ela parecia ter um propósito, ele a seguiu.

Logo ele começou a passar por outras partes do corpo, com menos vida: uma perna de metal rasgada dobrada num ângulo

pouco natural, jogada sobre uma rocha, depois um torso rasgado e amassado. A mão andou por cima do torso por alguns instantes, depois seguiu seu caminho. Algumas centenas de metros à frente, encontrou outra mão, ainda presa ao braço, avançando na direção de um montículo de cascalho e pequenas rochas, onde cresciam algumas acácias.

E ali ele encontrou uma cabeça: um rosto cinza e esquelético aninhado num crânio de metal, rodeado por um emaranhado de cabos, fios e dutos. Parecia morto, mas, quando Fishcake se agachou sobre ele, percebeu que a coisa o havia sentido. As lentes dos olhos verdes estavam quebradas, mas a maquinaria no interior se mexeu e estalou, ainda lutando para ver. A boca morta se mexeu. A cabeça sussurrou para ele com uma voz tão fraca que Fishcake quase não ouviu.

— Estou danificada.

— Um pouquinho — Fishcake concordou. Ele sentia pena da coisa, pobre cabeça. — Qual é seu nome?

— *Eu sou Anna* — a cabeça sussurrou. — Não, não. Anna está morta. Eu sou a Caçadora Fang. — Ela parecia ter duas vozes; uma era áspera e exigente, a outra estava hesitante e surpresa. — *Fomos levados para Arkangel* — disse a segunda voz —, *eu tenho 17 anos. Sou uma escrava do tipo 4, nos pátios dos dirigíveis de Stilton Kael, mas estou construindo meu próprio dirigível e...* — Então a primeira voz sibilou. — Não! Isso foi há muito tempo, na época da Anna, e Anna está morta. *Sathya, minha querida? É você? Estou confusa...*

— Meu nome é Fishcake — disse Fishcake, um pouco confuso também.

— Acho que fui danificada — disse a cabeça. — *Valentine me enganou... A espada em meu coração... Estou com tanto frio... Com tanto frio...* Não. Sim. Eu me lembro agora. *Eu me lembro.* A

máquina daquela Zero... E o General Naga deixou que acontecesse... Eu fui traída.

— Eu também — disse Fishcake. Ele podia ver encaixes em volta das bordas do crânio da onde a máscara de bronze fora arrancada. Ele pegou a máscara em seu casaco e a colocou de volta do melhor jeito possível.

— *Por favor, me ajude* — a cabeça sussurrou, e então —, Você vai me consertar.

— Não sei como.

— *Ela...* eu lhe direi como.

Fishcake olhou em volta. Partes do corpo da Caçadora se aproximavam pela areia, indo na direção da cabeça. Os movimentos dos dedos o faziam lembrar-se das câmeras-caranguejo que ele tinha consertado para Gargle. — Talvez eu consiga — ele disse —, mas não aqui. Preciso de ferramentas, e tal. Se eu conseguir reunir todas suas partes e encontrar uma cidade ou algo assim...

— Faça isso — ordenou a cabeça —, depois eu viajarei para o leste. *Para Shan Guo. Para minha casa em Erdene Tezh.* Eu me vingarei dos nascidos uma única vez. *Sim, sim...*

— Eu vou com você — disse Fishcake, ansioso em não ser abandonado de novo. — Eu posso te ajudar. Você irá precisar de mim.

— Eu conheço os segredos do *Livro de Lata* — a cabeça disse, sussurrando para si mesma. — Os códigos estão a salvo em minha memória. Eu retornarei para Erdene Tezh e ressuscitarei *Odin*.

Fishcake não sabia o que aquilo significava, mas estava feliz em ter alguém para lhe dizer o que fazer, mesmo que fosse apenas uma cabeça. Ele se levantou. Um pouco mais à frente, um manto cinza rasgado esvoaçava nos galhos de um arbusto. Fishcake o pegou e fez um tipo de sacola com ele. Depois, enquanto a cabeça da Caçadora Fang sussurrava para si mesma sobre um mundo verde

novamente, ele começou a recolher as partes espalhadas de seu corpo.

35

À Deriva no Céu



Tudo estava muito quieto no Nas Nuvens desde que o Tempestade partiu. O vento ainda assobiava nos cordames, as bolsas de gás remanescentes batiam umas nas outras e o estrondo dos andares desabando chegava até eles vindo do interior do Pavilhão em chamas. Mas não havia nenhum som humano, então nenhum deles parecia muito importante.

Theo e Wren carregaram o inconsciente Pennyroyal para o abrigo dos bosques de ciprestes, entre sua casa de barcos e o labirinto ornamental. Havia uma fonte no meio do bosque, e eles deitaram Pennyroyal ali, fazendo o melhor para deixá-lo confortável. Depois, Theo se sentou, apoiou a cabeça nos braços e também adormeceu. Aquilo surpreendeu Wren. Mesmo estando cansada, ela sabia que estava assustada e ansiosa demais para dormir. Era diferente para Theo, ela supôs. Ele estivera em batalhas; provavelmente estava acostumado àquela incerteza desesperadora.

— Boo-Boo, doçura, eu posso explicar tudo! — murmurou Pennyroyal, mexendo-se e abrindo os olhos. Ele viu Wren sentada ao seu lado e resmungou. — Ah, é você.

— Volte a dormir — disse Wren.

— Você não gosta de mim — disse Pennyroyal, carrancudo. — Olhe, sinto muito por seu pai, sinto mesmo. Pobre jovem Tom. Eu nunca quis machucá-lo. Foi um acidente, eu juro.

Wren verificou suas ataduras. — Não é só isso — ela disse —, é aquele seu livro. É tão cheio de mentiras! Sobre a Senhorita Freya e

Anchorage, sobre minha mãe fazendo um acordo com os Perseguidores...

— Oh, mas essa parte é verdade — disse Pennyroyal —, eu admito ter aumentado alguns fatos aqui e ali, apenas pelo ritmo da narrativa, mas foi realmente Hester Shaw quem trouxe Arkangel até nós. Ela mesma me contou. “Fui eu quem trouxe os Perseguidores até aqui”, ela disse. “Eu queria Tom só para mim novamente. Ele é meu ouro do predador”. Alguns meses depois, entre um grupo de refugiados de Arkangel, eu encontrei uma jovem encantadora chamada Julianna. Ela era escrava na casa daquele imbecil do Piotr Masgard, e me disse que viu o negócio sendo fechado: uma aviadora foi ver seu mestre, indicando a posição de Anchorage. Uma jovem aviadora, praticamente uma garota, com o rosto dividido em dois por uma terrível cicatriz.

— Eu não acredito em você — disse Wren rispidamente, e o deixou ali, saindo para os jardins. Não *poderia* ser verdade. Pennyroyal estava tramando algo novamente, distorcendo a verdade. *Mas por que ele insiste nessa parte da história, quando admitiu que o resto é mentira?*, ela se perguntou. Bem, talvez ele acreditasse nisso. Talvez sua Mãe *tenha* dito aquilo, para assustá-lo. E quanto à escrava de Masgard, só porque ela tinha visto Masgard conversando com uma aviadora com uma cicatriz, não significava que fora sua Mãe. A vida de comerciante aéreo era perigosa; deve haver muitas aviadoras com rostos estragados...

Wren balançou a cabeça tentando afastar esses pensamentos perturbadores. Tinha coisas melhores com que se preocupar do que as historinhas do Pennyroyal. O Nas Nuvens oscilava sob seus pés, e o ar noturno estava cheio dos ruídos dos cordames esticados. A fumaça se espalhava pelos jardins inclinados, cobrindo os corpos espalhados e as mesas do bufê. Wren pegou alguns canapés e ficou comendo, observando o Pavilhão. Era difícil acreditar na mudança que acontecera naquele lindo prédio. Ele estava

manchado e entortado, e a única luz que saía pelas janelas quebradas era o brilho vermelho do fogo. O grande domo central estava aberto como um cogumelo rasgado. Acima dele, as bolsas de ar pareciam intactas, mas estavam enegrecidas por causa da fumaça. Algumas chamas mais altas pulavam para fora do teto da ala dos hóspedes, aproximando-se perigosamente delas.

Enquanto observava, Wren ficou consciente de que havia alguém ali perto, observando-a. — Theo? — ela disse, virando-se.

Mas não era Theo.

Assustada, ela perdeu o equilíbrio e caiu, soluçando por causa do medo. O caçador não se mexeu, exceto para se equilibrar quando o jardim oscilou novamente. Ele encarava Wren. Como poderia fazer outra coisa a não ser encarar com aquelas lâmpadas verdes e redondas que serviam como olhos? O brilho do fogo cintilava em sua armadura e em suas garras manchadas. Sua cabeça estremeceu. Óleo e lubrificante escorreram por suas feridas.

— VOCÊ NÃO É ELA — ele disse.

— Não — concordou Wren, numa voz aguda. Ela não sabia de quem aquela terrível máquina estava falando, mas não queria discutir. Arrastou-se, sentada pela grama, tentando se afastar dele.

O Caçador se aproximou lentamente, depois parou de novo. Ela pensou ouvir estranhos mecanismos zumbindo e estalando dentro de seu crânio blindado. — VOCÊ É COMO ELA — ele disse —, MAS VOCÊ NÃO É ELA.

— Não, eu sei, muita gente nos confunde — disse Wren, perguntando-se com quem ele poderia tê-la confundido. Não adiantava correr, disse a si mesma, mas seu corpo, ansioso em continuar vivendo, não queria escutar. Ela se levantou e fugiu, deslizando na grama úmida, escorregando pelo declive dos jardins.

— VOLTE! — implorou Shrike. — AJUDE-ME! EU PRECISO ENCONTRÁ-LA! — Ele começou a correr atrás dela, e então parou. Perseguir a garota só aumentaria seu medo, e já se sentira

intimidado pelo terror que vira naquele rosto conhecido. Ele a observou desaparecer dentro da fumaça. Atrás dele, o domo central do Pavilhão caiu dentro do salão numa explosão de faíscas. Destroços incendiados passaram por ele, batendo nas fontes e nos canteiros de flores, ou passando pela borda do convés e caindo no deserto.

Shrike os ignorou e inclinou a cabeça, curioso. Acima do barulho, seus ouvidos sensíveis captaram o zumbido de motores aéreos.

✧ ✧ ✧

Tentando recuperar o fôlego, com o coração acelerado, Wren correu de volta ao bosque de ciprestes. Pennyroyal estava adormecido ou inconsciente novamente, mas Theo pulou de pé.

— Wren, o que foi?

— *Caçador!* — ela conseguiu dizer. — O Tempestade Verde deixou um Caçador para trás. Aquela coisa grande e feia que lutou com aquela outra...

Pennyroyal resmungou e se virou. Theo puxou Wren delicadamente pra longe. — Wren, se esse Caçador quisesse nos matar, ele já teria encontrado uma maneira, não é? Ele a teria perseguido e estaria aqui agora.

Wren pensou nisso. — Acho que ele está danificado — ela disse.

— Então está explicado.

— Acho que ele está louco — continuou, se lembrando do jeito estranho com que ele havia falado com ela. Ela soltou um riso nervoso. — Acho que se os Caçadores comuns foram feitos para sair matando pessoas, talvez um Caçador louco seja a melhor companhia para se ter numa ilha flutuante e condenada. Talvez ele quisesse apenas conversar sobre o tempo. Ou fazer um casaquinho de lã pra mim.

Theo riu. — De qualquer maneira — ele disse —, ficará tudo bem. Pela velocidade que estamos perdendo gás devemos

aterrissar no deserto em mais ou menos meia hora.

— Você diz isso como se fosse uma coisa boa.

— E é — disse Theo —, venha ver.

Ela passou com ele até o outro lado do bosque. Ali, apenas um pequeno terreno inclinado separava o jardim da borda do convés. Além do corrimão eles podiam ver o solo e a sombra do Nas Nuvens deslizando sobre as dunas e os afloramentos de rocha. Em toda a volta, pontos de luz e nuvens de poeira indicavam a aproximação de pequenas cidades e vilarejos, correndo na direção do lugar em que o Nas Nuvens cairia.

— Cidades de varredores! — berrou Wren. — Seremos devorados!

— O Nas Nuvens será devorado — disse Theo —, nós não. Sairemos para o deserto antes que as cidades cheguem e subiremos a bordo como viajantes, não como presas. Pegaremos um pouco de ouro ou Old-Tech ou alguma outra coisa do Pavilhão para pagar pela nossa passagem. Ficaremos bem.

Wren se acalmou. *Foi isso que aproximou minha mãe e meu pai*, ela pensou. *Há uma união que resulta de aventuras como esta, e é forte o bastante para superar qualquer coisa: desconfiança, feiúra, qualquer coisa.* Não que Theo fosse feio. Estava longe disso. Ela se virou para olhá-lo e seus rostos estavam tão próximos que a ponta de seu nariz raspou a bochecha dele.

E foi naquela hora — bem quando Wren sabia que estavam prestes a se beijarem, e metade dela queria, e a outra estava mais assustada em beijar do que das cidades dos varredores — foi naquela hora que o jardim, como o convés de um barco num mar tempestuoso, desapareceu debaixo de seus pés, e ela foi jogada contra Theo, arremessado contra uma árvore.

— Droga! — ela disse.

Coisas ruins estavam acontecendo entre as bolsas de gás do Nas Nuvens. Torrada pelas chamas do Pavilhão, a célula central

tinha se rompido, e o gás estava sendo impelido para fora num jorro de chamas azuis. Algumas das bolsas menores ainda estavam intactas, mas não eram suficientes para aguentar o peso do Nas Nuvens por muito tempo. O convés inclinou-se ainda mais, e a água das fontes e das piscinas transbordou como pequenas cataratas. Destroços também despencaram; estátuas e casas de veraneio, vasos de palmeiras e cadeiras de jardim, letreiros e instrumentos musicais caíam nas dunas abaixo.

O grupo de cidades do deserto aumentou a velocidade, brigando e empurrando na pressa de chegar primeiro ao local da queda.



O *Jenny Haniver* voou através da fumaça e da poeira para dentro da sombra do Nas Nuvens. Pelas janelas à bombordo, a parte de baixo inclinada do Nas Nuvens parecia uma parede grande arruinada, furada por buracos causados pelas explosões e por destroços incendiados. Hester acendeu o holofote e observava, conforme algumas passarelas de manutenção passavam por eles. Um aviso em letras brancas de três metros de altura dizia “Proibido Fumar”. O bondinho balançava em cabos cortados, vestidos e mantos de festa oscilavam na cabine destruída.

— Chegamos tarde demais — disse Hester —, não deve ter mais ninguém vivo ali em cima.

— Não diga isso! — Tom disse a ela. Ele falou rispidamente, ainda se sentindo irritado e trêmulo por causa da briga. Não queria discutir mais, porque encontrar Wren era a única coisa que importava agora, mas as coisas tinham mudado entre ele e Hester, e Tom não sabia se podiam voltar ao normal. A dureza dela, o jeito tão calmo com que ela abandonara Fishcake, tudo fazia seu estômago embrulhar.

Irritado, ele puxou os controles do *Jenny*, levando-o por cima da borda do convés, cuidadosamente passando pelo emaranhado de

cabos. De repente, ele desejou que Freya estivesse ali, e não Hester. *Ela* não teria deixado o pobre Fishcake para trás. Teria encontrado uma saída da torre de Shkin sem ter que matar todos aqueles pobres homens. E ela não teria perdido a esperança de encontrar Wren tão facilmente.

— Você se lembra de Londres? — ele disse. — Você se lembra da noite da *Medusa*, quando fui te tirar de Londres? Eu não tinha muitas esperanças, mas eu te achei, não foi? E agora nós vamos encontrar Wren.

Abaixo dele, o Nas Nuvens balançava como um incensário. Hester apontou o holofote para os jardins arruinados.

◊ ◊ ◊

Arrastando Pennyroyal entre eles, Wren e Theo avançaram de lado como caranguejos através do flanco íngreme dos jardins, procurando um abrigo para quando o convés aterrissasse.

— Bom trabalho! — Pennyroyal lhes disse, acordando momentaneamente. — Grande esforço! Vejo que vocês ganharam suas liberdades com isso... Depois desmaiou novamente, o que o deixou ainda mais pesado. Eles o deitaram, e Wren sentou-se ao seu lado. O chão estava a trinta metros abaixo, talvez menos; Wren conseguia ver pequenos arbustos lutando para crescer entre os longos crescentes de rocha que pontilhavam o deserto, e janelas e portas nos níveis superiores de uma cidade que seguia a sombra do Nas Nuvens com suas grandes rodas em forma de barril. O ar estava cheio de sons dos cabos esticados. Além dos gemidos metálicos, outro som podia ser ouvido. Wren olhou para cima. Através do emaranhado de cabos que balançavam no jardim, o brilho de um holofote apareceu, cegando-a. Depois o brilho se afastou, e um dedo comprido de luz traçava caminhos no jardim. Atrás dele, Wren viu um pequeno dirigível.

— Olhe! — ela gritou.

— Varredores — resmungou Theo —, ou piratas dos ares!

As pessoas na cidade abaixo pareciam ter a mesma opinião, pois um foguete explodiu no céu atrás do pequeno dirigível. Ele desviou, depois se aproximou novamente, as superfícies de controle se agitando como as nadadeiras de um peixe curioso. Um rosto apareceu na janela da gôndola. As superfícies de controle se agitaram novamente, os motores viraram e o dirigível aterrisou num pátio de metal, não tão perto de Wren e Theo, mas não tão longe para que impedisse Wren de reconhecer as pessoas que saíram da gôndola e cambalearam na direção dela através do jardim inclinado.

A princípio ela se recusou a acreditar. Parecia tão impossível que sua Mãe e seu Pai estivessem ali que ela fechou os olhos e tentou afastar a alucinação. Não podia ser eles, *não podia*, não importa o que seus olhos estivessem mostrando. Obviamente, as aventuras que ela vivenciou foram demais para ela, e estava começando a imaginar coisas.

E então uma voz gritou:

— Wren! — e os braços de alguém a seguraram com força. Era seu pai, e ele a abraçava, rindo e dizendo “Wren!” várias vezes, enquanto as lágrimas riscavam as cinzas e a poeira que manchavam seu rosto.

Encontros Estranhos



Sinto muito — ela disse. — Sinto muito, eu fui uma idiota... — Depois disso não conseguiu mais falar; ela não conseguiu pensar em mais nada para falar.

— Está tudo bem — seu Pai repetia. — Não importa. Você está segura, é isso que importa...

Então Tom afastou-se para o lado e foi Hester quem a abraçou, um abraço mais firme e apertado, empurrando o rosto de Wren contra um ombro ossudo, e a voz de sua Mãe em seu ouvido, perguntando:

— Você está bem? Está machucada?

— Estou bem — disse Wren fungando.

Hester afastou-se e segurou o rosto de Wren com as duas mãos, surpresa com o amor que sentia. Ela chorava de felicidade, e ela quase nunca chorava. Sem querer que Tom e Wren pensassem que tinha virado uma molenga, desviou o olhar e notou o garoto alto e negro atrás de Wren, observando.

— Mãe, Pai — ela disse, virando-se para puxá-lo para mais perto. — Este é Theo Ngoni. Ele salvou minha vida.

— Nós nos salvamos — disse Theo timidamente. Ele também chorava, imaginando como sua mãe e seu pai o receberiam se algum dia encontrasse o caminho de volta à Zagwa.

Hester olhou para o aviator jovem e bonito cheia de suspeitas, mas Tom segurou sua mão.

— É melhor subirmos a bordo.

Ele se virou na direção do dirigível e Theo foi com ele. Quando Hester começou a segui-los, Wren disse:

— Não, esperem; Pennyroyal...

Tom e Theo não a ouviram, mas sua mãe sim.

◊ ◊ ◊

Wren correu através das árvores até a fonte. Pennyroyal, reavivado pelo som dos motores aéreos, lutava para se levantar. Ele sorriu quando viu Wren, e disse com uma voz fraca:

— O que eu te disse, hein? Nunca desista! — Depois, reconhecendo a figura que se erguia atrás dela, ele acrescentou: — Ah, pelo amor de Poskitt!

A última vez que Hester vira Pennyroyal ele estava correndo para dentro da neve e da escuridão de Anchorage, na noite em que ela matou os Perseguidores. A última vez que falou com ele fora pouco antes disso, na cozinha do Sr. e da Sra. Aakuiq, quando contou como os Perseguidores tinham chegado até lá.

Pennyroyal se afastou sem forças, seu rosto num pálido mortal sob as manchas de sangue. Hester o alcançou com dois grandes passos, derrubando-o, sacando sua faca enquanto ele rastejava aos seus pés.

— Por favor! — ele choramingou. — Poupe-me! Eu lhe darei qualquer coisa!

— Cale a boca — disse Hester, encostando a lâmina em seu pescoço, inclinando-se para que o sangue não manchasse seu casaco novo.

Wren bateu no lado de seu corpo, empurrando-a. — Mamãe, não! — ela gritou.

Hester resmungou, sem fôlego e nervosa. — Fique fora disso...

Mas Wren não iria ficar fora daquilo. Ela tinha visto o olhar no rosto de sua mãe quando viu Pennyroyal. Não era ódio, ou raiva, ou sede de vingança, mas medo. E por que sua Mãe estaria com medo

de Pennyroyal, se não fosse pelo que Pennyroyal tinha dito sobre ela? Conforme Hester se aproximava dele novamente, Wren ficou entre os dois, abrindo os braços para protegê-lo. — Eu sei o que você fez! Se você queria silenciá-lo, chegou tarde demais! Se quiser manter o segredo, vai ter que me matar também.

— Matar você? — Hester agarrou Wren pelo colarinho da jaqueta e a empurrou contra uma árvore. — Gostaria que você nunca tivesse nascido! — gritou. Ela virou a faca, mudando o aperto no cabo de osso já bem gasto. A lâmina brilhou na luz do fogo. Reflexos deslizaram pelo rosto assustado e desafiador de Wren. De repente, para Hester, aquele rosto pareceu muito com o rosto de sua meia irmã, Katherine Valentine, que tinha morrido defendendo-a da espada de seu pai.

— Mamãe? — chamou Wren, numa voz fraca e chocada.

Hester abaixou a faca.

Tom e Theo passaram correndo pelas árvores, deslizando pelo jardim inclinado. — O que está acontecendo? — gritou Theo, que estava na frente. — Wren? Você está bem?

— Ela está tentando matá-lo! — Wren tinha caído de joelhos. Ela chorava tanto que eles mal podiam entender o que estava dizendo, mas ela continuou repetindo até eles entenderem. — Ela quer matar Pennyroyal!

Tom olhou para Pennyroyal, que ergueu uma mão trêmula.

— Tom, meu camarada, não vamos nos precipitar...

Tom não respondeu por alguns instantes. Lembrou-se de como ele próprio se sentira ao ficar deitado na neve de Anchorage, certo que estava prestes a morrer. Ainda podia sentir o buraco no peito e o gosto do sangue. Ainda podia ouvir o fraco pulsar dos motores do *Jenny* enquanto Pennyroyal fugia. Por um instante, sentiu-se tão feroz quanto Hester, pronto para pegar a faca ele mesmo e acabar com o velho canalha, mas esse sentimento passou rapidamente e ele segurou a mão de sua esposa. — Het, olhe para ele. Está velho

e indefeso, e seu palácio está caindo em chamas. Isso já não é vingança suficiente? Vamos colocá-lo logo a bordo do *Jenny* antes que este lugar caia ainda mais.

— Não! — gritou Hester. — Você se esqueceu do que aconteceu da última vez que o levamos a bordo? Você se esqueceu do que ele fez com você? Ele quase te *matou*! Você não pode simplesmente *perdoá-lo*!

— Posso sim — disse Tom com firmeza. Ele se ajoelhou ao lado de Pennyroyal e gesticulou para Theo ajudá-lo. — Qual é alternativa? Matá-lo? No que isso resultaria? Não mudaria nada...

— Mudaria sim — disse Wren, e sua voz tinha um tom tão estranho que Tom olhou para ela. Wren estava chorando e soluçando alto de uma maneira que não era apropriada para uma dama, com o rosto cheio de catarro e lágrimas. Ela se afastou cambaleando, cheia de medo, quando sua mãe se virou para ela, e gritou: — Se ela o matar, ele não poderá lhe contar sobre ter vendido Anchorage aos Perseguidores.

Hester virou o rosto como se a garota a tivesse esbofeteado. — Mentiras! — ela disse. Ela tentou rir. — Pennyroyal esteve enchendo a cabeça dela com mentiras!

— Não — disse Wren —, não, é verdade. Durante todos esses anos, todos estiveram gratos a ela por nos ter salvado dos Perseguidores, quando o tempo todo foi ela quem os trouxe até nós, desde o princípio. Eu gostaria que isso não fosse verdade. Eu disse a mim mesma que não poderia ser. Mas é.

Tom olhou para Hester, esperando que ela negasse.

— Fiz isso por você — ela disse.

— Então é verdade?

Hester recuou um passo, afastando-se dele. — É claro que é verdade! Para onde você acha que eu fui, na noite em que peguei o *Jenny*? Fui diretamente para Arkangel e contei ao Masgard onde ele poderia encontrar Anchorage. Era isso ou perder você, e eu não

poderia... Eu não poderia...! Ah, Tom, pelo amor dos deuses, isso foi há dezesseis anos, não importa mais agora, não é? Não é? Eu cuidei das coisas, não cuidei? Eu matei Masgard e seus homens. E fiz aquilo por você...

Mas aquele fora um Tom Natsworthy diferente, um que ela amava o bastante para trair cidades inteiras. Aquele Tom tinha sido um garoto corajoso, bonito e apaixonado, mas este historiador tímido de Anchorage, que agora a encarava com sua boca idiota escancarada pelo choque e com a filha idiota choramingando ao seu lado, nunca entenderia o que ela havia feito. Nenhum deles entenderia. Ela não era como eles. Tinha sido uma tola ao acreditar que poderia viver no mundo deles.

— Todos esses anos — ela disse, jogando fora sua faca. — Todos esses anos em Vineland — ela disse, olhando a arma enquanto ela caía, estremecendo no jardim de Pennyroyal. — Todos esses anos com vocês dois... Deuses, eu me senti tão *entediada*!

Ela tremia e isso a fez lembrar-se da noite da *Medusa*, quando ela se atreveu a beijar Tom pela primeira vez. Ela tinha tremido incontrolavelmente quando tudo começou, e agora estava tremendo novamente, quando tudo estava acabando. Ela se virou e se afastou rapidamente através dos jardins arruinados. Através de um espaço na fumaça à frente, ela viu algo quadrado e baixo assomar. Ela achou que era um prédio, depois percebeu que era algum tipo de labirinto idiota. Bem, ele serviria. Andou rápido na direção da entrada.

— Hester! — Tom gritou atrás dela.

— Vá! — ela olhou para trás. Ele estava cambaleando atrás dela, uma silhueta frenética contra as chamas do Pavilhão, Wren ficando para trás com seu garoto africano. — Vá! — ela gritou, virando-se sem parar, andando de costas por um instante, apontando para o *Jenny Haniver*. — Leve Wren a bordo e vá, antes que Pennyroyal roube aquela porcaria novamente...

Mas Tom apenas gritou novamente:

— Hester!

— Não vou voltar, Tom — ela disse. Estava chorando. A fumaça passou rapidamente por ela, junto com pedaços de tecido de envelope, e o vento quente levantou a barra de seu casaco como asas negras, e ela pareceu um anjo terrível. — Volte para Vineland. Seja feliz. Mas não comigo. Eu vou ficar aqui.

— Hester, não seja idiota! Este lugar está se desmanchando!

— Está só caindo — disse Hester. — Eu vou sobreviver. Há muitas cidades ali embaixo; fortes cidades do deserto, plataformas de varredores. Lugares perfeitos para mim.

Ele a estava quase alcançando. Hester podia ver seu rosto cintilando, cheio de lágrimas, na luz dos prédios em chamas. Ela queria tanto ir até ele, beijá-lo e abraçá-lo, mas sabia que não poderia tocá-lo novamente, porque o que tinha feito iria sempre ficar entre eles. — Eu te amo — ela disse, e correu, jogando-se para dentro do labirinto enquanto o convés se erguia sob seus pés, e sons que eram um pouco de risada, um pouco de choro saíam de sua boca sem querer. Atrás dela, cada vez mais fraco, ouvia Tom gritar seu nome. Acima, as bolsas de gás do Nas Nuvens estouravam uma a uma, enchendo o labirinto com sombras estranhas. Hester chorava e cambaleava, as cercas arranhando seu rosto conforme se jogava por entre elas. Começava a perceber que aquele era um lugar horrível para se estar, que precisaria de um abrigo melhor que aquele quando o convés aterrissasse, quando enfim chegou ao coração do labirinto. Algo se agachava ali, esperando por ela aquele tempo todo.

Ela parou de repente, deslizando na grama. A figura a espera se levantou, assomando sobre ela. A princípio ela achou que a figura era feita de fogo; mas era apenas os reflexos das bolsas de gás em chamas brilhando em sua armadura amassada. Seu rosto morto aberto num sorriso. Hester conhecia aquele rosto; ela tinha jogado

terra sobre ele, dezoito anos atrás na Ilha Negra, enterrando o velho Caçador bem fundo, e empilhando pedras sobre sua cova. Porém, agora parecia que ela tinha desperdiçado seu tempo. Ela podia sentir seu cheiro familiar; formol e metal quente.

— Hester? — a voz de Tom chamou, fraca, longe, nos jardins, em algum lugar e perdida para sempre.

E Shrike estendeu suas terríveis mãos e disse:

— HESTER SHAW.

◊ ◊ ◊

Outra bolsa de gás estourou com um rugido, um gêiser de luz no céu. Tom se viu jogado no ar por alguns instantes enquanto o convés caía. Ele bateu na grama, rolou, e parou contra uma estátua de Poskitt. — Hester! — ele gritou enquanto se levantava, mas sua voz falhava por causa do esforço, e seu coração pareceu falhar também. Ele massageou o peito, mas não sentiu alívio; caiu de joelhos, e então com a cara no chão; a dor o prendia ao jardim. Ele desmaiou e, quando acordou, alguém estava com ele. — Hester? — ele murmurou.

— Papai... — era Wren, suas mãos em suas costas e ombros, seu rosto olhando para ele, manchado pelas lágrimas e assustado.

— Estou bem — ele disse a ela. Era verdade, a dor estava passando, apesar de ainda se sentir enjoado e tonto. — Já aconteceu antes... Não é nada.

Ele tentou se levantar, mas o amigo de Wren, Theo, aproximou-se e o levantou quase sem nenhum esforço. Ele deve ter perdido a consciência novamente enquanto Theo o carregava através dos jardins, porque achou que Hester ainda estava com ele, mas quando olhou em volta, ela não estava lá, e já estavam na frente da escotilha do *Jenny*, Pennyroyal olhando pelas janelas do convés de voo. Estava tudo confuso, principalmente com o jardim tombando e balançando, e a única coisa da qual ele tinha consciência era Wren,

que segurava sua mão bem apertada e tentava sorrir para ele, apesar de estar chorando ao mesmo tempo. — Wren — ele disse —, não podemos ir; temos que encontrar sua mãe...

Wren balançou a cabeça e ajudou Theo levá-lo a bordo. — Nós vamos embora deste lugar horrível antes que seja tarde demais — ela disse.

A escotilha se fechou, enquanto Theo ia para o convés de voo para ajudar Pennyroyal a ligar os motores. Wren ajoelhou-se ao lado de seu pai, segurando da mesma maneira como ele a segurava quando era uma garotinha, quando estava doente ou assustada. — Pronto, pronto — ele costumava sussurrar, e foi isso que ela sussurrou para ele. — Pronto, pronto — e passou a mão em seu cabelo, beijando-o, até ele se acalmar. E Wren tentou não pensar em sua Mãe, nem nas coisas que sua Mãe tinha feito e dito, nem na luz refletida na lâmina de sua faca. Tentou se lembrar de que não tinha mais uma mãe.

✧ ✧ ✧

Como ela envelhecera!

Shrike achava que entendia os nascidos uma única vez e as coisas que o tempo fazia com eles, mas ainda foi um choque ver o rosto marcado de sua pobre criança, seu belo cabelo vermelho ficando seco e grisalho. Ele estendeu as mãos, recolhendo as garras, e ela reagiu como a maioria dos nascidos uma única vez reagia quando a caçada estava acabada e não tinham mais como fugir dele; aquele lamento sem palavras e o súbito cheiro quente quando seus intestinos se esvaziavam. Ele se sentia magoado por ela estar com medo. Ele a puxou para perto o mais delicadamente possível e disse:

— SENTI TANTO SUA FALTA.

E Hester, presa junto àquela armadura amassada, só conseguia tremer e chorar, e ouvir o som mais triste que jamais ouvira; o rugido

que ia diminuindo dos motores Jeunet-Carots à medida que o *Jenny Haniver* levantava voo sem ela.

✧ ✧ ✧

E o Nas Nuvens finalmente aterrissou, primeiro o bondinho caindo na areia como uma âncora, depois a borda do convés prendendo-se num rochedo. As passarelas arrancadas da parte inferior foram arrastadas através das dunas; máquinas voadoras destruídas e árvores arrancadas de suas raízes se espalharam pelo deserto. Um cabo estourou, uma bola de gás murcha se soltou e caiu, pairando sobre a fumaça e a poeira. Partes inteiras do Pavilhão explodiram, derrubando antiguidades e *objets d'art* como estilhaços. Escadarias entortaram; o convés se curvou; piscinas implodiram. O Nas Nuvens quicou, cortando o topo de uma duna gigante. Domos da cor de doces foram atirados através do deserto, perseguidos por cidadezinhas famintas. Os destroços caíram novamente, cuspidos fogo, arrastando cabos e bolsas de gás, batendo e deslizando e girando e estremecendo até parar.

✧ ✧ ✧

Houve um momento de silêncio, interrompido apenas pelo suspiro de bilhões de grãos de areia se assentando. E naquele silêncio, antes de as cidades de varredores chegarem rugindo para devorarem os destroços, o Caçador Shrike levantou-se e levantou Hester em seus braços, andando com ela para dentro do deserto e para a escuridão.

INFORMAÇÕES SOBRE NOSSAS PUBLICAÇÕES
E ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

Cadastre-se no site:

www.novoseculo.com.br

e receba mensalmente nosso boletim eletrônico.



* Mamífero cetáceo que habita o círculo polar ártico e que é caçado por causa de suas presas de marfim (N.T).

** Guisado de carne de vaca (N.T).

*** T.S. Eliot. *Antologia Poética*. Tradução de José Palla e Carmo. Lisboa: Dom Quixote, 1988.

**** Uma brincadeira com JMW Turner, pintor Inglês e a banda de rock chamada Bachman-Turner Overdrive (N.T.).

***** Divindade sincrética helenístico-egípcia (N.T.).

DANIEL MASTRAL
IKARIM
[águas claras]



nova século

Ikarim - Águas claras

Mastral, Daniel

9788542807547

528 páginas

[Compre agora e leia](#)

Kilaim Mastrangelo não está mais sozinho. Pouco a pouco, sua namorada Claire ocupa o espaço que antes pertencia a Camille, e preenche o vazio de sua morte. Um novo cenário desponta, emoldurado pela Floresta Amazônica. Em meio à beleza da viagem, as forças ocultas se agitam e Leviathan, o príncipe das águas, mostra seu poder. Contrabalanceado pelas forças angelicais é difícil dizer quem será vencedor, ou mesmo se haverá um. As intrincadas raízes do Mal que abraçam o coração de Kilaim duelam com a pureza do Bem em Claire, e mostram-se cada vez mais conflitantes. As nuvens da tormenta estão se avolumando, tornando cinzento o horizonte da esperança. Haverá, afinal, um meio de conciliar o inconciliável, ou tudo terminará em grande ruína? Água e vinho. Doce e amargo. Luz e Trevas. O clímax se aproxima. A Organização Secreta não pretende esperar muito tempo para ter de volta o controle sobre Kilaim, e agora se justifica o uso de todos os meios!

[Compre agora e leia](#)